



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (CCE)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JOSY GOMES DA SILVA

COPESQUISADORAS-BICHAS: PAULO, TAFFYTA, JAZMIN, SAT E ARAPUCA

**QUANDO NOS RASGAM, FAZEMOS COSTURAS: JOVENS TRANSVESTIGÊNERES
PENSADORAS DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**TERESINA-PI
2026**

JOSY GOMES DA SILVA

COPESQUISADORAS-BICHAS: PAULO, TAFFYTA, JAZMIN, SAT E ARAPUCA

**QUANDO NOS RASGAM, FAZEMOS COSTURAS: JOVENS TRANSVESTIGÊNERES
PENSADORAS DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de Pesquisa: Educação,
Diversidade/Diferença e Inclusão

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

S586q Silva, Josy Gomes da
Quando nos rasgam, fazemos costuras : jovens
transvestigêneres pensadoras do acolhimento na Educação
Superior / Josy Gomes da Silva. – 2026.
195 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Teresina, 2026.
“Orientadora: Prof.a Dr.a Shara Jane Holanda Costa Adad.”

1. Ensino Superior. 2. Acolhimento. 3. Transfobia.
4. Juventudes Transvestigêneres. 5. Sociopoética. I. Adad, Shara
Jane Holanda Costa. II. Título.

CDD 378

JOSY GOMES DA SILVA

COPESQUISADORAS-BICHAS: PAULO, TAFFYTA, JAZMIN, SAT E ARAPUCA

**QUANDO NOS RASGAM, FAZEMOS COSTURAS: JOVENS TRANSVESTIGÊNERES
PENSADORAS DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em: 24 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD
Data: 29/07/2026 20:16:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/CCE/UFPI)
Presidenta



Documento assinado digitalmente
LETICIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO
Data: 21/07/2026 10:44:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Letícia Carolina Pereira do Nascimento
Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPs/UFDPar)
Examinadora Externa



Documento assinado digitalmente
MARIA DO SOCORRO DA SILVA ARANTES
Data: 21/07/2026 10:55:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria do Socorro da Silva Arantes
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/CCE/UFPI)
Examinadora Interna

Dedico este escrito as copesquisadoras-bichas que me ajudaram na concretização dessa pesquisa, bem como a todas as pessoas transvestigêneres que viveram ou ainda viverão a Universidade Federal do Piauí.

AGRADECIMENTOS

Início manifestando gratidão à espiritualidade que me guia e direciona pelas veredas da minha existência corpórea e espiritual. Já rendia reverência à minha ancestralidade e aos invisíveis que comigo caminham e me assistem nessa jornada terrena, mas, depois de ler Krenak, isso ficou ainda mais consistente em mim, pois este estudioso indígena nos ensina que devemos ter respeito e gratidão a todas as existências, inclusive às invisíveis, que tanto fazem por nós, e que, comumente, não conseguimos mensurar tamanho auxílio.

Percebi que estou me esforçando em buscar essas múltiplas existências e, com elas, ter mais intimidade. Saúdo, portanto, as águas, as matas, as ruas, o vento e a todas as demais forças que biointeragem comigo. Obrigada por me fazerem entender que eu sou porque somos um só corpo e, quando desrespeito a mim mesma, estou desrespeitando a vós, e que o inverso também ocorre. Além disso, tenho a certeza de que por vocês sou amada e acolhida, por ser quem sou e do jeito que sou, o que, para muitos ditos “humanos”, eu não seja nem mesmo considerada humana. Meu agô!

Agradecimentos e respeito também dirijo às nossas traviarcas, aquelas que doaram suas vidas para que outras como eu pudessem estar aqui pesquisando e escrevendo na academia, espaço de disputas e segregação, onde o ideal heterossexual e branco ainda é latente. No entanto, nossas presenças tendem e continuarão a dismantelar esse “CIStema” que perscruta a academia e a sociedade. E a nossa resposta é continuarmos resistindo e existindo face às diversas manobras de invisibilização e apagamento contra nossas existências, seja militando e/ou escrevendo.

À minha mãe, meu pai, minha irmã e minha florzinha Aurora, por me serem manancial de colo e amor! Estando com vocês, sinto-me potente e nutrida. São o fôlego que preciso para enfrentar tantos desafios. Todas as minhas conquistas são nossas, são e sempre foram por nós. Só nós sabemos o que já passamos e vibramos juntos. Grata, ainda, a Francisco Filho, pelo apoio e parceria. Gratidão à espiritualidade por me ter presenteado trilhar essa encarnação ao lado de vocês!

Estendo meus agradecimentos às pessoas amigas que a universidade me ofertou, Marlia, Naira, Wanderson, Wesley, as quais trago no lado esquerdo do peito. O acolhimento, apoio, socorro e sorrisos que pudemos partilhar no decorrer dessa caminhada estarão sempre presentes no meu corpo-arquivo. Agradeço, ainda, ao Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação (OBIJUVE) e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGEI), locais de apoio e acolhimento que pude contar na universidade. À

Iolanda Lopes, amiga, agradeço a paciência, acolhimento e lucidez de sempre, por me fazer perceber tantas coisas que não conseguia enxergar, por ter estado comigo nos momentos em que tive medo e insegurança. Com você, tive a certeza de que ainda existem pessoas sensíveis, de bom coração, e que amigo não é aquele que sempre “passa a mão em nossas cabeças”, mas o que nos chama a atenção quando se faz necessário. Agradeço, também, à Elizete Aguiar, não só pelos sorrisos e confidências, mas por seu apoio de sempre. Por me ter sido abrigo quando mais precisei. Sou grata por tudo o que só nós sabemos!

Ao meu grupo-pesquisador, por ter me acolhido e oportunizado pensar o acolhimento na UFPI.

À minha orientadora, Profa. Shara Jane, por ter me ensinado a ser água que corre solta e que busca brechas no pesquisar, percebendo as trocas de pele que fui realizando durante o processo, pois aprendi que este é mais relevante do que o resultado final. Agradeço, ainda, por ter segurado minha mão nessa caminhada, conduzindo-me pelos caminhos mais adequados na busca de preciosidades que fui pinçando nesse pesquisar.

Por fim, gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me oportunizar a materialidade financeira, que foi de suma importância para a realização da minha pesquisa.

O cisgênero pensa ser o fim. Pensa ser nosso objetivo. Pensa ser nossa referência.

*Não.
Para mim, o corpo trans é o fim em si mesmo.
[...]*

O corpo trans é a minha referência.

Jonas Maria
Homens trans formado em Letras pela UFSJ.

SILVA, Josy Gomes da. **Quando nos rasgam, fazemos costuras: jovens transvestigêneres pensadoras do acolhimento na Educação Superior**. 2026. 195 f. : il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2026. Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.

RESUMO

Essa pesquisa parte das implicações da pesquisadora enquanto mulher transtravesti que cartografa suas vivências na UFPI. A investigação insere-se no Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação/OBIJUVE, que se adiciona às investigações do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania/NEPEGECI, na linha de Educação, Diversidades/Diferença e Inclusão do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Tem como problema de pesquisa: O que pode o corpo transvestigênera com o acolhimento, enquanto resposta às violências transfóbicas, para permanecer no CCE da UFPI? Como objetivo geral buscou: investigar confetos (conceitos + afetos) elaborados por jovens transvestigêneres do Centro de Ciências da Educação/CCE da Universidade Federal do Piauí/UFPI sobre o que pode o corpo transvestigênera frente à transfobia com o acolhimento para permanecer no CCE/UFPI e como objetivos específicos: conhecer as juventudes transvestigêneres que integram o CCE da UFPI; identificar as violências transfóbicas que impedem a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE; compreender os modos de acolhimento que auxiliam na permanência das juventudes transvestigêneres no CCE e propor formas de acolhimentos permanentes para o combate de possíveis violências transfóbicas que dificultam a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE. O referencial teórico se ancora em pesquisas de pessoas trans, tais como em Juno Nedel (2020), para pensar o corpo trans como arquivo vivo de memórias. Em Bruna Benevides (2025), Céu Cavalcanti e colaboradores (2018), Jaqueline de Jesus (2014c; 2019), Letícia Nascimento (2021, 2023), Maria Clara Passos (2023) e Tiffany Odara (2020) para compreender os aspectos históricos que perscrutam as origens das violências transfóbicas, mas também de como fomos nos articulando, nacionalmente, em resposta a essas violências. Nas pesquisas de Amara Rodovalho (2017), Jaqueline de Jesus (2014a; 2014b), Jota Mombaça (2017) e Letícia Nascimento (2021) para pensar sobre o Transfeminismo. Além de Helena Vieira (2018), Letícia Nascimento (2023), Megg Oliveira (2017) e Viviane Vergueiro (2016) para estudar as juventudes transvestigêneres e a transfobia insitucionalizada na escola e, sobretudo, na universidade. Além dessas, outras pesquisas, incluindo de pessoas cisgêneras. Metodologicamente, a pesquisa é direcionada pela Sociopoética, que trata da produção coletiva, crítica e inventiva do conhecimento, tendo como diferencial a produção de confetos, conceitos permeados de afetos (Adad, 2014a; Gauthier, 2024; Petit, 2014). O grupo-pesquisador é formado pela facilitadora e cinco (05) copesquisadoras-bichas¹ jovens (Paulo, Sat, Taffyta, Jazmin e Arapuca), sendo uma com 20 anos, duas com 21 anos, uma com 27 anos e uma não informou sua idade, estudantes dos cursos de Pedagogia, Moda e Artes Visuais do CCE/UFPI, em Teresina-PI. O diário de itinerância, o qual chamo de diário dos latejos, foi utilizado para registro das vivências. A técnica, a pele transespiralar do acolher, levou à criação de dados e relatos orais do tema-gerador acolhimento no CCE. Após o estudo dos dados, identificamos como resultados os seguintes confetos e problemáticas: Na universidade existem **pessoas-chequeiras**, aquelas que praticam a **prática-educativa-cheque**, isto é, uma educação atravessada por violências transfóbicas que despotencializa as jovens transvestigêneres. As **pessoas-chequeiras** são amparadas pelo **pacto-cisheterobrancocristão** o qual é um contrato não verbalizado que envolve práticas

¹Esse termo foi organizado a partir das ideias do próprio grupo-pesquisador e será usado no decorrer do trabalho.

educativas transfóbicas. Isso gera o **acolhimento-Sozinha-Sozinha!?** que é um não acolhimento na universidade e os motivos pelos quais não se é socialmente acolhida pelo processo com a rejeição-vermelha-roxa, que é aquela rejeição em que se está sozinha, que se diz que não se é bem-vinda e tem cores fortes das **pessoas-chequeiras**. As rejeições, por sua vez, produzem **existência-coisa-peso-de-estar-sozinha** na qual as jovens sentem o peso de estarem sozinhas por não ter ninguém e de ser sozinhas por ter muitas pessoas que não as compreendem. Para re-existirem, usam da **tática-vida-que-segue**, que é aquela tática criada pelo **tecido-corpo-bicha**, que tem de ser radical; a **tática-rolê-dos-processos-concluídos** em que as jovens transvestigêneres acreditam que é bom por um fim nas coisas negativas e a **tática-manter-a-calma-sozinha**, a de lidar sozinha com as violências, sobretudo, manter a calma quando o nome morto - aquele nome que chamavam a pessoa transvestigênera antes de sua transição - é falado. Apesar disso, existem na universidade **pessoas-acolhedoras** e **pessoas-aleatórias-com-cabelos-coloridos**, as quais são acolhedoras e com quem as jovens podem contar, o que gera o **acolhimento-bicha-com-bicha** em que as jovens transvestigêneres vão para a universidade, passam pelas violências, mas chegam na sala de aula e encontram aquela bicha que gosta demais. Esse acolhimento produz **ExistênciaTrans-na-dor-e-na-delícia-de-viver-colecionando-gente**, porque as jovens carregam na dor todas as coisas boas e gostam de viver em um corpo que não é nem de homem e nem de mulher e são felizes por conhecer pessoas que marcam a vida e acolhem. Dentro dessa existência, usam da **tática-costura-amizade**, que é aquela potência de costurar as amizades. O estudo direciona para a constituição de um corpo coletivo transvestigênera no CCE que se potencializa, re-existe e cria epistemologias espiralares de acolhimento, pois apesar dos rasgos feitos no **tecido-corpo-bicha** pelo **Pacto-cisheterobrancocristão**, as jovens refazem as costuras de si.

Palavras-chave: acolhimento; transfobia; juventudes transvestigêneres; ensino superior; Sociopoética.

SILVA, Josy Gomes da. **When we are torn apart, we stitch ourselves back together:** trans-vestigender youth rethinking welcoming practices in Higher Education. 2026. 195 l. : ill. Master's Thesis (Education) – Center for Education Sciences, Graduate Program in Education, Federal University of Piauí, Teresina, 2026. Advisor: Prof. Dr. Shara Jane Holanda Costa Adad.

ABSTRACT

This research stems from the implications for the researcher as a transvestite woman of mapping her lived experiences at UFPI (Federal University of Piauí). The investigation is part of the Observatory of Childhoods and Youth in Education/OBIJUVE, which complements the research of the Center for Studies and Research in Education, Gender and Citizenship/NEPEGECI, within the line of Education, Diversities/Difference and Inclusion of the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Piauí – UFPI. Its research problem is: What can the transvestite body do with acceptance, while responding to transphobic violence, to remain in the CCE (Center for Educational Sciences) at UFPI? The general objective was to investigate the concepts and affects developed by transgender youth from the Center for Educational Sciences/CCE of the Federal University of Piauí/UFPI regarding what the transgender body can do in the face of transphobia, with the aim of being welcomed to remain at the CCE/UFPI. Specific objectives included: getting to know the transgender youth who are part of the CCE at UFPI; identifying the transphobic violence that prevents transgender youth from remaining at the CCE; understanding the forms of support that help transgender youth remain at the CCE; and proposing permanent forms of support to combat possible transphobic violence that hinders the permanence of transgender youth at the CCE. The theoretical framework is anchored in research by transgender people, such as Juno Nedel (2020), to consider the trans body as a living archive of memories. It also draws on the work of Bruna Benevides (2025), Céu Cavalcanti and collaborators (2018), Jaqueline de Jesus (2014c; 2019), Letícia Nascimento (2021, 2023), Maria Clara Passos (2023), and Tiffany Odara (2020) to understand the historical aspects that scrutinize the origins of transphobic violence, but also how we have articulated ourselves nationally in response to this violence. Finally, it draws on the research of Amara Rodovalho (2017), Jaqueline de Jesus (2014a; 2014b), Jota Mombaça (2017), and Letícia Nascimento (2021) to consider Transfeminism. In addition to Helena Vieira (2018), Letícia Nascimento (2023), Megg Oliveira (2017), and Viviane Vergueiro (2016), we study transgender youth and institutionalized transphobia in schools and, above all, in universities. Besides these, other research is also included, including that of cisgender people. Methodologically, the research is guided by Sociopoetics, which deals with the collective, critical and inventive production of knowledge, with the production of confetti as a distinguishing feature, concepts permeated by affects (Adad, 2014a; Gauthier, 2024; Petit, 2014). The research group consists of the facilitator and five (05) young co-researchers-queers² (Paulo, Sat, Taffyta, Jazmin and Arapuca), one aged 20, two aged 21, one aged 27 and one who did not disclose her age, students of the Pedagogy, Fashion and Visual Arts courses at CCE/UFPI, in Teresina-PI. The itinerary diary, which I call the diary of the throbbing, was used to record the experiences. The technique, the transspiral skin of welcoming, led to the creation of data and oral accounts of the generating theme of welcoming in the CCE. After studying the data, we identified the following findings and problems as results: Within the university, there are **pessoas-chequeiras**, those who practice **prática-educativa-cheque**, that is, an education permeated by transphobic violence that disempowers young transgender women. These **pessoas-chequeiras** are supported by the **pacto-cisheterobrancocristão**, an unspoken contract involving transphobic educational

²This term was developed from the ideas of the research group itself and will be used throughout the work.

practices. This generates the **acolhimento-Sozinha-Sozinha!?**, which is a lack of acceptance within the university, and the reasons for not being socially accepted through the process are reflected in the red-purple-rejection, the rejection of being alone, of being told you are not welcome, and which has strong colors from these **peessoas-chequeiras**. These rejections, in turn, produce an **existência-coisa-peso-de-estar-sozinha**, in which young women feel the weight of being alone because they have no one and of being alone because there are many people who do not understand them. To survive, they use the **tática-vida-que-segue**, a tactic created by the **tecido-corpo-bicha** fabric, which has to be radical; the **tática-rolê-dos-processos-concluídos**, in which young transgender women believe it's good to put an end to negative things; and the **tática-manter-a-calma-sozinha**, dealing with violence alone, especially staying calm when the dead name - the name transgender people were called before their transition - is spoken. Despite this, there are **peessoas-acolhedoras** and **peessoas-aleatórias-com-cabelos-coloridos** at the university who are welcoming and whom the young women can count on, generating a **acolhimento-bicha-com-bicha** welcoming environment where young transgender women go to university, experience violence, but arrive in the classroom and find that queer person they really like. This acceptance produces a **ExistênciaTrans-na-dor-e-na-delícia-de-viver-colecionando-gente**, because the young women carry all the good things within their pain and enjoy living in a body that is neither male nor female, and are happy to meet people who mark their lives and offer support. Within this existence, they use the **tática-costura-amizade**, which is the power of stitching together friendships. The study points towards the constitution of a transvestite-gender collective body in the CCE that empowers itself, re-exists, and creates spiral epistemologies of acceptance, because despite the tears made in the **tecido-corpo-bicha** fabric by the **Pacto-cisheterobrancocristão**, the young women remake the stitches of themselves.

Keywords: acceptance; transphobia; transvestite youth; higher education; Sociopoetics.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Ponte metálica Teresina-Timon.....	18
Imagem 2 - Transfobia na USP.....	21
Imagem 3 - Mandala de palavras.....	28
Imagem 4 - Minha pele, minha identidade.....	33
Imagem 5 - Mapa do Piauí com localização de Piracuruca.....	36
Imagem 6 - Leca.....	38
Imagem 7 - Brincando.....	39
Imagem 8 - Padroeira de Piracuruca/Nossa Senhora do Carmo.....	40
Imagem 9 - Croqui.....	43
Imagem 10 - Candidatas à reitoria da UFPI.....	52
Imagem 11 - Quem matou Paloma?.....	56
Imagem 12 - Sendo o que se é na alegria: transfluências na educação.....	57
Imagem 13 - Corpo-trans-folha da autora.....	59
Imagem 14 - Xica Manicongo.....	60
Imagem 15 - Quem tem medo de Xica Manicongo?.....	63
Imagem 16 - Propagação da narrativa de periculosidade.....	67
Imagem 17 - Polícia Civil “combate” a Aids prendendo travestis.....	68
Imagem 18 - Brenda Lee.....	69
Imagem 19 - Cotas UFDPAr.....	79
Imagem 20 - Caracol.....	88
Imagem 21 - Encontro via GoogleMeet durante a pandemia.....	97
Imagem 22 - Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia.....	98
Imagem 23 - Mapa do Centro de Ciências da Educação/UFPI.....	102
Imagem 24 - Envio de solicitação de dados abertos ao Fala.Br.....	105
Imagem 25 - Trepantes.....	108
Imagem 26 - Da esquerda para a direita, Bicho de Lygia Clarck e Bixinhas de Lyz Parayzo.....	110
Imagem 27 - Cartaz de divulgação do Projeto Acolher do OBIJUVE: Política de Cuidados das Diversidades.....	113
Imagem 28 - Grupo-pesquisador em acolhimento.....	116
Imagem 29 - Primeiro encontro com o grupo-pesquisador.....	118
Imagem 30 - Queerdrilha.....	119
Imagem 31 - Mesa do lanche.....	123

Imagem 32 - Materiais para a oficina.....	124
Imagem 33 - Momento brincante com o balão.....	125
Imagem 34 - Escolha do pseudônimo e das três palavras para as transgrafias de vida.....	126
Imagem 35 - Trangrafia de vida de Paulo.....	127
Imagem 36 - Trangrafia de vida de Sat.....	129
Imagem 37 - Trangrafia de vida de Taffyta.....	130
Imagem 38 - Trangrafia de vida de Arapuca.....	132
Imagem 39 - Trangrafia de vida de Jazmin.....	133
Imagem 40 - Grupo-pesquisador experimenta a costura de acolhimento.....	135
Imagem 41 - Dança individual e coletiva com os tecidos.....	137
Imagem 42 - Costura de acolhimento.....	140
Imagem 43 - Experimentação coletiva.....	140
Imagem 44 - Transgrafia “Sozinha! Sozinha?”.....	141
Imagem 45 - Transgrafia “A dor e a delícia do privilégio de viver trans no inferno de um mundo cis”.....	143
Imagem 46 – Transgrafia “Amanhecer no ciclo”.....	146
Imagem 47 - Diário do grupo-pesquisador.....	156
Imagem 48 - Nuvem de palavras elaborada a partir das palavras indicadas pelas copesquisadoras-bichas durante a contra-análise.....	168
Imagem 49 - Pés que caminham junto a mãos que costuram o caminho da vida.....	169
Imagem 50 - Última aula no estágio em docência na disciplina de Fundamentos Antropológicos da Educação.....	176

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das copesquisadoras-bichas.....	114
---	-----

LISTA DE SIGLAS

ABHT - Associação Brasileira de Homens Trans
ABRAT - Associação Brasileira de Transgêneros
AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais
ASTRAL - Associação de Travestis e Liberados
CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CCE - Centro de Ciências da Educação
CNT - Coletivo Nacional de Transexuais
COVID - COrona VIRus Disease (Doença do Coronavírus)
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
ENTLAIDS - Encontros Nacionais de Travestis e Liberados
FAP - Faculdade Piauiense
FONATRANS - Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana
IBRAT - Instituto Brasileiro de Transmasculinidades
IBTE - Instituto Brasileiro Trans de Educação
IFC - Instituto Federal do Ceará
IFPI - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários, e outras orientações sexuais e identidades de gênero não mencionadas na sigla
NEPEGECEI - Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania”
OBIJUVE - Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação
ONG - Organização não Governamental
PA - Praça de Alimentação
PAD - Processo Administrativo Disciplinar
PNAES - Plano Nacional de Assistência Estudantil
PPGEEd - Programa de Pós-Graduação em Educação
PREG - Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

PSIU - Programa Seriado de Ingresso na Universidade

PT - Partido dos Trabalhadores

REUNI - Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SEMEC - Secretaria Municipal de Educação

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

SISU - Sistema de Seleção Unificada

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TV - Televisão

UESPI - Universidade Estadual do Piauí

UFDPAr - Universidade Federal do Delta do Parnaíba

UFPI - Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

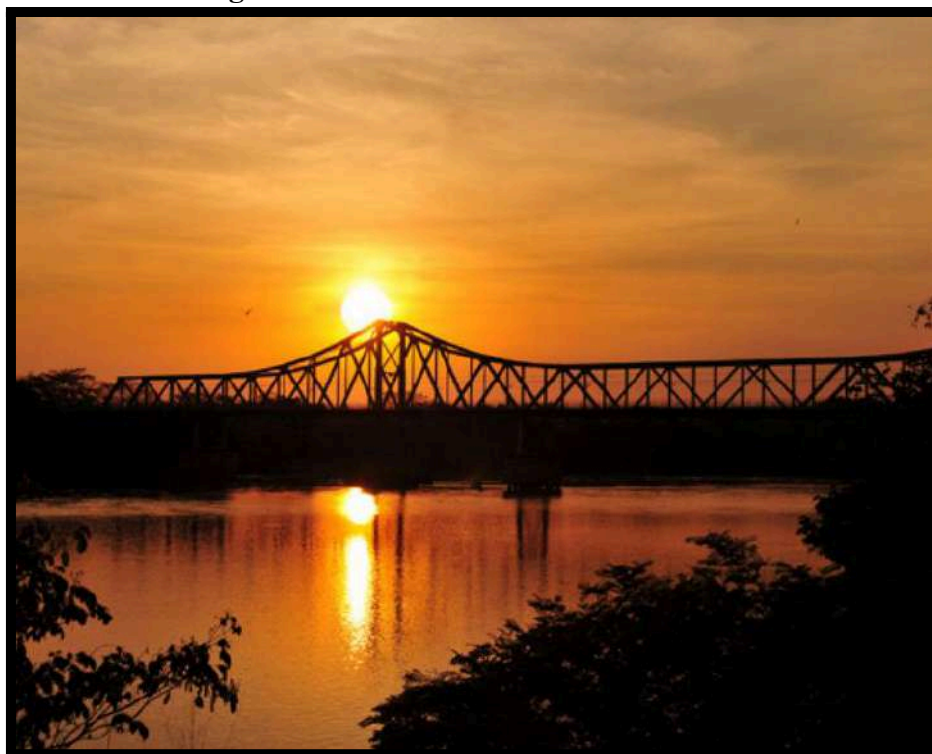
TRANSGRAFIAS INTRODUTÓRIAS.....	19
TRANSGRAFIAS DE UMA PESQUISADORA DISSIDENTE.....	33
1.1 Agulha-corpo que abre caminhos.....	35
1.2 Infância e minha primeira troca de pele.....	36
1.3 Do corpo educado ao corpo que educa e pesquisa: universidade e minha segunda troca de pele.....	44
1.4 Algumas andanças na pós-graduação.....	47
1.5 Uma transtravesti pode viver a universidade?.....	50
TEORIAS ESPIRALARES.....	60
2.1 Apesar dos pesares, encontramos vestígios de existências e resistências trans antes da militância organizada.....	61
2.2 Contextualização histórica e social do movimento de travestis e mulheres transexuais no Brasil.....	70
2.3 Algumas considerações sobre acolhimento e escuta das juventudes transvestigêneres na universidade.....	75
METODOLOGIAS ESPIRALARES.....	88
3.1 Corpo trans que escreve no rebuliço: desafios à neutralidade científica no repensar do lugar de quem pesquisa.....	90
3.2 Corpos que sentem, pensam e resistem.....	95
3.3 Território da pesquisa.....	102
3.4 Alguns movimentos no território de pesquisa.....	104
3.5 Elaborando e experimentando a técnica artística a pele transespiralar do acolher.....	107
3.6 Da formação do grupo-pesquisador.....	112
TRANSGRAFIAS DE ACOLHIMENTO E NEGOCIAÇÃO.....	116
4.1 Negociação da pesquisa.....	117
4.2 Transgrafias de vida das copesquisadoras-bichas.....	127
PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	135
5.1 Espiralando pelo imprevisível.....	136
5.2 Análise plástica pelo grupo-pesquisador.....	152
5.3 Análise plástica pela facilitadora.....	153
5.4 Análise classificatória pela facilitadora.....	154
AS COPESQUISADORAS-BICHAS SE SENTAM PARA COSTURAR A CONTRA-ANÁLISE DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	156
6.1 Costuras que formam tecido-corpo-bicha na educação superior.....	157
TRANSGRAFIAS QUE SE COSTURAM INFINITAMENTE.....	169
REFERÊNCIAS.....	177
ANEXOS.....	188
APÊNDICES.....	190

A Ponte de Transição

Ao pé da ponte, passos hesitantes. De um lado, um eu antigo, doravante. Atravesso entre sombras e luz. Desprendo-me de velhos eus, me conduzo.

No meio da ponte, o vento canta.
Histórias de quem ousou e enfrentou.
Deixei um fardo, leve agora me sinto,
Encontro-me no novo caminho que trilho.

Imagem 1 - Ponte metálica Teresina-Timon



Fonte: <https://politicapiaui.com.br/2025/09/01/ponte-metalica-e-interditada-nesta-segunda-1/> (2026).

Do outro lado, um renascer. Com
coragem, à margem, posso ver. O que
deixei, não esqueço, mas me molda. Levo
comigo o aprendizado, alma que evolui,
não folga.

Na volta, a ponte sussurra meu nome. Os
ecos de quem fui, me ressoam.
Transformado, levo do outro lado o
brilho. A essência do passado, agora meu
trilho.

Entre entrar e sair, a ponte revela. O ciclo
de renascer, de maneira bela. De um lado
ao outro, sempre a aprender. Ser trans é
viver, amar e crescer!

Autoria desconhecida

TRANSGRAFIAS INTRODUTÓRIAS

Prezada leitora, a princípio, gostaria de dizer que esta dissertação será escrita e apresentada no feminino, dirigindo-me às pessoas e, sobretudo, as mulheridades cuja invisibilidade é ratificada pela estrutura gramatical de nossa língua, posto que o masculino é utilizado como nosso invisibilizador, como se nossa existência dependesse de um homem. Quantas vezes, cotidianamente, em quaisquer que sejam os locais que estejamos, seja numa escola, hospital ou igreja, mesmo que a presença majoritária seja de mulheres, e que nesse grupo exista um homem apenas, deparamo-nos com o dirigente ou a pessoa que esteja mediando se reportando ao grupo no masculino?

Ao usar a expressão mulheridades, a autora travesti Letícia Nascimento³ (2021, p. 25) destaca: “Utilizo o termo ‘mulheridades’, e não ‘mulher’, no singular, para demarcar os diferentes modos pelos quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas”. Nesse sentido, ela busca evidenciar as experiivivências⁴ de travestis, mulheres transgêneras, transexuais e pessoas não binárias. Além dessas, e para não apartar as experiivivências de homens transgêneros e transmaculines, Letícia Nascimento (2023), em sua tese de doutorado, utiliza o termo transvestigênera, o qual também adotarei neste trabalho.

É válido lembrar, ainda, que Indianara Siqueira⁵ reivindica para si a autoria do termo transvestigênera, destacando que foi cunhado por ela em 2015, como resultado da somatória das palavras travesti, transexual e transgênera. Ademais, destaco que, daqui em diante, empregarei, alternadamente, os seguintes termos: pessoas transvestigêneras, jovens transvestigêneras, pessoas trans, jovens ou somente transvestigêneras, todas em alusão às experiivivências anteriormente mencionadas.

Isso esclarecido, antes de seguirmos, eu lhe proponho que se afaste, momentaneamente, deste escrito e pare um pouco. Isso mesmo, pare! Pegue um papel A4, ou outro de sua preferência, lápis de cor e/ou giz de cera e canetas e ponha do seu lado. Se possível, tire os sapatos e se acomode confortavelmente onde esteja sentada. Depois, no seu tempo, feche os olhos e, lentamente, inspire fundo e solte o ar por três vezes, concentre-se na sua respiração e tente serenar a mente. Em seguida, abra os olhos e busque visualmente cicatrizes na sua pele. Agora você é uma pesquisadora especialista em cicatrizes. Demore-se no olhar, seus olhos agora são como lupas que maximizam vestígios de um espaço-tempo que

³Optei por utilizar o primeiro nome e o sobrenome nas fontes das citações ao longo do texto.

⁴Neologismo para experiências + vivências.

⁵Disponível em: <https://www.instagram.com/share/p/BAeSB15SRi>. Acesso em: 13 dez. 2024.

ficaram fixados nesta pele. Toque suas cicatrizes, converse com elas. O que elas lhe dizem? Escute-as!

Reafirmo: no seu tempo! Depois disso, tome os materiais os quais lhe solicitei no início dessa experiência e, nesse momento, convido-a a fazer o mapa da escuta sensível⁶ das suas cicatrizes. Não há certo ou errado! O que lhe chega? Como lhe toca o que as suas cicatrizes lhe falaram? Esse momento foi pensado para que você desacelere um pouco e perceba as suas conquistas e as dores que estão arquivadas na sua pele.

Sim, sua pele é um grande acervo de memórias e vivências, e as cicatrizes são excelentes vestígios para nos lembrar disso. No entanto, estamos imersas em uma vida corrida, que nos leva a estarmos, muitas vezes, anestesiadas face às nossas vivências, levando-nos, até mesmo, a esquecê-las, pois não temos mais tempo para sentirmos e vivermos os acontecimentos de modo singular e devagar, principalmente no espaço acadêmico, que nos assoberba e tenta nos tirar de nós mesmas, sobretudo por defender uma ciência insossa de afetos. Entretanto, temos, sim, a possibilidade de pensarmos em uma outra ciência possível. Nessa perspectiva,

Para que uma outra ciência seja possível, no entanto, não bastam iniciativas ‘interdisciplinares’ que ocorrem isoladamente e com o respeito mútuo das fronteiras disciplinares. Trata-se de aceitar o *experimento do encontro*, em torno de uma situação que lhes concerne, com outros protagonistas, cujos saberes diferem e não respondem aos critérios das ciências (Isabelle Stengers, 2023, p. 17, grifo nosso).

A autora recorda-nos da potência do encontro e, nesse sentido, eu a convido para que, nas próximas páginas, possamos ter um encontro de peles, com a minha e com a do grupo-pesquisador. Para tanto, é imperioso que estejamos abertas para essa possibilidade de forma profunda, pois

Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho (Ailton Krenak, 2020, p. 7).

É preciso problematizarmos nossa relação com “o outro”, pois isso revela o nosso estado de humanidade, como pontuou o autor. É importante, ainda, como pondera Richard Milkolci (2021), entendermos a diferença entre lidar com a diversidade e com a diferença, pois, quando respeito e acolho o diferente, envolvo-me e me transformo, ao contrário de

⁶Ferramenta sensível criada pela professora Shara Jane Holanda Costa Adad para escuta e registro das nossas afetações e percepções, utilizada, sobretudo, durante nossos encontros e estudos de textos ao longo das disciplinas na graduação e pós-graduação.

conviver com a diversidade, que suscita compreender “o outro” enquanto diferente e apartado de mim, aquele com quem convivo, mas não me permito misturar. Isso nos leva a pensar na relação das pessoas ditas normais frente àquelas que são penalizadas por transgridem as normas e os limites sociais, as pessoas transvestigêneres.

É importante situarmo-nos quanto ao espaço em que essa pesquisa se dará, a educação, mais especificamente no ensino superior, território no qual me envolvo profundamente enquanto pesquisadora. A pesquisa se faz encarnada em mim, como alude Denise Najmanovich (2001), pois sou professora e pesquisadora transtravesti, além de que foi na universidade que meu processo de transição iniciou.

É essencial notar que as práticas educativas nem sempre acolhem a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, deixando de lado as necessidades e as contribuições das pessoas. Isso tem a ver com o discurso transfóbico, que é consensual dentro do pacto cis (grupo-pesquisador, 2025), uma vez que, majoritariamente, o ensino superior é atravessado pela cisheteronormatividade, onde existe a presunção de que a cisgeneridade, isto é, quando a identidade de gênero da pessoa corresponde ao sexo atribuído no nascimento, coaduna-se com a heterossexualidade e deve ser a ordem sexual preponderante, na qual todos são criados para seguir o modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, como destaca Viviane Vergueiro (2015).

Esse modelo preconiza normas existenciais e de vivências que dificultam ou, até mesmo, impedem nossa presença e permanência, como o ocorrido com as estudantes de medicina da USP, em 2023 (Imagem 2) (Auro Ortega *et al.*, 2022; Bruno Pereira; Thiago Sartori, 2024).

Imagem 2 - Transfobia na USP



As estudantes de medicina da USP Stella Branco e Louise Rodrigues e Silva afirmam que foram vítimas de transfobia em Ribeirão Preto, SP — Foto: Valdinei Malaguti/EPTV

Fonte:

<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2023/11/08/travestis-alunas-de-medicina-da-usp-denunciam-professor-do-curso-por-transfobia.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2024.

Em Teresina, podemos citar o caso de Letícia Nascimento, que foi alvo de ataques nas redes sociais, em março de 2025, logo após ser homenageada pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) como uma das mulheres pesquisadoras da instituição e, sobretudo, como a primeira mulher travesti pesquisadora da UFPI. O episódio gerou incômodo, revelando o ruído que ainda é produzido quando se torna público que bichas também educam, pesquisam e elaboram conhecimento. Diante disso, junto-me à Jota Mombaça (2021, p. 8):

Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata.

É preciso, portanto, esculhambar os antigos modos de fazer pesquisa, e isso também passa pelo silêncio, assim como fez Kwaku Ananse⁷, na sua busca pela sabedoria, pois, ao silenciarmos e escutarmos, genuinamente, o que as pessoas têm a nos dizer, aprendemos com elas. Essas tentativas de apagamento de Letícia são pistas de que a academia se mantém ignorante em não nos escutar, posto que, como salienta Alef Lima (2021, p. 161), “[...] nesse aspecto, o conhecimento que ignora a política ou a ética na produção dos discursos, se mantém na ignorância de suas circunstâncias sociais”. Deve, pois, a academia, assim como nos ensina Rubem Alves (1999), praticar a sabedoria do silêncio. Silenciar, mas para aprender com uma transtravesti.

É salutar elucidar que a violência sofrida pelas pessoas transvestigêneres é caracterizada como transfobia, que diz respeito à aversão dirigida àquelas que não se enquadram ao gênero atribuído quando do seu nascimento ou que transgridem a cisheteronormatividade, como as travestis. Nesse sentido, a pesquisadora trans Jaqueline de Jesus (2012, p. 29) enfatiza que a transfobia corresponde ao “[...] preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. Não confundir com homofobia”.

Em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal decidiu que atos de transfobia e homofobia devem ser enquadrados na Lei do Racismo (Lei nº 7.716, de 1989), até que o

⁷Figura da mitologia africana representada por uma aranha que pode ser tanto feminina como masculina. O mito conta que ela saiu pelo mundo com uma cabaça nas costas para coletar sabedoria, mas logo a cabeça estava cheia, então Ananse procurou um local para esconder a sabedoria e decidiu-se por uma árvore. No entanto, tem dificuldade para escalá-la devido a ter desamarrado das costas e a ter colocado próximo de sua barriga. Seu filho aparece e a aconselha a retornar a cabaça para as costas. Desconcertada, a aranha fica em silêncio e pergunta ao filho se não estava na hora dele ir para casa. Então, a partir do filho, Ananse reconhece que haverá sempre alguém mais sábio do que nós e devemos aprender com isso, além de que o saber deve ser partilhado, não retido nas mãos de poucos. Ver: MACHADO, Adilbênia Ferreira. **Filosofia africana: ancestralidade e encantamento** como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza: Imprece, 2019.

Congresso Nacional aprove legislação específica sobre o tema. Tal decisão, portanto, equipara a transfobia ao racismo, punindo os criminosos com penas que variam entre dois a cinco anos de prisão, além de multa (Supremo Tribunal Federal, 2019).

Apesar disso, o índice de transfobia no Brasil e no Piauí é alarmante, alcançando seu ápice quando do nosso extermínio. Diante disso, infelizmente, é preciso trazer dados recentes sobre mortes e perfis de vidas transvestigêneres que vêm sendo ceifadas no Brasil. Conforme o penúltimo relatório, referente ao levantamento de dados do ano de 2023, publicado em 2024 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), na pessoa da mulher transexual e atual presidenta dessa associação, Bruna Benevides, o número de mortes no Brasil foi de 145 assassinatos, sendo 136 referentes a travestis e mulheres trans/transexuais e 9 contra homens trans e pessoas transmasculinas. Ademais, comparando esses dados com os 58 assassinatos registrados em 2008, a nível global, pela ONG Transgender Europe, percebemos um aumento de 150% dos casos, um número preocupante e vergonhoso, porém, não surpreendente, face à realidade cisheteronormativa e patriarcal brasileira (Bruna Benevides, 2024).

Já no último relatório da ANTRA, no qual constam dados de 2024, o quantitativo de mortes por assassinato foi de 122 casos. Dentre as vítimas, 117 foram travestis e mulheres trans/transexuais e 5 foram homens trans e pessoas transmasculinas. Apesar da redução de 16% nos assassinatos, o Brasil continua pelo 16º ano consecutivo como o país que mais mata pessoas transvestigêneres (Bruna Benevides, 2025).

A média de idade das pessoas assassinadas no interstício de 2017 a 2023 é de 13 a 35 anos. Esse é um dado relevante, uma vez que indica o quanto as jovens transvestigêneres seguem sendo as mais atingidas. No concernente à classe e ao contexto social, as mulheres transexuais e travestis profissionais do sexo são as mais vulneráveis às violências. Quanto à raça e etnia, 78,7% dos assassinatos são contra mulheres transexuais negras, seguidas de 21,1% de brancas e 0,2% de travestis indígenas. Especificamente em relação às indígenas, registrou-se um caso em 2023, assim como um caso em cada um dos dois anos anteriores (2021 e 2022) (Bruna Benevides, 2025).

A partir dos dados levantados em 2024, o dossiê aponta que o perfil das vítimas é de jovens trans entre 15 e 29 anos de idade, cujo contexto socioeconômico permanece o mesmo, isto é, empobrecido e com alta vulnerabilidade social, sendo trabalhadoras sexuais. Além disso, a transfobia e o racismo são os principais fatores que permeiam os assassinatos e violências dirigidas a nós, transvestigêneres. No que tange à raça, as pessoas trans negras

integram 78% dos assassinatos. O dossiê destaca, ainda, que foram registrados assassinatos de pessoas trans indígenas ou amarelas (Bruna Benevides, 2025).

O relatório chama a atenção para alguns elementos que estão intrínsecos a esses números alarmantes, os quais são imprescindíveis ao enfrentamento da violência transfóbica, quais sejam: o Brasil segue sendo o país que mais mata pessoas transvestigêneres no mundo; entre 2008 e 2024, o país mantém-se em evolução em número de assassinatos; há ausência de dados e subnotificação governamental; faltam ações para o enfrentamento das violências impetradas contra a população LGBTQIAPN+; é possível constatar crescentes ações antitrans, bem como propostas para a ratificação da transfobia (Bruna Benevides, 2025).

No Piauí, segundo os dados publicados no 2º Boletim de Dados de Violência Contra a Pessoa LGBTQIAPN+ / Protocolo Cidadão de Coleta de Dados de Violência Contra a Pessoa LGBTQIAPN+, em 2023, houve denúncia de 68 crimes referentes à identidade de gênero ou orientação sexual das vítimas. No estado, foram identificadas um total de 10 mortes. É importante destacar que, dentre os 991 casos registrados, 43% eram jovens estudantes entre 20 a 29 anos, e 29% adultos com idades entre 30 e 39 anos. O documento mostra que 68,29% das vítimas eram pessoas negras, indicando que a violência se intersecciona ao racismo. Além disso, o documento pondera que o enfrentamento das desigualdades de gênero e da LGBTfobia deve ocorrer em diversas instituições públicas, incluindo as instituições de ensino superior (Secretaria de Segurança Pública do Piauí, 2024).

Olhando para esses dados, entristece-nos perceber que o Brasil ainda segue com esse título nada honroso de ser o país que mais nos mata e que o alvo são jovens negras. É pertinente recordar que esse é o ápice da violência despendida, entretanto, conviver com micro violências é uma sina que travamos, cotidianamente, sejam piadas jocosas, utilização consciente por parte do agressor do pronome que não nos corresponde, olhares atravessados, dentre outras manifestações que nos impedem, inclusive, de permanecermos no ensino superior. Por estarmos na universidade, isso nos impulsiona a movimentar esse espaço, a partir da pesquisa, para problematizar e agir na amenização dessas violências, que nele também estão presentes.

Apesar disso, insistimos em existir, como nos lembra o copesquisador Paulo, em seu diário do dia 21/06/2025: “Toda vez que nos rasgam, fazemos costuras”. Além disso, persistimos permanecer onde queremos estar, como na universidade, posto que o número de pessoas transvestigêneres que vêm realizando o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) está em expansão. Só em 2023, conforme o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 1.526 pessoas solicitaram tratamento por nome social, o

que, felizmente, pode indicar o aumento do ingresso de pessoas trans no ensino superior (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2023).

Embora ainda com presença tímida, pois, de acordo com a ANTRA (2020, s. p.), somos apenas 0,02% no ensino superior, já encontramos brechas para ingressar através das cotas raciais, por vulnerabilidade financeira ou por estudar em escolas públicas, mesmo algumas instituições não oferecendo cotas para pessoas transvestigêneres, como é o caso da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Apesar de alguns autores apontarem que a entrada na universidade não se configura mais como um problema (Alain Coulon, 2017; Anne Sena; Mariana Oliveira, 2024), para nós, esse ainda é um entrave grave, pois esses dados estatísticos revelam uma dimensão de exclusão violenta.

Portanto, cotas dirigidas a nós são de extrema importância. Destaco, inclusive, segundo a *Cable News Network* Brasil (2023), o projeto de lei apresentado pela deputada federal Erika Hilton, que problematiza a necessidade das cotas para pessoas transvestigêneres na universidade. Paralelamente, outra preocupação urgente é quanto à permanência daquelas que já se encontram nas universidades (Alain Coulon, 2017; Anne Sena; Mariana Oliveira, 2024).

Em um estado da arte cuja temática é a presença e permanência de pessoas transvestigêneres na educação, realizado por Auro Ortega *et al.* (2022), os autores identificam um número tímido de produção científica, ao levarem em consideração o período de 10 anos (2011-2021), sugerindo a falta de estudos nesse âmbito, suscitando pesquisas, o que também justifica a relevância desta pesquisa.

Nesse contexto, investigar as experiências face ao acolhimento das jovens transvestigêneres que estudam no Centro de Ciências da Educação (CCE), da UFPI, oferece uma oportunidade valiosa para enriquecer o debate e fortalecer o enfrentamento das violências com as quais nos defrontamos e que, possivelmente, impactam a permanência de muitas de nós na instituição. Além disso, destaco que o Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania” (NEPEGECI) e o Observatório das Infâncias e Juventudes na Educação (OBIJUVE), ambos situados no CCE, são locais de estudo e pesquisa, escuta e acolhimento, que já realizam atividades de ensino, pesquisa e extensão visando o acolhimento, cuja vivência própria me potencializa a enfrentar as transfobias na UFPI.

Gosto de destacar que fui presenteada por ter tido o acolhimento de uma orientadora que, para mim, é uma tecelã de caminhos, pois, por vezes, mesmo angustiada e ansiosa, ela sentou-se comigo e, entre movimentos de mãos e passeios por entre vivências, livros e pausa para cafés, ajudou-me a enxergar e perceber a poética e estética dos tecidos que foram se

materializando pelo caminho. Lembrava-me que o caminho se faz no caminhar, se dá no processo, isto é, no movimento e mutação constante de nossos corpos dentro de um plano de imanência⁸, o que, para mim, ressoou como troca de pele, como fazem as serpentes, pois, para crescerem e expandirem seus corpos, precisam perder a pele antiga, a fim de conquistarem uma nova, o que é um processo doloroso.

Por semelhante modo, a cada passo dado, precisei mudar de pele, enfrentar meus próprios medos e limitações, como minha dificuldade de interagir com as pessoas. Isso se deu junto à minha transição, no sentido de reconhecer que a Josy sempre existiu dentro de mim, mas que o cisheteropatriarcado insistia em me sufocar e não deixar ser quem eu sou. Foi desse modo que fui me percebendo, em um devir⁹-cobra-em trânsito, isto é, num estado de constante potência de mutação e, concomitantemente, transitando por vários territórios. Você já se perguntou como seria mudar de pele transitando por vários territórios simultaneamente? Como seria viver entre dois estados e duas cidades ao mesmo tempo, sendo uma a capital e outra, o interior de outro estado?

Pela manhã, você acorda no subúrbio de uma cidade do Maranhão, mas tem o privilégio de contar com os cantos dos pássaros e resquícios da vida longe dos centros urbanos. Atravessar rios para estudar e, ao meio dia, almoçar no Restaurante Universitário de uma universidade pública no seio de um bairro nobre de Teresina e, no final da tarde, quase noite, retornar para casa por avenidas movimentadas, repletas de lojas e monumentos suntuosos. Pasmem, e o que junta e separa tudo isso são pontes, cuja etimologia diz ser

[...] uma construção que permite interligar ao mesmo nível pontos não acessíveis separados por obstáculos naturais ou artificiais. As pontes são construídas para permitirem a passagem sobre o obstáculo e o transpor. Assim, percebemos que pela ponte fazemos contatos, ligações, intercâmbios, comunicações, diálogos e encontros (Maria da Conceição Santos; Maria Dilma Santos, 2014, p. 125).

Essas pontes ensinam-me, diariamente, a perceber como eu entro de um modo nos espaços, e de como eu saio desses lugares de outro modo, deixando da minha energia e

⁸De acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), o plano de imanência diz respeito a um campo no qual os pensamentos emergem sem depender de uma autoridade superior ou de uma transcendência. Ele é composto por intensidades, conexões e fluxos que se dão a partir das interações entre conceitos criados no seu interior. Nesse sentido, o campo funciona enquanto um mapa dinâmico que direciona a criação de modos de vida e de ideias em constante movimento, sem busca de respostas definitivas e absolutas. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

⁹Segundo Luis Fuganti (2012), o devir não deve ser compreendido enquanto um estado de falta ou de insuficiência, mas como potência de transformação. O devir é o movimento pelo qual algo ou alguém se torna diferente de si mesmo, abrindo-se para outras novas possibilidades de existência, sem perder totalmente o que é, mas também sem permanecer igual. Ver: FUGANTI, Luis. Devir. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

levando as boas energias daqueles que também deixaram de si, nutrindo-me. Vivi esses processos em pontes de transição!

Minha jornada de aprendizado durante o mestrado se assemelha à descrita por Laura Barros e Virgínia Kastrup (2009, p. 61) na seguinte citação: "Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos". Assim, o território de pesquisa não foi conquistado, mas sim tateado com curiosidade e abertura, permitindo que as processualidades se manifestassem em sua própria temporalidade. Então, foi por meio dessa imersão corporal e afetiva do meu corpo transgressor de cartógrafa que os contextos pesquisados se conectaram com minhas vivências e, nessa simbiose, fui percebendo as transgrafias que foram me constituindo pesquisadora.

As transgrafias que ora defendo neste escrito sustentam-se a partir das composições teóricas de Leda Martins (2021) acerca de sua defesa de que o corpo-tela também é um corpo hieróglifo, aquele que é local de inscrição de grafias, posto que, nas palavras da autora, esse corpo é

Complexo, poroso, investido de múltiplos sentidos e disposições, esse corpo, física, expressiva e perceptivamente, é lugar e ambiente de inscrição de grafias do conhecimento, dispositivo e condutor, portal e teia de memória e de idiomas performáticos, emoldurados por uma engenhosa sintaxe de composições (Leda Martins, 2021, p. 82).

Por também ser teia de memória, ancore-me no historiador transmasculino Juno Nedel (2020), ao falar da importância de se escutar as pessoas trans para se compor uma historiografia de nossas vidas e, nesse contexto, as escritas trans de si, que se dão de modo encarnado (Denise Najmanovich, 2001), pois podem advir de nossas próprias narrativas. Nesse sentido, podemos falar de nossos corpos dissidentes enquanto arquivos vivos e encarnados, que compõem transgrafias que devem ser compartilhadas e devem ser escutadas e respeitadas, pois,

Para produzir uma historiografia comprometida com as vidas de pessoas trans, é fundamental escutar e entender o que pessoas trans e gênero-diversas têm a dizer, evitando consultar apenas figuras de autoridade (psiquiatras, médicas/os, familiares) cisgêneras (Juno Nedel, 2020, p. 34).

A dissertação que vos apresento não é um produto final de uma pesquisa estática, mas um registro desse processo cartográfico, haja vista que na Cartografia não existe um modelo pronto a ser seguido, por isso, a cada seção, faço menção às transgrafias que fui compondo e, com elas, dialogando ao longo da pesquisa. Assim, as seções que o compõem não são

estanques, mas momentos desse percurso, cada um deles desvelando uma camada da investigação e contribuindo para a compreensão de como eu habito a minha pesquisa de mestrado e de como ela me povoa. Pensar uma epistemologia a partir do meu corpo, das vivências que me constituem professora e pesquisadora na educação.

Em uma orientação com a professora Shara Jane, ela me convidou a pensar em um animal que representasse transformação, que dialogasse diretamente com eu fui me percebendo pesquisadora. A cobra chegou com força, como eu apresento no diário abaixo, escrito após a orientação. Além dele, eu fiz uma chuva de palavras sobre o que me atravessava, que também apresento a seguir em forma de uma mandala colorida (Imagem 3).

Timon, 17 de julho de 2024.

Hoje, eu e a professora Shara conversamos sobre o projeto de pesquisa. Pensamos sobre várias coisas; há tantas formas de entrada, mas a que ficou nítida para nós foi pela vereda da minha essência. Pensar um animal que simboliza a transformação para além da borboleta, veio-me a cobra, o mudar de pele, o que me levou a pensar em Oxumaré sobre sua dualidade, que na realidade é sua transitoriedade constante sobre o que se entende por homem e mulher.

Imagem 3 - Mandala de palavras



Fonte: elaborada pela autora (2024).

Dentre os movimentos que fui realizando no processo, um deles foi consultar o acervo de teses e dissertações do NEPEGEI e do OBIJUVE, por meio dos quais pude identificar dois trabalhos que se destacam por evidenciar as violências que as jovens enfrentam na UFPI.

Na tese *Um corpo potente fazendo das dores possibilidades de asas: transformando os modos de educar e de resistência na universidade*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPI, por Valdenia Pinto de Sampaio Araújo, a autora cartografa as vivências de Verline, uma estudante travesti que, em suas narrativas, deixa claro que a UFPI não é um local para nós, pelo fato de não nos encaixarmos nos cânones cisheteronormativos, assim como evidencia que a universidade deve ser um espaço mais acolhedor e menos opressivo (Valdenia Araújo, 2018).

Outro trabalho de grande relevância, referido pela autora como uma denúncia, é a tese de doutorado da mulher travesti Letícia Carolina, cuja defesa também se deu no PPGE, em 2023, tendo por título *Modos de educar entre jovens transvestigêneres: cartografias desejantes na universidade*. A pesquisadora também usou da cartografia para acompanhar as subjetivações e resistências vividas por jovens da UFPI e da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), levando-a à conclusão de que as pessoas enfrentam vários desafios para existir na universidade, sendo que essa existência só é possível com táticas de Trans(r)es(x)istências (Letícia Nascimento, 2023).

No Mapeamento Sistemático da Literatura realizado por nós em novembro de 2024, objetivando identificar as lacunas na literatura quanto às problemáticas atinentes à presença de jovens transvestigêneres no ensino superior, percebemos que o acolhimento é uma temática que ainda carece ser estudada, sobretudo a partir de metodologias sensíveis, a exemplo da Sociopoética (Jacques Gauthier, 2024; Shara Adad, 2014a; Silva; Adad, 2025), para perceber como a ausência ou presença de acolhimento auxilia essas jovens no enfrentamento das violências transfóbicas. Disso, adveio o interesse em pesquisar como o acolhimento, enquanto resposta à transfobia, pode ser uma ação potencializadora do corpo transvestigênera para permanecer na universidade. Sobre isso, a professora Shara Jane defende:

E é por tudo isso que realço a importância de inserir em nossas instituições, em especial em nossas escolas, momentos de convivência em que os seus alunos, crianças, adolescentes e jovens possam inventar dispositivos que potencializem seus corpos, ganhem visibilidade ao serem ouvidos e respeitados em seus desejos. E posso afirmar isso sem nenhum temor, porque ao longo das minhas leituras, das minhas orientações e dos meus trabalhos com/entre jovens, aprendi que lidar com eles é possível, desde que se acredite neles e em suas capacidades (Shara Adad, 2018, p. 191).

Disso resultou o seguinte problema de pesquisa: O que pode o corpo transvestigênera com o acolhimento, enquanto resposta às violências transfóbicas, para permanecer no CCE da UFPI?

Desse problema, emergiram as seguintes perguntas problematizadoras, que me ajudaram a pensar nos objetivos desta pesquisa: Quem são as juventudes transvestigêneres que integram o CCE da UFPI? O que pensam sobre o acolhimento? Quais as violências transfóbicas que impedem a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE? Quais os modos de acolhimento que auxiliam na permanência das juventudes transvestigêneres no CCE? Seus corpos vibram com o acolhimento? As dificuldades para permanecer amenizam com o acolhimento? Como formas de acolhimentos permanentes podem combater possíveis violências transfóbicas que dificultam a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE?

Dessas perguntas, resultaram os objetivos que apresento a seguir: Objetivo geral: Investigar confetos (conceitos + afetos) elaborados por jovens transvestigêneres do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sobre o que pode o corpo transvestigêner com o acolhimento. Objetivos específicos: Conhecer as juventudes transvestigêneres que integram o CCE da UFPI; Identificar as violências transfóbicas que impedem a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE; Compreender os modos de acolhimento que auxiliam na permanência das juventudes transvestigêneres no CCE; Propor formas de acolhimentos permanentes para o combate de possíveis violências transfóbicas que dificultam a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE.

Seguindo as orientações da banca de qualificação, é importante destacar que neste trabalho, iremos nos referir à permanência, não no sentido estrito das políticas de permanência, mas no sentido de que o acolhimento pode repercutir em determinados momentos na permanência. No que tange ao acolhimento, percebemos que ainda não existem ações que contemplem a UFPI na sua totalidade, mas um pequeno número de ações de alguns centros, como o CCE e a própria movimentação das jovens.

Focalizamos a investigação do acolhimento nesse centro, devido ao curto tempo que dispomos para a realização da pesquisa de mestrado e por ele ter sido canal da minha integração e pertencimento à UFPI enquanto pesquisadora da Educação. Ademais, buscando compreender o acolhimento a partir das vivências das próprias estudantes transvestigêneres, identificamos que até junho de 2025, momento da oficina de produção dos dados, elas desconheciam e/ou não frequentavam os poucos espaços institucionais existentes de acolhimento no CCE, como o OBIJUVE. Dentre os locais citados por elas, o carretel (espaço integrado ao curso de Jornalismo), a praça de alimentação e o acolhimento advindo das pessoas, sobretudo, entre amizades transreferenciadas.

Além disso, destaca-se não diretamente de suas falas, mas da minha observação e vivência, as ações do NEPEGEI e OBIJUVE, como o Projeto Acolher do OBIJUVE: Política de Cuidados das Diversidades e o espaço conviver, local onde as jovens podem se confraternizar, inaugurado no segundo semestre de 2025, pela atual diretora e vice-diretora do CCE, sendo, respectivamente, a professora Dra. Eliana de Sousa Alencar Marques e a Dra. Ana Raquel de Oliveira, cujas ações são referência de acolhimento para o cuidado das diversidades à comunidade universitária.

Para arrematar essa introdução, apresento como a dissertação se encontra organizada. Na transgrafia 1, discorro sobre minhas andanças no lar, na escola, indo até minha chegada na universidade, onde me torno não só uma pesquisadora, mas pessoa trans implicada ao pesquisar. Aqui também apresento as três entradas pelas quais fui povoando o território de pesquisa, quais sejam: a graduação em Moda interrompida, a licenciatura em Pedagogia e, depois, o mestrado em Educação.

Na transgrafia 2, apresento a base teórica desta pesquisa. Início destacando os possíveis vestígios do surgimento das violências impetradas às pessoas trans no Brasil, além disso, falo sobre como nós fomos nos articulando para permanecermos vivas, onde chamo a atenção para a figura de Xica Manicongo, para a criação do Movimento de Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil e para o surgimento do Transfeminismo que adentra a academia. Em seguida, discorro sobre o acolhimento e a escuta das juventudes transvestigêneres na universidade, como políticas do cuidado. Finalizando, aponto como é necessário um olhar pela inteireza, acolhedor e de escuta sensível às juventudes transvestigêneres.

Na transgrafia 3, exponho o percurso metodológico que me levou à materialização desta pesquisa. Começo problematizando o meu escrever no ribulço por uma não neutralidade científica. Falo, ainda, da minha trajetória enquanto pesquisadora na educação e do meu encontro com a Sociopoética, metodologia que acolho neste trabalho. Ademais, apresento o território de pesquisa, o CCE, como pensei a técnica artística, a saber: a pele transespíralar do acolher, e como o grupo-pesquisador foi constituído.

Na transgrafia 4, narro como se deu o processo de acolhimento e negociação com o grupo-pesquisador, que se deu em dois momentos. O primeiro aconteceu de forma remota, tendo em vista a não disponibilidade de algumas copesquisadoras participarem presencialmente, e o segundo momento da negociação, já presencial, onde as copesquisadoras-bichas criaram suas transgrafias de vida.

Na transgrafia 5, além da oficina de produção de dados, apresento a análise plástica desenvolvida tanto pelo grupo-pesquisador quanto por mim e a análise classificatória e cruzamento das ideias do pensamento do grupo-pesquisador realizados por mim.

Na transgrafia 6, apresento o momento da contra-análise, no qual pude apresentar às copesquisadoras-bichas o estudo realizado por mim do pensamento do grupo-pesquisador através de um texto literário.

Finalmente, em transgrafias que se costuram infinitamente, apresento os movimentos espiralares finais desta pesquisa, destacando confetos e problemas que expressam a originalidade e potência do pensamento do grupo-pesquisador.

TRANSGRAFIA 1

TRANSGRAFIAS DE UMA PESQUISADORA DISSIDENTE

Imagem 4 - Minha pele, minha identidade



Fonte: arquivo pessoal da autora (2024).

Lá de onde eu vim - Mariana Nolasco



Lá de onde eu vim tudo é feito com amor
 Sabedoria é manter a essência
 Se importar menos com as coisas
 Porque as coisas vêm e vão
 Lá de onde eu vim os sorrisos são sinceros
 Tem mistérios escondidos em canções
 Dá pra ver o horizonte e o céu
 A mãe dava um beijo na testa, ah, que saudade dela
 Sinto falta das coisas da rua
 Quando a vida era bem mais bonita
 Liberdade era um banho de chuva
 Cada gota na pele eu sorria
 Sinto falta das coisas da rua
 Pé descalço e o frio na barriga
 Quando achava as pessoas tão puras
 Alegria era sempre bem vinda
 Lá de onde eu vim
 Todo mundo é transparente, é gente
 Lá de onde eu vim
 Quando eu abro a janela, aquarela [...]

Pessoas compositoras: Vitor Barbiero Kley / Mariana Pretoni Nolasco / Gustavo Felipe Simão da Silva

São muitas as entradas para iniciarmos. Essa frase eu ouvi de minha orientadora no início de nossa caminhada, cujo entendimento me demandou um tempo. Então, compreendi que necessitamos ser pesquisadoras em movimento, capazes de retornar ao passado para apanhar acontecimentos significativos e trazê-los ao presente de outro modo. Tal ação cobra do corpo certo esforço para acompanhar fluxos e afetos que nos ocorreram e nos passam. Somos nós as responsáveis por realizar as conexões e costuras necessárias das pistas e vestígios que vamos pinçando. Logo, essa é uma atividade que exige delicadeza e melindre ao ser realizada. Recordo-me de Fátima Dowbor (2008, p. 34-35), quando diz que “[...] coisa fantástica é a memória corpórea... sua capacidade de fazer presente, viva, gerando movimentos, gestos e gostos que vêm de um tempo que acreditávamos esquecidos... E, no entanto, a nossa memória afetiva se encarrega de nos trazer tudo de volta”. Diante disso, busco na memória do meu corpo-arquivo vestígios que foram me constituindo. Enfatizando, sobretudo, minha caminhada na educação que tive no lar e na escola até minha chegada à universidade, onde me tornei pesquisadora.

1.1 Agulha-corpo que abre caminhos

Tendo a agulha como ferramenta abridora e fazedora de caminhos que se cruzam, dialogam e se sustentam, a agulha que abre caminho para que a escrita desta seção tome consistência e forma é a experiência transespiralar do meu próprio corpo. Adentro-me nessa escrita com movimentos de penetração e retirada, como a agulha no tecido, em movimentos não lineares que vão compondo a estética de um bordado monstruoso que o CISTema chamará de trans-monstro, pois este não é um bordado com pontos e arremates predefinidos e encapsulados, mas que existe enquanto um bordado em transição, que habita o entre do binarismo metricamente calculado pelas normas cisheterocidentais.

Defronto-me com muitas meadas, algumas já envelhecidas pelo tempo cronológico ocidental, outras novas as quais angario das potências dos encontros que me passam. Pergunto-me: como bordar? por onde começar? Entretanto, parando para olhar devagar as principais linhas que perscrutam a minha pesquisa, recordo que a universidade, o corpo, o acolhimento e as jovens transvestigêneres são suas linhas mestras. Assim, eu me refaço a pergunta: Quais os vestígios que me ajudaram a chegar até aqui, na universidade? Então, narro a mim mesma, pois, segundo o historiador transmaculino Juno Nedel (2020, p. 35), “[...] por outro lado, as escritas trans de si podem evidenciar, na história, experiências alternativas de tempo e espaço, além de revelar outros modos de vida possíveis para além da norma cis-binária de gênero”. Assim, adiante buscarei conversar com algumas dessas meadas, almejando trazê-las para essa escrita, a fim de que esse reencontro possa evidenciar a você, pessoa leitora, a estética dessa escrita.

Para tanto, farei diálogos com fios da minha infância, adolescência e enquanto pessoa adulta, os quais serão égide para a narrativa a ser realizada, posto que,

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionadas a um público com o objetivo de persuadir. A narrativa, portanto, deve estabelecer se o si-mesmo foi ou não foi a causa do sofrimento, e assim proporcionar um meio persuasivo em virtude do qual é possível entender a ação causal do si-mesmo. A narrativa não surge posteriormente a essa ação causal, mas constitui o pré-requisito de qualquer relato que possamos dar da ação moral. Nesse sentido, a capacidade narrativa é a precondição para fazermos um relato de nós mesmos e assumirmos a responsabilidade por nossas ações através desse meio (Judith Butler, 2015 p. 16).

Recolhendo-me em meus pensamentos, a primeira imagem que me chega à memória é a da minha primeira carteira de identidade, que disseram pertencer a mim e, um dia, estive pela primeira vez por entre as minhas mãos e, ao olhá-la, não me reconheço, apenas vejo uma

criança com seus cabelos rente ao couro cabeludo e um olhar vago e amedrontado, mas, hoje, sinaliza-me a possibilidade de “[...] uma vida performática produtora de outros universos”, como pondera Wesley Rodrigues (2023, p. 19), por isso eu a trouxe no início desta seção. Valendo-me agora do poeta das coisas miúdas e insignificantes, Manoel de Barros, os olhos um dia viram essa cena, as lembranças me ajudam a revê-la e, hoje, ao transvê-la, percebo que aquela criança, muitas vezes, teve de trocar de pele, e ainda continua a trocar, pois seu corpo permanece em constante expansão.

1.2 Infância e minha primeira troca de pele

Eu nasci e cresci numa cidade ao norte do Piauí, chamada Piracuruca (Imagem 5). Muitos a conhecem, porque é passagem obrigatória para chegar às cidades de Parnaíba e Luís Correia, onde ficam as praias do Piauí. Ela é uma cidade pequena e pacata, banhada por um rio que carrega o mesmo nome da urbe, que é de origem tupi, tendo por significado “peixe que ronca”. O peixe que corresponde ao significado do nome da cidade é o mandi, pequeno, mas possui poderosos esporões e, quando retirado da água, emite um som característico da espécie, que se assemelha ao ato de roncar.

Quando pequena, banhava nas águas do rio, na prainha, ponto turístico da cidade no qual importantes eventos ocorrem, como as festas no mês de julho em comemoração aos festejos de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade.

Imagem 5 - Mapa do Piauí com localização de Piracuruca



Fonte: Google imagens (2024).

Apesar de interiorana, na minha cidade persegue-se a lógica ocidental de, quando uma gravidez é desejada, existir uma ânsia dos pais de saberem se a pessoa nascerá com pênis ou vagina, para logo se providenciar todo o enxoval. Caso a criança nasça com pênis, geralmente, o enxoval será com cores ditas masculinas, excluindo-se a rosa, pois esta é a única que não é adequada. Caso a criança nasça com vagina, comumente, o enxoval será da cor rosa, podendo-se usar outras cores, no entanto, a cor rosa é predominante. Portanto,

Os brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis. No entanto, como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce ‘contaminado’ pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo (Berenice Bento, 2011, p. 550).

Comigo não ocorreu diferente. Quando minha mãe engravidou de mim, a expectativa tomou conta dos meus pais, pois eles, especialmente minha mãe, desejava muito ter dois filhos, um menino primeiramente e, logo em seguida, uma menina. De certo modo, seu desejo foi realizado, pois, logo ao fazer a ultrassonografia, descobriu que aguardava uma criança com pênis. Nesse sentido, começou-se a corrida para providenciar o enxoval da criança e os capões (frango castrado) para o puerpério, como era costume, ao menos onde eu nasci.

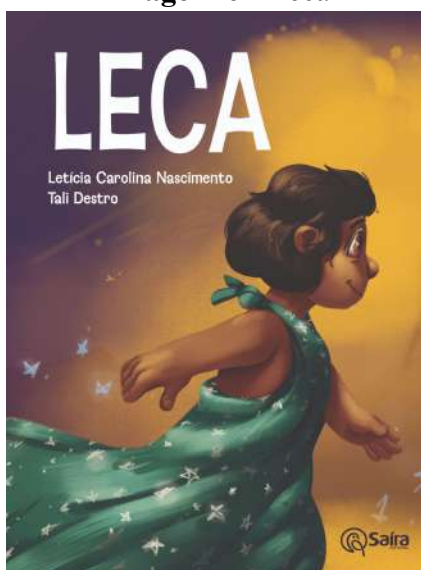
Revisitando esse fio quase desbotado pelo tempo, recordo-me que minha mãe me disse que parte do meu enxoval foi bordado à mão. Lembro-me bem de um cueiro e de uma camisa tão pequenina e delicada, de tecido na cor azul, e bordada com motivos florais pela minha tia. Fito nesse fio de memória um choque de binaridade, pois o tecido azul carregava o peso da esperada performatividade masculina, e o bordado, um signo delicado, feminino, o qual deveria apenas estar presente nesses primeiros meses de vida da criança.

Isso está intimamente relacionado com a concepção tradicional de infância entendida por nós, brasileiros, pois, conforme Letícia Nascimento, Vanessa Nunes e Shara Adad (2022, p. 322), “[...] a concepção de infância no Brasil também se desenvolve perpassada pelo desejo de controle dos corpos infantis”. Essa percepção da infância ganha força a partir de autores como Philippe Ariès, cujos estudos levam ao entendimento da criança como sujeito a ser formado, educado e vigiado em nome da proteção, a partir do dispositivo da infantilidade, desconsiderando infâncias que brincam, transgridem, inventam linguagens e outros modos de estar no mundo (Letícia Nascimento; Vanessa Nunes; Shara Adad, 2022).

Tal reflexão pode ser estendida para pensarmos a luta pelo acolhimento das infâncias trans, posto que esse acolhimento não inicia quando a criança se compreende trans, mas quando damos passagem para que todas as infâncias sejam múltiplas, desviantes das normas, ingovernáveis. É, pois, permitir que elas brinquem, nomeiem suas experiências e estejam no mundo, genuinamente, com seus próprios corpos.

É pertinente destacar que minha infância não foi entendida e nomeada como trans, porém, essa fase já carregava a transgressão que hoje me constitui, pois resisti brincando, sonhando e nos pequenos gestos que fugiam ao controle. Fui criança, fui livre, embora por alguns instantes. E hoje, ao escrever minha dissertação, é o gesto de cavar os achadouros da infância que me move, assim como Manoel de Barros, porque ali, entre o medo e o desejo, entre a proteção e a censura, habitava uma infância trans que ainda pulsa em mim e que pede para ser contada, tal como fez Letícia Carolina, ao escrever seu livro infantil *Leca* (Imagem 6).

Imagem 6 - Leca



Fonte: <https://www.sairaeditorial.com.br/produto/leca/> (2025).

Entendo, portanto, que os vestígios antes mencionados sugerem que esse era o bastidor sobre o qual meu corpo infantil seria estendido, pronto a ser bordado por mãos que conduziriam a agulha e as linhas, numa performatividade linear, marcada pelo controle do meu corpo infantil. Os meus álbuns de família ajudam-me a rememorar minha infância, pois é difícil acessar essas memórias em meu corpo-arquivo, o que é natural, uma vez que era pequena, restando-me os registros que meu pai fez com uma antiga máquina de fotografia. Assim, eu passo a escutar essas imagens, pois “[...] a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, as luminosidades e os aromas têm cores e

desenham paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralituras” (Leda Martins, 2021, p. 79-80).

Eu era uma criança “comum”, que adorava brincar e viver a poética da infância. Entretanto, sobre mim já pesavam as incumbências sociais delegadas à minha sexualidade, pois os brinquedos oferecidos e as brincadeiras eram ditas masculinas (Imagem 7). Ademais, percebi nas fotografias certo enaltecimento da genitália, pois alguns dos registros imagéticos enfatizavam o meu órgão sexual, o que pode revelar o contentamento da gestação de um menino. Recordo do homem trans Paul Preciado (2013, p. 03), quando diz que “[...] a criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais”. Disso, entendo que existia a preocupação de que eu fosse encaminhada e educada para eu ter performances de gênero, conforme sugere Judith Butler (2018), de acordo com a minha genitália.

Imagem 7 - Brincando



Fonte: arquivo pessoal da autora (2024).

Escrevo este texto no mês de junho, que, para a região Nordeste, é um dos meses mais animados do ano, o mês das festas juninas e, em Piracuruca, não é diferente. Quantas lembranças! A casa da minha família está localizada na Avenida Pedro de Brito, uma das avenidas principais do centro da cidade, hoje uma rodovia que liga Piracuruca à cidade de São João da Fronteira. Em outros tempos, ao pôr do sol, víamos as fogueiras serem acesas. À medida que iam sendo acendidas, fileiras de fogueiras iam iluminando a avenida e as portas das residências. Quanta alegria! E as crianças começavam a rodeá-las.

Lembro-me de quando nos reuníamos ao redor das fogueiras para tomar aluá, comer carne assada e conversar noite adentro sob a luz da lua, embalados por uma gélida brisa que

insistia em acariciar nossos corpos. Hoje, infelizmente, não vemos mais as fogueiras, pois os tempos são outros, a avenida agora é asfaltada, não mais como antes, de calçamento. Ao chegar em junho, essa era a prévia das férias, que culminam com o festejo de Nossa Senhora do Carmo (Imagem 8).

Imagem 8 - Padroeira de Piracuruca/Nossa Senhora do Carmo



Fonte: arquivo pessoal da autora (2024).

Ainda criança, havia em mim alguns comportamentos que hoje percebo serem do meu entendimento enquanto mulher transtravesti. Recordo que, ao entrar na adolescência, não queria que os pelos das minhas pernas crescessem, que o pomo de adão não se desenvolvesse e que minha voz não mudasse, visto que essas mudanças são esperadas para um menino em desenvolvimento, entretanto, para minha felicidade, isso não ocorreu de forma substancial. Outro aspecto incômodo eram os cabelos. Como me incomodava ter que ir cortá-los! Para mim, era sempre um suplício. Meu pai, todos os meses, levava-me ao cabeleireiro, e recordo que ele me dava algo em troca, principalmente, alguma guloseima, pois eu amava comer, e ainda hoje gosto. Diante disso, percebo sutis atitudes para controle do meu corpo, pois

Quando se age e se deseja reproduzir a/o mulher/homem ‘de verdade’, desejando que cada ato seja reconhecido como aquele que nos posiciona legitimamente na ordem de gênero, nem sempre o resultado corresponde àquilo definido e aceito socialmente como atos próprios a um/a homem/mulher. Se as ações não conseguem corresponder às expectativas estruturadas a partir de suposições, abre-se uma possibilidade para se desestabilizarem as normas de gênero, que geralmente utilizam da violência física e/ou simbólica para manter essas práticas às margens do

considerado humanamente normal. O processo de naturalização das identidades e a patologização fazem parte desse processo de produção das margens, local habitado pelos seres abjetos (Berenice Bento, 2011, p. 553).

Lendo o texto *Quem defende a criança Queer*, de Paul Preciado (2013), percebi que temos em comum o fato de termos estudado em colégio de freiras, pois, ao ingressar em meus estudos, na etapa em que hoje corresponde à creche, foi também em um colégio de freiras, Patronato Irmãos Dantas, cuja moral, disciplina e religiosidade eram a preocupação. Lá, eu estudei até o quinto ano, pois, por descontentamento de meu pai, ele decidiu me tirar dessa escola e me matricular em outra de competência da prefeitura, que fica bem próxima da casa onde morávamos.

Da escola religiosa, tenho boas lembranças das amizades que eu fiz, das brincadeiras entre plantas, flores e animais, pois lá havia um jardim que me transmitia paz e serenidade e um viveiro cheio de curicas coloridas. Esse foi um dos cenários da minha infância. Lembro das filas que formávamos no pavilhão para rezarmos e irmos para as salas de aulas com a professora ou professor. As lembranças são nítidas. Recordo que a maior parte da minha trajetória escolar foi realizada pela manhã. Então, minha mãe me acordava cedinho e já me direcionava ao banho. Depois de me vestir, ia até à mesa para tomar o café da manhã, que já havia sido posto por ela. Era delicioso, pois de manhã cedo fazia um tempo ameno, isso quando não estava na época das chuvas, cuja sensação de aconchego era ainda maior.

Então, saboreava o café ouvindo alguma música que meu pai colocava na rádio, acompanhado do canto de seus passarinhos, pois ele sempre gostou de ter pássaros presos em gaiolas, o que me entristecia. Findado o café, meu pai levava-me à escola em sua bicicleta vermelha, na qual havia registrado, em um dos seus suportes, uma propaganda que continha o apelido pelo qual ele é conhecido na cidade, Jovem, além de seu número de telefone, pois ele sempre trabalhou consertando variados eletrodomésticos. A isso, somavam-se os passeios aos domingos ou em outros dias esporádicos da semana, mas sempre na companhia dos meus pais.

Enfim, essa foi minha infância, sendo assistida por uma família tradicional, mas amorosa, e por uma escola rígida, cenário propício para que eu tivesse crescido e me tornado um “homem” e “pai de família”, como a sociedade exige de uma criança que nasça com um pênis, excetuando-se ao meu encantamento pelo mundo feminino, que apreciava de longe, pois olhos panópticos seguiam docilizado meu corpo. Sobre a operacionalização do dispositivo panóptico, Foucault (1987, p. 224-225) diz que,

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores.

É interessante lembrar que esse poder não é somente praticado em prisões, mas em outras instituições sociais, como a própria escola. Rememorando as vivências na escola da prefeitura, recordo que foi um dos períodos mais difíceis nas minhas andanças educativas. Embora o colégio contasse com uma rígida gestão, os princípios religiosos não eram sua prioridade, o que me fez sentir um choque, principalmente nas posturas e linguajar áspero e lascivo dos educandos, o que, na escola anterior, não presenciava. Essa foi a primeira troca de pele que eu fiz, pois tentei me adequar àquele local para poder transitar e concluir o restante do ensino fundamental. Lá, sofri algumas violências, notadamente, gordofobia e homofobia, advindas dos colegas “homens” de turma. As aulas de Educação Física eram um terror, porque sempre me atacavam por não ter a mesma desenvoltura que eles, por isso, optei por fazer essa disciplina apenas teoricamente. Entendemos, pois, que

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios (Guacira Louro, 2000, p. 21).

Não me esqueço que um dos meninos, grosseiramente, na sala de aula, mostrou-me seu membro, o que me causou espanto. Além disso, sofri *bullying* por ser gorda, o que me levou a realizar uma dieta severa, que me deixou à beira da anorexia. Apesar disso, tenho algumas lembranças boas, como as amizades que ainda hoje tenho, o meu contato com os livros na biblioteca, as primeiras paixões, as quais os rapazes pretendentes nem sonhavam com o que se passava na minha cabeça. Os enamorados não eram da escola! Interessante que eu idealizava o inverso ao desejado para meu corpo, posto que eu pensava como uma mulher ideal para a sociedade. Isso adveio, sobretudo, em observar as minhas amigas e minha irmã de coração (embora não sejamos filhos dos mesmos genitores, tenho-a como irmã, pois ela foi adotada pela minha avó e criada comigo). No mundo que eu criava, eu me via passeando com o pretendente em sua motocicleta à tarde, ele pedindo a minha mão aos meus pais e namorando-me na porta de casa, pois esse era um costume da minha época e, por fim,

casávamos e tínhamos a nossa casa. Esse foi um desejo secreto que levei por muito tempo, que eu sabia jamais poder se concretizar. Essas idealizações hoje foram ressignificadas por mim.

Algo curioso emerge desse caldo de lembranças: é que, na escola da prefeitura, havia uma pessoa que não sei como ela se apresentaria, se como travesti ou mulher trans, apenas recordo com clareza do nome masculino que lhe dirigiam, Lázaro. Essa jovem tinha uma fisionomia franzina, pele preta, traços indígenas, cabelos lisos e compridos, unhas grandes sempre pintadas, além de usar maquiagem e roupas ditas femininas. Quando a via passar, eu a observava demoradamente, pois ela se destacava em meio aos demais corpos e, principalmente, por sua coragem de ser ela mesma. Isso me chamava a atenção, pois eu compreendia não se tratar de uma “mulher”, mas de uma pessoa que usava os signos femininos, porém, não havia condições para que eu pudesse ser como ela, pois faltava-me coragem. Infelizmente, por ser tímida, eu não me aproximei.

No Ensino Médio, as minhas experiências se deram em um colégio estadual. As aulas também eram pela manhã. Lá, eu pude reencontrar os amigos que seguiram na escola das freiras e alguns que me acompanharam da escola municipal. Foram três anos intensos, pois chegara o momento de pensar na profissão a ser seguida e, também, de nos prepararmos para o temido vestibular. Definitivamente, percebi que as exatas não me apетeciam. Entretanto, gostava muito de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira, sobretudo, Espanhol e Francês. Dessa última, aprendi algumas coisas, autodidatadamente. Ademais, também me interessava por Biologia e Química, apesar da saúde não me atravessar, como a alguns colegas.

No entanto, uma área me encantava profundamente, a Moda. Já arriscava, inclusive, alguns croquis, isto é, desenhos estilizados de roupas (Imagem 9).

Imagem 9 - Croqui



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025).

Lembro-me de que, no primeiro ano do Ensino Médio, ocorreu processo seletivo para o Curso de Vestuário no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI, campus de Piripiri, o qual realizei e fui aprovada. Cursei dois períodos, mas tive que trancá-lo por conta da dedicação que o curso demandava, e meu objetivo era ter aprovação no curso superior em Moda. Nesse ínterim, como a UFPI realizava o Programa Seriado de Ingresso na Universidade (PSIU), tanto na modalidade seriada como geral, eu optei pelo seriado, cuja prova ocorria ao final de cada ano do Ensino Médio. No PSIU geral, o estudante fazia a prova apenas ao final do terceiro ano. Então, a cada final dos três anos consecutivos, eu viajava para Teresina para realizar os exames. No final, tínhamos a opção por concorrer a cotista, por ter sido estudante de instituição pública, mas o edital exigia que fosse tanto o Ensino Fundamental quanto o Médio. Por imaturidade, acabei optando por essa modalidade, o que mais tarde me renderia alguns problemas.

Concomitantemente, realizei o vestibular da UESPI para Letras Português, obtendo aprovação e realizando matrícula. No entanto, fui aprovada para o desejado curso de Bacharelado em Moda, Design e Estilismo na UFPI, pela modalidade cotista, por ter estudado em escola pública. Porém, houve um empecilho, pois a escola de freiras que eu havia cursado era filantrópica, pois, à época, tinha estabelecido parceria recente com o Estado. Diante disso, meu pai conversou comigo e perguntou se era realmente o que eu queria, eu o respondi afirmativamente. Então, ele contratou um serviço de advocacia, o mesmo que um colega que havia estudado na mesma instituição que eu, também havia contratado, pois ele estava passando pelo mesmo problema. Por fim, recebemos uma resposta positiva, enfim, pude, judicialmente, realizar minha matrícula.

1.3 Do corpo educado ao corpo que educa e pesquisa: universidade e minha segunda troca de pele

No ano de 2011, eu deixava Piracuruca rumo a Teresina, em busca de realizar o tão sonhado curso superior em Moda. Essa foi a primeira entrada no território de pesquisa, o CCE, da UFPI, do qual falarei com mais enfoque nas metodologias espiralares.

Foi desafiador, pois, a princípio, tive apoio de alguns parentes, que me ajudaram a permanecer no curso. Apesar disso, algo não esperado aconteceu. Eu já me encontrava no terceiro período do curso, estava realizada, até então, mas quando do final desse período para ingresso no quarto, tive uma infeliz surpresa: a UFPI recorreu judicialmente, e o meu mandado de segurança foi derrubado, ou seja, ali meu sonho estava sendo aniquilado, fui

privada de realizá-lo. Senti-me desesperada, sem saber o que fazer, porém, mais uma vez meu pai me socorreu, embora não fosse uma pessoa de posses, mas muito controlado financeiramente, conseguiu pagar algumas mensalidades na faculdade, até então, conhecida como Faculdade Piauiense (FAP), hoje Maurício de Nassau.

Ingressei na modalidade transferência externa. Ainda procurei fazer percurso reverso, pois tive conhecimento da possibilidade de voltar à UFPI por transferência externa, tentei, mas não foi possível. Então, resolvi terminar na faculdade mesmo, lugar que também tive a oportunidade de fazer amizades e conhecer professores competentes e humanos, como foi a professora Elda Ribeiro, pela qual tenho muito estima e, também, tem relação com um presente maravilhoso que a vida me brindou, a qual me reportarei mais adiante.

A professora Elda me ajudou na mudança de residência que eu estava realizando na época, pois permaneci por volta de um ano na casa da minha tia, no bairro Cidade Nova. Depois disso, passei, aproximadamente, o mesmo tempo na casa de outro tio, que também é professor e efetivo na Secretaria Municipal de Educação de Teresina, que, na época, morava no bairro Três Andares, ambos na zona sul de Teresina. Acredito que disso adveio meu apego pela zona sul de Teresina. O ano era 2013, e eu estava mudando para uma quitinete no Parque Piauí. Então, a professora Elda, em sua caminhonete, me ajudou com a mudança.

Essa fase da minha vida trouxe mais responsabilidade, pois tive que morar sozinha. No ano seguinte, consegui emprego na empresa Alaviva do Brasil, um *Call Center*, que perdurou até o ano de 2020, portanto, seis anos. Durante esse tempo, conheci uma pessoa que me relacionei até 2022, e mudei de bairro algumas vezes, mas sempre pela zona sul. Em 2014, concluí o curso e, em seguida, ainda procurei emprego na minha área, como modelista, mas não obtive êxito. Continuei na Alaviva. Pleiteei o mestrado por duas vezes em Antropologia e uma vez em Desenvolvimento e Meio Ambiente, na UFPI, mas sem sucesso. Dentro de mim, havia o desejo de ser professora e pesquisadora, por isso procurei o mestrado.

Com o resultado negativo do mestrado, eu me sentia desmotivada e frustrada, pois não via perspectiva de crescimento no *Call Center*. Então, em 2018, em mim surgiu o desejo de ingressar na área da saúde, foi quando eu me matriculei no Curso Técnico em Enfermagem, mas, como eu havia me inscrito para um seletivo docente no estado, no ano anterior, eu fui convocada para ministrar aulas para jovens do curso de Cenografia, no Colégio Gomes Campos. Essa foi uma experiência curta, apenas de cinco meses, mas que me reavivou o desejo de ser docente.

Nesse mesmo ano, decidi retornar à UFPI, tentando agora outro curso, através da modalidade de portador de curso superior. Lembro que fiquei indecisa entre Letras Francês e

Pedagogia. Acredito que o caminho da docência era o que deveria ter tomado desde o ingresso no nível superior, mas fui pelo coração ao escolher o Curso de Moda e, não me arrependo, a experiência foi muito rica, pois me oportunizou perceber que ser professora não é fácil, nós precisamos, constantemente, desaprendermos para aprendermos de outro modo. Precisamos nos perder, para nos reencontrarmos novamente. Então, em 2019, ingressei no Curso de Pedagogia na UFPI, noturno, porque ainda estava trabalhando. Por isso, não escolhi Letras, pois era integral, o que não me permitiria trabalhar. Essa foi minha segunda entrada no território de pesquisa.

Foi uma das escolhas mais assertivas que fiz, pois tive a oportunidade de vivenciar tudo aquilo que eu não havia conseguido no primeiro Curso, a Iniciação Científica, publicar e participar de grupos de pesquisa. E não somente isso, pois nele pude conhecer duas amigas sem adjetivos, Marlia e Naira. Eis o grande presente, Marlia, que, para minha surpresa, é irmã da professora Elda Ribeiro. Não esqueço da primeira vez em que a vi, eu a olhava e ela me lembrava uma pessoa, foi quando nos aproximamos e falei da professora Elda, e ela me disse ser sua irmã, e fiquei surpresa. A primeira vez que vi Naira estava saindo da sala da coordenação do curso de Pedagogia e ela estava passando pelo corredor, mas foi com a convivência que fomos nos aproximando. Depois disso, nós três não saímos mais de perto umas das outras. Trabalhos, sejam das disciplinas ou publicações, estávamos juntas.

Lembro do segundo período, da vontade de participar de grupos de pesquisa. Foi quando conheci o NEPEGEI, já coordenado pela minha orientadora, Profa. Dra. Shara Jane. Em seguida, tratei de chamar as meninas, Marlia e Naira, para conhecermos melhor o núcleo, foi quando tivemos aula em Sociologia II com a professora Shara, o que rendeu a mim e Marlia nosso primeiro artigo científico, publicado em uma revista de Tocantins.

Encontrei um território dentro da universidade, no qual eu pudesse estudar sobre assuntos que diziam da minha constituição pessoal, até então, enquanto pessoa gay e, hoje, como mulher transtravesti. Percebi como poderia ser prazeroso realizar pesquisas científicas com meu próprio corpo, uma pesquisa profundamente encarnada, enfim, uma outra ciência possível. Conheci a Sociopoética, uma abordagem metodológica que tem por finalidade o desenvolvimento de pesquisas com o corpo todo e em grupo. Foi assim que percebi a potência de estudar e pesquisar em bando.

A universidade constitui-se o território que me oportuniza expandir o corpo, pois nela também aprendi a lidar com afetos de medo, insegurança, desesperança, mas também alegrias e encantamentos. Entrar, sair e regressar foram os movimentos que meu corpo foi realizando nesse percurso, por isso conecto-me a esse animal enigmático e estigmatizado, que causa

aversão e medo, a cobra. Assim como ela, aprendi a trocar de pele e a deslizar pelo espaço da universidade em busca de abrigo e acolhimento, mas, sobretudo, de um encontro comigo mesma. Adiante, apresento algumas vivências na pós-graduação, minha terceira entrada no território de pesquisa.

1.4 Algumas andanças na pós-graduação

Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada!

Carolina Maria de Jesus

*A escrita de uma pesquisadora transtravesti não
poderá ser apagada!*

Josy Gomes

Cursar um mestrado é lançar-se por caminhos os quais não sabemos aonde irão nos levar e quais encontros iremos realizar. Nesse sentido, um desses caminhos, ao ingressar no mestrado no ano de 2024, foi cursar a disciplina de Gênero e Sociologia: Histórico, Usos, Possibilidades, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da UFPI, facilitada pelas professoras Dra. Rita Sobral e Dra. Letícia Carolina. Na disciplina, tive a felicidade de ser agraciada com bons encontros, tracejados e regados com calorosas discussões sobre gênero e suas várias possibilidades de abordagem e reflexão, a exemplo do feminismo e do transfeminismo.

É salutar que eu destaque a relevância de uma matéria como essa, que suscite o estudo de gênero, uma vez que ela pode ser égide na formação de pessoas pesquisadoras sensíveis e críticas frente à pauta do respeito e acolhimento às diferenças, mormente, no que diz respeito a identidades de gênero e sexualidades, assuntos que ainda são tabus, principalmente na educação. Portanto, fazer viver tais reflexões é permitir e descriminalizar existências e experiências degradadas não consideradas humanas, como as pessoas transgêneras e travestis, pois conforme Letícia Nascimento (2021, p. 49) “[...] há um forte contexto de criminalização das transgeneridades e consequente não reconhecimento dessa experiência como humana”.

Face a isso, a educação deveria ser um instrumento de força para inspirar e despertar o que há de mais potente no humano, o amor, a fim de elevar as existências coletivas e individuais, sobretudo, aquelas marginalizadas e, a partir disso, desafiar e resistir a quaisquer formas de controle e opressão. Logo, nos aproximamos do pensamento de Luiz Rufino (2021, p. 16), quando diz “[...] que a educação deve ser entendida como uma forma de erguer existências, mobilizá-las, uma encantaria implicada em contrariar toda e qualquer lógica de dominação”.

Apesar disso, gostaria de destacar, a partir da minha experiência durante a graduação em Pedagogia na UFPI, o meu descontentamento em perceber que nossa formação, que deveria acolher outros aportes intelectuais de modo obrigatório, como o estudo do gênero, conta apenas com uma única matéria que abraça esse tema, mas de natureza optativa e com oferta não regular, a saber: Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade. Não obstante, tínhamos o desejo de cursá-la. Lembro-me de que havia a obrigatoriedade de cursarmos duas disciplinas optativas, no entanto, quando do processo de matrícula, dentre a relação de matérias ofertadas, ela não constava.

À vista disso, embora estude a afrodescendência na escola, destaco que o meu incômodo se aproxima ao de Thaysa, aluna egressa do curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UFPI, que também esteve sob orientação da Profa. Dra. Shara Jane, e enfatizou o desconforto sentido ao cursar suas matérias optativas. Diferente de mim, ela conseguiu cursar essa disciplina, entretanto, em sua dissertação, chama atenção para a necessidade de que essa matéria seja contemplada no currículo da UFPI de modo obrigatório. Em suas palavras:

Compreendo que o Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira precisa romper com as fronteiras de uma matéria específica e optativa, e várias são as discussões em torno de implementar um componente curricular obrigatório no currículo dos Cursos de Formação de professores, que abordem a questão das Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade. No Curso de Pedagogia da UFPI, campus Ministro Petrônio Portela, não há uma disciplina obrigatória com esse tema, mas existem docentes que o abordam de modo transversal, ou por meio de temas-geradores, em sua prática de sala de aula. Então, percebemos que a luta existe na UFPI para que essa temática esteja incluída na Formação de Pedagogas(as), mas penso que esse ensino deva acontecer em todos os cursos, permeando esse currículo da universidade (Thaysa Santos, 2021, p. 46).

A autora também chama a atenção para o fato de que essa é uma matéria cuja oferta não deveria ser restrita ao curso de Pedagogia, mas ofertada em todos os cursos. Mapeei alguns Projetos Pedagógicos do Campus referido, a fim de identificar se ela era apenas direcionada ao curso de Pedagogia. Constatei que em alguns cursos, como o de Ciências Biológicas e Informática, existe a possibilidade dela ser cursada optativamente, mas, de fato, não é disponível para todos os cursos.

Diante disso, indago-me: O que esses dados nos levam a pensar? Por que apenas alguns docentes trabalham esse tema e de modo transversal? Por que o currículo da UFPI não acolhe as discussões de gênero? Nós, jovens estudantes travestis e transexuais, somos acolhidas por esse currículo? Esses questionamentos levam-me diretamente ao pensamento da professora Letícia Carolina, quando fala da não neutralidade do currículo, isto é, do seu caráter vívido e controlador, pois

[...] emerge a partir das relações de poder como um artefato da cultura; longe de qualquer neutralidade, o currículo pode ser entendido, como um ser que fala, que deseja, que atravessa a produção de subjetividades e saberes, enfim, as tramas do currículo comportam, como muito bem nos ensinou Michel Foucault (1988), práticas polimorfas de poder, bem como resistências diversas (Letícia Nascimento; Shara Adad, 2024, p. 3).

Embora não tenha cursado matérias sobre gênero na graduação, fui agraciada por poder cursar Gênero e Sociologia: Histórico, Usos, Possibilidades, no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPI, conduzida por duas professoras, sendo uma delas pessoa travesti. Sinto-me encorajada a estar em quaisquer lugares que eu queria estar, em especial na universidade, sendo pesquisadora. A Professora Letícia tornou-se referência e inspiração para outras mulheres trans e travestis no Piauí, ao adentrarem o espaço da universidade. Nesse sentido, recordo-me de um trecho da tese de Letícia Nascimento (2023, p. 90) quando diz: “A universidade só será para todes/as quando ela for TRAVESTI!”

Diante do exposto, cartografo experiências minhas durante os estudos da matéria de Gênero e Sociologia: Histórico, Usos, Possibilidades, os quais foram e vão agregando a minha constituição enquanto mulher trans, professora e pesquisadora. Isso posto, alimento-me da cartografia, que é

[...] um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente. Partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade, o que coloca em questão o paradigma da representação (Virgínia Kastrup; Eduardo Passos, 2013, p. 264).

Portanto, a intenção não é registrar o já instituído, é acompanhar as processualidades que vão se constituindo nos encontros e desencontros e nos achados, no andarilhar da pesquisadora cartógrafa junto ao centro ou proximidades do território de pesquisa. Para tanto, é

[...] tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (Suely Rolnik, 2011, p. 23).

Diante disso, a seguir farei o movimento de pinçar alguns acontecimentos que se deram no decorrer da matéria, que são importantes para relacionarmos a teoria com aspectos que o meu território de pesquisa, a universidade, foi me colocando durante esse processo.

1.5 Uma transtravesti pode viver a universidade?

Em alguns de nossos encontros na disciplina de Gênero e Sociologia: Histórico, Usos, Possibilidades, problematizações vindas das professoras me chamaram a atenção: Quem estaria disposto a sentar para despender algumas horas do seu dia para estudar e discutir gênero? Quem se interessa por ler escritos de mulheres cientistas? Quem se disponibilizaria a ler o que pessoas transexuais e travestis têm a dizer em suas pesquisas? Antes disso, essas pessoas podem existir enquanto pesquisadoras? Essas foram algumas provocações que promoveram o fluir das conversações e de nossas reflexões.

À vista disso, gostaria de começar falando da primeira leitura sugerida, que problematizou como a ciência ainda é machista e branca, com tendência a propor um sujeito universal não mais validável, tendo em vista que, como observa Lourdes Bandeira (2008, p. 208): “Pressupõe-se que a existência de um sujeito universal já não é mais plausível, e isso vale tanto para o eu masculino como para a tardia individualidade feminina”.

Além disso, discutimos sobre a validação e impacto da produção intelectual e científica elaborada por mulheres, no plural, pois no decorrer da discussão, especialmente sob égide do transfeminismo, percebemos que mulher é um substantivo reducionista face a diversos marcadores interseccionais que englobam aspectos culturais e performáticos de ser/estar mulher. Sob esse aspecto,

É preciso destacar, portanto, que a ideia universal de mulher, inclusive numa relação essencialista com o sexo anatômico, é insuficiente para nomear as possibilidades de experiências femininas em diferentes marcadores interseccionais de performatividade de gênero. Daí a importância de um conceito de gênero que não seja nem universal nem essencial e que possa permitir a afirmação de mulheridades, um termo que pluraliza a noção de mulher e de feminilidades, no intuito de reconhecer que existem performances de gênero femininas experimentadas por corpos que não necessariamente se entendem como mulheres (Letícia Nascimento, 2021, p. 55).

Mediante essas reflexões transfeministas, ampliei a pergunta feita por Letícia Nascimento (2021) na introdução de seu livro: E não posso ser eu uma mulher, professora e pesquisadora? Como apartar meu corpo das minhas experiências enquanto pesquisadora e mulher trans? Lembro-me, pois, que Donna Haraway (1995) critica a visão tradicional da objetividade inerente à pesquisa científica, que se constitui por uma perspectiva descorporificada, no sentido de que a pesquisadora deve se anular e se isentar da pesquisa e que este deve ser um consenso universal. Defende, ao invés disso, que ciência e objetividade não são neutras e nem apartadas de poder, haja vista que a visão de quem opera a ciência é parcial, uma vez que depende da posição dos observadores, seja pelas lentes sociais, seja

políticas e culturais. Assim, Donna Haraway (1995, p. 18) propõe: “Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados”.

Assim, os saberes localizados nos ajudam a perceber que uma pesquisa descorporificada aparta saberes profundos que só o corpo pode revisitar. Nesse sentido, é pertinente nos questionarmos se não seriam relevantes os saberes e experiências conquistadas ao longo de uma jornada profissional e também pessoal, que estão localizados e latentes no corpo de uma trans-pesquisadora. Diante disso, gostaria de trazer o diário, isto é, o registro de uma experiência-localizada que pude experienciar durante a matéria cursada:

Timon, 23 de maio de 2024.

Acostumar o olhar reto, de fato, é um dos ensinamentos do Ocidente. Entretanto, discutir a reivindicação da mulher negra quanto ao seu pertencimento no feminismo me fez perceber como nossos corpos e sentidos ainda estão aprisionados ao olhar panóptico do colonizador. Soma-se a isso, a experiência da oficina de inspiração sociopoética facilitada por Wesley, na aula da disciplina de Gênero e Sociologia: Histórico, Usos, Possibilidades, no dia 16/05/2024, a qual também me ajudou a perceber como nós necessitamos deslocar e, mesmo, imantar o olhar ao coração. Precisamos, pois, corazonar a vida, a existência, a pesquisa. É preciso que coloquemos os afetos à frente, como pulsões de vida. Só assim poderemos enxergar o que criamos e parimos pelas costas. É preciso parir coração-olhos pelas costas, a fim de podermos sentir-pensar o conhecimento. Como consequência, esse movimento faz sangrar, dói, mas é preciso sentir essa dor e esse sofrimento para vivermos mundos transviados de possibilidades inventivas de si.

Remeto-me ao olhar, pois este é, dentre os demais sentidos, o mais capturado por estruturas de poder, como o capitalismo, a cisheteronormatividade e a própria ciência, para distanciar o observador de quem é observado, suscitando dominação e controle. Nesse sentido,

Os olhos têm sido usados para significar uma habilidade perversa - esmerilhada à perfeição na história da ciência vinculada ao militarismo, ao capitalismo, ao colonialismo e à supremacia masculina - de distanciar o sujeito cognoscente de todos e de tudo no interesse do poder desmesurado (Donna Haraway, 1995, p. 19).

As reflexões da autora são importantes para pensarmos sobre várias circunstâncias sociais em que relações de poder operam, sejam aquelas entre pessoa pesquisadora e pesquisa,

no ambiente acadêmico, como também sobre as relações de gênero, as quais perscrutam todo o espaço social, como por exemplo, as relações que se estabelecem no lar, ou mesmo, no espaço escolar.

Sobre isso, trago à baila o fervilhar das eleições para reitoria que presenciamos no ano de 2024, na UFPI. O diferencial desta para as eleições anteriores foi que as chapas eram constituídas por três mulheres pesquisadoras (Imagem 10), portanto, pela primeira vez na instituição, uma mulher passa a ocupar o cargo mais alto dentro da universidade, a reitoria.

Lembro-me de que, em um dia de quinta-feira pela manhã, uma das candidatas passou pelas salas do Programa de Pós-Graduação em Educação, do qual faço parte, a fim de falar de suas pretensões. Na ocasião, a candidata expôs eloquentemente suas propostas, falou, inclusive, de propostas inclusivas, o que me alegrou, mas o que me entristeceu foi que ela não trouxe nenhuma proposta direcionada às pessoas trans e travestis, aliás, nenhuma das candidatas! Algo me intrigou na fala da candidata, ao dizer que estava pleiteando aquele cargo não por uma questão de gênero.

Imagem 10 - Candidatas à reitoria da UFPI



Fonte:

<https://cidadeverde.com/noticias/410863/candidatas-a-reitoria-iniciam-campanha-na-ufpi-eleicao-tera-nova-data-e-sera-em-urnas-eletronicas>

Aprendemos que a ciência validada pela comunidade acadêmica é aquela que preza pela objetividade e imparcialidade daquele que realiza uma pesquisa. Entretanto, vimos que autoras como Donna Haraway (1995), advogam contra essa visão, que anula o corpo e os atravessamentos da pessoa pesquisadora, e defendem a noção de “saberes localizados”, mas localizados onde? Não seriam aquelas experiências vivenciadas e arquivadas em seus próprios corpos? Como aquela candidata estaria isenta dos cânones do gênero? Como seu corpo não estaria de algum modo sendo político face ao pensamento objetivo e impessoal acadêmico?

Dito isso, é interessante lembrarmos como os olhos panópticos da sociedade incidem sobre o gênero. É mister destacar que o binarismo e a heterossexualidade podem ser considerados a espinha dorsal das sociedades, posto que se condicionou a existência compulsória de corpos-masculinos e corpos-femininos, ambos ancorados na genitália. Assim, “[...] a concepção binária do sexo, tomado como um ‘dado’ que independe da cultura, impõe, portanto, limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade” (Guacira Louro, 2015, p. 84).

Foi-nos inculcado que, se a pessoa nascer com um pênis, deve performar masculinidades, e aquela que, biologicamente, nasça com uma vagina, deve performar passividade e feminilidade, e a isso podemos acrescentar que se almeja e valida a superioridade máscula, em detrimento daquela feminina. Do exposto, depreendemos que os seres homem e mulher são arranjos e/ou construções sociais que nos são postas *a priori*, antes mesmo de nosso nascimento. Sobre isso, Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015, p. 38) concluem que “[...] ser um homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tonar-se; é uma condição ativamente em construção”. Portanto, o se constituir homem ou mulher é um vir a ser, um gerundiar face ao se constituir enquanto pessoa, o que dialoga diretamente com a ideia de identidades.

A supremacia da posição do homem não se limita apenas às relações sociais, uma vez que também se estende para a ciência. Quantos casos temos conhecimento de que as mais ilustres descobertas ou primorosos escritos partiram de mulheres, porém, o crédito foi direcionado ao marido ou a outro homem próximo? Diante disso, Lourdes Bandeira (2008, p. 209-210) destaca que “[...] a ausência das mulheres e o respectivo silêncio em torno de sua presença na história e, por extensão, na história das ciências acabam por revelar, eles próprios, a associação hegemônica entre masculinidade e pensamento científico”.

Apesar disso, as mulheres, aos poucos, reivindicaram seu espaço na sociedade. Lembremos que, primeiramente, foram as mulheres brancas, posteriormente, as mulheres negras e, em seguida, mulheres trans e travestis, que são severamente atacadas por grande parte da sociedade, inclusive pelas feministas radicais, pois, conforme Judith Butler (2024, p. 143), “[...] as feministas críticas ao gênero procuram contestar a identidade trans, particularmente as reivindicações de mulheres trans, ao defender que o sexo é real e que o gênero é construído, querendo com isso dizer tanto falso como artificial”. Assim, podemos falar de um não acolhimento.

Entristece-me perceber que precisamos, constantemente, não baixarmos guarda frente a esse apagamento e genocídio, como afirma Jaqueline de Jesus (2014c), que insiste em

consumir nossas existências, mas procurarmos, a cada dia, buscar força, primeiramente, em nós mesmas, e, depois, no traviarcado, referenciando as nossas irmãs mais velhas que não eximiram forças e, ao extremo, doaram suas vidas para que hoje possamos estar aqui fazendo parte de uma universidade pública, mas lembrando que não podemos baixar a guarda. Somos pesquisadoras, utilizadoras da escrita e de nossos corpos como armas para reexistirmos.

Entretanto, lembro-me da minha turma de mestrado, muitas pessoas recém-formadas, outras efetivas vindas da Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC). A maioria com propostas de pesquisar aspectos históricos e quantitativos da educação, o que é também relevante, mas somente eu, mulher transtravesti, a única nessa turma a trazer como proposta de pesquisa o estudo das experivivências transvestigêneres na educação, em especial, no ensino superior.

O que eu chamo a atenção é para o fato de que são poucos os profissionais da educação que estão dispostos a se permitirem tomar para si essas problemáticas. Entretanto, é preciso que nós, ainda com presença tímida no ensino superior, lutemos para existirmos e permanecermos nesses espaços, porque, assim como as outras pessoas, deveríamos permanecer em escolas e universidades, porém o CISTema nos degrada para a margem.

No entanto, falar das experivivências transvestigêneres não é uma pauta de responsabilidade apenas nossa, mas de todas as pessoas, principalmente as que estão e fazem a educação, a universidade. Sobre esse aspecto, demanda-se o acolher, que está intimamente relacionado com o exercício da escuta em prol de um bem viver e conviver nesse espaço. Mas, o que seria acolher na universidade?

Esse conceito pode ser entendido como um processo de apoio e acompanhamento do corpo discente e da sua relação com o corpo docente e com a cultura universitária ao longo da trajetória acadêmica. O acolhimento, nesse contexto, tem o objetivo de fortalecer as vivências universitárias, apoiar o processo de desenvolvimento do papel do estudante universitário e, ainda, promover espaços de bem-estar e sucesso escolar ao longo da graduação (Marilucia Anselmo; Dardielle Santos-Dias; Lígia Feitosa, 2022, p. 63).

Assim, se eu, na minha posição de docente, não permitir que transexuais e travestis falem; se, infelizmente, sigo à risca as hierarquias na universidade, como eu estarei facilitando o acolhimento? É preciso descolonizar os olhos e os ouvidos. É preciso aquecer o coração para o acolher! Diante disso, permito que a outra pessoa fale e eu a acolha na sua experiexistência¹⁰. Entretanto, entendemos que este é um trabalho que passa pelo crivo da sensibilidade e empenho do profissional que lida com essa realidade em suas salas, mas é

¹⁰Neologismo para experiência + existência.

preciso que nos permitamos a tal exercício, principalmente, porque estamos falando de educação em meio a um mundo fraturado. Nesse sentido,

Para os seres que habitam as margens e esquinas do planeta, para as vidas alteradas pela violência colonial e para aqueles que desfrutam dos privilégios, da proteção, e dos poderes herdados e mantidos nessa arquitetura de violência e exclusão, a educação não pode ser meramente entendida como uma política de preparação para o mundo ou como forma de acesso à agenda curricular vigente (Luiz Rufino, 2021, p. 15).

Felizmente, na pós-graduação, eu fui acolhida. Lembro-me que, na aula inaugural, a minha orientadora, ao falar de mim a todas as pessoas presentes na sala onde foi realizado o encontro, solicitou que todos tivessem compreensão face a minha transição e que me acolhessem. Senti que, ali, ela pegara em minha mão e me dissera: “Estamos juntas!” Ademais, durante as aulas, os professores foram muito empáticos e realizaram gambiarras acolhedoras, como, por exemplo, embora fosse meu nome civil que consistisse na relação dos estudantes, no momento da chamada, dirigiam-se a mim pelo meu nome social.

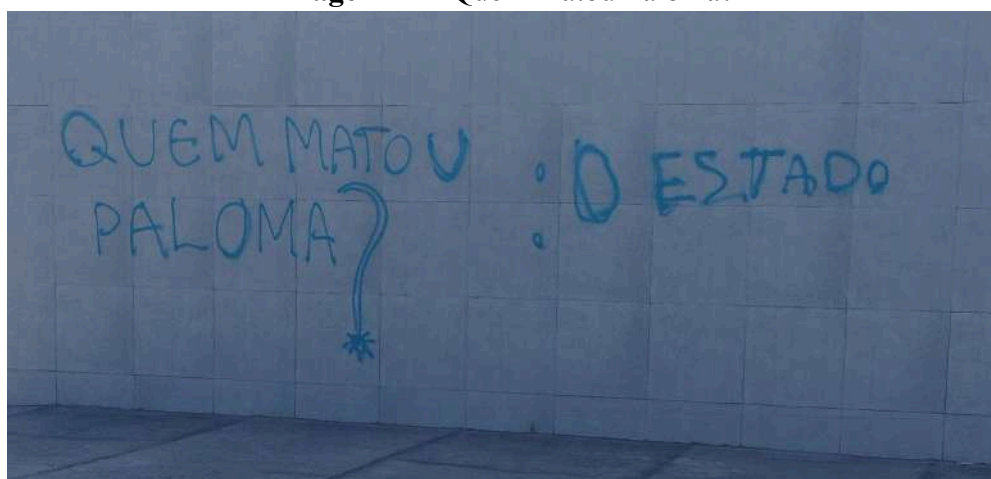
Entendemos a gambiarra para além de seu sentido pejorativo, como algo que foi feito de qualquer jeito, mas que, no entanto, urge pensar sobre questões outras, como a falta de recursos que assola dados contextos, como na escola, em que o professor, muitas das vezes, improvisa recursos pedagógicos a fim de que os estudantes possam aprender. De igual modo, se dá no sentido do acolhimento de pessoas trans e travestis; o ato de professores e estudantes chamarem uma estudante trans ou travesti, na escola, pelo seu nome social, é uma forma de iniciar e incentivar o exercício do acolhimento, o que também se aplica ao território da universidade. Nesse sentido,

Primeiro, poderíamos dizer que a gambiarra nos remete no sentido mais corriqueiro da palavra a: geringonça, a coisa provisória, a falta, a precariedade, a escassez, uma exceção [...], mas que muitas vezes se tornam a regra, por ‘n’ motivos, mas em geral por falta de recursos (Élida Tonetto, 2022, p. 34).

Entretanto, isso ainda é um exercício muito tímido, seja no ambiente formal de ensino ou na sociedade de modo geral, o que também se reflete no exponencial número de mortes de pessoas trans e travestis, conforme os dois últimos relatórios publicados pela ANTRA. Comparando esses dados com os 58 assassinatos registrados em 2008, globalmente, pela ONG *Transgender Europe*, percebemos um aumento de 150% dos casos, um número preocupante e vergonhoso, porém não admirável no que tange à realidade cisheteronormativa e patriarcal brasileira (Bruna Benevides, 2025; Bruna Benevides, 2024).

Uma dessas vítimas foi Paloma do Amaral, cuja morte se deu em Teresina, no final do ano de 2023. No trajeto de casa para a universidade, nas imediações da Matinha e da Avenida Maranhão, chamou-me atenção um registro em uma parede (Imagem 11), que diz: “Quem matou Paloma?” Essa provocação surge da comoção e do incômodo que sua morte causou. Diante disso, perguntamos: Até quando esse genocídio e ódio gratuito para conosco? Quantas Palomas precisam morrer para isso findar? É cansativo tentar mostrar constantemente ao mundo que somos pessoas desejosas de vida, porque isso requer que busquemos, diariamente, gambiarras de resistência para não morrermos, porque, ao invés do Estado nos amparar, infelizmente negligencia essa responsabilidade, e isso passa pelo crivo da colonialidade de gênero que, ao contrário da colonização, ainda permanece latente entre nós. Nesse sentido, María Lugones (2014, p. 939) alerta que, “[...] diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial”.

Imagem 11 - Quem matou Paloma?



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Diante disso, nossas vidas continuam a constar em números de relatórios e notícias em jornais e na internet, mas o Estado ainda não se mobiliza de modo profícuo para mudar essa realidade. Felizmente, contamos com gambiarras de grupos, que se articulam com vistas a trazer visibilidade e alertar a sociedade acerca dos direitos humanos, como é o grupo Matizes, sediado em Teresina, que, anualmente, promove a Semana do Orgulho de Ser. Neste ano de 2025, o tema foi a alegria. Como, regularmente, os grupos dos quais faço parte: o NEPEGECI/UFPI e o OBIJUVE/UFPI, ambos coordenados por minha orientadora, integram esse evento, elaboramos cirandas e exposições, e realizamos um evento que teve como título: “Sendo o que se é na alegria: transfluências na educação” (Imagem 12).

Imagem 12 - Sendo o que se é na alegria: transfluências na educação



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Essa mobilização no interior da universidade busca promover esse diálogo com a comunidade interna e externa da instituição, de modo a promover a descolonização do gênero e o acolhimento de pessoas LGBTQIAPN+, que são alvo do preconceito e da violência que perscruta a sociedade. Diante disso,

Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social. Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir ← → resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. Em grande medida, tem que estar de acordo com as subjetividades e intersubjetividades que parcialmente constroem e são construídas ‘pela situação’ (María Lugones, 2014, p. 940).

Também gostaria de pinçar e trazer para esse escrito o ocorrido com a professora Êmy Virgínia Oliveira da Costa, primeira docente trans do Instituto Federal do Ceará (IFC). No início do ano de 2024, ela foi demitida da referida instituição via Processo Administrativo Disciplinar (PAD)¹¹, sob a alegação de que ela se ausentou por longos períodos viajando para cumprir com demandas de seu doutorado no Uruguai, mas a docente relata, e também podemos ver em seu perfil do Instagram, muitos de seus alunos falando de seu profissionalismo e cumprimento com a carga horária, a qual o PAD alegava ter ela negligenciado. Apesar de um longo período judicial, a professora conseguiu retornar à instituição e continuar seu trabalho.

¹¹ Reportagem disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2024/01/11/professora-trans-e-demitida-de-instituto-federal-e-alega-perseguido-ifce-nega-irregularidades.ghtml>. Acesso em: 09 ago. 2024.

Embora a universidade seja um espaço transitório e de encontro, no qual, comumente, exista a possibilidade de que as pessoas sejam quem são, cismem e se impliquem, ainda é um espaço no qual existe o apagamento e a não validação de pessoas trans e travestis. Valdenia, em sua tese, traz uma fala de Verline, uma pessoa travesti que passou por vários desafios na UFPI, que responde à questão: se a UFPI é lugar para pessoas trans e travestis. Assim, Verline diz:

A UFPI não é lugar para travestis. A UFPI não é lugar para pessoa Trans. Isso, infelizmente, eu não tenho medo de dizer. E o fato de eu tentar habitar, tentar pertencer e tentar inventar outros modos tem uma relação com isso, com tentar continuar ali e fazer com que outros corpos possam vir, após mim, não tenham que passar por tudo que eu passei. Porque, eu acho isso injusto com elas, não mereciam, né?! Porque isso não é uma condição de merecimento, é de dever (Valdenia Araújo, 2018, p. 104).

Lendo Luiz Rufino (2021), aprendi que precisamos cismar do que nos dizem sobre certas verdades, as quais, em sua maior pujança, vieram do colonizador. Precisamos, pois, desaprender para aprender novamente. E nós, enquanto educadoras, precisamos saber cantar a folha da educação, pois ela pode ser tanto remédio como veneno, podendo, assim, reforçar ou descolonizar as violências oriundas da colonização. A esse aspecto, Luiz Rufino (2021, p. 15) diz que “[...] a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização”.

É urgente percebermos a universidade como uma grande aldeia, na qual todas nós estamos interligadas e necessitamos umas das outras para podermos habitar esse espaço. Conviver com as diferenças não sugere que eu me anule, pelo contrário, propõe que eu me afirme nas diferenças, e que, sobretudo, aprenda com elas. Diria que é preciso pensarmos uma universidade que pratique uma filosofia de vida *Ubuntu*, quiçá um transfeminismo *Ubuntu*, pois

No *Ubuntu* como modo de vida, não há como a comunidade política desrespeitar os direitos básicos dos indivíduos, pois sua ética normativa tende à humanização de todos. Todavia, o indivíduo, pela liberdade, pode optar por não ter *Ubuntu*, se fizer uso dos outros meios para sua realização egoísta, isto é, se desumanizar os outros para poder ser. Numa democracia, os interesses individuais não se anulam. As subjetividades individuais não são superiores e nem inferiores, mas são consideradas em relação com as dos outros (intersubjetividade), perante a fidelidade à causa comum. *Ubuntu* possibilita aos seres humanos viverem democraticamente, dialogando-se de forma honesta e tolerante. Com o *Ubuntu*, as diferentes ideologias, culturas e visão do mundo se interconectam e enxergam o ser humano como fim em si mesmo (Antonio Dju; Darcísio Muraro, 2022, p. 261).

Nessa mesma direção, aponta Donna Haraway (1995, p. 26) que

A topografia da subjetividade é multidimensional bem como, portanto, a visão. O eu cognoscente é parcial em todas suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original; é sempre construído e alinhavado de maneira imperfeita e, portanto, capaz de juntar-se a outro, de ver junto sem pretender ser outro.

Portanto, não somos completas e absolutas, mas sim interconectadas e desejosas umas das outras. Diante disso, meu corpo-trans-folha (Imagem 13) alude a isso, pois ela sozinha não constitui uma árvore inteira. Necessita de outras folhas para poder compor uma grande árvore, a do acolhimento, em que nela não habitem apenas as pessoas trans, travestis e não binárias da UFPI, mas todas as pessoas que a essa instituição pertencem, afinal: eu sou porque nós somos!

Imagem 13 - Corpo-trans-folha da autora



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

TRANSGRAFIA 2

TEORIAS ESPIRALES

Imagem 14 - Xica Manicongo



Fonte:

<https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2025/03/quem-e-xica-manicongo-1a-travesti-nao-indigena-da-historia-do-brasil.ghtml> (2025).

Nesta seção, começo apresentando alguns vestígios históricos que fazem pensar nas raízes das violências e nas resistências em que nós, pessoas transvestigêneres, fomos compondo no bojo da história nacional. Em seguida, realizo a contextualização do surgimento e articulação do Movimento de Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil, que culminou no surgimento do Transfeminismo, enquanto campo teórico e político que contempla nossas lutas.

Adiante, teço algumas considerações sobre o acolhimento e escuta das juventudes transvestigêneres na universidade, de modo que inicio destacando o acesso à educação como um direito de todas as pessoas, mas que, para essas juventudes, existe certa truculência no seu efetivo gozo, sobretudo, devido a institucionalização das diversas violências por nós sofridas nesse espaço. Faço menção às escassas políticas institucionais dirigidas às juventudes, abordadas dentro do território desta pesquisa.

Falo mais sobre as juventudes, focalizando nas juventudes em estudo. Além disso, chamo a atenção de como nossos corpos transgridem as fronteiras das normas sociais e como isso aciona dispositivos que tendem a querer nos controlar e, mesmo, aniquilar. Apesar disso, falo do amor e do acolhimento, como políticas de cuidado, enquanto ferramentas para um convívio respeitoso, mas que, no entanto, é preciso se indignar com a política de silenciamento que perscruta a universidade. Finalizo destacando como se faz necessário um olhar pela inteireza, a partir das teorias espiritualistas, que demandam o acolhimento e a escuta sensível das juventudes transvestigêneres.

2.1 Apesar dos pesares, encontramos vestígios de existências e resistências trans antes da militância organizada

Acolhendo a sugestão da banca de qualificação, é importante iniciar esse tópico chamando a atenção para o fato de que a ausência de uma narrativa histórica linear acerca das pessoas transvestigêneres no Brasil não se dá pela nossa não existência, mas pelo sistemático processo de apagamento a que fomos submetidas ao longo do tempo pela história tradicional, devido ao racismo e à transfobia que atravessa a sociedade brasileira. Quanto a isso, Megg Oliveira (2018, p. 86) destaca que

Suas trajetórias têm sido negligenciadas pelas pesquisas acadêmicas, mesmo entre os/as estudiosos de gênero e de relações étnico-raciais. Parte do silêncio que contribui para que sejam esquecidas pela história tradicional se relaciona ao racismo e a transfobia que são constitutivas das sociedades normalizadoras e normatizadoras como a brasileira, que privilegia a brancura e cisgeneridade heterossexual.

Tendo em vista esse fosso histórico em decorrência do apagamento, então penso no que poderia ter ocorrido às pessoas transvestigêneres entre a colonização e a ditadura militar. Para tanto, me ancoriei nos vestígios e comecei falando do período colonial brasileiro, pois acredito que esse marco histórico pode ser considerado como o germe das violências, que mais tarde foram intensificadas durante a ditadura militar, atingindo a comunidade LGBTQIAPN+ e, com maior incidência, as pessoas travestis, posto que esse período foi marcado pela forte repressão e, mesmo, o extermínio de nossa existência, um genocídio, em decorrência da propagação da narrativa do pânico moral e da nossa culpabilização pela epidemia do HIV/Aids (Jaqueline de Jesus, 2014c; Tiago Duque, 2009).

Durante o período colonial brasileiro, percebemos que a chegada dos portugueses, especialmente dos jesuítas, impactou na formação da sociedade brasileira, sobretudo por intermédio da catequese. Demerval Saviani (2013) destaca que o processo de catequese não pode ser visto apenas como imposição, mas como uma experiência de ajustes mútuos, pois os jesuítas, para serem eficazes, precisavam flexibilizar e adaptar sua abordagem educativa à realidade sociocultural indígena.

Nesse contexto, a educação operava como um poderoso instrumento da colonização, buscando transformar os modos de ser e viver das indígenas e depois das africanas escravizadas para integrá-las à ordem colonial cristã. Nesse período, como podemos depreender a partir de Megg Oliveira (2018), a repressão às dissidências de gênero também esteve diretamente associada aos princípios cristãos e à perspectiva inquisitorial, onde as pessoas transvestigêneres eram enquadradas como pecadoras, figuras demonizadas ou sodomitas.

Casos como o de Joane na Bahia no século XVI, a qual foi denunciada e acusada por se expressar e vestir-se com roupas ditas de mulher, revelam que já existiam pessoas negras africanas que eram dissidentes. Nesse século e também na Bahia, se destaca Xica Manicongo, a qual é considerada a primeira trans negra com registro histórico no Brasil, de quem falarei um pouco mais adiante (Luiz Mott, 2005; Megg Oliveira, 2018). Ademais, é possível que tenham existido outras pessoas transvestigêneres, mas devido ao apagamento histórico, não conseguimos fazer um levantamento preciso de seus nomes e de onde viveram.

Apesar disso, ao aproximarmos um pouco mais a lupa, observamos que a nossa luta precede a organização de uma política formal de enfrentamento à transfobia, pois, ao buscarmos vestígios da presença de pessoas transvestigêneres no início da história do Brasil, podemos identificar manobras de violência, mas também de resistência, a exemplo de Xica Manicongo, a qual, em meados de 1591, transitava “escandalosamente” pela cidade de

Salvador trajando-se de acordo com sua identidade de gênero. Por ser negra, escravizada e transgressora das normas, Xica passou a ser alvo da sociedade daquela época, cuja meta era sufocar e aniquilar sua existência.

Havia na capital do país, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, também conhecida, posteriormente, como Cidade da Bahia ou simplesmente Salvador, então colônia de Portugal, nos idos de 1591, uma africana do Congo escravizada e vendida a um sapateiro, a qual chamamos de Xica Manicongo (Jaqueline de Jesus, 2019, p. 2).

Evocar Xica é “bater cabeça”¹² para a nossa ancestralidade transreferenciada. É memória e respeito pelos feitos corajosos das que vieram antes de nós que, bravamente, lutaram contra as repressões do CISTema. É, acima de tudo, saber de nossa história, pois como assinala Jaqueline de Jesus (2019, p. 5), “[...] para termos consciência de quem somos precisamos de memória, de ter conhecimento de nossa história, de onde viemos, de que a nossa população lutou, e morreu, para que tivéssemos os mínimos direitos dos quais hoje gozamos”.

Desde o início do ano de 2024, já circulava o informativo de que o enredo da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti seria: Quem tem medo de Xica Manicongo? (Imagem 15).

Imagem 15 - Quem tem medo de Xica Manicongo?



Fonte:

<https://foliadosamba.com.br/quem-tem-medo-de-xica-manincono-e-o-enredo-do-tuiuti-no-carnaval-de-2025/>.
Acesso em: 15 fev. 2025.

¹²Ato litúrgico das religiões de matriz africana, sobretudo, do candomblé, enquanto gesto de respeito e humildade aos orixás, sacerdotisas e sacerdotes.

Consideramos louvável a iniciativa da escola de samba, tendo em vista que essa é uma forma de resgate e reconhecimento da nossa existência dentro da história nacional. Entretanto, é importante evidenciar que foram as pessoas transvestigêneres brasileiras que deram à Xica o nome social pelo qual hoje é conhecida. Pensando sobre isso, recordo que, para Christian Dunker e Cláudio Thebas (2019, p. 213), “[...] escutar é reconhecer e reconhecer é instrumento fundamental de transformação, subjetiva e política”.

Entendemos que essa articulação da Paraíso do Tuiuti não se restringe à festividade, mas alcança uma dimensão maior, por dar passagem a uma escuta histórica que dá chão às lutas por visibilidade e escuta de corpos transvestigêneres na sociedade brasileira, o que pode ser observado na letra do samba enredo da escola:



[...]

*Só não venha me julgar, ô-ô
Pela boca que eu beijo
Pela cor da minha blusa
E a fé que eu professar
Não venha me julgar
Eu conheço o meu desejo
Este dedo que acusa
Não vai me fazer parar*

*Faz tempo que eu digo não
Ao velho discurso cristão, sou Manicongo
Há duas cabeças em um coração
São tantas e uma só, eu sou a transição
Carrego dois mundos no ombro*

[...]

*(Eu sou) a bicha, invertida e vulgar
A voz que calou o cis tema
A bruxa do conservador
O prazer e a dor
Fui pombogirar na jurema
Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha
As perseguidas na parada popular
E a Mavambo reza na mesma cartilha
Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar*

Eu, travesti
[...]

Composição: Cláudio Russo / Gustavo Clarão
Intérprete: Pixulé

A partir do século XIX, devido ao fortalecimento das instituições policiais e jurídicas, houve uma mudança significativa no controle dos nossos corpos, pois além de continuarmos sendo um problema moral e religioso, passamos a ser abordadas como questão de ordem pública. Diante disso, começou-se a existir um controle sistemático sobre o vestuário e a circulação das pessoas transvestigêneres nas cidades, onde havia multa ao “homem” que fosse pego em trajes de mulher (Jocélio Santos, 1997; Megg Oliveira, 2018). É importante destacar, ainda segundo Megg Oliveira (2018, p. 83), que “embora as pessoas detidas pela polícia não fossem exatamente homens trajando roupas femininas, assim eram tratadas pela sociedade do período e por muitos/as pesquisadores em atividade atualmente.”

Em 2 de fevereiro de 1854, a polícia de Salvador prendeu Manoel Francisco por andar pela cidade “vestido de mulher” e, em 25 de abril de 1865, João Paulo por ser reincidente em transitar com “roupas de mulher” pela cidade, quando presa estava ferida (Jocélio Santos, 1997; Megg Oliveira, 2018). É crucial dizer, conforme Megg Oliveira (2018), que as referidas trans negras africanas eram tratadas no gênero masculino nos documentos, sem referência aos seus nomes femininos, inclusive por Jocélio Santos (1997).

Por volta dos anos 1870, outra transvestigênera vivenciou esse período, Yaya Mariquinhas, a qual, segundo Megg Oliveira (2018), era considerada pela polícia de Salvador como “vadio” e uma ofensa à moralidade pública por usar roupas ditas de mulher e solicitar que a tratassem no feminino. Além desse caso, em 25 de abril de 1875, o Jornal da Bahia anunciava a prisão de Rosalina. Essa tinha o que hoje conhecemos por passabilidade, isto é, sua expressão de gênero era próxima da cisnormativa, sendo denunciada após o filho do seu patrão vê-la tomando banho.

No decorrer do século XIX e início do século XX, nós, pessoas transvestigêneres, passamos a ser ainda mais associadas à concepção de desviantes, vadias e perigosas. Nesse contexto, a vigilância por parte da polícia, a exposição pública e as violências de natureza física e simbólica foram práticas recorrentes, como observamos nos casos apresentados por Jocélio Santos (1997) e Megg Oliveira (2018). Esse vestígio nos permite perceber que, muito

antes da ditadura, já estava em curso um regime de controle que concebia nossas existências enquanto anormais e indesejáveis. Agora iremos nos deter ao período da ditadura.

Mais adiante, na história nacional, podemos apontar momentos funestos, como foi o caso da ditadura militar. Demerval Saviani (2013) mostra que, durante o período da ditadura civil-militar, especialmente entre as décadas de 1960 e 1970, a educação foi fortemente moldada por um projeto tecnicista que se alinhava aos interesses do regime autoritário. A pedagogia tecnicista ascendeu como expressão dessa racionalidade dominante, sustentada por valores, como produtividade, neutralidade e eficiência. Nessa lógica, o processo educativo foi reorganizado segundo os moldes da produção industrial, esvaziando-o de seu potencial crítico e reduzindo-o à instrumentalização de saberes voltados à adaptação do sujeito às exigências do mercado e da ordem vigente.

Nessa conjuntura, como não se concebia a escola como um espaço para estarmos, logo a rua e a prostituição foram os únicos locais possíveis para existirmos, além disso, nossa imagem foi associada à criminalidade, sobretudo, por conta do dito pânico moral que ratificou o estigma e a violência transfóbica. Compreendemos esse pânico a partir de Tiago Duque (2009, p. 14), como sendo aquele que se dá pela “[...] identificação coletiva de um fenômeno social considerado ameaçador à coletividade, em especial a seus valores e normas”. Nesse contexto, a imprensa teve substancial contribuição na propagação dessa narrativa de periculosidade, como podemos ver em uma das edições do jornal do estado de São Paulo, de 1980 (Imagem 16).

Imagem 16 - Propagação da narrativa de periculosidade



Fonte: <https://pintura.eba.ufrj.br/tcc/2022/Raura.pdf>. Acesso em: 31 maio 2025.

Ainda nesse período, em decorrência da epidemia do HIV/Aids, a narrativa de marginalização se intensificou, pois nós, travestis, fomos responsabilizadas pela propagação do vírus, intensificando a exclusão social e, por extensão, a limitação ao acesso a direitos fundamentais, como saúde e educação (Don Kulick, 2008; Thiffany Odara, 2020).

No Brasil, o pânico da aids reforçou uma imagem negativa de homens gays, prostitutas, mas é difícil negar que dentre todos os grupos vistos como ‘perigosos’ durante o período mais mortal da epidemia, o das travestis foi o mais apontado como disseminador do vírus HIV e, portanto, como uma suposta ameaça contaminadora à ordem social (Tiago Duque, 2009, p. 15).

Nesse sentido, como aponta a psicóloga e pesquisadora trans Céu Cavalcanti, juntamente com Roberta Barbosa e Pedro Bicalho (2018), bastou apenas se valer do Artigo 130º do Código Penal Brasileiro, de 1940, ainda em voga, para que o delegado Marcelo Alencar Aranha encabeçasse, em 1987, a operação que ficou conhecida como Tarântula, cujo objetivo era alcançar e prender o maior número de travestis para, assim, higienizar a cidade de São Paulo. No entendimento dele e dos demais delegados que colocaram a operação em prática, como o delegado José Wilson Richetti, a medida consistia em combater a Aids, conforme ficou registrado em uma edição do jornal Folha de São Paulo, de 1987 (Imagem 17).

Imagem 17 - Polícia Civil “combate” a Aids prendendo travestis



Fonte:

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/operacao-tarantula-acao-da-policia-de-sao-paulo-que-cacava-travestis.phtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

Essa política de segurança e higienização social esteve intimamente relacionada ao poder do Estado em decidir quem deixar viver ou morrer (Achille Mbembe, 2018). Nossas vidas e corpos foram subjugados e destinados ao descarte e, mesmo, ao extermínio, ancorados em um discurso que naturalizou violências transfóbicas, que ainda se mantêm vívidas, ora veladas, ora escancaradas, seja no mundo real ou virtual. Logo,

A Operação Tarântula certamente foi um acontecimento emblemático na banalização do mal transfóbico, porque nos permite visualizar como uma certa racionalidade pode ser suficiente para mobilizar políticas de segurança pública marcadas por processos de criminalização, incriminação e encarceramento (Céu Cavalcanti; Roberta Barbosa; Pedro Bicalho, 2018, p. 189).

Entendemos que a operação Tarântula não é somente um caso de opressão policial, mas o reflexo de uma sociedade que leva em consideração uma história única, isto é, aquela que deve ser contada repetidas vezes para que a dignidade de quem se deseja controlar ou apagar seja massivamente deturpada e/ou furtada. Nas palavras de Chimamanda Ngozi Adichie (2009, p. 14), “[...] a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos”. Isso pode ser observado nas falas de pessoas entrevistadas na cidade de São Paulo, em um documentário de relevância elaborado por Rita Moreira, em 1988, o *Temporada de Caça*, por meio do qual podemos ter acesso a falas carregadas de desdém, desprezo e propagadoras de violências transfóbicas.

Apesar desse cenário de caça, uma figura se destaca, Brenda Lee (Imagem 18), travesti brasileira que contribuiu para o acolhimento das travestis durante esse período. Ela

transformou sua residência, no centro de São Paulo, na primeira casa de apoio às pessoas que conviviam com HIV/Aids, ficando conhecida como Palácio das Princesas, que mais tarde foi reconhecida como uma das primeiras casas de apoio do mundo (Ubirajara Caputo, 2023).

Imagem 18 - Brenda Lee



Fonte: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2024/06/era-uma-vez-brenda-lee>. Acesso em: 07 julho 2025.

Destaco esse fato, uma vez que tal movimento de acolhimento partiu de nós para nós mesmas. Quem teria sensibilidade para acolher a escória mais repugnante da sociedade brasileira, se não a gente que vivencia as dores e os prazeres de ser trans e/ou travesti? Foi o que Brenda Lee fez. Neste momento, recordo a fala do amigo cis gay, doutorando e militante pelas causas LGBTQIAPN+ na educação, Wesley Rodrigues, que experimentou a técnica artística que apresentei ao meu grupo-pesquisador.

Embora não sendo trans e/ou travesti, a fala do co-experimentador é digna de nota, pois disse que, na vida e na universidade, ele é quem se acolhe, pois esperar o acolhimento de outrem (aqui é uma reflexão minha sobre sua fala), é delegar ao outro o meu bem-estar e, sobretudo, minha saúde mental, embora saibamos, como nos lembra Michel Foucault (1987), que a vida em sociedade é solapada por relações de poder, as quais, por vezes, machucam, segregam e oprimem.

Entendemos, portanto, que devemos praticar o autoacolhimento, mas, e quando não temos forças para tanto? Às vezes, nós, trans e travestis, podemos contar com braços que nos abraçam e acolhem, mas, em sua maioria, há braços que nos querem destroçadas. Por isso, é imperioso que transferenciemos nossas relações, o acolhimento, para que, em todos os lugares, em especial na universidade, possamos existir, resistir e permanecer. Nesse sentido,

concordamos com a professora Letícia Nascimento, quando, ao realizar sua pesquisa de doutoramento com jovens estudantes transvestigêneres da UFPI e da UESPI, argumentou que

A sorte é que a gente tem a gente. Ês/as jovens transvestigêneres compreendem que estar dentro da sua comunidade, produzir um transcenramento das relações é um modo de se fortalecer para aliviar o cansaço, as dores, curar aquilo que Grada Kilomba (2020) chamaria de ‘trauma colonial’. Exercer o autocuidado de maneira coletiva, irmanada. Compartilhar as gambiarras existenciais criadas para se equilibrar nesse CISTema que insiste em nos derrubar. Quebrar o espelho narcísico da colonização fazendo refletir e brilhar as nossas muitas cores e diferenças. E que os conflitos entre nós sejam transformados em aprendizagens, nós assumimos o erro, pois, somos o erro, a falha. Transcetar as relações é uma potente tática de trans(r)es(x)istência na univerCISdade (Letícia Nascimento, 2023, p. 89).

O pensamento da autora também nos leva a refletir como fomos nos organizando, ao longo dos anos, em decorrência da urgência por autodefesa, face às violências e invisibilização. Essa organização se deu, coletivamente, mediante a articulação de táticas de sobrevivência, como a própria criação do Bajubá, língua que tem forte influência do Yorubá e que passa a ser utilizado, ainda no período da ditadura militar, como forma de comunicação entre nós, travestis, e que era estranha às demais pessoas. Nesse momento, pessoa leitora, convido-a para uma breve contextualização de como o movimento de travestis e mulheres transexuais foi se organizando, no Brasil, até chegar ao transfeminismo.

2.2 Contextualização histórica e social do movimento de travestis e mulheres transexuais no Brasil

O movimento de travestis e mulheres transexuais, no Brasil, emerge a partir da nossa luta por direitos fundamentais dentro de um contexto de violências, preconceito e exclusão social. De acordo com Thiago Coacci (2018, p. 121), “[...] se seguirmos a tradição do movimento feminista e LGBT de periodizar a história por meio da metáfora das ondas, é possível dividirmos a história do movimento de pessoas trans em três ondas”. Desde a sua emergência, enquanto movimento social organizado, ainda no final do século XX, passando pela primeira onda, até os desdobramentos contemporâneos, observamos um percurso marcado pela resistência, conquista de espaços sociais e políticos, bem como avanços nas discussões teóricas e acadêmicas.

A primeira onda do movimento, que se consolidou entre os anos 1990 a 2000, foi marcada pelo surgimento das primeiras organizações e encontros nacionais, como a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) e os Encontros Nacionais de Travestis e Liberados (ENTLAIDS). Nesse período, as principais pautas de luta giravam em torno do

combate à violência policial, da prevenção do HIV/Aids, esta impulsionada pelo diálogo com programas de saúde pública, e, também, da busca pela visibilidade positiva das travestis na sociedade. Nessa conjuntura, emergiram identidades, como travestis e liberadas, estas, segundo a pesquisadora transexual Maria Clara dos Passos (2023, p. 62), “[...] se referia às pessoas que se ‘montavam apenas para a prostituição’, refletindo as propostas e inclusões preliminares na seara política e social”.

Ainda em diálogo com a educadora e ativista Maria Clara dos Passos, em seu livro *Pedagogia das Travestilidades*, quando trata sobre a primeira onda, mais especificamente, ao se reportar sobre o VII ENTLAIDS, diz que,

‘Unid@s construindo uma nova realidade social’ foi o tema que traduziu os interesses coletivos do VII Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com Aids (Entlaids), realizado em 1999 em Fortaleza (CE). Para as travestis organizadas no evento, o fim da década de 1990 e a aproximação do novo milênio representavam a possibilidade de um outro amanhã. Construir uma nova realidade social implicaria intervir em questões compartilhadas por elas em todas as regiões do Brasil: o empobrecimento, a falta de acesso coletivo à cidadania e as sucessivas violências institucionais (Maria Clara dos Passos, 2023, p. 51).

Diante disso, podemos compreender que a luta inicial do movimento transcendia a pauta da visibilidade identitária, posto que visava abarcar questões sociais, econômicas e de direitos humanos fundamentais. Logo, a luta coletiva não era apenas para ser, mas também para ter e para existir com dignidade.

Quanto à segunda onda, que se deu entre 2000 e 2010, foi marcada pela ampliação das redes organizacionais, com a criação da ANTRA e do Coletivo Nacional de Transexuais (CNT). Esse período se destacou pela interlocução com o Estado, majoritariamente, sob o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), resultando na construção de políticas públicas, como o uso do nome social e do acesso a serviços de saúde para pessoas transvestigêneres. Essas conquistas promoveram avanços significativos na saúde e educação, suscitando maior acesso aos direitos humanos. Além disso, disputas internas sobre identidades fomentaram o abandono de termos abrangentes, a exemplo de liberados, e a consolidação de travestis e transexuais enquanto categorias centrais. Portanto,

A década de 2000, período em que marcou, segundo Thiago Coacci, a segunda onda do Movimento, trouxe o diálogo mais firme e direto com a institucionalidade política. As travestis e transexuais brasileiras estavam familiarizadas com o vocabulário das políticas públicas, e já tinham construído coletivamente aprendizagens sobre o Estado a partir das experiências com os Entlaids. A segunda onda buscou, então, afirmar a legitimidade de seus interesses coletivos junto ao Estado brasileiro. E, passado o momento em que muitas das reivindicações estavam circunscritas ao HIV/aids, outros interesses se fizeram presentes nas discussões e deliberações. A ampliação de espaços participativos para os movimentos sociais do

campo progressista foi fundamental para o Movimento de Travestis e Mulheres Transexuais também forjar diálogos mais consistentes em torno das políticas de seu interesse (Maria Clara dos Passos, 2023, p. 74-75).

A partir de 2011 em diante, a terceira onda do movimento reflete um momento de expansão e diversificação organizacional, com a supervisão de coletivos informais, assim como ativismo digital. Observamos um aumento na visibilidade midiática e demandas por representação política, a partir de iniciativas acadêmicas e propostas de inclusão em diversos espaços, como no feminismo e no movimento negro. É oportuno mencionar que um dos principais pleitos dessa fase é a instituição de cotas para pessoas transvestigêneres em universidades. No que tange às identidades, essas emergem mais fluidas, e as não-binárias ganham espaço (Maria Clara dos Passos, 2023).

Destaca-se, ainda, nesse período, o surgimento de cursinhos preparatórios, a exemplo do PreparaNem e TransVest, enquanto respostas comunitárias às barreiras educacionais. Esses projetos não buscam apenas expandir o acesso ao ensino superior, mas também visam problematizar a cisheteronormatividade presente e ativa nas instituições acadêmicas. Além disso, também é importante mencionar que a demanda por reconhecimento acadêmico também se apresenta na produção intelectual de ativistas e pesquisadoras transvestigêneres (Maria Clara dos Passos, 2023). Nesse sentido, Thiago Coacci (2018) destaca que,

A terceira onda atravessa a década de 2010 e é marcada pelo sidestreaming (ALVAREZ, 2009, 2014) do campo do movimento trans para outros campos como o do feminismo e do movimento negro, bem como por um crescimento vertiginoso da visibilidade das pessoas trans na mídia. O modelo organizacional da ONG é progressivamente enfraquecido em favor de modelos menos institucionalizados como os 'coletivos'. Há uma multiplicação de redes e outras organizações como a Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), o Coletivo Transfeminismo, o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), o Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS), a Associação Brasileira de Transgêneros (ABRAT), o Coletivo Nacional de Artistas Trans, dentre outros, quase todos sem a institucionalização jurídica no formato ONG. O contexto nacional é de ampliação dos setores conservadores no parlamento e sucessivas crises políticas, o que fragiliza a relação entre Estado e Movimento em âmbito nacional. Organizações como a ANTRA, tradicionalmente mais próximas da esquerda, voluntariamente se afastam de determinados espaços institucionais por não coadunarem com golpe que retirou a presidenta Dilma Rousseff do poder. As identidades travesti e transexual se consolidam como principais referências do movimento, mas a emergência dos homens trans como sujeitos políticos força a adoção de uma subdivisão de transexual em mulheres transexuais e homens trans (Thiago Coacci, 2018, p. 122-123).

Desse contexto, surge o transfeminismo enquanto um campo teórico e político que aproxima nossas vivências transvestigêneres a uma crítica aprofundada no que tange às

estruturas de opressão atinentes aos marcadores de gênero, sexualidade, raça e classe, isto é, de modo interseccional, confabulando com o feminino negro, pois

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. Visto isto, não poderemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo (Carla Akotirene, 2019, p. 16).

Esse campo é enriquecido por vozes de teóricas e ativistas que partem de suas experiências para promover mudanças significativas. Nesse sentido, o transfeminismo não apenas problematiza a hegemonia da cisnormatividade, mas também alarga as fronteiras do feminismo, ao incorporar as demandas de travestis, mulheres transexuais e outras identidades de gênero.

Segundo Jaqueline de Jesus (2014b, p. 248), “[...] o texto ‘Ensaio de Construção do Pensamento Transfeminista’, de Aline de Freitas, publicado em 2005, pode ser citado como precursor na constituição do pensamento transfeminista no Brasil”. Essa abordagem confronta o essencialismo biológico, reivindicando nossa inclusão nos debates feministas, ao passo que denuncia formas específicas de opressão por nós enfrentadas, como a transfobia (Jaqueline de Jesus, 2014a). Diante disso,

O transfeminismo é uma categoria do feminismo em construção, a qual emerge como resposta teórica e política à falha do feminismo de base essencialista, comumente biológica, em reconhecer o gênero como uma categoria distinta da de sexo, o que reforça estereótipos sobre os corpos (Jaqueline de Jesus, 2014b, p. 243).

Nessa mesma direção, Thiffany Odara (2020) destaca que a desumanização organizada e praticada pela sociedade estabelece e condiciona a negação de nossos corpos, tornando-os dissidentes. Nesse sentido, a luta transfeminista se torna um campo político e teórico, que serve como base de resistência para não sucumbirmos diante de um modelo rígido de gênero, além de reafirmar que nossa luta apoia as pluralidades expressivas existentes.

Letícia Nascimento (2021), por sua vez, pondera que o transfeminismo está para além de um simples movimento de identidade, pois é uma intervenção crítica que enfatiza a natureza interativa das opressões. Nesse sentido, esse campo teórico e político se apresenta de modo interseccional para compreender como categorias de gênero, raça, classe, por exemplo,

imprimem desigualdades e marginalizam nossos corpos e subjetividades dissidentes. Aceito o convite da autora para, juntas, enquanto transfeministas e feministas, rompermos e racharmos o mundo com nossas existências e com o que produzimos a partir delas e, assim, romper com a tentativa de nosso silenciamento. Reitero, a seguir, suas palavras:

Nesse sentido, como transfeministas, e feministas por extensão, devemos nos apropriar da fala, da escrita, da linguagem, rachar o mundo com nossas palavras, construindo pontes de sororidade e redes de denúncia. Quanto mais lemos, ouvimos e compartilhamos nossas histórias, mais proporcionamos um cruzamento potente de vozes, que nos permite uma autoidentificação potente e rompe com o nosso silenciamento, perpassando por um reconhecimento coletivo de nossas experiências (Letícia Nascimento, 2021, p. 78-79).

Junto a essa reflexão, é salutar pensar sobre o conceito de monstra, apresentado por Jota Mombaça, enquanto símbolo que sugere a resistência antissocial dos corpos que se contrapõem às normas cisnormativas. Sobre isso, ela destaca que

Afinal, um corpo levado ao limite da socialidade é um corpo que não tem opção senão estudar à beira, adivinhar as passagens e elaborar uma política que simultaneamente cerca e descercas: cerca o Normal-Colonial, descercando as fronteiras que mantêm a coerência interna desse sistema. Assim é que a monstra que atravessa isso aqui corre abaixo e acerca, multiplica-se pelos lados sem com isso constituir um fora. É justo dentro, em brechas e desvãos do projeto de totalidade do sujeito e do mundo capitalista-colonial que ela se prolifera (Jota Mombaça, 2017, p. 18).

Assim, o corpo pode ser entendido como um território controlado por sistemas coloniais e capitalistas que agem mediante os regimes de biopolítica e da necropolítica (Achille Mbembe, 2018; Michel Foucault, 1987). Nesse sentido, a monstra opera nas falhas desses sistemas, dismantelando processos de sujeição social e desafiando a ideia de identidades normativas e coesas. Esta visão amplia o transfeminismo para além das necessidades de inclusão, sugerindo uma resistência, que é inovadora.

Amara Moira (2017) destaca que a batalha transfeminista não se restringe à autoidentificação, mas engloba a negociação social para validação das identidades transvestigêneres, como componentes essenciais das definições de mulher e homem. A autora se posiciona contra a invisibilidade decorrente da cisnormatividade e sugere a ampliação dos conceitos de gênero, permitindo que as mulheres trans sejam reconhecidas enquanto mulheres (Amara Rodovalho, 2017).

Entendemos, portanto, que o transfeminismo se apresenta como uma abordagem crítica e necessária, que promove uma compreensão interseccional de nossas experiências. Esse campo não apenas confronta e dismantela estruturas opressivas, mas também constrói

um território teórico e político que valoriza e sustenta o acolhimento da diversidade de identidades de gênero, principalmente, dentro da universidade, posto que, apesar do espaço acadêmico, paulatinamente, ter apresentado abertura para as diversidades, ainda reproduz as violências e o apagamento existencial que nós enfrentamos na sociedade. A seguir, falo de como a universidade pode se tornar um espaço acolhedor para as juventudes transvestigêneres.

2.3 Algumas considerações sobre acolhimento e escuta das juventudes transvestigêneres na universidade

A Constituição Federal de 1988, juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9394/1996, estabelecem o direito à educação como um princípio inalienável de todas as cidadãs brasileiras. Esse direito é universal e deve ser garantido a todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero. Nesse contexto, é fundamental analisar como essas legislações consagram o direito das pessoas transvestigêneres à educação, promovendo a inclusão e combatendo a discriminação.

A Constituição Brasileira, em seu Artigo 206º, assegura o direito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, bem como o respeito à liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber [...] (Brasil, 1988).

Isso significa que todas as pessoas têm o direito de buscar o conhecimento e a educação, sem discriminação. A LDB em seu Artigo 2º, por sua vez, reforça esse princípio, estabelecendo a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida com a colaboração da sociedade:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996).

No entanto, a realidade enfrentada por muitas pessoas transvestigêneres no sistema educacional brasileiro ainda está longe de ser inclusiva e respeitosa, pois a discriminação, o preconceito e a violência são obstáculos consideráveis para o pleno exercício desse direito.

Ademais, a hostilidade e exclusão nas escolas e universidades afetam o desenvolvimento acadêmico e emocional, o que também representa uma violação direta dos princípios constitucionais e da LDB (Auro Ortega *et al.*, 2022; Bruno Pereira; Thiago Sartori, 2024). É mister destacar que não se trata de evasão, mas de expulsão, como afirma a transfeminista Helana Vieira (2018, p. 236-237), a seguir:

O trajeto escolar também é extremamente violento e excludente. Pessoas trans relatam sofrer assédio não apenas dos alunos, mas dos próprios professores e diretores. A instituição em si acaba por reproduzir a transfobia social na medida em que nega a possibilidade plena do uso do nome social e dos banheiros de acordo com a identidade de gênero. As escolas ainda não estão prontas para incluir formalmente pessoas trans — não sem ‘polêmicas’ com discursos reacionários e intolerantes. O direito à educação se torna escasso numa sociedade transfóbica como a brasileira. Berenice Bento pontua com precisão de que se trata de uma expulsão escolar, e não evasão escolar (isso seria um eufemismo), quando falamos sobre a população trans.

Assim, para garantir o direito das pessoas transvestigêneres à educação, mormente no ensino superior, é necessária a promoção de políticas e práticas educativas inclusivas e respeitadas nesses espaços. Para tanto, há a necessidade de que algumas iniciativas sejam tomadas, como a formação das educadoras para lidar com questões de identidade de gênero, a inclusão de conteúdos que abordem a diversidade de gênero nos currículos escolares e a implementação de medidas antidiscriminatórias práticas.

Além disso, é fundamental criar um ambiente universitário seguro e acolhedor, onde todas as pessoas se sintam respeitadas e valorizadas (Auro Ortega *et al.*, 2022; Bruno Pereira; Thiago Sartori, 2024). À vista disso, completa Leticia Nascimento (2021, p. 180), quando diz que “[...] o alargamento da compreensão de gênero é fundamental para o combate das inúmeras violências vividas por nós todas de modo interseccional”.

Apesar disso, a transfobia ainda é uma prática comum e institucionalizada, como nos alerta a transexual Viviane Vergueiro (2016, s. p.), cuja violência pode se dá de forma velada ou explícita, porque

A institucionalização da transfobia e cissexismo, de maneira implícita e explícita, pode ser compreendida como articulados à constituição dos projetos coloniais, na medida em que eles se orientam por hierarquias raciais, de gênero, sexualidade, etc, que vão definindo quem está na esfera da humanidade, quem pode e quem não pode, quem tem direito a viver e quem não, quem vale o luto e quem não.

Atitudes transfóbicas dentro das universidades podem ser operacionalizadas de diversas formas, desde impasses no convívio entre docentes e discentes, uso do banheiro, até trâmites sistêmicos e operacionais, pois

No que diz respeito às situações de violência e transfobias dentro da universidade, uma das questões recorrentes que acontecem na sala de aula está relacionada à lista de chamada, o uso do nome morto ou o nome de registro dos alunos e o uso incorreto dos pronomes, tanto por parte dos docentes como por discentes, assim fazendo sequência ao que já foi relatado sobre as questões burocráticas e as dificuldades que os participantes encontraram em fazer mudanças nos sistemas (Pedro Caparelli *et al.*, 2024, p. 181).

No entanto, é preciso, como assevera bell hooks (2017), que haja uma educação engajada, aquela promotora da liberdade e do diálogo. Nesse contexto, é importante que sejamos educadoras que transcriam uma educação engajada, pois as aulas já são cheias de vidas, subjetividades e essências que a docente precisa enxergar, mesmo antes de entrar na sala de aula, inclusive, ela mesma e suas implicações (Sandra Corazza, 2012). É preciso, portanto, além de dizer sermos educadoras engajadas, que possamos, primeiramente, atravessar o muro entre o que nos permitimos ou não enxergar, e isso se dá com a sensibilidade, afeto e, sobretudo, na experiência que marca nossa pele (Michel Foucault, 2014; Socorro Borges da Silva, 2020). E, como transcriar uma educação que atravesse os muros da cisheteronormatividade na universidade? Esse é um dos questionamentos que uma professora engajada urge se fazer.

No entanto, docência engajada e acolhimento institucional voltados às juventudes transvestigêneres que estão adentrando a universidade não são práticas comuns, embora saibamos que

As universidades públicas brasileiras não têm mais a mesma cara. Os estudantes que historicamente foram excluídos deste nível de ensino, passaram a compor os cenários das instituições de educação superior no país. Este fenômeno é consequência da implementação e fortalecimento das políticas de expansão, como a política de cotas (lei 12.711/2012), o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), entre outros (Anne Sena; Mariana Oliveira, 2024, p. 154).

Isso implica dizer que as políticas de expansão para a entrada na universidade também oportunizaram que pessoas transvestigêneres ingressassem no ensino superior. No entanto, como assevera Alain Coulon (2017), o problema não diz mais respeito ao ingresso à universidade, mas ao permanecer neste espaço, e isso se intensifica quando se trata das juventudes transvestigêneres, pois a violência transfóbica é uma prática naturalizada, como colado por Bruno Pereira e Thiago Sartori (2024), que tenta solapar a nossa permanência na universidade.

Antes de falarmos um pouco mais sobre as juventudes, é importante mencionar que, no ano de 2015, algo impactou as instituições de ensino, inclusive as universidades públicas.

Em 16 de janeiro de 2015, é assinada e, posteriormente, publicada no Diário Oficial da União, a Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, a qual

Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais – e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização (Brasil, 2015, p. 1).

É salutar o movimento de promover o uso do nome de acordo com nossa identidade de gênero nas instituições, e esse foi um dos ganhos que tivemos mediante nossas lutas, sobretudo, das travestis. Porém, o documento traz dois termos que problematizam e expandem essa reflexão, pois a resolução fala em acesso e permanência, mas compreendemos que, somente o direito ao nome, de acordo com nossa identidade de gênero, não é uma garantia para que possamos, de fato, acessarmos e permanecermos no ensino superior.

Tomemos como exemplo a UFPI. Ao mapear as possíveis políticas institucionais que contemplem diretamente a nós, pessoas trans e travestis da instituição, identifiquei apenas a Resolução nº 003/2015, que atende a supracitada, que aprova a utilização de nome social para travestis e transexuais (Universidade Federal do Piauí, 2015). Todavia, formalmente, não existimos, pois o sistema utilizado na instituição, o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), é binário e não informa a identidade de gênero das estudantes.

Observamos, portanto, que de 2015 a 2025, já se passaram dez anos, e não dispomos de outras políticas para que possamos adentrar e, mesmo permanecer, na instituição. Por outro lado, a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa), que foi criada a partir do desmembramento do antigo *Campus* da UFPI Ministro Reis Velloso, na cidade de Parnaíba, em 11 de abril de 2018, é a primeira universidade do estado do Piauí a dispor de cotas para pessoas trans, tanto na graduação como na pós-graduação (Imagem 19).

Imagem 19 - Cotas UFDPa



Fonte:

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2024/10/10/ufdp-ar-prova-cotas-para-pessoas-trans-em-cursos-de-graduacao-e-pos-graduacao-1a-universidade-do-piaui-a-implementar-medida.ghtml>. Acesso em: 06 abr. 2025.

Crucial se faz falar sobre o contexto das políticas institucionais que deveriam abraçar as juventudes, sobretudo, as transvestigêneres do território desta pesquisa. No que se refere a(s) juventude(s), no Brasil, após a criação da Secretaria Nacional de Políticas das Juventudes e do Conselho Nacional de Juventude, no ano de 2005, entende-se que jovens são aquelas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos. Além disso, o entendimento de jovem como aquela que vulnerabiliza a paz social e que, portanto, necessita ser contida, ou como pessoas em desenvolvimento, que demandam de auxílio para se desenvolverem, em uma ótica assistencialista, está intrínseco no pensamento do estado brasileiro (Miriam Abramovay; Mary Castro, 2015).

Apesar disso, a princípio, é importante destacar que não existe apenas uma juventude, mas juventudes, em um conjunto diverso, com variadas dificuldades, facilidades e oportunidades no âmbito social. A juventude configura-se uma produção social interconectada com os diferentes modos de se ver os jovens, quer seja por estereótipos, ou por contextos históricos, raça, gênero, dentre outros marcadores sociais. Ademais, ao utilizar o plural, juventudes, não se sinaliza modelos de jovens apartados, no entanto, evidencia a existência de aspectos comuns aos conjuntos juvenis (Miriam Abramovay; Mary Castro, 2015). Juarez Dayrell (2003, p. 42) endossa essa discussão, ao dizer que,

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Essa pluralidade juvenil institui pensar nos processos de subjetivação e no aprendizado pela diferença, que se configura como uma aprendizagem inventiva, que produz outros modos de viver que não se encontram na reconhecimento, no já instituído, mas naquilo que se cria com a cognição inventiva (Shara Adad, 2022). Ainda nessa direção, Virgínia Kastrup (2008, p. 101) diz que “[...] o domínio cognitivo não é um domínio de representações, mas um domínio experiencial e emergindo das interações e dos acoplamentos do organismo”. Assim, conectar-se sensivelmente com as juventudes, a partir do oferecimento de experiências criativas que lhes causem deslocamentos reflexivos, promove outros modos de aprender e ensinar, que também englobam o conhecer-se e o falar de si. Além disso, tratar do corpo jovem na educação,

É movimentar-se num campo ambíguo de conceituação. A juventude se constitui enquanto categoria social, no que se refere a definição de um intervalo entre a infância e vida adulta apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no final do século XX, sendo uma invenção moderna tecida em um terreno de constantes transformações. Como uma produção social e cultural, mais do que qualquer outra categoria, tem a característica de ser irredutível a uma definição concreta e estável, pois se configura a partir de diversos estilos culturais imprimindo nos cenários que circulam múltiplas juventudes (Shara Adad, 2014b, p. 41).

Destarte, as jovens utilizam-se de múltiplas linguagens para se posicionarem socialmente, ao criarem a partir dos variados problemas que lhes chegam. Sobre isso, Shara Adad (2022, p. 140) diz que: “[...] quando se estuda e pesquisa com as juventudes, os problemas mobilizados são heterogêneos porque os processos de criação são infinitos, provenientes das inúmeras relações que estabelecem e das singularidades que os constituem”.

Enquanto pesquisadoras imersas nos princípios éticos, políticos e estéticos, para compreendermos a diversidade das juventudes, é necessário, primeiramente, que nos permitamos ser afetados por elas. Assim,

A primeira pista diz respeito à própria condição juvenil, com suas existências plurais e singulares, pois nos favorece pensar e elaborar práticas educativas coletivas e referenciadas nas diferenças de classe, gênero e sexualidade, étnico-raciais, de deficiência, dentre outros. Pensar o comum entre nós racha os paradigmas colonial, cartesiano, linear que produziu o sujeito indivíduo separado das condições de existência desde a natureza, tradições, ancestralidades, oralidades dentre outras dimensões. As juventudes mostram o imperativo coletivo, seja no seu ativismo, seja na sua capacidade de se relacionar com identidades diversas, com suas orientações, impactando práticas conservadoras de mundo (Shara Adad, 2022, p. 143).

Quando pensamos nas juventudes transvestigêneres, são aquelas que fogem às regras impostas sobre seus corpos e alargam o olhar sobre as identidades e corporalidades das juventudes. Assim,

[...] apesar da representação social sobre os corpos jovens trans se figurar como corpos abjetos, também são corpos que resistem. Sua circulação na vida social contém em si um significado político e demonstra que, ao contrário de corpos que não deveriam existir – o que conferiria um estatuto de não sujeito – essas juventudes também se impõem como sujeitos e produzem novos signos, linguagens e interpretações no terreno dos gêneros, redesenhando a gramática corporal e identitária do ser jovem [...] (Silvana Marinho, 2017, p. 126).

Pelo fato de que nossos corpos respondem à sociedade com atitudes ditas desertoras, por infringir as normas, seguimos na contramão, pois, de acordo com David Le Breton (2007, p. 8), “[...] emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural”. Isso pode nos levar a viver à margem da sociedade, mas seguimos resistindo e reinventando modos de ser para além do binarismo. Diante disso, afirma Letícia Nascimento (2021, p. 124):

Por meio de diversos modos, todos os corpos trans* rompem com as normas cisgêneras, reinventando modos de ser para além das feminilidades e masculinidades, como, por exemplo, a emergência da não binaridade. Os corpos são referências que podem funcionar como âncora para nossas identidades, um ponto firme ao qual nos vinculamos e nos conectamos, um ponto de apoio. Por isso, compreender suas multiplicidades se faz tão importante, sob risco de continuar reiterando um jogo hierárquico que produz opressões diversas, processos de adoecimentos e mortes.

Ainda existe resistência quanto à liberdade das corporalidades das pessoas ditas dissidentes. No entanto, entendemos que, se houvesse um legítimo acolhimento da expressividade alheia, decerto, o número de mortes de pessoas transvestigêneres seria reduzido, pois estaríamos vivendo o despertar ético para o amor. Segundo bell hooks (2021, p. 111), “[...] despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação”. Conforme a autora, o amor só seria vivido em integralidade apenas quando nos despojarmos do ímpeto de poder e controle, que se materializa com a vontade de dominação.

Essa reflexão dialoga diretamente com o conceito de dispositivo para o filósofo Michel Foucault (1987). Para ele, um dispositivo é constituído de uma rede de elementos heterogêneos, dentre os quais, podemos citar, as normas sociais, as leis, os discursos, as instituições, que operam visando moldar e controlar comportamentos. Um dispositivo é

dinâmico e se articula num dado contexto social e histórico, além disso, é estruturado sob a égide de questões sociais específicas, de interesse do poder (Priscila Silva, 2014).

Entendemos, assim, que o dispositivo é um instrumento indispensável na produção de poder, que se processa de forma capilar e sutil, envolvendo tanto práticas de dominação quanto de resistência. Essas práticas, de acordo com Priscila Silva (2014, p. 151), “[...] estão presentes em todo o campo imantado pelas forças em conflito [...]”. Ademais, Foucault (1987; 2014) destaca que o poder não é centralizado, porém, exercido em diversas práticas sociais e discursos.

Nesse contexto, o corpo exerce um papel importante, uma vez que é agente de controle e normatização. Para Foucault (1987), o corpo é central na operacionalização da biopolítica, que diz respeito ao controle da vida e da população, que se dá através do disciplinamento e docilização de corpos individuais e coletivos, que devem seguir padrões de comportamentos, gêneros e identidades (Michel Foucault, 1987).

Como o corpo transvestigênera foge da cisheteronormatividade, torna-se alvo de dispositivos que anseiam regulá-los e normatizá-los, sendo que esses dispositivos atuam na ordem do discurso, a exemplo da patologização das experiências transvestigêneras, estigmatização e violências de natureza simbólica e física que ocorrem na universidade. Isso advém da fala de quem é autorizada, como o psicanalista, o pastor ou o professor. Frente a isso, Pierre Bourdieu (1996, p. 87) pondera que,

O poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia da delegação que ele está investido.

O repúdio ao diferente é uma chaga da humanidade. Tudo aquilo que se desvia do que é considerado normativo é visto como ameaça, um perigo à integridade social. Ao ler *A diaba e sua filha*, de Marie NDiaye (2011), cuja história narra a vida de uma mulher conhecida como diaba pela comunidade onde vive. Ela é vista como diferente e ameaçadora, sendo isolada socialmente, e sua filha cresce sob o peso desse estigma.

A história me impulsionou a pensar sobre os corpos dissidentes de pessoas transvestigêneras, os quais se afastam da suposta normalidade e, por isso, são frequentemente, vistas como monstrosidades. Esse estranhamento ocorre justamente porque evoca o perigo e rompe com o que o olhar ocidental está acostumado a ver, levando à construção de uma narrativa que demoniza nossa existência. Lembro-me das palavras da professora travesti e doutora Megg Oliveira (2017, p. 19):

Assim, entre as múltiplas formas personificadas pelo Diabo, a do anjo, a do homem, a da mulher, a da serpente e a de um ser horripilante com chifres, patas de cabra e rabo pontiagudo, foram e continuam sendo atribuídas a mim em diferentes situações cotidianas.

Voltando ao livro de NDiaye (2011), ele nos ensina que, quando aquecemos o coração, a diferença deixa de ser motivo para repulsa ou aversão. Aprendemos, assim, que o amor genuíno e o acolhimento mútuo são fundamentais para uma convivência respeitosa, especialmente na universidade, um espaço que privilegia o intelecto, mas negligencia frequentemente os afetos. Apesar disso, acredito na potência da educação frente à incompletude humana, que se manifesta na ignorância e no não acolhimento das diferenças, sobretudo, das nossas presenças na universidade. Paulo Freire (2000, p. 52) nos lembra que:

A matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento de seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação.

Vimos que a Constituição Federal brasileira é objetiva, ao destacar que a educação é um direito de todas as pessoas, no entanto, isso não condiz com a realidade educacional de nós, trans. O que fazer diante desse cenário? Paulo Freire (2000), em *Pedagogia da Indignação*, lembra-nos que a indignação é ponto de partida para ações pedagógicas comprometidas com a equidade. Estendo essa reflexão para o ensino superior, espaço que deveria ser de troca e acolhimento das diversidades, esse, por outro lado, também é um dos *locus* reforçador das violências e segregações dirigidas a nós.

Não é suficiente apenas o reconhecimento das dificuldades enfrentadas por nós no ensino superior, tendo em vista que esses desafios não são oriundos do acaso, mas decorrem das estruturas excludentes da sociedade, que, historicamente, marginaliza nossos corpos. Para além disso, é preciso nos inquietarmos e incomodarmos com essa política de silenciamento que perscruta a universidade quando diz respeito à pauta transvestigênera. Assim, minha indignação parte da condição de estudante transtravesti de uma instituição pública. Estudante que identifica a necessidade de transformação da nossa exclusão em engajamento político e pedagógico coletivo, o que ressoa com os dizeres de Paulo Freire (2000, p. 36), a saber:

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação.

O combate dessa exclusão deve partir do princípio de uma educação genuinamente libertadora e politicamente engajada. Isso implica dizer que as universidades devem se mobilizar para, de fato, promoverem um ambiente seguro para que nos sintamos parte dele. A implementação de políticas afirmativas, do respeito de nossos nomes sociais, formação e sensibilização de docentes e técnico-administrativos que integram as universidades, e a criação de espaços de acolhimento são passos fundamentais nesse processo. Sobre isso, Paulo Freire (2000, p. 44) destaca que “[...] não é possível estar no mundo, enquanto ser humano, sem estar com ele e estar com o mundo e com os outros é fazer política”.

Analogamente, destaco a Lei nº 15.069, de 23 de dezembro de 2024, a qual institui a Política Nacional de Cuidados, onde no seu Artigo 5º, inciso I, define o cuidado como sendo o

Trabalho cotidiano de produção de bens e serviços necessários à sustentação e à reprodução diária da vida humana, da força de trabalho, da sociedade e da economia e à garantia do bem-estar de todas as pessoas (Brasil, 2024).

Essa lei ratifica o cuidado como um direito universal, compartilhando sua responsabilidade com o Estado, sociedade e setor privado, trazendo princípios de equidade, respeito à diversidade e não discriminação. Tal ideia se aproxima com a levantada por Lucivando Martins (2016, p. 168), de que “[...] é preciso disseminar a diferença, permitir que as existências em suas mais variadas formas circulem, façam-se existir”. Isso abre caminhos para que o ensino superior promova medidas concretas de acolhimento a nós, o que pode mitigar evasão e permanência com dignidade, embora possamos constatar ausência de menção específica às pessoas transvestigêneres na referida lei.

Entretanto, não basta mudar as grandes estruturas sem antes haver transformação nos processos de subjetivação. Pelo fato de que o ensino superior ainda é atravessado pela cisheteronormatividade, cujo reflexo pode ser percebido tanto no conteúdo curricular como na forma de produção e legitimação do saber, a nossa luta não é apenas pelo direito de estudar, mas também de problematizar as normas definidoras de quem pode produzir conhecimento e de que maneira isso deve acontecer.

A partir de Yves Bertrand (2001), entendo que as teorias espiritualistas afirmam que a verdadeira educação transcende a mera instrução e o intelecto, visando o desenvolvimento integral do ser humano em sua dimensão espiritual e moral. Nesse sentido, o conhecimento de si e a busca pela virtude são considerados os caminhos primordiais para a plena realização individual. A universidade, portanto, não é vista apenas como um espaço de transmissão de

saberes, mas como um ambiente essencial para a formação do caráter e a internalização de valores éticos universais, onde a autonomia moral é alcançada por meio do cultivo da vontade e da razão, em alinhamento com princípios superiores.

A intenção de trazer as teorias espiritualistas para somar a essa discussão, diz respeito à sua possível contribuição em nos ajudar a enxergar a existência humana para além dos limites da nossa existência materiocorpórea, isto é, pode facilitar pensarmos acerca da inteireza da pessoa humana, a qual, segundo Dário Nascimento, Elizangela Nascimento e Kelma Matos (2011) nos faz refletir que somos constituídos pela racionalidade, mas também pela emocionalidade e espiritualidade, cujo corpo é veículo de intercâmbio entre nossa essência individual e as demais existências possíveis.

Nesse sentido, a teoria pode ajudar a problematizar como as categorias socialmente construídas, sobretudo as que dizem respeito à binaridade de gênero, limitam a existência humana numa possibilidade masculina e feminina universalizante. Então, se faz pertinente falar sobre essa pauta, pois, ao não tomarmos consciência de que tais condicionantes sociais limitam e encapsulam as existências humanas, estamos negando a nossa própria inteireza no outro, estamos, portanto, negando uma parte de nós mesmas.

No mestrado, durante os estudos da disciplina de Teorias Educacionais, tive a rica surpresa de me deparar com um texto de Yves Bertrand (2001), que trata sobre a teoria espiritualista, e, no referido escrito, o autor, ao falar sobre a educação espiritualista, diz que

A educação espiritualista, também qualificada de metafísica ou de mística, propõe uma cultura e uma abordagem da educação centrada numa visão espiritual das relações entre o ser humano e o Universo. Com efeito, o Universo é fundamentalmente uno, divino e sagrado. Somos parte desta totalidade e há valores espirituais que transcendem os estatutos particulares dos indivíduos. A educação espiritualista estabelece uma distinção entre os níveis de consciência. A pessoa possui uma consciência cósmica que lhe dá acesso a uma realidade espiritual invisível. Atribui-se a esta consciência a capacidade de ter uma experiência mística (Yves Bertrand, 2001, p. 25).

O autor apresenta-nos outra possibilidade de educação, pois, comumente, contamos com um modelo fragmentado de formação escolar e que, também, se estende à universidade, que nos aparta de uma vivência integral de formação que inclua a dimensão da espiritualidade (Dário Nascimento; Elizangela Nascimento; Kelma Matos, 2011). Nesse modelo tradicional de escola e universidade, somos ensinados a competir entre si e a praticar a não escuta de si e do outro, somos incentivados, como defende Rubem Alves (1999), a praticar e a fazer cursos de oratórias que nos levam a fazer exímias preleções, mas não nos conduzem a cursos de

escutatórias, os quais nos ajudem a, de fato, aprender a nos ouvir ouvindo as outras pessoas (Rubem Alves, 1999).

É importante destacar que, quando falamos de espiritualidade, geralmente, existe associação diretamente à religião. Entretanto, diz respeito às qualidades próprias das pessoas, pois, conforme Paulo Barros (2011, p. 223): “Trata-se das qualidades positivas, as virtudes inerentes ao humano, e que são socialmente compartilhadas e desenvolvidas através do que pensamos, sentimos, falamos, fazemos e por meio dos nossos relacionamentos”.

Depreendemos que, para se compartilhar e viver a espiritualidade individual e coletivamente, isso não se faz, exclusividade, por via da religião, mas a própria escola e a universidade podem e devem apresentá-la e vivenciá-la com os educandos, mas, claro, sem restringi-la a um aspecto religioso, o que pode ocorrer e é perigoso, pois, se assim for feito, pode desvirtuar o aspecto da inteireza que uma educação espiritualista pode proporcionar ao estudante e, também, às pessoas que os tutelam no espaço escolar e universitário, pois, ambos, estudantes e docentes, se afetam mutuamente ao compartilharem suas experiências e ao mediarem essas vivências.

Diante dessa reflexão, recordamo-nos de Paulo Freire (1996), quando ele fala do imperativo que se faz ao educador de saber escutar. Diante disso, pergunto-me: nós, educadoras e educadores, sabemos escutar? Na universidade ou faculdade, temos alguma disciplina no currículo que ensine a escutar nossas(os) estudantes? Freire (1996) diz que escutar é uma disponibilidade de abertura à fala, ao gesto e às diferenças da outra pessoa. E, como escutar os gestos e as diferenças do outro? Recordo de Fátima Dowbor (2008) que, ao se aproximar do pensamento de seu pai, ensina-nos que aprendeu a escutar ainda na infância, ao praticar o ver com os ouvidos e o escutar com os olhos. Eis aqui uma ótima pista!

Ao nos permitir transcender as limitações que a sociedade impõe, damos passagem para o acolhimento que demanda escuta sensível, a qual, segundo Poliana Guedes, Júlia Duarte e Maria Dolores Vieira (2022, p. 69), “[...] é capaz de costurar afetos de amor, de esperança, de gratidão, e tantos outros, é capaz de descosturar afetos negativos de tristezas, do medo, que tanto nos acometem e que não podemos ignorar, pois são eles que muitas vezes nos tornam mais fortes”.

Portanto, é justamente a partir dessa perspectiva de um olhar pela inteireza e afetividade que se torna imperativo o acolhimento e a escuta sensível das pessoas transvestigêneres, sobretudo, na universidade. Esse direito ao cuidado e à plena existência é, inclusive, reforçado legalmente pela Lei n.º 15.069, de 23 de dezembro de 2024, ao afirmar que todas as pessoas têm direito a serem cuidadas, a cuidar e ao autocuidado, convergindo

com a visão espiritualista. Essa lei, pois, materializa a necessidade de um ambiente universitário que não apenas respeite a individualidade das pessoas trans, mas que promova o nosso bem-estar integral, para que tenhamos condições de entrar e permanecer nesse espaço educativo.

TRANSGRAFIA 3

METODOLOGIAS ESPIRAIS

Imagem 20 - Caracol



Fonte: <http://tumblr.com/filha-de-aguadoce/148835881527/oxal%C3%A1-e-o-igbin-ao-discorrermos-sobre-o> (2026).

Gira Mundo (Iroko) - Majur

Tempo... Acima de tudo e de todos. Inconstante no seu próprio lugar e, todavia, é transparente aos nossos olhos. Há tempo para todas as coisas! Há tempo para tudo se iniciar e terminar. O tempo do plantio, o tempo da colheita. Tempo... Nada é exatamente da maneira que você quer. Tempo é o melhor que consegue ser! Portanto, respire, inspire. Respire de novo e aguarde mais uma vez. Viva o tempo das coisas!

As primeiras palavras que ora escrevo, cara leitora, dizem respeito aos pensamentos que me povoam em relação ao tempo. Mas, por que o tempo? Porque na escola ocidental, comumente, aprendemos e ensinamos que ele é linear, isto é, segue uma linha cronológica perpassada por eventos e acontecimentos, os quais se inscrevem numa lógica estrutural composta de início, meio e fim, demarcando um período específico na História. Portanto, apresentando uma validade no que tange ao ciclo antes mencionado, mas que, no entanto, sua vivência cria memórias que são arquivadas num tempo dito passado, onde elas podem ser acessadas no presente, caso façamos uma movimentação para resgatá-las e recontextualizá-las para o momento presente.

A epígrafe que abre esta seção é parte da música *Gira Mundo*, de Majur, pessoa preta e trans, que, ao trazer na letra da sua música a força da ancestralidade, ensina-nos sobre o tempo das coisas ao fazer referência a Iroko, orixá tempo. Essa música foi uma pista para me mostrar que minha pesquisa não foi se dando de modo cronológico, mas espiralar. Entendi que precisamos respirar e ter calma, pois, como Majur nos lembra, as coisas, geralmente, não acontecem do modo como planejamos. Então, é preciso ter calma e viver o tempo necessário para que certas coisas aconteçam, inclusive quando se é trans-pesquisadora.

Nesta seção, começo apresentando o meu escrever no rebuliço por uma não neutralidade científica, sobretudo, a partir de uma escrita localizada que parta de nós, mulheres trans e travestis. A seguir, falo da minha trajetória como pesquisadora na educação e meu encontro com a Sociopoética, metodologia que lanço mão. Depois disso, apresento o território de pesquisa, assim como algumas andanças que fui realizando no interior dele para encabeçar essa investigação. Como pensei e fui dando forma à técnica artística, a pele

transspiralar do acolher, que apresentei ao grupo-pesquisador e, por fim, como o grupo-pesquisador foi sendo constituído.

3.1 Corpo trans que escreve no rebuliço: desafios à neutralidade científica no repensar do lugar de quem pesquisa

Início esta seção lançando a você, pessoa leitora, a seguinte questão: Quem são as verdadeiras pessoas pesquisadoras? Essa é uma indagação que me chega ao revisitar o texto *Uma outra ciência é possível*, de Isabelle Stengers. Comumente, fala-se que a pesquisa deve ser criteriosa, objetiva e os resultados acadêmicos, isto é, os textos publicados e divulgados entre pares, devem ser redigidos de forma a não apresentar as implicações de quem pesquisa, sendo que as pesquisas que escapam de tais exigências não são, comumente, validadas. Sobre isso, Isabelle Stengers (2023, p. 51) fala que “[...] apenas as ciências que provam, isto é, que podem se valer de fatos que lhe conferem autoridade, são dignas de escapar da desqualificação, e é a essas ciências que os jovens têm virado as costas”.

Essa reflexão de Stengers acerca da relação entre autoridade científica e a desqualificação de outros saberes suscita pensar sobre a emergência de novas epistemologias, mormente aquelas advindas e articuladas por mulheres, incluindo mulheres trans e travestis. Assim, ao problematizar a ideia de apenas aquelas ciências que conseguem provar e se fundamentar em fatos validados por estruturas hegemônicas de poder é que são reconhecidas, Stengers nos instiga a contestar as prerrogativas que, historicamente, ponderam o que é ou não considerado conhecimento válido e quem pode produzi-lo. Sobre isso, Lourdes Bandeira (2008, p. 213) nos ajuda a pensar quando pondera que,

Portanto, o argumento central da exclusão feminina da ciência estaria posto na tríade: a) pela dominação masculina que naturalizava a inferioridade das mulheres; b) pela consequente divisão sexual do trabalho; e c) pela condição monolítica, atemporal e excludente da ciência.

Disso, entendo que, primeiro, a dominação masculina foi e ainda reluta ser sustentada por discursos e práticas culturais que naturalizam a inferioridade das mulheres, relegando-as a exercerem posições secundárias e de menor expressividade na sociedade. É importante destacar que esse movimento não é apenas ideológico, mas está fortemente relacionado às estruturas de poder que determinam quem deve ter acesso ao saber e quem é autorizado a elaborá-lo. Pensando sobre quem tem o poder de fala, lembro de Pierre Bourdieu (1996), que discute sobre quem dispõe de linguagem autorizada. Sobre isso, ele diz que

Conforme se pode constatar, todos os esforços para encontrar na lógica propriamente lingüística das diferentes formas de argumentação, de retórica e de estilística, o princípio de sua eficácia simbólica, estão condenados ao fracasso quando não logram estabelecer a relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo (Pierre Bourdieu, 1996, p. 89).

De acordo com o autor, o vigor simbólico do discurso não se restringe à sua lógica interna, ou mesmo, às suas qualidades linguísticas, entretanto está diretamente ligado à validação social e institucional de quem depende da pessoa que elabora e profere certo discurso. Isso nos ajuda a compreender a naturalização da inferiorização das mulheres, cujos discursos e práticas culturais tentam nos desautorizar enquanto produtoras de conhecimento. Romper com esses movimentos demanda o enfrentamento de todas as instituições que autorizam apenas determinadas vozes, dentre elas, a da academia.

O segundo aspecto que Lourdes Bandeira (2008) levanta é quanto à divisão sexual do trabalho, delegando e naturalizando às mulheres algumas atividades, como os cuidados domésticos e familiares. Tal divisão não só limita a entrada das mulheres em espaços formais de elaboração de conhecimento, assim como desvaloriza os saberes por nós produzidos em outros contextos, no cotidiano e na própria cultura popular, categorizando-os como irrelevantes para a esfera científica. Isso nos lembra da contribuição que Guacira Louro (2000, p. 6) promove ao pensar sobre como nossos corpos são concebidos socialmente, posto que “[...] os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”.

Essa perspectiva apresentada por Guacira acerca dos corpos enquanto construções sociais complementa e expande a concepção da divisão sexual do trabalho, bem como a desconsideração dos saberes articulados por nós, mulheres. A fala de Louro evidencia que os gêneros são moldados a partir de normas sociais, as quais não somente delegam papéis que homens e mulheres devem ocupar, como também as ocupações a cada um atribuídas.

O terceiro ponto apresentado por Bandeira (2008) é a própria ciência, posto que, enquanto instituição e prática, apresenta uma postura monolítica, atemporal e excludente. Além disso, apresenta-se enquanto neutra e universal, que opera seguindo critérios que reproduzem heranças de raça, gênero e classe. Outrossim, Stengers nos provoca a pensar o seguinte: a custo de quem pode se constituir a carreira de uma pessoa pesquisadora? Essa é uma pergunta intrigante que a autora nos faz pensar quando diz:

O que define a vocação científica, o que faz a fibra de verdadeiro(a) pesquisador(a)? Que se trata de uma construção generificada é evidente, no sentido de que ela produz discriminação sobre a maioria das mulheres. Poderíamos dizer que se trata de uma carreira concebida para homens ou mesmo para homens que se beneficiam do apoio daquelas que mantêm a casa, cuidam dos filhos, poupam-lhes das preocupações práticas, permitem-lhes passar noites em claro no laboratório e se ausentar devido aos vários estágios e deslocamentos ao exterior que fazem parte da carreira de um pesquisador (Isabelle Stengers, 2023, p. 53).

Diante disso, infiro que tal condição busca anular as mulheres, além de outros grupos marginalizados, ratificando a ideia de que se fazer ciência é para um grupo seletivo, legitimado e composto por uma lógica masculina e eurocêntrica. Essa conjuntura tem a ver com as normas sociais, que delineiam um perfil adequado a ser referência social, inclusive na ciência. Nesse sentido, Guacira Louro (2000, p. 9) destaca:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os ‘outros’ sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como ‘o segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

Portanto, a autora sinaliza um modelo que se cristaliza no interior da pesquisa, que vem sendo problematizado, sobretudo, pelo feminismo. Nesse sentido, Lourdes Bandeira (2008, p. 213) diz que “[...] para a crítica feminista, qualquer forma de ciência que seja considerada ou proposta como universal deve ser duramente criticada, uma vez que todas as categorias pretensamente universais acabam por fixar parâmetros permanentes, inclusive de poder”. Com isso, a crítica feminista nos convoca a repensar a ciência enquanto um território que deve ser marcado pela construção de saberes conectados à diversidade das experiências humanas.

À vista disso, as mobilizações de mulheres trans e travestis para passarem do lugar de pesquisadas para pesquisadoras é um ato político e epistemológico de resistência e reexistência. Pelo fato de que, por muito tempo, fomos reduzidas a objetos de estudo, cujas vivências foram entendidas como narrativas que nos patologizavam, exotizavam e nos tornavam minimizadas na seara científica, isso não somente desvalorizou nossas experiências como fontes de conhecimento, como também ratificou posições de poder que continuaram a operar em nosso apagamento no espaço acadêmico e na ciência. Eis que emerge a Pedagogia das Travestilidades, termo cunhado pela afrotransfeminista Maria Clara Araújo dos Passos (2023, p. 107), definindo-a como “[...] um conjunto de outras possibilidades pedagógicas

orientadas pelo ponto de vista das travestis e transexuais enquanto educadoras-educandas, dentro das escolas e universidades ou fora delas, atuando na sociedade”.

Depreendemos, portanto, que construir outras possibilidades pedagógicas, mediante o ponto de vista de travestis e transexuais como educadoras-educandas e pesquisadoras, apresenta uma mudança significativa em como entendemos a educação e a pesquisa, pois passamos a ser protagonistas na criação de saberes e na articulação de práticas pedagógicas. Diante disso, ampliamos as perspectivas educacionais e de pesquisa, rompendo com a objetividade científica, ao trazer nossas trajetórias de vida, experiências e saberes localizados, como propõe Donna Haraway (1995, p. 18): “Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados”.

O posicionamento da autora sugere uma objetividade que valide corpos, vivências e contextos de onde surgem os saberes, em especial, no campo dos feminismos críticos. Além disso, é importante destacar que, ao se afirmar que a objetividade feminista alude saberes localizados, é enfatizada a pertinência de se entender o conhecimento como localizado, isto é, tecido a partir de lugares específicos, marcados pelas perspectivas de gênero, raça, classe, dentre outras interseccionalidades. Nesse contexto, é salutar que desconfiemos e nos incomodemos com o discurso de uma ciência neutra e objetiva, pois, como nos relembra a professora Letícia Nascimento (2023, p. 35):

Assumir que falo de meus atravessamentos produz constantes ataques ao modo pelo qual pesquiso, me acusam de ser passional, não científica, de não ter rigor mas, todos esses ataques apenas me mostram o quanto o trabalho de uma travesti negra incomoda a elite acadêmica que, insistentemente, se diz neutra, quando na verdade produz conhecimentos sobre o próprio umbigo, negando outros modos de ver-de-ouvir-sentir o mundo.

Ao ocuparmos o lugar de pesquisadoras, reconfiguramos os limites da ciência e do conhecimento, pois trazemos epistemologias encarnadas em nossos corpos que experienciam opressões e resistências. Portanto, entendo que nossas vivências pessoais não se qualificam enquanto desvio da objetividade científica, porém, como uma fonte profícua de poder na elaboração de saberes plurais e emancipatórios.

Apesar disso, ainda lidamos com tentativas de apagamento ancoradas em estruturas de poder que perscrutam a sociedade e, sobretudo, a academia. Acerca disso, podemos falar em colonialidade do gênero, que nega a diversidade das experiências humanas, além de reforçar uma estrutura acadêmica que privilegia corpos e vozes consonantes com a norma cisgênera e

heteronormativa. Sobre isso, María Lugones (2014, p. 939) destaca que, “[...] diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial”.

É importante destacar que a colonialidade do saber nas universidades brasileiras é indissociável da colonialidade de gênero, uma vez que ambas se sustentam no racismo e sexismo epistêmicos que fundamentam as instituições ocidentalizadas. Essa estrutura hierárquica, consolidada historicamente por processos como o extermínio de mulheres detentoras de conhecimentos ancestrais e a imposição de uma sexualidade masculina, opressora e desumanizadora, estabeleceu um apartheid epistêmico que privilegia a visão de mundo do homem branco ocidental em detrimento de outras existências (Grosfoguel, 2016).

No contexto brasileiro, essa colonialidade manifesta-se em instituições que funcionam como locais de privilégio, como a universidade, onde corpos e saberes que fogem à norma são frequentemente submetidos a uma política do esquecimento ou vistos como desprovidos de objetividade, fazendo com que pessoas historicamente marginalizadas se sintam fora do lugar (Figueiredo; Grosfoguel, 2009; Grosfoguel, 2016).

Superar esse contexto demanda atitudes concretas, objetivando o combate de preconceitos, e que sejam garantidas condições reais de acesso e permanência para pesquisadoras trans e travestis na academia. Assim, a visibilidade não diz somente da presença física, mas também do reconhecimento e valorização enquanto produtoras de conhecimento. Quanto a isso, Mello e Magalhães (2021, p. 10) ponderam:

Para que de fato a visibilidade de pesquisadores travestis e transexuais aconteça no meio acadêmico é necessário que este espaço combata os preconceitos, insira e apresente condições de permanência para essas pessoas, para que assim as pesquisadoras se relacionem suas vivências, seus trabalhos e suas pesquisas e, assim, sejam devidamente reconhecidas enquanto produtoras de conhecimento.

Retomando a pergunta inicial dessas inquietações sobre quem são as pessoas que são verdadeiramente pesquisadoras, relembro de um trecho do livro *Quem educa marca o corpo do outro*, de Fátima Dowbor, quando ela fala da sua experiência enquanto formadora de professores. Em suas palavras:

Percebo hoje como a curiosidade faz parte da minha atuação pedagógica como educadora quando estou formando professores. Curiosidade para saber como pensam, como se sentem, do que gostam, do que têm medo, o que conseguem fazer sozinhos e em que ainda necessitam de ajuda. Curiosidade que, quando não existe no corpo daquele que educa, faz com que o corpo do outro, pouco a pouco, murche e

fique sem vida. E corpo sem vida é corpo triste, é corpo que está fechado para o desejo e o sonho (Fátima Dowbor, 2008, p. 28).

O pensamento da autora é um convite à reflexão acerca da potência da curiosidade dentro da prática pedagógica, que chama de *curiosear*, e como essa curiosidade pode impactar as relações educativas, promovendo mudanças. Tal perspectiva pode ser trazida para o que estamos pensando, pois essa curiosidade se revela ainda mais essencial ao refletirmos sobre as vivências de transexuais e travestis na academia. Buscar reconhecer a curiosidade enquanto atitude pedagógica demanda um compromisso ético de enxergar o outro não como objeto de ensino ou pesquisa, mas como uma pessoa que tem histórias, medos, desejos e sonhos.

No entanto, quando existem impactos negativos pelo fato de a curiosidade não se fazer presente na prática pedagógica ou na pesquisa, isso leva à invisibilização de corpos e vozes, como, comumente, acontece conosco, com pessoas transexuais e travestis. Diante disso, corpos ignorados são corpos que murcham e se fecham para o sonho e o desejo, levando a educação a um espaço de opressão, ao passo que, para nós, essa curiosidade pode representar o nosso acolhimento e validação de nossas existências e saberes.

Ao recapitular as principais ideias apresentadas até aqui, vejo que é urgente repensarmos a ciência e a educação pelo viés de uma perspectiva inclusiva, objetivando desafiar as estruturas que desqualificam saberes oriundos de grupos marginalizados, como o das mulheres, incluindo as transexuais e travestis. A ciência, considerada neutra, na verdade, reflete normas que legitimam certos corpos e vozes, promovendo exclusões. Entretanto, ao ocuparmos o lugar de pesquisadoras, nós, mulheres transexuais e travestis, rompemos com essa lógica, ao trazermos saberes localizados em nossos corpos e vivências. Portanto, é importante que pesquisas e práticas pedagógicas validem e reconheçam nossas contribuições.

3.2 Corpos que sentem, pensam e resistem

Ao pensar no corpo transvestigênera enquanto pesquisador, rememoro minha própria trajetória como pesquisadora na educação. Falar desse corpo é também dizer como me sinto. Escrevo este texto em um final de tarde de domingo. Sinto-me mais alegre. Faz um tempo tão gostoso, pois, finalmente, estamos na época em que as chuvas nos abraçam, bem como as plantas e os animais, depois de um período longo de calidez no Piauí. Os rouxinóis também se alegram comigo, como cantam!

Olho pela janela e desligo-me por um instante do computador, fecho meus olhos e, devagarinho, sinto-percebo meu corpo. Nesse instante, rodopios na minha mente levam-me a

meditar sobre um tempo ondulante ao meu redor e que me faz confluenciar com outras pessoas, numa relação que Nêgo Bispo chama de biointeração, em que deixo de mim e levo dos outros. Nesse sentido, recordo de um excerto do livro *Sociopoética e contracolonialidade: relatos de pesquisas e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos de tradição ocidental*. Este livro é o mais recente de Jacques Gauthier (2024, p. 78), e o excerto recordado é: “Nossos corpos são criações contínuas, pela confluência de afetos que nos atravessam”.

Conheci a Sociopoética em um momento da minha vida no qual ainda existiam tantas perguntas e lacunas sobre e dentro de mim, ainda no ano de 2019. Interessante perceber como essa metodologia de pesquisa foi, pouco a pouco, dando-me pistas para compreender minha singularidade na diferença, sendo que esses vestígios foram deixados nos encontros, com pessoas que me acolhiam ou não. Diante disso, meu corpo se coloca em constante devir, confluenciando com os afetos que a mim chegam e, com mais força, durante o mestrado.

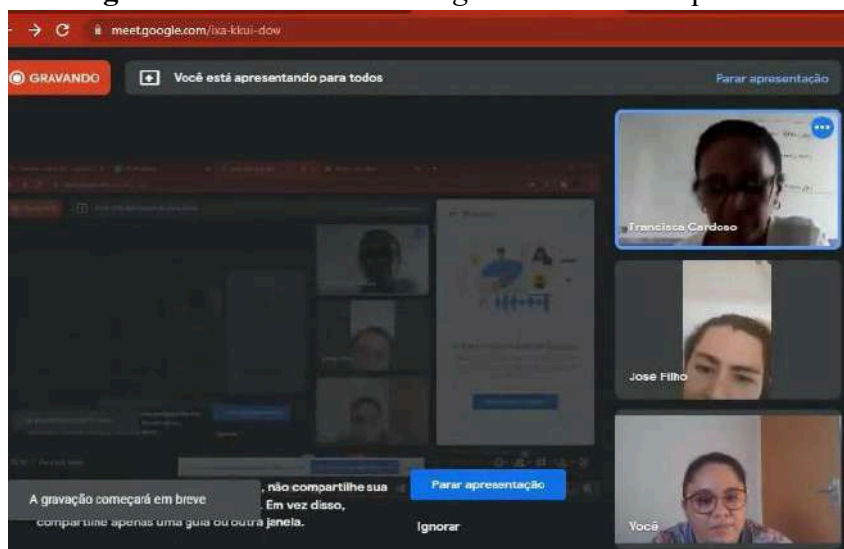
Esta pesquisa encontra-se inserida no projeto intitulado: *Juventudes, Corpo e Educação no OBIJUVE/NEPEGEI: inventário das pesquisas sociopoéticas produzidas com/entre jovens desde 2010. A contribuição da abordagem sociopoética para a produção do pensamento juvenil coletivo, crítico e inventivo na Educação*. Esse é um projeto concebido por minha orientadora e que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2021, sendo que dele resultaram trabalhos de Iniciação Científica, Trabalhos de Conclusão de Curso e pesquisas de Mestrado e Doutorado. Ainda em 2021, eu, Marlia, Naira e Elaine ainda nos encontrávamos concluindo nossa graduação em Pedagogia na UFPI. Como uma das selecionadas para a Iniciação Científica, tive a incumbência de me deter sobre o seguinte plano de trabalho: *Juventudes e Educação: Inventário dos problemas e confetos (conceitos mobilizados pelos afetos) sobre os temas que foram produzidos nas pesquisas sociopoéticas realizadas desde 2010, no OBIJUVE/NEPEGEI, com/entre jovens no Ensino Médio das Escolas Públicas*.

Essa foi uma das experiências mais singulares e desafiadoras nas minhas andanças acadêmicas. Primeiro, por ser um desejo particular de me envolver com a pesquisa ainda estando na graduação, o que me daria condições de, posteriormente, ter base para realizar esta pesquisa de mestrado. Entretanto, a minha experiência na Iniciação Científica se deu de um modo peculiar, posto que estávamos vivenciando a pandemia da Covid-19.

Essa, por sua vez, nos impôs a reclusão em nossos lares, obrigando-nos ao distanciamento físico, o que, para nós, sociopoetas, foi muito doloroso, pois uma das nossas mais potentes ferramentas, momentaneamente, foi-nos cerceada: o calor e a potência que só o grupo físico detém. Apesar disso, a sociopoética já nos adverte e ensina acerca das

imprevisibilidades que podem surgir durante uma pesquisa. Nesse sentido, estávamos defronte a um desses desafios e precisávamos seguir. Assim, uma linha de fuga que todos aderiram, até os não sociopoetas, foram os encontros *online*, via *GoogleMeet* (Imagem 21). Logo, todos os nossos encontros e orientações se deram remotamente.

Imagem 21 - Encontro via *GoogleMeet* durante a pandemia



Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

A pesquisa de Iniciação Científica foi importante para perceber como os jovens e, principalmente, o grupo-pesquisador são exímios pensadores. Diante disso, os jovens do ensino médio me mostraram pistas para pensar sexualidade na relação com a educação e de como a família e a escola dificultam a vivência plena da sexualidade, mas que brechas são encontradas, em especial, advindas das redes de apoio, sobretudo, das amigas que lhes ofertam acolhimento, o que alude às minhas próprias vivências no trânsito entre a escola e a família. Algo que muito me atravessou, e que diz do terceiro princípio sociopoético, é a utilização da arte como potência para que os grupo-pesquisadores sintam e pensem suas vivências e criem confetos. Diante disso, e da proposição da minha orientadora, que sugeriu que buscasse uma ligação entre meus dois cursos, Moda e Pedagogia, no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentei, como proposta de pesquisa, o estudo da técnica ártica do Parangolé em pesquisas sociopoéticas defendidas junto ao PPGEd/UFPI (Silva; Adad, 2026; Silva Filho, 2023).

A escrita do meu TCC (Imagem 22) se deu num momento pós-pandemia, no qual já havíamos retornado ao convívio físico. Além disso, estava inserida em um contexto de muita importância na minha vida, pois foi quando passei a me perceber enquanto Josy. Nessa época,

estava concluindo meu estágio na prefeitura de Teresina e tendo acompanhamento psicológico, o que me ajudou nesse processo de autoacolhimento.

Imagem 22 - Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

No segundo semestre de 2024, ao transitar pelo CCE, agora como mestranda, passei a perceber meu corpo ondular e esparramar-se pelo espaço. Passei a sentir meu corpo na pesquisa, como um caracol que transita pelo território em movimentos ondulantes, tateando o ambiente em busca de vestígios e que, ao se mover, deixa rastros cintilantes pelo caminho. Além disso, passei a observar minha concha, que é parte intrínseca do meu corpo, que acompanha o meu crescimento na pesquisa e, também, é refúgio e, portanto, local de inscrição do tempo que me constitui. Percebi, ainda, que tenho pinçado da minha pele-concha os registros feitos ao longo desse caminhar, na pesquisa comigo mesma e na experiência do encontro com as outras pessoas.

Assim, meu corpo transgressor que transita pela universidade é aquele que leva consigo histórias, marcas e significados para além do individual, pois carrego comigo um arsenal de estigmas que não pesam somente sobre meu corpo. Lembro de um trecho do livro *Performance do tempo espiralar*, de Leda Martins, no qual a autora diz:

O corpo, assim instituído e constituído, faz-se como um corpo-tela, um corpo-imagem, acervo de um complexo de alusões e repertório de estímulos e de argumentos, traduzindo certa geopolítica do corpo: o corpo pólis, o corpo das

temporalidades e espacialidades, o corpo gentrificado, o corpo testemunha e de registros (Leda Martins, 2021, p. 171-172).

Ao percorrer os corredores da UFPI e ocupar a posição de estudante e pesquisadora no Mestrado em Educação, meu corpo se torna testemunha inevitavelmente encarnada e um arquivo vivo que interpela os limites e as possibilidades da ciência. Meu corpo não é neutro, posto que ele não pode ser desvinculado das temporalidades espaciais que o moldam, uma vez que carrego as marcas da invisibilidade e do estigma. Entretanto, ao fazer pesquisa, meu corpo se apresenta enquanto corpo pólis, como agente político ao desafiar as fronteiras do considerado legítimo na seara acadêmica. Ele resiste às normas cisheteronormativas que atravessam a ciência, ratificando que os saberes oriundos das vivências transvestigêneres têm relevância, valor e potência epistemológica.

Concomitantemente, meu corpo também é gentrificado, pois é moldado por movimentos de exclusão e apropriação que tentam encapsular minha presença pela lógica dos padrões normativos. Apesar disso, é também um corpo que testemunha, registra e arquiva não somente dores e lutas de um andarilhar acadêmico permeado por desafios, como também as conquistas e contribuições que nossos corpos trazem à ciência e à educação.

Entendo, diante disso, que minha presença na universidade é uma ação pedagógica por si mesma. Ao procurar encarnar na minha pesquisa e escrita minhas vivências e experiências, movimento, para o centro do debate epistemológico, vozes que têm sido apagadas. Meu corpo, enquanto corpo-imagem e corpo-pólis, desequilibra as certezas e universalidades do ambiente acadêmico, evidenciando que as produções de conhecimentos podem e devem ser perpassadas por perspectivas localizadas e corporificadas em corpos abjetos.

Portanto, o corpo transvestigênera na universidade, enquanto pesquisa, não só ocupa, como também a transforma, ao imprimir novos sentidos, desafiando a geopolítica do corpo. Além disso, reivindicamos protagonismo na elaboração de saberes que racham com a exclusão histórica e que possam construir outras possibilidades mais inclusivas e humanas. Assim, ao fazer pesquisa com um corpo transgressor, as palavras que escrevo se transformam em expressões pulsantes de vida, que surgem do que lateja sob minha pele. Como diz Bernardina Leal (2011, p. 23):

É preciso que no ateliê íntimo das letras sentidas seja constituído um lugar onde o ofício da arte de produzir palavras escritas possa acontecer – um espaço de verossimilhanças que torne possíveis formas expressivas daquilo que lateja sob a pele. Dar corpo a palavras é deixar que expressões pulsantes de vida adquiram formas por meio das quais seja possível alcançar outros corpos, diferentes

expressões de vida, múltiplos desejos. Na memória da pele firmam-se os desdobramentos da dor.

Ao transitar pela universidade, levo comigo uma memória de pele que aponta desdobramentos de dor, mas também de resistência e criação. Tais marcas não são somente feridas, são testemunhos de nossas trajetórias que desafiam as estruturas e normas cisnormativas que pairam na sociedade. Portanto, escrever dentro desse território, não é apenas uma prática acadêmica por si só, mas uma forma de dar visibilidade às nossas pulsões de vida que, historicamente, tentam silenciar.

É, pois, uma tentativa na busca de alcançar outros corpos e alargar os horizontes do que é possível ser e saber. Diante disso, na escrita, acho espaço para dar corpo às palavras e permitir que as palavras deem corpo às minhas experiências. Pensando sobre isso, recordo que tenho veias, tenho sangue, tenho carne e, sobre essa carne, há uma pele com cicatrizes. Enfim, sou gente que se afirma na escrita!

Nesse movimento de dar corpo às palavras, tento tornar compreensível o que pulsa e reside em minha existência, o que está para além de uma escrita de um texto, pois forma um território, espaço de reexistência, onde minhas experiências deixam de ser objeto e tornam-se narradoras de si mesmas. Além disso, as palavras que saem das pontas dos meus dedos carregam a força de desejos, dores e sonhos que não são só meus, mas de tantas outras pessoas transvestigêneres que anseiam viver a universidade como lugar de respeito e acolhimento, e isso foi possível por dispor de uma metodologia que dá passagem para uma outra forma de se pesquisar, a Sociopoética, pois,

Fugindo dos modos de se fazer pesquisa, instituídos e padronizados pela visão moderna de ciência que muitas vezes apregoa verdades intransigentes, a Sociopoética é uma prática filosófica porque descobre os problemas que mobilizam os grupos sociais; promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos (mistura de conceitos + afetos), contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo pesquisador; e possibilita a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais (Shara Adad, 2014a, p. 43).

Assim, ao optar por essa metodologia, aposto na necessidade de rever os modos tradicionais de se fazer pesquisa, os quais são, comumente, direcionados por uma objetividade rígida e uniformização de verdades quase inquestionáveis. No entanto, a Sociopoética nos oferta uma direção metodológica que, além de filosófica, é igualmente sensível às diversidades.

É pertinente dizer que a Sociopoética se faz mediante cinco princípios importantíssimos: valoriza a interação e colaboração entre copesquisadoras e facilitadoras que compõem um grupo-pesquisador; o pesquisar com as culturas de resistência, fazendo emergir saberes silenciados; o pesquisar com o corpo todo, pois entende que todo ele pensa; a utilização de técnicas artísticas para a produção dos dados; e a responsabilidade ética, noética e espiritual do grupo-pesquisador, que diz da relação das pessoas consigo mesmas, com os outros e com a natureza (Shara Adad, 2014a; Sandra Petit, 2014). No entanto, gostaria de enfatizar o terceiro princípio, o pesquisar com o corpo todo.

Como é pesquisar com o corpo todo? Ao transformar o corpo em temática, percebo que ele não é único, é uma multiplicidade em fusão, pois fazer Sociopoética é não separar a cabeça do resto do corpo. O corpo pensa como já foi dito. Não só a razão, mas a emoção, os sentidos e a intuição pensam (Shara Adad, 2014a, p. 43).

Esse princípio é essencial na minha investigação, uma vez que coloca em evidência a multiplicidade e junção de experiências corporais, intelectuais e emocionais das jovens transvestigêneres do grupo-pesquisador formado. Nesse contexto, os corpos dessas jovens não são vistos como um objeto de estudo, mas enquanto territórios de resistências, criações e reexistências, e como o acolhimento pode lhes potencializar a permanência no ambiente acadêmico. Além disso, Jacques Gauthier (2024, p. 86) destaca:

Quero insistir nesse aspecto, extremamente pertinente para a Sociopoética: o grupo-pesquisador é um grupo-cuidador e educador, não porque numa perspectiva freiriana queríamos transformar a realidade das pessoas (sempre insisto que não é nosso propósito), mas porque sua mera existência age revelando elos intensos entre os membros através das emoções vindas de fluxos corporais e mentais que confluem no decorrer da pesquisa.

Relevante a colocação do autor em enfatizar que o grupo-pesquisador cuida e educa, haja vista que esse grupo não impõe mudanças externas, mas porque o seu próprio dinamismo e confluência revela e fortalece nobres laços de afeto entre as integrantes. Isso ressoa com a proposta da minha pesquisa, ao buscar compreender como o acolhimento pode potencializar nossos corpos, possibilitando-nos reconfigurar os sentidos de pertencimento e visibilidade na universidade.

Por fim, e não menos importante, a metodologia promove a criação de confetos, os quais serão elaborados a partir dos saberes que exalam de nossos corpos, além de possibilitar a construção de outros significados que se aproximem de nossas lutas e demandas para permanecermos no espaço universitário. Portanto, essa metodologia não foi apenas uma forma singular para alcançar os objetivos delineados nesta pesquisa, mas um compromisso político e

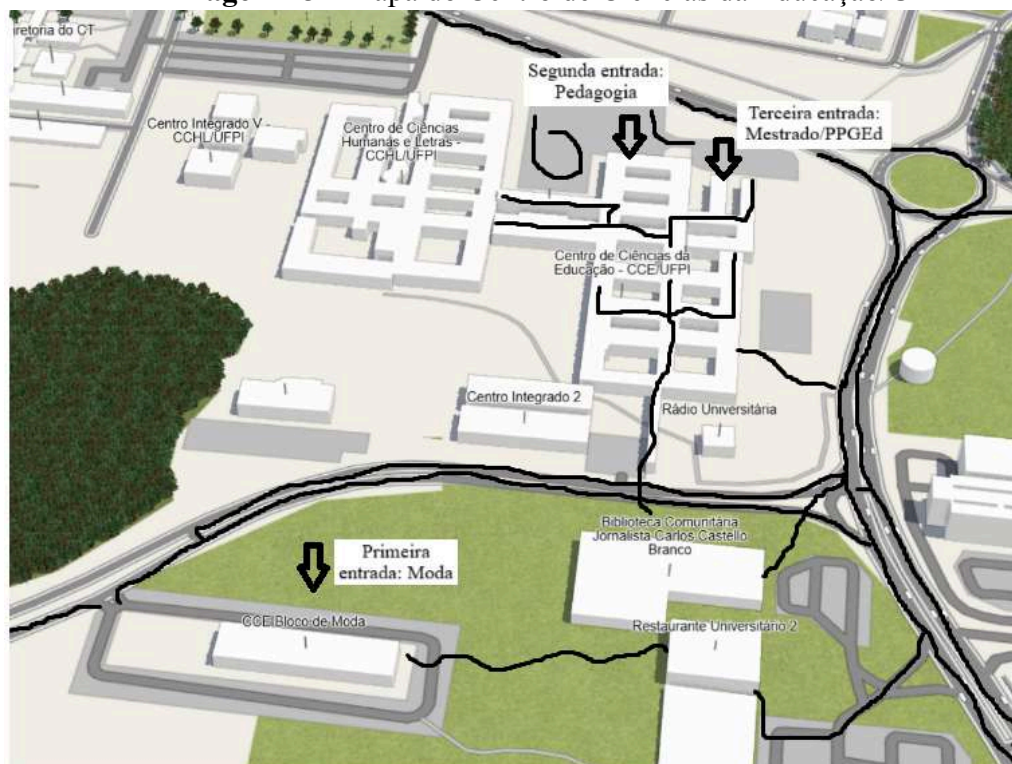
ético na valorização de vozes e vidas transvestigêneres que na universidade ocupam e transitam.

3.3 Território da pesquisa

Transitar pelo CCE (Imagem 23) da UFPI, *Campus* Ministro Petrônio Portella, é mover-se por um espaço de confluências que me permitiram acessá-lo por três entradas, como me reportei na Transgrafia 1, quando, em 2011, pelo Curso de Moda; em 2019, ao regressar como portadora de curso superior para cursar Pedagogia; e, mais adiante, em 2024, para ingressar no Mestrado em Educação. Nesse labirinto, como menciona Mayara Oliveira (2019), por vezes me encontrei e me perdi. Assim como a autora, pensei que não o estranharia, no entanto, o estranhamento veio, ainda que o já tivesse vivenciado pregressamente, pois percebi que, a cada entrada, não era a mesma que nele adentrava, nem a mesma que dele saía. Portanto, assim como Mayara Oliveira (2019, p. 49),

Pensava não ser capaz de estranhar ou até mesmo ver e sentir de outras formas o espaço. Mas confesso que me precipitei ao menosprezar a potência de um labirinto, pois, mesmo tendo as zonas codificadas pelo meu pensamento do espaço do CCE, ao percorrê-lo novamente, ainda fui capaz de me perder.

Imagem 23 - Mapa do Centro de Ciências da Educação/UFPI



Fonte: Elaborado pela autora a partir da versão demonstrativa do F4map: <https://www.f4map.com/> (2025).

Inaugurado, oficialmente, em 19 de março de 1975, este território carrega consigo camadas de histórias, fluxos de corpos e vozes que, no decorrer do tempo, imprimiram marcas em seus corredores, salas e espaços abertos. Ali, entre as tramas do Bacharelado em Comunicação Social (Jornalismo) e Moda, Design e Estilismo, e das licenciaturas em Pedagogia, Educação do Campo, Artes Visuais e Música, discursos acadêmicos, ecos de práticas pedagógicas e vivências cotidianas constroem uma tessitura complexa de afetos e disputas. É neste solo, portanto, que minha pesquisa se insere, não enquanto um olhar distante, mas como uma experivivência encarnada, que se desdobra e se refaz em cada deslocamento.

Para cartografar este espaço, recorro à caixa de afecções, um dispositivo que transcende a sua materialidade, tornando-se um arquivo vivo de experiências. De acordo com Flávio Carnielli (2014), a caixa de afecções não é um recipiente inerte, mas um espaço de inscrição de sensações, objetos, ideias e memórias que tocam, interrogam e reconfiguram as pessoas que dela se aproximam. Além disso, ela nos possibilita a criação de diários cartográficos, reconectando-nos ao vivido e propiciando deslocamentos que não apenas narram, mas recriam os sentidos da pesquisa. Assim, ao me esparramar pelo CCE, não somente observo, mas me deixo afetar, permitindo que a investigação se desenrole como um emaranhado de linhas em movimento, onde minha própria existência, em simbiose com as histórias das outras pessoas transvestigêneres que aqui habitam, compõe o traçado metodológico.

Enquanto pesquisadora transtravesti, meu corpo é, ele próprio, um território em frequente negociação com o espaço universitário. Isso se justifica, pois os corpos transvestigêneres são atravessados por dispositivos normativos que nossa inteligibilidade e pertencimento inscrevem na memória da pele as marcas da recepção, ou da exclusão, que encontramos na universidade. Inspirando-me na potência expressiva da dor e da memória, como proposto por Bernardina Leal (2011), percebo que as experivivências trans no CCE são marcadas por um jogo tenso entre acolhimento e exclusão, entre presença e apagamento. Nesse contexto, a caixa de afecções não só arquiva narrativas, mas as desloca, permitindo que o que foi silenciado retome voz e o que fora marginalizado encontre novas formas de existência.

O conceito de dispositivo, em Foucault (1987), ajuda a compreender as engrenagens que atuam dentro da universidade, as quais regulam os modos de ser e de habitar esse território. Diante disso, os dispositivos do CCE: seus currículos, normativas, discursos institucionais e práticas cotidianas, operam enquanto forças que tendem a moldar as

experivivências trans no espaço acadêmico, ora possibilitando inclusão, ora impondo barreiras.

Achille Mbembe (2018), quando discute o necropoder, alerta para os modos pelos quais certos corpos são considerados descartáveis no interior das estruturas sociais, levando-nos a pensar na transfobia, que, dentro do espaço universitário, manifesta-se nas sutilezas: na recusa ao uso do nome social, na ausência de políticas afirmativas, como também na nossa não escuta. E, entretanto, há brechas, existem resistências, posto que o acolhimento, nesse contexto, não se dá somente como gesto assistencialista, mas como possibilidade, linha de fuga, para subverter as engrenagens que pretendem nos exterminar.

Minha pesquisa, portanto, não se faz num movimento de exterioridade, mas como ato de presença que parte da minha indignação. Tendo a caixa de afecções como direcionadora, ondulo pelo CCE tocando e sendo tocada pelas vivências que ali se entrelaçam. Registro, questiono, refaço. Meu percurso metodológico não é linear, mas rizomático e espiralar, ampliando-se, paulatinamente, na medida em que encontro outras trajetórias, outras existências, outras formas de acolher e ser acolhida. O CCE, em sua simbologia e materialidade, não é um espaço fixo, mas um território em disputa, onde o que se arquiva e o que se apaga revelam as tensões da própria universidade. Assim, é nesse entremeio que inscrevo minha pesquisa, enquanto um corpo em devir, escrevendo com e sobre outros corpos que, como o meu, insistem em existir e transformar o mundo.

3.4 Alguns movimentos no território de pesquisa

Era quase final de dezembro, estávamos concluindo o semestre 2024.2 na pós-graduação. Lembro-me que estava organizando, cuidadosamente, toda a documentação necessária para envio do meu projeto de pesquisa para apreciação junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFPI. Nesse momento, como não mencionar a paciência e o direcionamento que Wanderson Fidalgo despendeu a mim, pois ele me orientou, a partir de sua experiência, como eu deveria proceder com a documentação necessária, levando à pronta aprovação do projeto. Além disso, estava fazendo ajustes e adaptações no projeto de pesquisa, conforme as orientações da minha orientadora.

Apesar disso, algo me angustiava naquele momento, a autorização institucional, o que me levou a algumas idas à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG), ao próprio Comitê de Ética e a conversas com a professora Shara e Dilma Andrade. A minha proposta de conhecer o perfil das juventudes transvestigêneres do CCE chegava-me com a necessidade de

identificá-las, a princípio, a partir dos prováveis dados quantitativos levantados e disponibilizados pela própria universidade, pois havia constatado uma página eletrônica atualizada pela PREG que disponibiliza o perfil das pessoas estudantes da graduação da instituição, porém, percebi que nela não constam dados referentes à identidade de gênero.

Além disso, recorri ao SIGAA, também sem êxito, posto que o sistema é binário, isto é, por mais que consultemos, a exemplo dos nomes de estudantes vinculados à página da coordenação do curso de Moda, apenas identificaremos nomes ditos masculinos e femininos.

Em uma das visitas à PREG, um dos professores que a integram me sugeriu que eu registrasse pedido solicitando dados abertos junto ao Fala.Br, que é a plataforma integrada de ouvidoria e de acesso à informação do Poder Executivo Federal. Então, no dia 13 de dezembro de 2024, registrei na plataforma o pedido, apresentando-me como mulher trans e estudante de mestrado vinculada ao PPGEd. No texto, solicitei dados abertos e quantitativos sobre o número de estudantes transexuais matriculadas(os) no CCE, faixa etária, forma de ingresso e número de evasão. Entretanto, quatro dias após, em 17 de dezembro de 2024, obtive como resposta que a UFPI não possuía tais informações no SIGAA (Imagem 24), o que eu já havia constatado em consultas prévias.

Imagem 24 - Envio de solicitação de dados abertos ao Fala.Br



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Então, no dia 18 de dezembro de 2024, solicitei abertura de processo interno, endereçado à PREG, para que fosse concedida autorização institucional para a realização da pesquisa no CCE e fosse disponibilizado um documento prévio, que seria enviado ao Comitê de Ética, informando que os dados quantitativos seriam a mim concedidos após aprovação ética. No entanto, a ansiedade me consumia, pois os dias se passavam e, devido à greve docente, o calendário acadêmico foi impactado. Assim, entre final de dezembro e início de janeiro de 2025, houve um recesso, o que agravou a demora na resposta da PREG.

Ao retornar do recesso, fui à PREG, conversei com a atual Pró-Reitora, professora Dra. Gardênia Pinheiro, que, prontamente, me recebeu e, já ciente do meu caso, disse da não disponibilização aberta dos dados que eu buscava, mas, enquanto pesquisadora de gênero, iria trazer essa pauta para o estatístico vinculado à PREG, também responsável pela atualização dos dados das estudantes da graduação no site antes referido e, em momento oportuno, informaria-me da inserção dos dados de estudantes trans. Então, por não obter resposta favorável, recorri às informações dadas pela secretária do Comitê de Ética, pessoa a qual também sou muito grata, pois me orientou e conferiu, pacientemente, as minhas documentações.

Ela me exortou que poderia obter a autorização institucional de dois modos: junto à PREG, que me daria uma amplitude maior, caso houvesse algum contratempo no recrutamento das copesquisadoras-bichas no CCE, o que me daria a possibilidade para recrutar estudantes de outros centros dentro da UFPI; ou junto à própria direção do CCE. Optei por solicitar a autorização institucional diretamente à professora Dra. Eliana Alencar, atual diretora do CCE, que, de imediato, me concedeu a autorização.

Outra questão me deixou apreensiva. O coordenador do PPGEd havia entrado em período de férias e, por ter averiguado, antes, que a assinatura digital na folha de rosto poderia ocasionar o retorno do projeto pelo Comitê, para ajustes, então recorri à subcoordenadora, a professora Dra. Luísa Xavier, que também foi diligente comigo, assinando o documento à mão. Como somente me faltava essa assinatura, voltei ao Comitê de Ética para uma averiguação final da documentação antes da submissão, porém, a secretária constatou que, na carta de apresentação, constava o nome do docente que já não era coordenador do Comitê, então imprimi novamente a carta de apresentação com o nome da atual coordenadora e solicitei que minha orientadora a assinasse, o que fez de pronto.

Então, fiz a digitalização de toda a documentação, mas ainda me surgiu uma dúvida quanto ao carimbo da subcoordenadora. Ligo, já no dia 15 de janeiro de 2025, para o Comitê e pergunto sobre a dúvida e a secretária me informa que não haveria problemas quanto à

ausência do carimbo. Diante disso, conferi mais uma vez a documentação e, finalmente, nesse mesmo dia, submeti o meu projeto na Plataforma Brasil.

Estávamos quase no final de janeiro de 2025, chegamos ao período das férias docentes. Então, viajei para casa dos meus pais para descansar e me nutrir de boas energias que impulsionam o meu ondular nesta pesquisa. No final das férias, antes do dia 11 de março, retornei a Teresina, pois o período 2025.1 começaria nesse dia. Aguardo retorno do meu projeto, pois havia consultado no site do Comitê que haveria reunião no dia 17 de março, porém, apenas uma movimentação no dia 08 de março foi realizada no meu processo. A ansiedade mais uma vez contorcia meu corpo. Diante disso, retornei mais uma vez ao Comitê, solicitando esclarecimentos da demora. A secretária informou-me que houve problema no sistema e, por isso, meu projeto ainda não havia sido apreciado, mas que, na segunda-feira do dia 24 de março ou 31 de março, teria retorno.

Depois de um final de semana estudando para as disciplinas do mestrado, lembro-me, no dia 24 de março de 2025, de consultar o e-mail. Para minha surpresa, havia uma notificação do site da Plataforma Brasil, olhei rapidamente o e-mail e vi que não havia sugestões de correção, então, o coração disparou. Pensei o que poderia ter ocorrido, teria o projeto sido aprovado sem necessidade de retorno? Então, ao abrir o site, olhei imediatamente para o status e, para minha surpresa, aprovado. Respirei profunda e aliviadamente. Meu corpo vibrou de alegria em perceber que o meu projeto estava aprovado sob o seguinte Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 85921225.0.0000.5214, conforme Anexo A.

3.5 Elaborando e experimentando a técnica artística a pele transespiralar do acolher

A pele transespiralar do acolher surge do meu encantamento com o movimento da caixa de afecções, o de voltar ao passado para resgatar algo e trazer para o momento presente, recontextualizando-o de outro modo. Diante disso, permito-me retornar ao meu TCC de Pedagogia, no qual me detive acerca da terceira estrela sociopoética, que diz da utilização de técnicas artísticas na produção dos dados em pesquisas sociopoéticas (Jacques Gauthier, 2024; Silva; Adad, 2026).

O acervo do NEPEGEI/OBIJUVE é robusto quanto às técnicas criadas e catalogadas a partir das teses e dissertações realizadas. Durante a elaboração do TCC, duas delas me chamaram a atenção: a técnica artística do Parangolé, inspirada em Hélio Oiticica, a qual conheci através da dissertação de Vanessa Santos (2014) e sentidos da arte na formação do jurista, com inspiração em Lygia Clark, por intermédio da tese de Marta Gama (2013).

Rememorando esses dados, perguntei-me: o que posso fazer para fundir essas duas técnicas em uma só e apresentá-la ao meu grupo-pesquisador? A princípio, não consegui relacioná-las. Então, resolvi pesquisar mais sobre as obras que inspiram as técnicas, e percebi que ambas têm relação direta com a arquitetura, a arte e o corpo, pois

A reproposição da arquitetura em Oiticica e Clark, germinada na reconsideração da ação artística, estrutura-se no reposicionamento de três aspectos fundamentais: o espaço, o tempo e a relação obra-espectador. O primeiro desloca-se do espaço geométrico da representação para o espaço topológico de relações. O segundo desloca-se do tempo como permanência da obra para a efemeridade da ação-interação do participante. O terceiro desloca-se da obra destinada a um espectador passivo para um campo ativado pelo participante-atuante (David Sperling, 2015, p. 31).

O que me intrigou e inspirou é a perspectiva relacional e não estática das obras, no sentido de que são pensadas para acontecer na interação entre a tríade: tempo, espaço e espectador. Seguindo as orientações da banca de qualificação, é imprescindível dizer que o Parangolé me tocou pela vivacidade que se cria entre a pessoa e a obra, uma roupa para se vestir e dançar com ela. Entretanto, para a técnica eu gostaria de trazer essa vivacidade do Parangolé que se faz na perspectiva relacional, mas que não fosse através de uma roupa.

Nas obras de Lygia também é perceptível o aspecto relacional, porém ela traz propostas diferentes das de Oiticica ao trabalhar com outros materiais. Foi quando conheci e fiquei encantada com a obra *Trepantes* (Imagem 25), de Lygia, cujas esculturas flexíveis feitas de metal em formato de espirais que se entrelaçam me remeteram ao molde/corte caracol, que é uma forma específica de se cortar o tecido para se obter determinado caimento em roupas, muito utilizado para se adicionar babados em saias e golas, por exemplo, o que me transportou ao curso de Moda.

Imagem 25 - Trepantes



Fonte: <https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/lygia-clark-ganha-retrospectiva-no-moma/> (2025).

Outrossim, percebi que a obra se relaciona com o tempo espiralar (Leda Martins, 2021), então passei a pensar mais sobre essa obra e sua relação com o tema-gerador da oficina de produção de dados, que é o *acolhimento no CCE*. O que mais me intrigava era o verbo que a obra me remetia, trepar, pois esse verbo pode impulsionar várias ações e significados, como subir numa árvore para pegar uma fruta, uma pipa ou num sentido mais erótico e carnal, o do coito. A partir disso, passei a me indagar: como trepar no tempo-corpo e buscar memórias de acolhimento no CCE? É possível costurar e dançar com essas memórias? É viável a criação de transgrafias ao trepar no tempo-corpo?

Acabara, portanto, de identificar o que poderia propor com a pele transespiralar do acolher, a perspectiva interacional entre corpo e arte, na relação entre tempo e espaço não lineares, mas espiralares, pois, como nos lembra Leda Martins (2021, p. 13), “[...] no corpo o tempo bailarina”. Além disso, recordei Stela Barbieri (2021, p. 73), quando nos diz que “[...] as narrativas vão ficando inscritas nos espaços físicos e também em nossa pele”. Por consequência, esse entendimento me permitiu fazer relação com o que havia aprendido com Juno Nedel (2020), de que o corpo é um arquivo vivo onde o tempo e as narrativas se inscrevem, em especial, nos corpos transvestigêneres.

Nas minhas pesquisas, tive conhecimento da artista carioca transexual Lyz Parayzo, que, inspirada em Bichos, de Lygia Clark, elaborou sua série Bixinhas. Trago a experiência de Lyz, pois assim como ela, eu também me inspirei nas obras de Lygia e realizei a minha transreleitura de *Trepantes*, isto é, uma releitura da obra da artista a partir do olhar de uma pessoa transvestigênera que, no nosso contexto, serviu de inspiração para a elaboração da técnica artística apresentada ao grupo-pesquisador, resultando na criação individual das transgrafias de acolhimento e na produção coletiva, a costura de acolhimento. Abaixo, segue uma das obras (Imagem 26), onde Lyz faz crítica e constrói armas através da arte contra a transfobia.

Imagem 26 - Da esquerda para a direita, Bicho de Lygia Clark e Bixinhas de Lyz Parayzo



Fonte: <https://www.rfi.fr/pt/cultura/20101025-obras-de-lygia-clark-sao-vendidas-us-500-mil-na-fiac>
<https://www.coletiva.org/arte-e-sociedade-sobre-bichos-bixinhas-abstracao-e-concretude-na-arte-brasileira-por-moacir-dos> (2025).

Comecei a dar corpo à técnica, pensando em um roteiro para a oficina e depois testando tecido e materiais, como canetinhas e giz pastel para tecido, linhas, tesouras, retalhos e agulhas, que ajudariam as pessoas integrantes do grupo-pesquisador a realizarem o que eu chamei de transgrafias de acolhimento, as quais apresentarei com mais detalhes na seção em que falarei sobre a oficina de produção dos dados. Pedi ajuda à amiga Maria Auxiliadora, exímia costureira que fez o Curso de Moda comigo, e, juntas, pensamos na exequibilidade do projeto, sobretudo, acerca da parte do corte do tecido.

A técnica inicia com um alongamento, o qual antes da oficina de experimentação deveria ser realizado com as pessoas sentadas no chão, no entanto, por sugestão do grupo-experimentador foi realizado em pé, pois naquela ocasião o lanche se deu no início, o que dificultou os movimentos das pessoas. No que tange ao lanche, recebi sugestões para que o mesmo fosse ao final, para não interferir na dinâmica das atividades. É importante mencionar que a utilização do alongamento decorre das experiências em que eu pude participar de oficinas de inspiração sociopoética, seja nas disciplinas durante o mestrado ou em outras oficinas, onde o alongamento iniciava as vivências.

Depois disso, a exaustão havia sido pensada a partir da dança em dupla com balões, contudo houve ajustes, pois o grupo-experimentador me mostrou que eu deveria proporcionar ao grupo-pesquisador mais tempo com o tecido antes da viagem imaginária, diante disso, decidi que no início da exaustão seria o momento em que entregaríamos os tecidos às copesquiadoras-bichas para que pudessem experimentá-lo individual e coletivamente. Esse momento foi inspirado a partir da vivência de uma oficina facilitada pela professora Dolores durante o 7º Encontro do OBIJUVE/NEPEGECEI na 18ª Semana do Orgulho de Ser do

Matizes, realizada em junho de 2024, onde no início da oficina deveríamos dançar com um tecido.

O clímax da técnica, a viagem imaginária, se deu em seguida com o convite para que as pessoas pudessem deitar nas mantas. Na oficina de experimentação, esse foi o momento de entregar o tecido, nessa oficina, optei por uma manta azul florada, mas o grupo-experimentador me aconselhou usar mantas de cor neutra, então providenciei duas mantas azuis sem estampas para a oficina com o grupo-pesquisador. O texto da viagem imaginária também passou por reformulações e a versão final pode ser conferida na transgrafia 5, onde detalho a oficina de produção de dados com o grupo-pesquisador. Ademais, destaco que a inspiração para a escrita do texto da viagem partiu da leitura do texto da viagem imaginária de Samara Layse Costa (2019).

O próximo momento foi dedicado à produção individual das transgrafias de acolhimento. Antes das pessoas abrirem os olhos, perto delas foram colocados canetinhas e giz pastel para tecido, linhas, tesouras, retalhos e agulhas para que elas pudessem criar suas transgrafias, sendo que antes das oficinas os materiais foram cuidadosamente pensados e testados. Na oficina de experimentação, a vivência foi encerrada nesta etapa, devido ao avançar da hora e tendo em vista que ainda iria ocorrer a apreciação da técnica. Na oficina com o grupo-pesquisador foi dado um tempo entre 15 a 20 minutos. Logo após, houve a partilha da experiência em que cada copesquisadora-bicha pode falar da sua transgrafia e da transgrafia das outras copesquisadoras-bichas.

O momento seguinte se deu com a produção coletiva, onde as pessoas foram convidadas a fazerem junturas entre suas transgrafias, para essa etapa foi dado também um tempo entre 15 a 20 minutos. As junturas foram inspiradas em Leda Martins (2021). Por fim, as copesquisadoras-bichas foram convidadas a experimentarem a produção coletiva, a qual chamaram costura de acolhimento. Nesse momento, elas escolheram músicas a seu gosto e ficaram livres para experimentar a produção coletiva. O lanche encerrou a oficina.

Com roteiro elaborado, materiais levantados e o tecido cortado, convidei Ana Jéssica, Débora, Renan, Wilker, Maira Trujillo, Wesley e a professora Shara Jane para comporem o grupo-experimentador, visando avaliar a técnica no dia 08/05/2025. Destaco, ainda, que Marlia estava presente, mas, ao invés de experimentar, ajudou-me na cofacilitação da oficina de experimentação, que se tornou como uma vivência de estágio para as duas, pois, como sugere Wesley Rodrigues (2023), experimentar a técnica artística antes da realização oficial com o grupo-pesquisador se equipara a um estágio formativo.

Concordo com o professor-sociopoeta, pois este é um momento que, comumente, acontece com sociopoetas experientes e/ou com pessoas que já vivenciaram a Sociopoética. Nele, há apreciação coletiva da potencialidade e são dadas sugestões de melhorias para a realização da técnica artística escolhida pela pesquisadora, por isso, eu me refiro a grupo-experimentador.

O grupo retornou-me ponderações valiosas, que procurei contemplar quando da efetiva realização da técnica com o grupo-pesquisador. Elogios foram dados quanto à escolha do tecido e das canetas utilizadas, os quais mantive. Ademais, foram atendidas as sugestões relacionadas ao momento do lanche, que ficaria mais adequado para o final do encontro; à utilização de mantas de cor neutra, para viabilizar o registro das fotos; à escolha de músicas mais estimulantes para a exaustão corporal; e ao melhor direcionamento das partes do corpo durante o relaxamento, foram atendidas.

3.6 Da formação do grupo-pesquisador

Esta etapa da pesquisa envolveu algumas dificuldades, a começar pela identificação do perfil das juventudes transvestigêneres que habitam o CCE. Institucionalmente, não consegui levantar dados concretos que pudessem me ajudar a elaborar e apresentar um perfil amplo, o que alude à subnotificação, isto é, a falta de dados oficiais que apresentem, de forma genuína, nossa realidade, sobretudo, no ensino superior (Miriam Campos; Maria Piana, 2024).

Isso impacta, por exemplo, na identificação do quantitativo e quais os possíveis motivos de expulsão/evasão, o que não dá, inclusive, sustentação factível para se burilar políticas de entrada e permanência institucionais, afinal, por que pensar em políticas para quem institucionalmente não existe? Apesar disso, da nossa não existência estatística, o nosso caminhar pelo território foi revelando que jovens transvestigêneres já integram o CCE, muito embora não dispomos de cotas trans na instituição.

Entretanto, o desafio que se faz às jovens pessoas que lá se encontram e para as que estão chegando, é a permanência, pois algumas não conseguem arcar com as despesas de locomoção com transporte público, de compra dos materiais necessários para aulas práticas em alguns cursos, como no de Artes Visuais e de Moda, Design e Estilismo, além de terem que conviver com possíveis transfobias que dificultam o permanecer na universidade.

No entanto, foi com a divulgação do Projeto Acolher do OBIJUVE: Política de Cuidados das Diversidades (Imagem 27), projeto de extensão articulado e cadastrado por minha orientadora, que consegui levantar dados limitados das juventudes transvestigêneres do

CCE, posto que, no mês de maio, divulgamos um formulário de inscrição para as pessoas se inscreverem e registrarem interesse em participar das atividades que seriam realizadas, sendo uma delas as oficinas sociopoéticas que eu realizei junto com as jovens trans e travestis estudantes do CCE. Isso depois do meu projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética da UFPI.

Imagem 27 - Cartaz de divulgação do Projeto Acolher do OBIJUVE: Política de Cuidados das Diversidades



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Para meu espanto, embora sabendo que existem jovens trans e travestis pulverizadas pelos cursos do CCE, com as quais poderia formar um grupo-pesquisador com, no mínimo, seis pessoas, poucas se inscreveram. Diante dessa situação, tive que reforçar, individualmente, o convite do projeto de extensão e falar da importância das vivências nas oficinas que seriam facilitadas, pois viveríamos momentos de acolhimento transreferenciado, ou seja, acolhimento pensando por uma pessoa trans para e com outras pessoas trans. Apesar da tensão e preocupação na formação do grupo-pesquisador, em encontrar um dia da semana que fosse comum a todas as pessoas, no dia 01/06/2025, me regozijo, pois mais uma pessoa havia respondido ao formulário, como eu registrei em um dos meus diários:

Timon, 01 de junho de 2025.

Hoje, 01/06/2025, mais outra pessoa transvestigênera responde ao formulário do projeto. Sinto minha pesquisa empírica começando a se materializar, pois tenho dados das quatro pessoas candidatas a copesquisadoras-bichas. A princípio, estava ansiosa, primeiro considerando os horários das pessoas interessadas em participar das atividades do projeto e da minha pesquisa, pois estavam em desencontro. Apesar disso, minha intuição estava certa, pois, pelo levantamento da disponibilidade de dias e horários preenchidos pelas pessoas no formulário, o sábado pela manhã foi o dia que melhor atendeu a todas.

É importante destacar que não consigo pontuar, com certeza, os possíveis motivos da não participação de algumas pessoas, se por receio de represálias, falta de tempo, ou mesmo, pela questão financeira, como eu levantei anteriormente, pois, se algumas já apresentam dificuldades de estarem em suas aulas, imagine em participar de outras atividades que não estão diretamente relacionadas a seus Cursos.

Não obstante, consegui reunir cinco jovens, sendo que uma desistiu logo após o segundo momento da oficina de negociação e não respondeu ao questionário. De Arapuca identifiquei apenas seu curso e sua identidade de gênero a partir de sua transgrafia de vida, onde ela se diz não binária aliada ao feminino. As quatro pessoas que permaneceram haviam respondido ao questionário, sendo que três se identificaram como mulheres trans/travestis e, um, enquanto homem trans/pessoa transmasculina. No quadro 1 a seguir apresento detalhadamente o perfil das copesquisadoras-bichas:

Quadro 1 - Perfil das copesquisadoras-bichas

Característica	Jazmin	Sat	Paulo	Taffyta	Arapuca
Idade	27 anos	21 anos	21 anos	20 anos	Não informado
Etnia/Raça	Preta	Parda	Branco	Parda	Não informado
Identidade de gênero	Mulher trans/travesti	Mulher trans/travesti	Homem trans/transmasculino	Mulher trans/travesti	Pessoa não binária aliada ao feminino
Curso	Moda, Design e Estilismo	Pedagogia	Pedagogia	Moda, Design e Estilismo	Artes Visuais
Período do curso	3º período	3º período	7º período	4º período	Não informado
Cotista	Sim	Não	Sim	Não	Não informado

Trabalha?	Não	Não	Sim	Sim	Não informado
Possui bolsa?	Nenhuma	Programa de Iniciação à Docência/PIBID	Programa de Iniciação Científica/PIBIC/CNPQ	Nenhuma	Não informado
Deslocamento para a universidade	Transporte público	Transporte público	Caminhando	Transporte público	Não informado
Ensino Médio	Escola pública	Escola pública	Escola pública	Escola pública	Não informado
Pessoa com deficiência	Não	Não	Não	Não	Não informado

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As participantes apresentam perfis heterogêneos e se enquadram na categoria jovem, por terem idade entre 15 e 29 anos. Adiante, na próxima seção que trato da negociação, elas se autoapresentarão em suas transgrafias de vida.

TRANSGRAFIA 4

TRANSGRAFIAS DE ACOLHIMENTO E NEGOCIAÇÃO

Imagem 28 - Grupo-pesquisador em acolhimento



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

A negociação é o momento de uma pesquisa sociopoética, que assemelha aos acordos referentes aos primeiros passos a serem dados por pessoas que estão enamoradas. Demanda certo cuidado, posto que, assim como entre apaixonados, no acontecimento da negociação, ocorre o primeiro envolvimento físico do grupo, que se encontra para decidir, coletivamente, dia, horário, tema-gerador e outros combinados indispensáveis para que as oficinas aconteçam, mas, sobretudo, formaliza a constituição do grupo-pesquisador, que se institui com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o TCLE.

Nesta pesquisa, essa etapa se deu em dois momentos. O primeiro, embora tenha sido pensado para ocorrer presencial, aconteceu de maneira remota, pelos motivos apresentados mais adiante.

Apesar disso, a copesquisadora-bicha Arapuca não conseguiu participar, mas confirmou presença nas demais oficinas, participando apenas da oficina de negociação presencial. O segundo momento ocorreu uma semana após a primeira reunião, portanto, no dia 14 de junho de 2025. Essa vivência aconteceu, presencialmente, na sala dos núcleos do PPGEd/UFPI, resultando na formalização do grupo-pesquisador e na elaboração das transgrafias de vida pelas copesquisadoras-bichas, as quais apresento ao final desta seção.

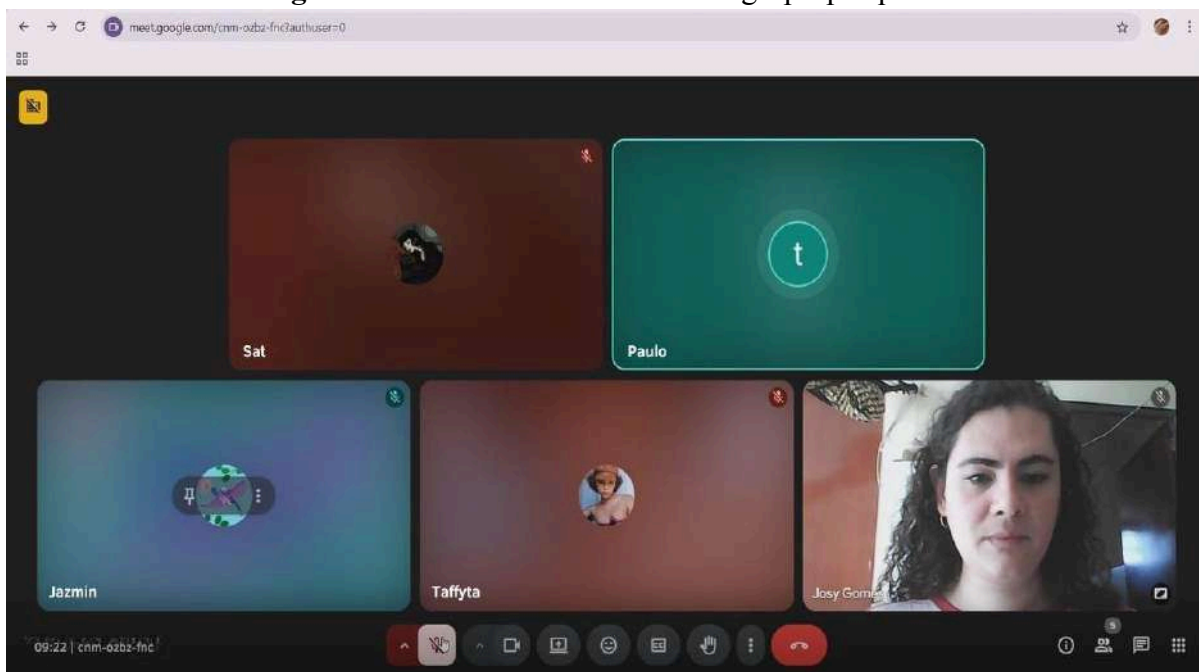
4.1 Negociação da pesquisa

No dia 07 de junho de 2025, eu acordei cedo e fui até uma venda próxima de casa, em Timon, comprar uma coxinha e um pedaço de bolo de goma para comer no café da manhã. Essas guloseimas, sobretudo, a coxinha, traz-me memórias da infância, de quando minha tia passava pela manhã na casa dos meus pais, na sua bicicleta, para deixar coxinhas para eu comer no café da manhã antes de ir ao colégio. Em algumas circunstâncias, nas quais me sinto ansiosa, busco, comedido, conforto nessas memórias afetivas. Como essa ocasião era especial, eu recorri a esse fôlego afetivo, pois estava prestes a começar o primeiro encontro com as pessoas, até então, candidatas a copesquisadoras-bichas da nossa pesquisa.

Esse momento havia sido pensado para ser vivenciado presencialmente, entretanto, tendo em vista que uma das copesquisadoras-bichas não podia estar na UFPI nesse dia, dias antes como já vinha negociando o melhor dia e horário para os nossos encontros, resolvi propor que esse encontro pudesse acontecer de modo remoto (Imagem 29), pois minha preocupação era a de que todas as pessoas fossem acolhidas e estivessem presentes desde o primeiro encontro. Apesar de eu ter disponibilizado um lembrete dias antes no grupo e

enviado o link do encontro, Arapuca, a última pessoa que se juntou ao grupo, não pode participar, como relatado anteriormente.

Imagem 29 - Primeiro encontro com o grupo-pesquisador



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Logo após o café, organizei todos os materiais que usaria para a oficina de acolhimento inicial. Conferi áudio, vídeo, gravação no computador e li, mais uma vez, o roteiro que havia redigido para me orientar durante a conversa com as pessoas. Então, por volta das 08:22h, reforcei o lembrete do encontro em nosso grupo. No entanto, a ansiedade começou a me tomar, pois já estava próximo do horário marcado e nenhuma pessoa havia falado no grupo. Resolvi enviar um lembrete no privado de cada pessoa.

Para meu alívio, pouco tempo depois, Taffyta falou comigo no privado, perguntando a duração do encontro, pois, devido a uma atividade que realizaria, provavelmente, não conseguiria ficar até o final. Disse a ela que o encontro teria uma duração de, no máximo, uma hora, tendo em vista, por experiência durante a pandemia, ser extenuante passar muito tempo em reunião. Logo em seguida, vi a movimentação de Paulo no grupo da Queerdrilha, pois, a essa época, estávamos preparando esse evento, em que nos juntamos a Letícia Carolina e Celine, em uma roda de conversa (Imagem 30) sobre violência de gênero na universidade.

Imagem 30 - Queerdrilha



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Apesar disso, lembro-me que a primeira pessoa a entrar na sala foi Sat. Logo em seguida, Paulo, depois Jazmin e, por último, Taffyta. Fui as/o cumprimentando e pedindo que aguardássemos para que todas as pessoas pudessem entrar. Depois que Taffyta entrou e, percebendo que Arapuca não entraria, começamos. Inicialmente, apresentei-me e conversei previamente com as pessoas, tranquilizando-as quanto ao espaço que seria de escuta, troca e que, nesse movimento, iríamos pesquisar juntas, mas com a condição de respeitar a fala das outras pessoas, de escutá-las sensivelmente. Falei que o objetivo do encontro era nos conhecermos e começarmos a negociar a pesquisa, porque, na Sociopoética, a pesquisa é coletiva. Disse, ainda, que, caso tivessem dúvidas, a qualquer momento, nesse e nos demais encontros, poderiam e deveriam perguntar.

Logo em seguida, pedi para que se apresentassem e falassem seus nomes e pronomes. Assim o fizeram, seguindo a seguinte ordem: Taffyta, Paulo, Sat e Jazmin, como descrito a seguir:

Copesquisadora-bicha	Relato oral
<i>Taffyta</i>	Bom dia! Eu me chamo Taffyta. Eu tenho 20 anos, eu sou uma travesti não-binária. Eu estudo design de moda na UFPI e eu não sei muito o que falar [...] (eu pedi que ela falasse seus pronomes, então disse:) Ela, dela.

<i>Paulo</i>	Meu nome é Paulo. Eu me identifico enquanto uma pessoa transmasculina não-binária. Tenho 21 anos e meus pronomes são ele e dele. Estou no sétimo período de Pedagogia. Sou pesquisador na área de financiamento da educação, e estou no meu segundo ano de bolsa. Eu transicionei aos 14 anos. Eu carrego uma vivência comigo com muitos atravessamentos, porque, antes, também eu sou de Campo Maior, não sou de Teresina. Então, ter transicionado numa cidade de interior com 14 anos, para mim, foi uma experiência que faz com que eu carregue algumas vivências que eu acho que são incríveis para a gente socializar.
<i>Sat</i>	Eu me chamo Sat, sou uma menina trans, meus pronomes são ela e dela. Eu estou no terceiro período de Pedagogia, faço parte do programa PIBID (Programa de Iniciação à Docência). Faço um ano de bolsa só, e é isso.
<i>Jazmin</i>	Chegou a minha vez! Eu sou uma menina trans ou uma travesti, não me importo como você goste de me chamar. Eu sou estudante de Design de Moda e estou no terceiro período, na UFPI. Eu me chamo Jazmin, mas, como vocês estão vendo, está Zayla, Zayla Lima, por quê? É o meu nome artístico, eu sou formada em teatro, já está com uns quatro anos, e, recentemente, estou concluindo o curso de dança. Então, eu vivo muito da carreira artística, eu gosto muito, é uma área que eu me identifico muito. Os meus pronomes são ela e dela, e eu estou com um ano e seis meses, se não estiver enganada, de transição. Dentro da transição, ainda sou uma criança, ainda sou novinha, tenho muito para aprender, mas isso não significa que eu já não tenha tido e passado por vivências e experiências que todas nós passamos e, infelizmente, ainda vamos passar. E é isso.

Depois que todas as pessoas se apresentaram, dei continuidade falando o que é a Sociopoética, por quais princípios ela se guia e como ela acontece. Além disso, falei porque a escolhi como metodologia de pesquisa. A partir desse momento, falei da pesquisa, do

tema-gerador, da justificativa, dos riscos, dos resultados e falei, ainda, que eles não teriam nenhum custo com a pesquisa e que ela seria voluntária. Abordei todos esses pontos, enfatizando que eles estariam detalhados no TCLE, seria disponibilizado na versão digital para que pudessem ler, a seu tempo, antes do encontro seguinte. Perguntei se havia perguntas, dúvidas. Ninguém se manifestou. Então, reiterei que nosso tema-gerador seria este: acolhimento no CCE. Perguntei se estavam de acordo, responderam afirmativamente.

Segui informando que elas não seriam obrigadas a participar, posto que na Sociopoética, notadamente, durante a negociação, informamos sobre essa liberdade da escolha em participar ou não, a qual contempla a eticidade da pesquisa, mas, no entanto, disse que, ao formalizarmos com a assinatura do TCLE, devemos ter o compromisso com a pesquisa e com as vivências, pois estamos selando um elo, constituindo, formalmente, um grupo-pesquisador.

Em seguida, mencionei que, na Sociopoética, nós, pessoas facilitadoras, precisamos de uma pessoa de confiança que nos auxilie durante as oficinas, a co-facilitadora. Então, disse que teria uma pessoa a apresentar, Marlia. Informei que ela é uma senhora, que fez a graduação em Pedagogia comigo, que estávamos no mestrado e éramos amigas há um tempo. Disse que ela conhece e tem experiência com a Sociopoética, tem um filho trans e estuda o medo na escola, portanto, uma pessoa sensível à nossa causa e ao nosso espaço.

Diante disso, eu perguntei se elas aceitavam que ela fizesse parte do grupo na condição de co-facilitadora, cuja função dela seria nos auxiliar, mas não iria intervir nas falas. Então, perguntei se estavam de acordo. Unanimemente, disseram que, como eu estava dando a segurança de que era uma pessoa de confiança, aceitaram. Depois do aceite, convidei Marlia para entrar na sala virtual para que pudesse se apresentar. Assim que ela entrou, apresentei cada uma das pessoas, seus respectivos pronomes e pedi para que ela se apresentasse.

Já quase nos encaminhando para finalizar o encontro, disse que o próximo momento seria presencial, na UFPI, no dia 14 de junho de 2025, às 9:00h. Solicitei que fossem com roupas leves. Informei, ainda, que, durante a semana, informaria o local onde ocorreria, pois, naquele momento, ainda não havia um local acertado. Falei, ainda, que iria disponibilizar o TCLE para que fosse lido individualmente, mas que seria lido coletivamente e assinado por cada uma das pessoas no encontro seguinte. Depois disso, finalizamos o encontro com a leitura coletiva do poema *O Laço e o Abraço*, de Mário Quintana, a saber:

Meu Deus! Como é engraçado!

*Eu nunca tinha reparado como é curioso um laço... uma fita dando voltas.
Enrosca-se, mas não se embola, vira, revira, circula e pronto: está dado o laço.*

*É assim que é o abraço: coração com coração, tudo isso cercado de braço.
É assim que é o laço: um abraço no presente, no cabelo, no vestido, em qualquer
coisa onde o faço.*

*E quando puxo uma ponta, o que é que acontece?
Vai escorregando...
devagarzinho, desmancha, desfaz o abraço.*

*Solta o presente, o cabelo, fica solto no vestido.
E, na fita, que curioso, não faltou nem um pedaço.
Ah! Então, é assim o amor, a amizade.
Tudo que é sentimento. Como um pedaço de fita.*

*Enrosca, segura um pouquinho, mas pode se desfazer a qualquer hora, deixando
livres as duas bandas do laço.*

*Por isso é que se diz: laço afetivo, laço de amizade.
E quando alguém briga, então se diz: romperam-se os laços.
E saem as duas partes, igual aos meus pedaços de fita,
sem perder nenhum pedaço.*

*Então o amor e a amizade são isso...
Não prendem, não escravizam, não apertam, não sufocam.
Porque quando vira nó, já deixou de ser um laço...*

Durante a semana que antecedeu ao dia 14 de junho de 2025, já com o roteiro da vivência organizado, detive-me no levantamento dos materiais que seriam utilizados nesse segundo momento de negociação. Certifiquei-me de imprimir dez vias do TCLE para as cinco copesquisadoras-bichas, sendo uma para elas e outra para ficar comigo, além do vocabulário em pajubá. Providenciei, ainda, as músicas, tendo o cuidado de priorizar cantores trans, que

deram o tom ao encontro, e os pinceis usados na escrita do pseudônimo escolhido e na escrita das palavras que guiaram a narrativa das transgrafias de vida das copesquisadoras-bichas, a serem apresentadas no tópico seguinte. Além disso, solicitei à direção do CCE a sala de vídeos do referido centro para ser o local do nosso encontro.

No dia anterior, deixei tudo separado, inclusive a roupa que iria usar nesse dia. Agendei o alarme para bem cedo. Assim que o alarme disparou, eu me levantei rapidamente, banhei e fui organizar o lanche. Recordo que tive dificuldade em coar o café, o que me gerou ansiedade, pois eu havia combinado de oferecer carona a Jazmin e deveria chegar a tempo de organizar, com antecedência, a sala para receber as demais pessoas.

Ao sair de casa, passei na padaria para comprar bolos para o lanche e segui em direção à sede da Igreja da Comunidade Metropolitana de Teresina, onde Jazmin morava, a fim de lhe dar carona. Depois de encontrá-la, fomos à UFPI. Marlia já havia chegado e falado com a pessoa responsável pela segurança do CCE nesse dia, mas ele não dispunha da chave da sala de vídeo, no entanto, indicou a sala dos núcleos do PPGEd, que se encontrava aberta.

Então, ela se dirigiu à sala dos núcleos e, prontamente, organizou a mesa do lanche (Imagem 31) e avisou no grupo que a oficina havia sido transferida de local e se disponibilizou para buscar as copesquisadoras-bichas, caso precisassem.

Imagem 31 - Mesa do lanche

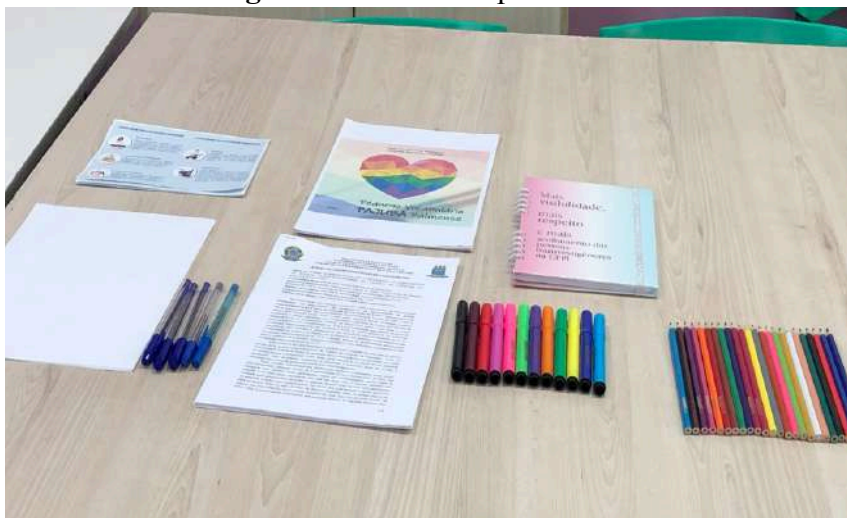


Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Ao chegar, concluímos a organização da sala, disponibilizando os materiais para a oficina (Imagem 32): panfleto com algumas orientações de como lidar com o estresse e a ansiedade, papeis em branco, canetas, coleções, pinceis, TCLEs, vocabulário em pajubá e diário dos latejos sobre a mesa e as mantas no chão da sala. Além disso, coloquei as músicas e

óleo essencial de laranja doce para compor uma atmosfera acolhedora. Logo após, li mais uma vez o roteiro da oficina e aguardamos as pessoas chegarem.

Imagem 32 - Materiais para a oficina



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Aos poucos, elas foram chegando. A primeira copesquisadora-bicha a chegar foi Sat, quem confundi com Arapuca, pois ainda não a tinha visto, seja presencial ou remotamente. Depois Paulo, Taffyta e, por último, Arapuca, sendo que as duas últimas Marlia foi encontrá-las, devido não conhecerem a localização da referida sala.

A princípio, estavam presentes quatro das cinco copesquisadoras, mas, atenta ao avançar da hora, e percebendo que Arapuca não chegava, resolvi chamar as pessoas para sentarem ao redor da mesa e comecei fazendo um apanhado conciso do que havia sido falado no encontro anterior, sobre a Sociopóetica, a pesquisa, os acordos e falei dos riscos da pesquisa para elas, foi quando apresentei o panfleto com algumas orientações de como lidar com o estresse e ansiedade.

No entanto, no momento em que as pessoas presentes assinavam o TCLE, Arapuca sinaliza que havia chegado e estava na praça do gato, então, Marlia foi ao seu encontro. Assim que ela chegou, refiz o apanhado do que havia falado, a fim de que ela se inteirasse e, logo em seguida, assinou o seu TCLE. Depois disso, falei que, naquele momento, havíamos formalizado nosso grupo-pesquisador.

Em seguida, convidei-as para que pudéssemos nos colocar de pé e nos dispor no centro da sala, para podermos alongar e acolher nossos corpos. Findado esse momento, começamos a brincadeira, inicialmente, soltas, de movimentar um balão pela sala ao som da música *Mãe*, da cantora angolana trans Titica. Sob minha orientação, elas deveriam passar o balão com movimentos, por hora lentos e, por hora aligeirados, sem deixar o balão cair.

Depois, experimentamos não deixar o balão cair, agora, próximas e segurando as mãos umas das outras (Imagem 33).

Imagem 33 - Momento brincante com o balão



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

A certa altura, segui minha intuição e me distanciei um pouco, pois gostaria que elas se integrassem ainda mais. A partir disso, passei a observá-las de longe e, percebendo a preocupação de todas as pessoas em não deixar o balão cair e, ao mesmo tempo, de não machucar a outra pessoa, fez-me constatar que, ali, estava sendo nutrido cuidado e acolhimento transreferenciado pelo grupo-pesquisador.

A vivência foi encerrada assim que o balão caiu no chão. Logo após, convidei-as para que sentassem sobre as mantas no chão. Então, disponibilizei, no centro das mantas, os pinceis e o vocabulário em pajubá e distribuí as folhas em branco entre elas. Expliquei que iriam, naquele momento, escolher três palavras que julgassem dar conta de narrarem suas transgrafias de vida. Solicitei, ainda, que escolhessem um pseudônimo para si e, quando fossem apresentar suas transgrafias, que deveriam começar falando o pseudônimo escolhido (Imagem 34).

Imagem 34 - Escolha do pseudônimo e das três palavras para as transgrafias de vida



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Depois desse momento de escolha e escrita, cada copesquisadora-bicha apresentou sua transgrafia de vida utilizando o pseudônimo, assim como as palavras que atravessam sua vida e os sentidos que elas evocam. Ademais, durante as falas, surgiu a palavra transfobia, então abri um espaço coletivo para que pudéssemos criar um nome-código para ela. Diante disso, o grupo chegou ao consenso de que, quando estivéssemos falando de transfobia, utilizaríamos a palavra cheque, uma palavra amplamente usada no meio LGBTQIAPN+, que indica quando durante o ato sexual, a pessoa que está sendo passiva na relação suja o pênis da pessoa parceira e, no que tange à pessoa que comete transfobia, reportamo-nos como chequeira, a pessoa chequeira.

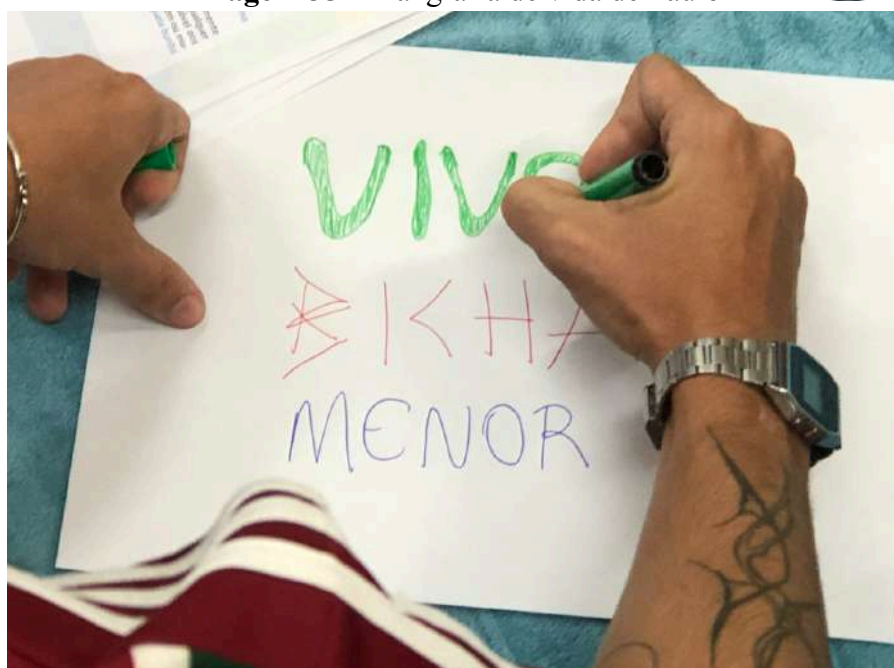
Em seguida, convidei as copesquisadoras-bichas para registrarem no diário dos latejos o que estavam sentindo, a maioria optou por desenhar. Logo depois, seguindo as recomendações do grupo-experimentador da nossa técnica artística, chamei-as para o lanche no final da oficina. Esse foi mais um momento reconfortante e acolhedor, onde conversas e risadas preencheram a sala dos núcleos. Durante o lanche, combinamos o próximo encontro, que seria a oficina de produção dos dados. Finalizamos nossa manhã com uma salva de palmas e um abraço coletivo.

4.2 Transgrafias de vida das copesquisadoras-bichas

Paulo

É um jovem transmasculino de 21 anos que cursa Pedagogia. Ele se libertou quando se entendeu como bicha.

Imagem 35 - Tranografia de vida de Paulo



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Eu começo falando meu pseudônimo, eu sou Paulo. Eu escolhi essas três palavras: **vivo**, **bicha** e **menor**, porque, desde o começo, foram as que mais me atravessaram, tanto para eu me reconhecer como quem eu sou hoje, quanto para eu transicionar, já que eu transicionei com 14 anos [de idade], numa cidade pequena, assim, sem referência nenhuma. Foi bem babado, porque eu estava meio que fazendo isso sem saber o que era que eu estava fazendo, só estava vivendo. Então, por isso, eu escolhi vivo, tanto que eu tatuei aqui no pescoço também, porque eu acho que está vivo é exatamente isso, é se transformar sempre, tanto que, quando eu transicionei com 14 anos, eu achava que eu queria ser homem, porque eu não tinha nenhuma instrução sobre a minha possibilidade de existência, e só ano passado, com 20 anos, que eu fui entender que eu sou uma pessoa não binária, porque eu não me encaixo enquanto homem, e que eu pensar isso, fez com que eu construísse várias disforias sobre o meu corpo. Então, a partir do momento que eu me entendi como uma bicha, foi o momento que eu me libertei, de fato, assim, dos estigmas que eu mesmo coloquei em cima de mim. Então, eu vivo, hoje, como uma bicha, assim muito bem, e eu escolhi essa palavra também, menor, porque foi outra coisa que me atravessou muito, porque durante a pandemia, eu escutava, passei a escutar muito Linn da Quebrada, e tem uma música dela que é “mEnorme”, que é muito incrível essa música. Ela faz um trocadilho e aí ela vai falando mEnorme, norme, norme, norme, e quando a gente repete essa palavra muitas vezes, a gente percebe que fica, na verdade, enorme, e isso é muito incrível, porque se a gente colocar em cima da nossa vida, nós não somos menos ou menor, minoria, nós somos enormes, nós somos muita coisa. Então, eu acho que essas três

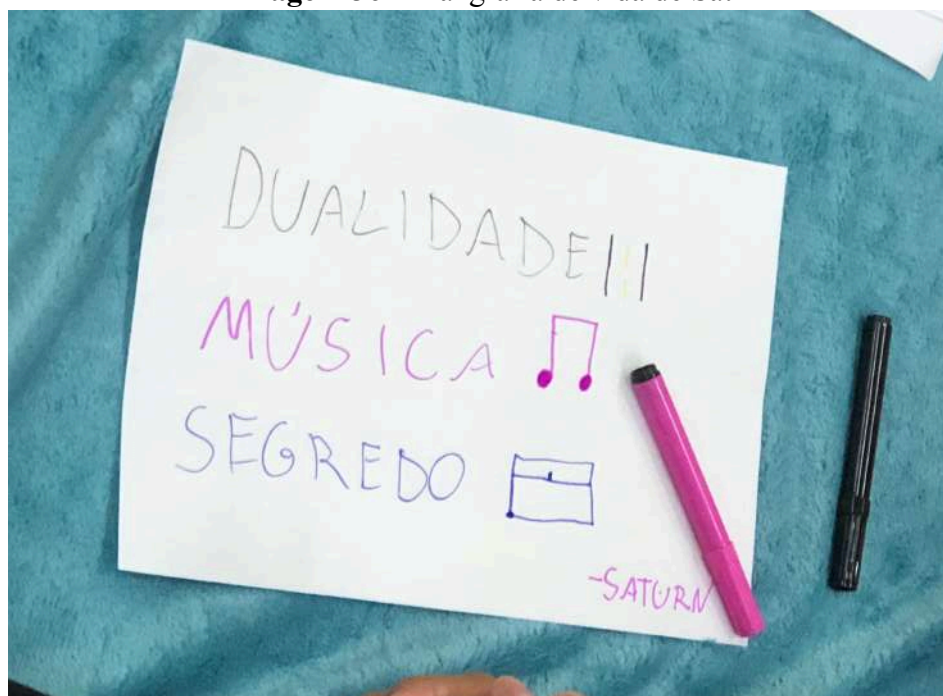
palavras são as mais babadeiras, assim, para mim, para minha existência, que poderiam transmitir isso.

Afeto-me com a potência que Paulo traz no corpo e que se reverbera nas palavras escolhidas que compõem a narrativa da sua transgrafia de vida. Ele inscreve na pele sua transgrafia ao tatuar a palavra vivo, que para ele é muita coisa, é estar se transformando sempre, mesmo por vezes não tendo afetos transreferenciados que poderiam lhe potencializar ainda mais ou a seus pares. Paulo problematiza o acolhimento de si. O que é o acolhimento de si? É ter força vital para se perceber bicha e se afirmar como enorme, grande e o é. Paulo também nos ensina sobre a gagueira, aquela em que um corpo transvestigênere causa ao CISTema e isso se constitui como um dos nossos feitiços existenciais.

Sat

É uma jovem trans de 21 anos que cursa Pedagogia. Ser transvestigênera ainda é algo que sua família não sabe.

Imagem 36 - Trangrafia de vida de Sat



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

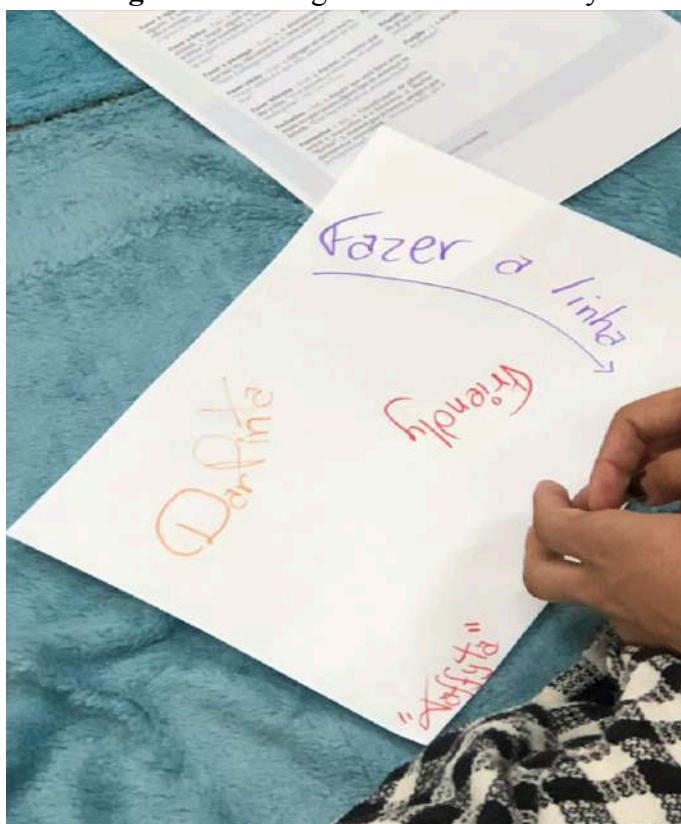
Eu coloquei meu pseudônimo Sat. Botei **dualidade** porque eu não me assumi para todas as pessoas do meu ciclo, principalmente para a minha família ainda. Então, vivo meio que essa dualidade. Eles me reconhecem como homem cis, mas eles não sabem que eu sou mulher trans, ainda, então eu vivo essa vida dupla, essa dualidade. Para eu me confortar mais, eu coloquei a **música**, a música foi um escape para mim, para essa tensão toda que tem e, junto a isso, o **segredo**, todo esse segredo da minha família. Muitas pessoas não sabem ainda.

Sinto que Sat, assim como Paulo, tem na música um refrigerio, no seu caso para aliviar a tensão de que sua identidade de gênero ainda é desconhecida pela família. Lembro-me da música de Majur sobre Tempo, Iroko, de que há tempo para todas as coisas, inclusive, para cada uma de nós transicionar e da forma como mais nos sentirmos à vontade, se fazendo uso de hormônio ou se usando roupas ditas femininas ou masculinas ou não, o importante é termos a coragem de irmos fundo em nós mesmas e bebermos do mais belo que cada um de nós trazemos, ser nós mesmas.

Taffyta

É uma jovem travesti de 20 anos que cursa Moda. Ainda no meio cristão, milita a favor da comunidade LGBTQIAPN+.

Imagem 37 - Tranografia de vida de Taffyta



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Eu sou a Taffyta, e as três gírias, as palavras que eu usei, foi **dar pinta**, **friendly** e **fazer a linha**. Eu acho que eu posso começar com dar a pinta, que é o rolê de que todo mundo da família sabe, menos eu sabia, durante muito tempo. Já segue para a outra palavra... eu passava boa parte do tempo fazendo a linha durante todo esse tempo, então, por mais que eu tivesse todos esses trejeitos femininos e fosse levada sempre à feminilidade, não me via como tal, então, ao mesmo tempo que eu dava pinta e todo mundo sabia sobre isso, todo mundo tinha receio. Então, desde a minha família até todo o meu ciclo, sempre teve muito receio de entrar em contato com esse mundo, comigo, porque eu acho que era muito esse sentido de que, se eu comentar com ela sobre isso, ela vai entender sobre o mundo, vai pesquisar e vai se encontrar. Então, eu passava a maior parte do tempo fazendo a linha, eu passava a maior parte do tempo oculta dessa possibilidade de vivência, dessas outras formas de vivência. Então, eu passei uma boa parte do tempo não me reconhecendo como absolutamente nada, então eu não me permitia me conhecer, eu não me permitia entrar em contato com um outro mundo para além

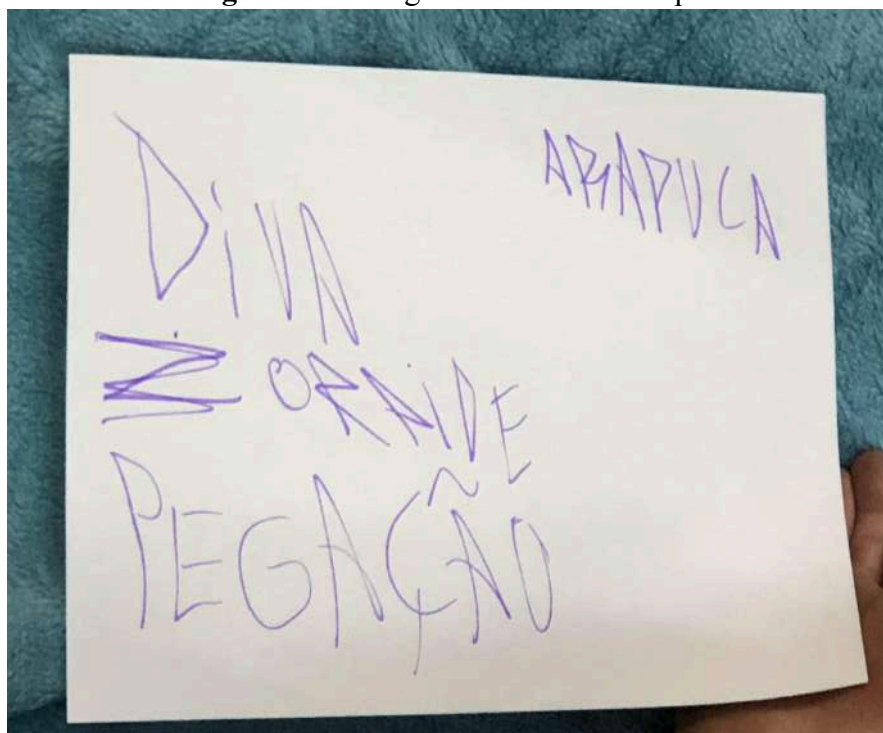
do que eu já era socialmente conhecida, e, durante muito tempo, eu passei nesse processo. E, com isso também, pelo fato de a palavra friendly, deriva muito do fato de que eu cresci em um ambiente evangélico, cresci em um ambiente cristão. Então, durante o processo de reconhecimento de outra vivência, em que eu posso ser além de um homem hétero, eu posso ser mais algumas coisas. Eu não queria sair da religião, eu não queria me retirar do cristianismo, eu não queria ser expulsa daquele meio, porque era um meio sociável para mim, era um meio que, pelo menos naquela época, eu me sentia um pouco mais confortável, eu fazia parte do teatro, fazia parte de células, eu estava ali dentro o tempo todo. Então, tinha pessoas que estavam comigo, então eu passei a maior parte do tempo usando a religião, o cristianismo e a Bíblia para que eu me sobressaísse sobre a situação. Eu sempre fui uma pessoa muito conhecida da Bíblia, uma pessoa muito conhecida de leis cristãs, então, ao invés de eu só dizer, ou eu dizia para mim, você está errada e muda completamente para o que você já conhece, ou o contrário, foi usar da religião, de todo o conhecimento, para entender que eu não era um erro, eu nunca fui um erro. Eu comecei a usar todo o conhecimento que eu tinha para compartilhar um pouco mais disso, e dizer que Deus não me odeia, Deus não me odeia e não tem porque eu também me odiar. Então, durante todo esse processo de conhecimento, eu fui usando da religião para mostrar um pouco mais que Deus não odeia a comunidade, então eu passei uma boa parte do tempo só ... Fui muito militante. Na minha adolescência, eu passava uma boa parte do tempo militando, postando, fazendo postagem em relação à comunidade, e todo mundo da igreja ainda tinha muito esse receio de conversar sobre isso. Durante um tempo, me viam, às vezes, comentavam sobre esse assunto: “Por que você posta esse tipo de coisa? E eu, às vezes, por falta de entendimento, e também não me entendia por completa, eu só dizia: “Não, é porque Deus não odeia essas pessoas”. Não me colocando como da comunidade, dizia que Deus não odeia essas pessoas, e eu tenho como provar isso, eu tenho com relação ao meu estudo, na Bíblia, eu tenho como dizer que essas pessoas não são, não deveriam ser pessoas segregadas. Então, eu passei esse tempo militando com relação à comunidade, para que, depois, eu me entendesse realmente, me expusesse realmente como comunidade, em muitos sentidos. Então, eu acho que foi muito parte desse processo, entre dar a pinta, fazer a linha friendly, esse foi muito o meu processo, antes de todo o processo de transição, de todo o processo de entendimento. Foi muito uma construção de quem eu sou, e de quem eu me permiti ser hoje.

Revendo a narrativa de Taffyta, percebo que sua transgrafia de vida faz liga com a de Sat, quando ela nos diz que respeitou o seu tempo e seu processo que se deu paulatinamente, mesmo a sua família já percebendo o exalar de sua feminilidade, mas ela ainda não. Embora ainda não percebesse a si, ela era uma pessoa que, para o Pajubá, é friendly, isto é, uma pessoa aliada que guerreava por nossas existências. Taffyta soube muito bem manusear o arco e a flecha, pois ela usou de todo o conhecimento que tinha sobre o cristianismo para poder defender a si e toda a comunidade. Viva sua existência, Taffyta!

Arapuca

É uma jovem que não informou seus dados, apenas que cursa Artes Visuais. Ela escolheu três palavras a partir de como se entende hoje.

Imagem 38 - Trangrafia de vida de Arapuca



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

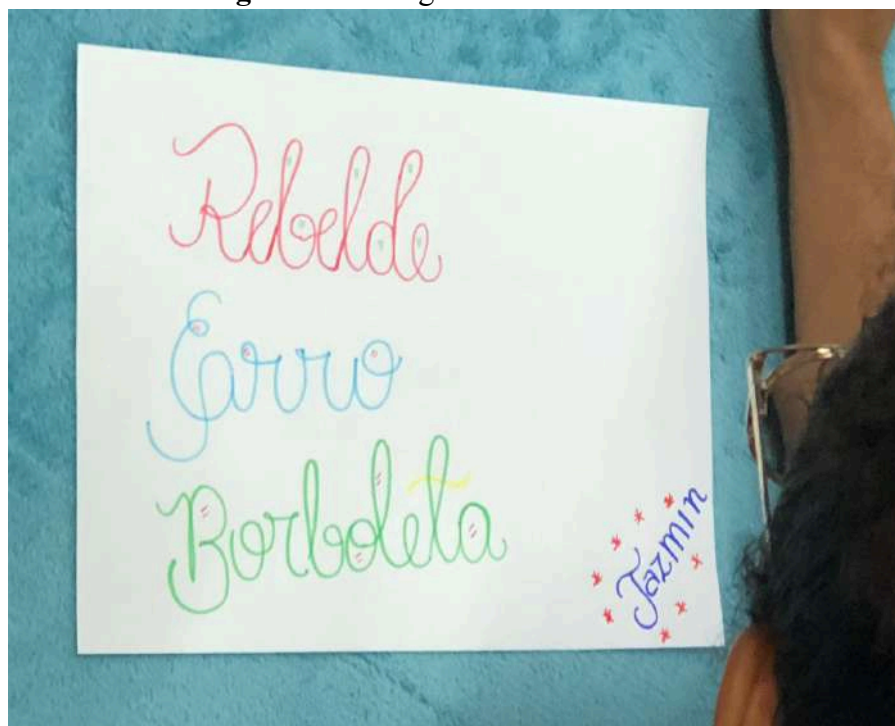
Sou Arapuca. As palavras que eu coloquei foram: **diva**, porque eu falo muito e os meus amigos falam muito também. Eu coloquei palavras que eu me identifiquei só depois que eu me entendi do jeito que eu me entendo hoje, como uma pessoa não binária aliada ao feminino. Só que, enfim, eu não penso muito sobre, porque eu gosto de como tá e, **zoraide**, porque eu não sabia o que era até eu ler, só que aí é uma pessoa que mexe com o esoterismo, misticismo, e eu acho isso muito massa. Estava estudando um pouco sobre. E **pegação** porque eu ficava com muita gente antes e depois de eu me entender como Arapuca hoje.

Arapuca é rouxinol, pássaro que corre solto e de canto inconfundível. Aparece rapidamente para nos mostrar a beleza de sua transgrafia de vida e volta para bater suas asas e alegrar outras pessoas com sua presença, que me lembra o trecho da música de um encantado chamado rouxinol, cantada por Mestra Dindinha Menezes, que diz: “eu sou forte como o vento, sou pesado como as águas. Sou eu, rouxinol, ando pela madrugada.”

Jazmin

É uma jovem trans ou travesti de 27 anos que cursa Moda. Diz ter escolhido as palavras que a ela foram atribuídas ao longo da sua vida.

Imagem 39 - Tranografia de vida de Jazmin



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Eu me chamo Jazmin. Eu coloquei três palavras que me foram muito atribuídas e que fizeram parte da minha história. Assim como a colega falou, eu também cresci num lar evangélico, e aí a carga já é bem um pouco mais complicada, e eu era muito chamada de **rebelde**, porque eu questionava muito o que era me ensinado. Então, as pessoas me chamavam muito de rebelde, eu fui tirada de muitas coisas dentro da igreja, que eu fazia parte de ministério de teatro, ministério de dança, de louvor, e eu tomava ali a frente. Quando eles começaram a atribuir e a julgar que eu era rebelde, eu comecei a perder esses espaços, que na igreja eles falam que a gente é disciplinado. Quando a gente é disciplinado, a gente perde tudo isso, a gente vira meio que crente de banco, e depois eu fui entender e gostar, de fato, de ser chamada de rebelde, porque, de fato, se eu fosse analisar e levar para um outro sentido, eu era rebelde mesmo, porque eu era tudo contra ao que a igreja que eu frequentava falava, eu era tudo contra ao que a sociedade falava. Então, de fato, eu era rebelde. Então, eu comecei a abraçar essa palavra e, hoje, eu me identifico muito com ela, eu gosto muito dela, porque, se eu não fosse rebelde, se eu não tivesse sido rebelde, eu não estaria aqui hoje, eu estaria lá na minha cadeirinha ali sendo uma marionete. E aqui, o **erro**, e aí eu completo aqui com ... (escreve um ponto de interrogação ao lado da palavra erro e diz:) O que é o erro? Porque também é outra palavra muito forte na minha história, porque eu sempre fui considerada muito erro, mas eu me pergunto: o que é o erro? o erro é de fato o erro? o erro pode ser o meu correto! Porque erro e

correto vai muito da sua visão, daquilo que você identifica como erro e como acerto e, por fim, a **borboleta**, porque eu gosto muito, e também porque os meus amigos me atribuem muito a isso.

Menina guerreira que dança balé nos ventos, é assim que Jazmin chega a nós. Sua rebeldia lhe trouxe a possibilidade de viver sua identidade de gênero livremente. Ser apontada como erro aproxima sua transgrafia com a de Taffyta, pois ambas viviam uma religiosidade que as apontava como erro, mas o erro na realidade é um grande acerto, o de ser quem se é.

TRANSGRAFIA 5

PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Imagem 40 - Grupo-pesquisador experimenta a costura de acolhimento



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

A oficina de produção de dados consistiu no momento da pesquisa em que a técnica artística *a pele transespiralar do acolher* foi apresentada ao grupo-pesquisador, tendo em vista o tema-gerador *acolhimento no CCE*. Antes disso, a técnica foi apreciada pelo grupo-experimentador e, em seguida, ajustada por mim, levando em consideração as recomendações sugeridas.

Nesta seção, além da descrição da oficina de produção de dados, apresento a análise plástica desenvolvida tanto pelo grupo-pesquisador quanto por mim, bem como a análise classificatória e o cruzamento das ideias do pensamento do grupo-pesquisador, realizados por mim.

5.1 Espirando pelo imprevisível

É importante destacar que a técnica tinha como intenção identificar como as copesquisadoras-bichas se sentiam com o acolhimento no CCE e como essas experiências ressoavam em seus corpos. Além disso, pretendia-se que o grupo-pesquisador respondesse aos objetivos específicos anteriormente apresentados nas transgrafias introdutórias: conhecer as juventudes transvestigêneres que integram o CCE da UFPI; identificar as violências transfóbicas que impedem a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE; compreender os modos de acolhimento que auxiliam na permanência das juventudes transvestigêneres no CCE; propor formas de acolhimento permanente para o combate de possíveis violências transfóbicas que dificultam a permanência das juventudes transvestigêneres no CCE.

A oficina de produção de dados ocorreu no dia 21 de junho de 2025. Como nos encontros anteriores, na noite pregressa à vivência, organizei os materiais necessários: canetinhas coloridas, giz para tecido, linha, agulha, tesoura e o tecido já cortado. A opção por levá-lo cortado deveu-se ao fato de a técnica inspirar-se nos *Trepantes*, de Lygia Clark, e no corte em caracol de tecidos. Além disso, considerei o tempo que seria demandado para o corte do tecido durante a oficina. Tive, ainda, o cuidado de garantir que o tecido não furtasse uma vivência relacional às copesquisadoras-bichas, isto é, que ele fosse possível de ser manuseado, experimentado por elas, à semelhança dos *parangolés*, de Hélio Oiticica.

Entretanto, com tudo preparado pela manhã, algo inesperado aconteceu. Sat enviou-me mensagem dizendo que não se encontrava bem de saúde e, portanto, não participaria da oficina. Senti-me tensa e angustiada, mas lembrei que, como o grupo era formado por cinco pessoas, eu não teria problema se uma não pudesse participar. Diante disso,

em seguida, enviei mensagem no grupo confirmando o encontro. Tão logo, Taffyta, Paulo, Jazmin e a cofacilitadora Marlia respondem positivamente, mas Arapuca não confirmou. Então, enviei mensagem no privado dela perguntando se estaria conosco naquele dia na vivência, mas não obtive resposta. A tensão aumentou, pois me questionei sobre como conduzir a oficina com apenas três pessoas, considerando que, em estudos anteriores, compreendi que um grupo deveria ser constituído por, no mínimo, quatro pessoas.

Apesar disso, não recuei, pois o semestre já estava findando e desejava aproveitar o mês de julho para organizar os dados produzidos, isto é, realizar as transcrições, tendo em vista que o mês de setembro havia sido pensado como o provável mês da qualificação. Minha intuição estava certa, pois, ao voltarmos em agosto, minha vida mudou, e a rotina com a pesquisa também, pois fui convocada no concurso público da Prefeitura de Teresina e passei a ter dificuldades para me encontrar com o grupo-pesquisador. Nesse ínterim, a qualificação foi adiada para novembro.

Retorno agora ao dia da oficina. Assim que cheguei, iniciei a organização da sala com Marlia. Inicialmente, preparamos a mesa do lanche e, depois, colocamos os materiais a serem utilizados na oficina sobre a mesa, e aguardamos as copesquisadoras-bichas chegarem. Como esperado, apenas Taffyta, Paulo e Jazmin foram ao encontro.

Convocando as copesquisadoras-bichas para o centro da sala, primeiramente, fizemos um alongamento de pé. Depois disso, distribuímos os tecidos a fim de que elas dançassem com eles, individualmente, e, em seguida, em grupo (Imagem 41). Decidi disponibilizar o tecido antes do relaxamento, pois busquei atender às indicações do grupo-experimentador da técnica artística, tendo em vista que me foi sugerido que as pessoas pudessem se demorar mais com o tecido, sobretudo, antes do relaxamento.

Imagem 41 - Dança individual e coletiva com os tecidos



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Depois de terem se fundido com os tecidos, individual ou coletivamente, eu as convidei para que, ainda segurando os tecidos, procurassem uma posição mais confortável para se acomodarem sobre as mantas. Esse momento foi mediado por meio da leitura da viagem imaginária, de forma calma e pausada, para que as copesquisadoras-bichas pudessem sentir e perceber a si mesmas durante a viagem. A seguir, apresento o texto da viagem imaginária:

Ainda segurando seus tecidos, vocês irão deitar sobre as mantas que estão no chão, procurando uma posição mais confortável. Nesse momento, irão fechar os olhos e levar o tecido até o umbigo. Agora, cada uma deverá puxar e soltar o ar, por três vezes, acompanhando o movimento das suas mãos subindo e descendo. Concentre-se na sua respiração... Inspira e expira (fazer com nariz e boca por 3x). Esqueça tudo o que ocorre fora daqui. Permita-se! Relaxe! (silêncio) Agora, você irá mapear seu corpo com o tecido. Leve o tecido primeiramente aos seus cabelos, massageando-os delicadamente... Passe-o pelo rosto... por seus braços... Sinta o contato da sua pele com o tecido! (silêncio) Inesperadamente, surge uma grande espiral acima de você. Aos poucos, ela vai tragando e protegendo seu corpo já envolto ao tecido e o levanta do chão. Então, a espiral começa a se mover e te leva a atravessar o teto desta sala. Prepare-se para viajar, respire! A espiral ganha velocidade e te leva até uma das entradas por onde você entra no CCE. Por onde você entra? Agora, ela segue te transportando aos seus lugares de acolhimento no CCE. Por onde ela te leva? Onde estão esses lugares dentro do CCE? Localize-os! Respire mais uma vez! Como seu corpo se sente ao viajar até esses locais? De repente, surgem barreiras que dificultam a permanência do seu corpo no CCE. Quais são e como são essas barreiras? Pense nelas. Respire por mais três vezes! Alguém ou alguma coisa lhe ajuda a enfrentar essas barreiras? (silêncio) Como seu corpo se sente ao percorrer suas transgrafias de acolhimento no CCE? (silêncio). Então, a espiral continua transportando-lhe pelo CCE, até chegar novamente a esta sala em que você estava no início da viagem. Nesse momento, ainda com os olhos fechados, deslize suavemente o tecido pelo seu corpo... Note o friccionar dele sobre sua pele! (silêncio). Sinta o tecido como extensão da sua pele! Lentamente, mexa seus pés, suas mãos e abra seus olhos. Evite conversar (verbalmente) com as outras pessoas!

Em alguns dos momentos silenciosos durante a viagem, vagueei o olhar pela vidraça e pensava que havia fracassado, que a oficina iria ser um fiasco. Sim, por um momento fraquejei, desacreditei na potência da grupalidade que havia sido constituída pelo grupo-pesquisador. Só depois, percebi sinais de que essa grupalidade não havia sido selada naquele momento, mas vinha sendo construída desde os encontros pregressos. Um dos sinais que me surpreendeu foi quando, do início da oficina, as pessoas tiraram os sapatos sem meu comando. Nesse ato, percebi a entrega e a confiança que o próprio grupo foi constituindo de si mesmo e o construir de um pensar a partir da relação com aquele chão, como nos ensina

Socorro Borges da Silva (2017), ao apresentar o conceito de Geofilosofia, que é pensamento-chão. Dias depois, registrei um diário com essas percepções:

Teresina, 29 de junho de 2025.

Este diário diz da experiência da oficina de produção dos dados, realizada no dia 21/06, com o grupo-pesquisador. A oficina aconteceu deliciosamente, fotos e gravações foram registradas. O que mais me chamou a atenção foi a atitude espontânea no início da atividade: as pessoas tiraram os sapatos para viverem a experiência. Para mim, foi um sinal de que as pessoas estavam de corpo aberto e confiantes para viverem as atividades. A grupalidade estava selada. Percebi que as pessoas haviam compreendido que o espaço era seguro e que aquele chão, o da universidade, da pós graduação (a atividade foi realizada na sala dos núcleos), também é um espaço a ser ocupado por pessoas dissidentes, sobretudo trans e travestis.

Com a viagem finalizada, iniciamos a etapa da produção individual, com duração, aproximadamente, de vinte minutos. Antes das copesquisadoras-bichas abrirem os olhos, dispomos próximo delas as canetinhas coloridas, giz para tecido, linha, agulha e tesoura, para que cada uma pudesse criar sua própria transgrafia de acolhimento no CCE, dando-lhe um nome. À medida em que foram concluindo, fomos oferecendo folhas do diário dos latejos, pois as folhas eram removíveis, para que pudessem registrar suas percepções da vivência.

Assim que todas finalizaram, instiguei para que cada uma falasse qual nome havia dado e como era composta cada transgrafia. Essa foi a etapa em que as gravações foram realizadas e, posteriormente, transcritas, as quais apresentarei adiante. Em seguida, passamos à produção coletiva. O convite foi para que juntassem as transgrafias individuais, buscando modos, como sugere Leda Martins (2021), de criar juntasuras entre elas, costuras simbólicas e afetivas que traduzissem a pluralidade das experiências, como também o pertencimento comum ao grupo-pesquisador, cujo nome dado foi *costura de acolhimento* (Imagem 42). Esse nome remete a uma das categorias de pensamento do grupo, os sentidos de acolhimento. Assim o grupo-pesquisador explica:

As costuras de acolhimento unem as nossas três vivências. E mesmo que sejam três vivências extremamente diferentes, é indiscutível que a única coisa que une a gente é ser trans e sofrer transfobia. Então, eu acho que pode ser costura de acolhimento porque a gente está compartilhando nossas dores e costurando em cima delas. E sei lá, a agulha seria exatamente esse acolhimento. A linha poderia ser o acolhimento e a agulha seria esse papo aqui, essa possibilidade de botar a gente para pensar nessas coisas todas. A linha seria o acolhimento que está unindo as vivências que nós

estamos compartilhando e a agulha seria esse momento de provocação, porque nós quatro estamos sendo provocados. A agulha seria a provocação, não necessariamente uma provocação negativa (Grupo pesquisador, 2025).

Imagem 42 - Costura de acolhimento



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Por fim, abrimos o momento da experimentação coletiva (Imagem 43) da *costura de acolhimento*, com duração de oito a dez minutos. Propus que pudessemos experimentar o que criamos, perguntando ao grupo: como experimentar nossa criação? Nesse instante, emergiu em mim o desejo de convidar as copesquisadoras-bichas a sugerirem músicas que pudessem acompanhar a experimentação. Elas foram indicando músicas de cantoras trans, o que ampliou as possibilidades expressivas e afetivas de acolhimento vivido em grupo. Depois, realizamos o lanche e o fechamento da oficina com um abraço coletivo.

Imagem 43 - Experimentação coletiva



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

A seguir, apresento as produções individuais, isto é, as transgrafias de acolhimento das copesquisadoras-bichas e as falas transcritas.

Copesquisadora Táffyta

Imagem 44 - Transgrafia “Sozinha! Sozinha?”



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Do meio para o fim, eu tentei formar uma linha contínua, mas essa não é muito a minha habilidade, está uma bagunça visual. Inicialmente, falando sobre acolhimento e de que a gente pode se sentir acolhida, para mim, vem primeiro o porquê de eu não ser acolhida, quais são os motivos que me fazem não ser socialmente acolhida. Então, eu iniciei o processo destacando a rejeição com as cores vermelha e roxo, cores mais fortes, cores que lembram, querendo ou não, algumas pessoas exclusivamente do ambiente universitário. É muito sobre o não, você não é bem-vinda e você está sozinha nessa.

Aqui, eu tentei trazer de uma forma mais aberta, e aqui é como se fosse uma forma mais velada. Então, eu tenho dito: você está sozinha e você não é aceita. Aqui, é como se fossem falas não intencionais que machucam. Não sei se ficou visualmente agradável, mas era a ideia de trazer a cor mais fraca ao sair da boca e chegar em mim em tons mais escuros. Logo, chega em mim mais forte do que a ideia que tinha a pessoa no momento de falar. Esse tom do claro para o escuro é a ideia de que foi falado de uma forma e eu recebi de outra, porque o meu processo de acolhimento é diferente de pessoas cis. Aqui, é como se fosse uma fala, um balão falando sozinho, que você está sozinha.

O meu nome traz um pouco do meu nome morto, do meu primeiro nome. E aí, em um primeiro momento, é como se eu estivesse dizendo que sim, eu estou sozinha, como se eu estivesse me afirmando como sozinha. Eu me encontro dessa forma, não tenho com quem conversar sobre isso e não tenho uma maneira de lidar com isso, não me foi posta uma maneira de lidar com isso, então, eu estou sozinha, ponto. E isso é um ponto de exclamação.

No ponto de interrogação é que começa a dúvida de todo esse processo. Se eu estou sozinha, por que eu estou sozinha e qual motivo me deixou ser sozinha durante todo esse tempo? Passando por tudo isso, eu acabei deixando um pouco de espaço para essa área do acolhimento, essa área do sentir-me bem, porque existem pessoas aleatórias com cabelos coloridos, que é toda uma ideia que eu tenho construído de que a gente usa, nós, pessoas, usamos do visual como forma de nos expressar. E não quero acreditar que uma pessoa que se sente mais livre para se expressar tende a trancar outras pessoas, pois se me expesso visualmente, se consigo me entender e me expressar visualmente, tendo a entender que outras pessoas também podem se expressar. Logo, a ideia de expressar-se visualmente me dá a ideia de que eu posso ser acolhida.

O acolhimento no CCE é mais voltado para as pessoas, para os grupos, para o social. É mais voltado para as pessoas que eu vejo sentadas na Praça de Alimentação/PA e no carretel. São pessoas que eu consigo identificar que passaram por todo um processo de vida e que têm ideias, vivências e experiências completamente diferentes, mas que posso tentar entender um pouco mais dessas vivências, pois elas podem ser distorcidas no meu ideal, mas, ao mesmo tempo, são vivências.

São pessoas que passaram por dores, por mais que diferentes, mas que conseguem me acolher. E não pessoas que, por terem cargos maiores, ou se dizem estar a favor, vão conseguir, porque por mais que elas tentem, a maioria não tenta na verdade. A minoria que tenta, não vai rolar o sentir da mesma forma, não vai acontecer de eu conseguir levar a minha dor como eu gostaria que a pessoa realmente me entendesse como uma pessoa trans. Então, as pessoas que passaram por dores parecidas com as minhas conseguem me acolher, assim como eu consigo acolher pessoas que passaram por dores parecidas com as minhas.

As pessoas que vejo na PA e no carretel, a grande parte, é trans, mas há pessoas cis que passam por vivências e por experiências que não podem ser comparadas, mas chegam a ser dores, porque continuam sendo pessoas.

Aqui, é como se fossem minhas duas personas iniciais, os dois astros que eu tenho grande apego. O “sozinha” com o ponto de exclamação virou sozinha com um ponto de interrogação, pois, passar por todo esse processo, é talvez entender que algumas pessoas possam me acolher, assim como eu posso acolher outras pessoas também dentro desse espaço.

Estar com essas pessoas afeta meu corpo de forma positiva, no sentido de crescimento, pois consigo ter outras formas de olhar para o meu corpo, não só a forma como eu era voltada a pensar. Com o meu círculo social antes de chegar à universidade, pensava que meu corpo era errado, ou a minha mente era errada. Havia algo errado, eu estava sozinha porque tinha algo errado. Ao chegar e me deparar com formas completamente diferentes de se expressar, de sentir e de vivenciar, consigo ter uma mente mais ampla e reimaginar outras formas de ver meu corpo.

Desde o primeiro período da moda, a gente faz um artigo social, e eu ajudei grande parte dos outros grupos a fazer esses artigos sociais. A gente fazia entrevistas com pessoas daqui da UFPI, e foi muito interessante, porque passou da ideia de “te acho muito estranha de forma positiva” ou “te acho muito distante” para “deixa eu entender mais um pouco sobre a sua vivência”, “deixa eu entender mais um pouco sobre os seus processos que te levaram a chegar onde você chegou hoje”, “deixa eu entender como você consegue transmitir a sua arte, de forma de picho, de forma de arte urbana”. “Como? Como você passou por tudo isso, tem tudo isso preso e, sem explodir completamente, consegue dar umas pinceladas e se acalmar?”.

áreas que isso se agrega, me afeta muito, porque eu também não retifiquei meu nome, então, logo eu também não existo para o civil, como Paulo, existe lá uma fulana de tal.

Eu coloquei ressignificar, porque a nossa vida é isso, a gente tem que ressignificar tudo para ver se sustenta continuar vivo, porque é um babado muito forte, e isso que faz a gente ser, nós trans, sermos tão pacientes com tudo, porque a gente literalmente ressignifica a nossa vida até o dia da nossa morte, tudo, todos os momentos, todas as coisas ruins, todos os desrespeitos, todos os destratos, tudo, a gente tenta ressignificar até o mais extremo.

Essa pessoa fez isso comigo, falou isso, porque ela é escrota mesmo, como se uma pessoa escrota tivesse a liberdade de me violentar pelo simples fato de eu ser quem eu sou. Ela pode não gostar de, sei lá, não gostar da roupa que eu visto, mas agora não gostar de quem eu sou, por eu ser trans, não faz sentido, não dá pra eu entender e aceitar isso.

Coloquei, também, acolhimento de quê? Por quê? Por que as pessoas trans têm que ter esse acolhimento? Por que que as pessoas cis não precisam desse acolhimento que a gente tá falando aqui? Porque ele já tem, da mesma forma que, entre nós, pessoas brancas, há essa união, esse pacto da branquitude. Entre as pessoas cis também há esse pacto de se ajudar entre si e nós que se lasque, porque é literalmente isso, a gente tá sempre indo atrás de coisas que eles já têm e de coisas que, para eles, são indiscutíveis, como uma violência que seja errada.

Uma semana depois do que aconteceu comigo aqui no CCE, daquela vivência que eu tive, o cheque, teve uma situação de violência com uma menina, que ela foi assediada e ela colocou no grupo da Atlética e eu não consegui ler quantas mensagens ela recebeu de apoio. E isso é muito bom pra ela, mas, ao mesmo tempo, eu lembro que quando aconteceu comigo, eu lembro de não ter recebido apoio nem do centro acadêmico, nem das bichas do centro acadêmico, elas nem vieram falar comigo, lamentar pelo que aconteceu, muito menos de outras tantas pessoas.

Então, por que que a gente precisa desse acolhimento e por que que a gente não tem, enquanto todo mundo tem? Então, também coloquei pecado, erro, invisível, erro ao contrário, porque a pessoa trans não é erro. O erro é quem diz que nós somos, coloquei pecado porque as pessoas usam muito isso como escudo para poder justificar a violência delas contra a gente, de que a gente está vivendo no pecado por sermos trans, e, se for, por que é um problema para ti? Mesmo que eu esteja vivendo no pecado, mesmo que isso exista, mesmo que eu vá para o inferno, por que as pessoas se importam com a nossa vida? Se eu vou para o inferno ou não, sendo que quem vai sofrer no inferno sou eu?

As pessoas usam disso tudo, de Deus, especialmente, para justificar os erros delas e para amparar, e, às vezes, criar coisas para combater as nossas vidas, tudo em nome de Deus, e eu acho isso injustíssimo. Eu tenho muitos problemas com Deus desde quando eu me entendo por gente, porque eu nunca achei justo eu passar por esses problemas enquanto meus irmãos não precisam disso. Eu preciso discutir com minha avó para ela me chamar pelo meu nome, enquanto meus irmãos não precisam disso, não precisam nem..., enfim, ainda mais que são homens, e eu, para minha avó, ainda sou uma mulher.

Coloquei o invisível, porque por mais que eu esteja vivíssimo, com meu nome, levando minha namorada e minhas amigas trans para minha casa, para almoçar comigo e tudo, eu continuo invisível, tanto para algumas pessoas da minha família, quanto para a sociedade em si.

Coloquei ensinar o respeito, porque a gente sempre está precisando ensinar, aqui dentro do CCE, especialmente em um ambiente acadêmico, um lugar que só tem gente adulta que estuda, que literalmente tem um acervo para ir atrás, e a gente, ainda assim, tem que chegar aqui e ensinar para as pessoas que elas têm que respeitar a gente, porque nós também somos pessoas, enquanto, entre eles, já há esse respeito, porque eles sabem que é o dever deles respeitar as pessoas, menos quando é com a gente.

Então, aqui a gente não tem esse lugar de acolhimento, nós temos pessoas acolhedoras, tanto que todo mundo aqui sabe dizer às pessoas específicas a quem pode se dirigir, caso aconteça

alguma coisa, mas um lugar acolhedor no CCE não consegui nem colocar, na verdade, eu coloco, mas é exatamente o que eu digo.

Coloco na parte aqui dessa coisa mais viva, dessas formas mais alegres, coloridas, eu coloco as coisas, a delícia da gente de viver, de colecionar, e eu digo colecionar não só coisas, acumular coisas, bens, objetos, mas pessoas também. Eu acho que a melhor, eu digo, que a melhor parte da minha vida é conhecer gente, é a melhor parte de viver na verdade, é conhecer gente, porque, enfim, tudo que seja material, que seja tátil assim, objetos, essas coisas, tudo se acaba, a gente não leva literalmente nada, mas as pessoas que passam pela nossa vida é o que mais deixa marca na gente, da forma que for.

Coloquei *ballroom*, porque foi uma coisa que me manteve muito vivo durante a pandemia. Eu me conectei muito com a cultura *ballroom*, acompanhei pela internet as cenas de fora, depois conheci as bichas da cena daqui e, aqui dentro da UFPI, eu já fui para algumas *ballrooms*. Então, isso é uma delícia da gente, que só a gente consegue apreciar, porque era contável os cis que tinham nessa *Ballroom*. É uma delícia a gente viver esses momentos entre nós.

Coloquei São Luís, que é o meu lugar favorito de todos, pelas pessoas que a compõem. Coloquei resistir, porque a gente tem que resistir aqui para conseguir se graduar. Não acho que a gente venha aqui só para estudar, igual as outras pessoas vêm, com todos os perrengues que a vida acadêmica traz. Não, a gente ainda é atravessado por todas essas violências que estão acontecendo com a gente só por sermos o que nós somos, é um looping.

Coloquei aqui só coisas boas, minha mãe, todas as minhas mães, porque eu não tive só uma, fui criado por muita gente, morei em muitos lugares. Coloquei música trans, minhas irmãs, todas as bichas que eu considero minhas irmãs, cerveja gelada, sábado com as bichas, meus irmãos viados, que é uma coisa que eu já abracei para mim, pois, embora eu namore uma bicha, uma mona, uma gata cis, eu sou viadíssimo. Queria poder ser mais, aí eu coloquei no título da transgrafia a dor e a delícia do privilégio de viver trans, que eu acredito. Gosto demais de viver nesse corpo, de ser trans, de ser uma coisa, de não ser nem homem nem uma mulher, no inferno de um mundo cis, que essa é a parte da dor. Então, eu conecto tudo dessa forma, a dor e a delícia da gente viver do jeito que vive.

O corpo-coisa pode tudo e se sente ressignificando, tentando fazer com que seja um impulso para continuar. Mas é muito difícil ter que conectar essas duas coisas, embora tente sempre, porque eu me acho muito fraco, sofro por pouca coisa. Só que, ao mesmo tempo, eu não posso demonstrar essas fraquezas, porque, senão, vão pisar em cima, aí a gente tem que ressignificar até isso, ressignificar a dor, tentar transformá-la em uma coisa que não me afete.

São duas dores, de ter que fingir que não se afetou, mas afetou sim, mas a gente vai ter que lidar com isso, porque, embora nós tenhamos pessoas com quem a gente possa contar, às vezes me sinto mal de ter que desabafar com algum irmão, com algum amigo meu trans, pelas coisas que eu estou passando, porque eu sei que ele também vai estar passando pelas mesmas coisas. E eu não vou ter coragem de desabafar com uma pessoa cis, porque vai ser inútil.

Um abraço, tudo bem, acolhe, mas, às vezes, a gente também só quer ser ouvido. E, quando a gente fala as nossas dores para uma pessoa cis, é visto como algo extremamente alheio, como se fosse outra coisa, uma experiência de outro mundo, só por eu ser trans. Isso é muito cansativo, então prefiro ficar na minha e tentar ir até onde eu conseguir.

Não existe um tempo certo de vida. Se eu morresse hoje, teria vivido muito bem. Não teria morrido cedo, não acredito nisso, de morrer cedo ou viver muito. A pessoa pode viver 98 anos, 100 anos de uma vida medíocre e ter vivido muito menos do que eu, com 21. Então, eu ressignifico. Se acontecer alguma coisa comigo, estarei feliz, porque, até agora, as pessoas que estão na minha vida eu gosto demais delas. Portanto, espero que fique as coisas boas, a delícia que foi de viver comigo e ter colecionado alguns momentos, algumas coisas.

Assim que Paulo terminou de apresentar sua transgrafia de acolhimento, a próxima foi Jazmin. Entretanto, ela promoveu uma movimentação interessante, pois instigou as outras copesquisadoras-bichas a, primeiramente, falarem sobre sua transgrafia para, depois, apresentá-la, o que gerou um diálogo transversal no grupo-pesquisador. Assim, espontaneamente, Paulo foi o primeiro a comentar a transgrafia de Jazmin, a qual apresento a seguir e, abaixo dela, a fala de Paulo.

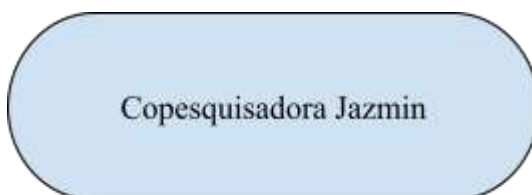


Imagem 46 – Transgrafia “Amanhecer no ciclo”



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Eu também gosto muito de me expressar por espirais. Eu senti esses espirais como vários processos, um aglomerado de processos que a gente passa diariamente. Processos, cheques, essas pequenas coisas que afetam a gente todos os dias. Entretanto, a gente vem para a UFPI, passa por tudo isso, mas quando chegamos na nossa sala, encontramos aquela bicha que a gente gosta demais, então falamos com aquela pessoa que valoriza a gente e que a valorizamos. Logo, vale a pena está aqui, mesmo em meio a todo esse caos.

Na outra etapa, é isso, da gente conviver e viver com essas coisas, mas ainda assim sorrindo, porque, em qualquer lugar que a gente vá, essas espirais vão estar, no melhor ambiente que for, entre as nossas, a gente ainda vai ter essas coisas. Então, essas flores talvez sejam isso, o sol, o vento, a cor, as coisas passando e esses processos no meio, essas espirais no meio.

Em seguida, Taffyta disse:

Tem um rolê muito do processo no espiral, mas me pega muito o fato de todos eles serem fechados, são concluídos, ou, não necessariamente, que eles realmente tiveram um fim, mas que a gente tende a acreditar que é bom colocar um fim nessas coisas negativas, nessas etapas. A gente passa por muitos rolês e tende a mantê-los concluídos, para que a gente pule para outros, porque, querendo ou não, todo rolê de ressignificar também é vivenciar outras coisas, é por isso que estão fechados.

Todos esses processos estão muito mais concentrados nesse início, principalmente antes do X. Então, a partir daí, já é como se fossem contatos e os processinhos vão sendo menores, a gente vai lidando melhor com eles, então, eles acabam ficando mais lidáveis. A gente tende a lidar melhor com eles, com pessoas que querem e tentam entender a gente, não que necessariamente consigam, mas que, pelo menos, tentem de alguma forma.

E o rolê final está meio que mais sem carinhas, é como se fosse um processo mais interno, mas como se tivesse encontrado alguma coisa, que é a única parte que tem sol e flores e formas mais fluidas. Então, é como se tivesse passado por alguns processinhos para se encontrar, porque, até hoje, eu também acredito que eu não me encontrei 100%, pois ainda estou perdida e vou me encontrando cada vez mais. Mas eu também estou satisfeita com quem eu sou hoje. Encontrou de algum jeito uma coisa muito bonita internamente, e continua com os processos e com todas as etapas, o que é normal e comum. Na verdade, ainda tem uns processinhos para lidar, mas tem um bonito de se ver.

Jazmin retoma:

Aqui, de fato, são os processos que eu passei e que tenho certeza que vou continuar passando, porque a nossa vida é assim, e a nossa, de pessoas trans, se intensifica mais. Isso não é questão de a gente estar se vitimizando, pois é uma verdade, é muito verídico. Eu sou esse pontinho aqui. Tenho que passar por todos esses processos e, algumas vezes, eu tenho que finalizar o processo, mas, muitas das vezes, isso está fechado, porque não consigo nem sair desse processo. Então, existe essa dualidade, de quando eu encerro o processo ou quando eu não consigo sair dele, sinto com isso, que sempre tenho que costurar as minhas amizades, e essa costura tem que ser forte, porque ela depende de mim. Se eu não costurar, se eu não segurar, ela solta e dissolve, por isso, para que eu chegue nesse processo de ser feliz, mas, ao mesmo tempo, triste, ainda estou passando por um processo, e estou tentando segurar essa costura, porque essa costura só depende de mim, a pessoa só me acolhe a partir do momento em que eu seguro ela.

Eu preciso segurar as minhas amizades, e aqui vem o mesmo processo, mais uma costura, quando chega aqui, mais uma costura. Aqui seria o ideal de um acolhimento, estou sendo acolhida por alguém, mas ainda há processos.

Eu tenho um ciclo que sempre se repete na minha vida. Nunca tive amigos, nem fiz parte de um grupo de amizades, mas quando eu entrei no técnico de teatro, antes de fazer dança, consegui um ciclo de amigos e fiquei mais próxima de uma menina que era a Josi, não a Josy, outra Josi, e eu conseguia sentir esse acolhimento da parte dela, mas ela conheceu um garoto, que também fazia teatro, só que ele estava na nossa frente, e eu fui jogada de canto, pois ela passou a acolher mais esse garoto.

Eu respirei, tudo bem, faz parte da vida. Entrei na universidade, consegui um ciclo de amizade, me foquei mais em uma pessoa e ela em mim, tanto que ela falava ser eu a prioridade dela no curso, e eu falava: “igualmente”. No entanto, voltou a acontecer o mesmo que no curso de teatro, entrou uma outra pessoa e fui jogada de canto novamente.

Então, esse ciclo de eu formar uma amizade, essa pessoa me acolhe, vem outra pessoa e eu sou jogada de canto, sempre aconteceu. E aí, é como se fechasse aqui, estou no processo, passo por tudo, chego no acolhimento, volto para o processo de novo, porque eu sou sempre jogada de canto. É por isso que eu vou sempre amanhecer nesse ciclo, espero que um dia esse ciclo seja quebrado, infelizmente ainda não foi.

No CCE, meu corpo é um corpo-estranho, um corpo estranho de ser acolhido. Eu tenho, não sei se seria sorte, mas a minha turma é muito respeitosa. Não vou falar que eu tenho esse acolhimento, porque existe diferença de respeito para acolhimento, então eu não sei identificar se a minha turma me acolhe ou ela me respeita, mas sinto que o meu corpo é muito estranho de ser respeitado e de ser acolhido no CCE.

Quanto aos lugares de acolhimento no CCE, não tem. Não existo ou a minha existência é errada, são só esses dois caminhos.

O que me afetou nas outras transgrafias foi que, na do Paulo, teve mais a questão das palavras. Então, eu me foquei mais nas palavras, na parte da dor. Gostei muito da forma como ele trouxe a dor e a delícia. Achei isso muito interessante e intrigante, porque, até então, eu não conseguia fazer essa associação entre a dor e a delícia. E durante a explicação, ele fez essa ligação, então, passei a enxergar de uma outra forma, que basta como olho a situação, como observo essa dor, como ressignifico essa dor e essa delícia.

E o da Taffyta foi a questão do sozinha. Por mais que a gente tente, que a gente lute, para quebrar essa coisa de estar só, é muito difícil. E entra aquela questão de eu tenho muitas pessoas ao meu redor, mas isso não significa que faço parte de um grupo. Posso ter milhões ao meu lado, e ainda assim eu posso me sentir sozinha, porque sozinha não é só sobre estar sozinha, é sobre se sentir sozinha também e o nosso corpo sente muito isso, essas duas coisas, de estar sozinha por não ter ninguém e de ser sozinha por ter muitas pessoas, mas, ainda assim, não ser compreendida.

Vou ser bem radical mesmo. A saída é não se importar, eu não me importo mais! Não tem porque tentar ao máximo ou obrigar as pessoas a me acolherem. Se não quiserem me acolher, tudo bem, vida que segue.

Thaffyta continua:

Teve um rolê que me pegou muito, que foi quando “tu comentou” sobre a forma como a gente não é acolhida de forma alguma. E eu lembrei do acontecimento que teve essa semana comigo, que já ocorre há um tempo. O que aconteceu foi que eu tenho um irmão mais velho, e desde a época em que iniciei na universidade, pois eu tinha passado para Ciências Sociais na UESPI e cheguei a ir durante um bom tempo. Durante esse tempo, tive várias conversas com professores, e em um desses momentos, eu percebi como sou olhada, pois, por mais que eu não seja completamente lida como uma pessoa feminina dentro da minha casa, o olhar para comigo é diferente do olhar para com meu irmão, que é de homem viril, hétero cis. Então, por mais que eu ainda seja lida dentro da minha casa como homem, esse olhar se tornou diferente. Parei para analisar outros aspectos sociais. Por exemplo, a questão dos afazeres em casa, que aqui são associados ao feminino, a mulher que deve fazer, e o homem que fica fora de casa trabalhando. Então, sempre foi assim, por mais que eu não seja vista 100% como eu gostaria, como uma pessoa feminina, tem certos aspectos negativos que colocavam em cima de mim, pois sempre tinha que fazer todos afazeres em casa, enquanto meu irmão estava deitado, assistindo TV e jogando Dragon Ball Z.

Eu era quem sofria, comigo que brigavam para limpar a casa, para lavar a minha roupa. Desde sempre, eu que lavei minha roupa, e, até hoje, mesmo meu irmão morando fora, de vez em quando ele traz roupa para minha avó lavar.

Ele sempre foi muito brincalhão, não de forma positiva, pelo menos, para mim. E eu sempre demonstrei isto, que eu não gosto de alguns tipos de brincadeiras que ele tira, mas percebo que tem um apego maior para com o que ele faz. Por mais que eu demonstre, constantemente, que eu não me senti confortável com alguma atitude dele, ou fale para ele, ou fale para minha família, eu, ainda assim, sou lida como agressiva, como a estressada e como a que faz tempestade em copo d'água.

É como se a minha e a nossa dor não fosse válida. Eu duvido que se fosse acontecer a mesma coisa com ele, sendo uma pessoa masculina cis, porque eu vejo esse rolê de que já passou por uma etapa de que, se você quer ser assim, vou ter que, uma hora ou outra, aceitar. Mas é como se encontrassem outras formas de me machucar. Não sei se propositalmente, mas ocorre de encontrarem outras formas de tornar a minha dor um pouquinho mais “doível”.

Paulo fala:

Eu esqueci de comentar essa parte, fazer o dobro ou merecer, de que a gente sempre está nessa posição de que a gente faz algo bom, mas não é tão bom quanto do teu irmão. “Tu passou” na universidade, mas o teu irmão também. “Tu vai” ter que fazer um doutorado para ver se consegue pegar ele. A nossa vida é sobre isso, mesmo que a gente dê o nosso melhor em tudo, mesmo que a gente sempre esteja servindo excelência, nunca vai ser suficiente ou nunca vai ser igual ao trabalho de uma pessoa cis, a atividade de uma pessoa cis, a postura.

Até nisso, se a gente se posicionar um pouquinho mais em alguma situação de distrato, nós vamos ser lidos como mal educados, grossos, como pessoas soberbas, sendo que, qualquer outra pessoa na nossa posição, cobraria o mesmo, respeito. Quanto a gente, é sempre: “você mereceu, você perdeu a sua razão”. No momento em que você se estressou, perdeu a sua razão.

Paulo comenta a transgrafia de Taffyta:

Quando “tu começou” a fazer essa parte, eu olhei e senti que é a maneira como as pequenas coisas chegam a ti. Eu compartilho da mesma sensação. De uma frase que não foi proposital para me magoar, mas magoou. Essa frase não devia ter acontecido, mas aconteceu por quê? Por que você não sabe que isso vai me magoar? Você devia saber. Porque eu sei que se eu chegar numa pessoa e falar que não gostei da roupa dela, a pessoa vai ficar mal. Como é que alguém fala alguma coisa para mim e não pensa em como eu vou ficar? E como é que isso ainda vai ser sobre mim, como eu vou lidar com isso, sendo que vai chegar até a mim por causa de uma pessoa que foi irresponsável na fala dela e, no final das contas, vou ter que lidar com isso sozinho?

Eu sinto isso, especialmente, nos lugares em que a gente paga para ser bem tratado. No caso de ir a um médico, fazer coisas básicas. Eu tentei por muito tempo fazer terapia, inclusive, aqui na UFPI, mas é muito difícil de eu chegar, desabafar e, no final, falar que sou trans, e toda a história que falei não vale mais, agora é sobre eu ser trans. Tira-se o foco do que eu falei e o foco vira a minha existência, como se eu tivesse falado que sou trans para lidar com isso. Só que eu não quero lidar com o fato de ser trans, mas lidar com os problemas que levei. A última psicóloga que fui pedi para eu levar produções, artigos de pessoas trans para ela ler, pois disse que queria se inteirar do assunto. E eu fiquei perplexo, paralisado. Eu vou dizer o quê? Que ela é a profissional? Que ela é que tem que ir buscar isso? E não sou o paciente dela? Tem que levar conteúdo para ela? Meu Deus! Isso não entra na minha cabeça. Essa foi a

única que teve a decência de fingir que se importa com alguma coisa, porque as outras tratavam só de Deus, uma me perguntou se tinha religião e o que ela acha disso.

Eu me senti muito atravessado, especialmente depois da tua explicação, porque as pessoas falam qualquer coisa que nos atravessam e a gente sozinho tem que lidar com isso. E, se a gente não lidar, quem vai se lascar somos nós também. Então, no final das contas, a gente está tendo sempre que lidar com os nossos problemas e com os problemas dos outros. Isso é o pior, é a parte que mais nos sobrecarrega, porque se fosse problema nosso, tudo bem, mas o problema dos outros para resolvermos é um porre. O que mais me tocou, fora o sol e a lua, foi isso, porque eu senti isso também.

Taffyta fala:

Às vezes, a pessoa sabe o que está falando. Naquele contexto, foi tido como um comentário inofensivo, só que, para mim, não. O que me lembra isso é, por exemplo, em sala de aula, erro de pronome. São comentáriozinhos que são soltos durante a aula. E foi tipo... É, aconteceu! E aí vem muito o rolê de que se eu tentar fazer o mínimo, chegar no professor e dizer que me senti desconfortável, vai parecer de novo que fiz tempestade em copo d'água, porque saiu sem querer!

Paulo fala:

Não é nada demais! Só negligência a tua existência!

Taffyta continua:

É um rolê que dói tanto nesse ponto, quanto no de que eu não tenho tanta abertura e não me dou tanta abertura para eu demonstrar o quanto aquilo me magoou. Tá bom, você fez um comentário que você, entre aspas, não percebeu o que fez, mas tem como a gente sentar e conversar e eu falar que isso me machucou. Não foi só um comentário inofensivo. Para mim, não foi só um comentário inofensivo! Me machucou! Então, tem como, pelo menos da próxima vez, você tentar ter um pouco mais de ética. É esse tipo de coisa que não rola, especificamente quando não se tem vivências como a sua dentro de uma sala de aula, por exemplo. Então, eu sempre vou estar de novo sozinha. Eu sempre vou estar sozinha sentindo aquilo. Eu sempre vou ter que engolir sozinha todos aqueles comentários, porque não posso falar, pois estarei fazendo tempestade em copo d'água com o professor. Não posso falar para ninguém do meu lado, porque todas as outras pessoas são cis e ninguém vai me entender.

Paulo fala:

A última tempestade no copo d'água que eu fiz foi quebrar a porta do Centro Acadêmico de Pedagogia, por estar falando a minha dor e as bichas que me causaram essa dor estarem falando que eu devia ressignificar e ver melhor como eu ajo nesses momentos de violência.

A bicha que me violentou ficou repetindo que eu devia pensar mais nos outros, de que eu devia ser mais controlado e parar com essa síndrome do protagonismo. Isso porque eu estava fazendo uma denúncia de transfobia, porque ela tinha sido violenta comigo e ela disse que eu devia ter mais paciência nesses momentos. E foi aí que eu surtei.

Eu surtei gritando, bati em tudo, quebrei tudo, devia ter quebrado mais, me arrependo de ter quebrado tão pouco. Não era muito eu pedir para pessoas acadêmicas agirem como pessoas acadêmicas, como estudantes. Ainda mais o curso de Pedagogia, porque eu estou ali, a gente

lê texto, a gente cursa disciplina de Antropologia, de Sociologia da Educação, de tudo, de como as pessoas se desenvolvem, como nós somos quando somos crianças, e essas pessoas estarem dentro de um centro acadêmico na posição política que elas têm, deixando escapar a possibilidade de me ajudar, de me acolher, de nos ajudar, porque, quando ajuda um, ajuda todo mundo. Mas não, a última tempestade no copo d'água que eu fiz foi pelo fato de que as pessoas que me magoaram não terem nem o bom senso de assumirem o que elas fizeram, o que elas fazem, na verdade.

Falei de outras situações de cheque que acontecem comigo aqui no CCE, que não tinha sido só aquilo. Então, as bichas do centro acadêmico falaram que isso não é recorrente, porque achavam que tinha sido só dessa vez. Eu falei: “Não, amor! Eu sou trans todos os dias, então eu passo por isso todos os dias”.

Inúmeras vezes as professoras falam o meu nome de certidão que está na chamada, falam na sala e eu tenho que levantar. A professora fala: “Quem é?” Aí eu tenho que dizer: “Sou eu!” Mas é porque está outro nome. Isso já é uma situação de violência, eu já estou me submetendo a essa situação constrangedoríssima e violenta de negligência de uma identidade. Isso não é nada para as outras pessoas!

Isso me atravessa demais de ter meu nome morto exposto, das pessoas terem esses dois nomes sobre a minha existência, sobre as pessoas comentarem sobre isso, porque não é só isso, e as pessoas esquecem o que foi dito, o momento, o nome. Não! Aquilo vai ficar marcado naquelas bichas cis todas. Isso elas não veem como uma situação de transfobia, me olharem torto porque eu fui de cropped, ou porque eu usei um top. Elas entendem que, se eu sou trans, sou Paulo, eu tenho que estar sempre masculino, sendo que eu não sou um homem. Enfim, então o babado é muito forte mesmo!

Taffyta retoma:

Quanto ao rolê de ressignificar o nome, por exemplo, pois querendo ou não, se a gente der um pouquinho a ideia de que machucou, talvez as pessoas usem aquilo para realmente me machucar, porque perceberam que me machucou. Prefiro ter uma ideia de que é o meu nome, tudo bem, foi o meu nome morto, então, eu tento me manter calma para que as pessoas ao redor não utilizem daquilo para realmente me machucarem.

As pessoas, ao invés de entenderem que a gente está machucada e nos acolherem, elas reformulam nosso pensamento. Meu Deus, isso é muito louco! Isso é coisa de psicopata. Eu tenho quase certeza que isso é coisa de psicopata! Imagina, eu estou comentando sobre a minha dor e a pessoa chega para mim e diz que eu tenho que me policiar mais.

O meu primeiro processo com terapia também foi por causa da minha mãe. Na época, a gente ainda era da igreja. Havia uma psicóloga na igreja, mas, que bom que ela não teve muito esse contato com a religião. Ela foi realmente muito profissional nesse sentido, mas, a todo momento nas sessões, era sempre a mesma fala de que, tudo bem que você está sentindo isso, mas você já parou para pensar no que sua mãe sente? Você já parou para pensar no que sua mãe está sofrendo?

É toda uma reformulação do meu sofrer. Será que você realmente está sofrendo como deveria? Será que isso não é exagero? Será que você não está se passando? Será que não tem outra pessoa que não está dentro de você, mas que está passando pelos mesmos processos que você? Será que essa pessoa não está sofrendo mais que você? Você tem certeza? E aí, é toda uma reformulação de que o meu sofrimento não é válido e faz a gente acreditar nisso.

De forma concreta, me fiz acreditar que talvez houvesse pessoas sofrendo por minha causa mais do que eu. Isso não faz nenhum sentido, mas fazem com que acreditemos fielmente nisso, para que eles não tenham culpa, porque eu sou o erro, a sozinha e sempre a errada.

Então, por mais que eu tente me entender e me empoderar do que sou, eles vão sempre encontrar formas de me tornar a culpada. Por que você está agindo assim? Por que você está vestindo essas roupas? Por que você está se empoderando do seu corpo? Por que você está postando a bandeira no Instagram? Por que você está se expondo?

Esse tempo todo eu sou policiada dentro da minha casa, para não mostrar muito quem eu sou. Tudo bem, eu sei quem sou, mas talvez eu não deveria mostrar tanto. Por quê? Porque, para além dos processos de transfobia e LGBTfobia, tem o processo de feminicídio. Tem o processo de que as minhas roupas curtas fora da minha casa, no meio da rua, podem ser lidas de uma forma como eu não gostaria. Então, eu posso ser assediada, estuprada.

É sempre o olhar voltado para o outro e não para mim. Nunca me perguntaram com quais roupas me sentia mais confortável em usar, mas sempre me diziam que era melhor usar roupas mais longas, porque outras pessoas podiam me julgar, me atacar, enfim, podiam ter um olhar diferente sobre mim.

Eu nunca tive essa liberdade de pensar em mim, sempre foi pensar no outro. Tem certeza que você quer usar esse tipo de roupa? E as pessoas que vão te julgar? E os programas televisivos que mostram todo dia pessoas como você sendo mortas por usarem essas roupas? Não é só pensar que talvez essas pessoas devam mudar. Não, eu que deveria mudar as minhas vestes. Por que eu deveria mudar as minhas vestes ao invés de olhar para esse social e dizer que você está errado? Não sou eu que tenho que mudar, você que tem de lidar comigo. Eu não tenho que mudar de forma alguma, sou assim, ponto.

E é assim a forma como eu me expresso e as roupas que eu gosto de usar. Então, ao invés de você, homem cis hétero, querer automaticamente me assediar e me estuprar, e eu ter que lidar com isso, vai crescer, estudar, vai fazer alguma coisa de interessante. Porque, independente se a gente está sofrendo, chorando ou está no canto de um quarto sofrendo, o olhar é para o outro e nunca para a gente.

Eu costurei tanto aqui quanto aqui para dar uma ideia da barreira. Quando a gente saiu da sala, de maneira, sei lá, astral, nós encontramos os locais de acolhimento e barreiras. Então, foi mais para dar essa ideia de que a gente tem esse rolê, tem etapas que a gente conseguiria passar de forma contínua, mas a gente tem coisas e pessoas que vão parar a gente, vão fazer a gente sentir de outra forma e nos impedir de nos entender, de ser quem a gente realmente é. Por isso que o pano, para mim, não é contínuo, ele tem essas paradas, paradas bruscas e grandes, para me mostrar que sempre vai ter, sempre vai ter algo ou alguém que vai querer me impedir, não necessariamente, que vai conseguir, mas que vai querer me impedir de seguir em frente de alguma forma.

5.2 Análise plástica pelo grupo-pesquisador

Devido aos desencontros que tive em encontrar com o grupo-pesquisador, inspirei-me em Shara Adad (2011) e, no início de outubro de 2025, entreguei as transcrições das falas e as imagens das transgrafias de acolhimento em envelopes, para que as copesquisadoras-bichas Sat, Jazmin, Paulo e Taffyta pudessem fazer suas análises e, em seguida, enviassem a mim. Entretanto, devido às suas atividades, apenas Taffyta retornou em tempo hábil, para que eu acrescentasse as análises na dissertação antes da qualificação.

Copesquisadora-bicha Taffyta

Revisitar esses escritos levou-me ao exato sentimento que tive no dia da conversa, e me vieram sentimentos como raiva, angústia e dor, principalmente lembrando que tudo é tão verdadeiro, até o lidar com o sentir do outro e o olhar do outro. Eu revivi todo o ódio que senti no dia falando sobre isso, o quanto a nossa dor precisa estar o tempo inteiro escondida, porque a de pessoas cis é mais validada, mas, para além desse sentimento, tomou conta de mim, também, o sentimento de união. Em um momento, o Paulo disse: “A única coisa que une a gente é ser trans e sofrer transfobia”. Isso me trouxe exatamente a ideia que ele havia dito anteriormente de ressignificar, porque eu acho que devemos ressignificar isso mais que qualquer coisa. Não deveria ser apenas isso que une a gente, nós somos mais que isso, eu sou mais que uma “pessoa trans”, eu sou e posso ser tudo, me sinto ligada a muitas pessoas exatamente por isso, por ser muitas e me encontrar em muitas versões de mim. E, cada uma delas, me faz adentrar em universos diferentes. E, quando eu digo universos, eu estou falando de pessoas, do universo que é o “ser” humano.

Ao ler as impressões da copesquisadora-bicha acerca do que foi produzido na oficina de produção de dados, sinto que, apesar dos desencontros, o grupo criou uma liga, isto é, uma grupalidade, um sentimento de união que se faz espiralar, e se propaga e racha com o tempo cronológico, pois a grupalidade permanece na memória da pele do grupo-pesquisador.

5.3 Análise plástica pela facilitadora

A análise plástica é uma etapa na pesquisa sociopoética que, de acordo com Letícia Nascimento (2014, p. 102), é o “[...] momento em que o facilitador analisa as imagens e todo material icnográfico como se os tivesse feito. É uma análise intuitiva; geralmente, após essa análise, o pesquisador produz um poema ou outro gênero literário”.

Primeiro, eu senti a necessidade de ouvir novamente as músicas que as copesquisadoras-bichas indicaram durante a experimentação coletiva da costura de acolhimento. Abri as imagens junto a um documento em branco e fui me perguntando: O que eu vejo? O que penso do que vejo? Em seguida, comecei a transpor para o papel o que me passava durante o cartografar das imagens. Então, criei o seguinte poema:

A dor e a delícia do privilégio de viver trans no inferno de um mundo cis diz do meu
corpo que não se deixa tomar pela truculência de regras que insistem em minar minha
existência

Existo pra quê(m)? Para mim e para quem me quer bem!

Querem me invisibilizar e apagar a todo custo, mas...

Sou corpo que flui e encontra brechas nos encontros que bombeiam o sangue em minhas veias
ditas hereges.

Ressignificar é meu grito, num deserto onde o acolhimento me falta!
 Onde reside o verdadeiro erro, então?
 O erro está no inferno desse mundo cis!
 Reside no dedo de quem me aponta e condena!
 Resisto ao viver colecionando o bom da vida trans ao me embriagar de ser feliz!

Querem meu corpo comprimido em espartilhos... **Sozinha!**
 Mas não sabem que meu corpo é lâmina afiada que dilacera as más línguas?
 Minha arma é ter pontas douradas de vida, vida que faz juntura com outras tantas vidas
 multicores que se esparramam, se espalham e resistem à uniformização.
 Eu sou, nós somos o que não querem que somos...
 o curto circuito na cabeça dos eleitos.
 Somos a linha na pence que puxa e repuxa a pele tranquila da normatividade.
 Aquenda tua ira e teu veneno, meu bem, pois travestis e bichas unides fazem fuzuê!
 Nossos corpos são nossa transnação! **Sozinha?**

Na ponta da mesa um café... O que se adiciona a um novo amanhecer?
 Acolher caracóis e caminhos coloridos.
 Flores solitárias que se abrem ao vibrar do sol.
 O que, afinal, meu corpo-ponto quer transgrafitar hoje?
 Transgrafias de vazios, momentos, pausas entre o dito e o não dito, talvez!
 Assim, entre a soleira da porta e meu corpo-ter-cido registro meu inacabado **amanhecer no**
ciclo.

5.4 Análise classificatória pela facilitadora

A análise classificatória é um dos momentos mais delicados na pesquisa sociopoética, uma vez que é nessa etapa em que a facilitadora se debruça sobre os relatos orais, a fim de realizar um mapeamento do pensamento do grupo-pesquisador. Portanto,

O facilitador retoma as transcrições dos relatos orais, buscando selecionar ideias predominantes no pensamento do grupo-pesquisador, tendo em vista aquilo que é semelhante, divergente, ambíguo e oposto, relacionando e agregando as ideias em busca das linhas constitutivas do pensamento do grupo-pesquisador, observando os confetos criados (conceitos + afetos) acerca do tema-gerador (Leticia Nascimento, 2014, p. 102).

Essa foi uma das etapas que, para mim, foi a mais delicada no percurso da pesquisa, pois senti dificuldades em realizá-la. Entretanto, não estive sozinha, posto que minha orientadora foi presente e me segurou com carinho e cuidado, ajudando-me a perceber, a

partir do seu olhar sensível, o que pensa o grupo-pesquisador. Diante disso, juntas identificamos as seis categorias seguintes no pensamento do grupo-pesquisador:

1. SENTIDOS DE ACOLHIMENTO
2. TIPOS DE PESSOAS NO ACOLHIMENTO
3. SENTIDO DA EXISTÊNCIA TRANS
4. EXEMPLOS DE VIVÊNCIAS TRANSFÓBICAS
5. TÁTICAS DE ENFRENTAMENTO DAS TRANSFOBIAS
6. SENTIDOS DE CORPO

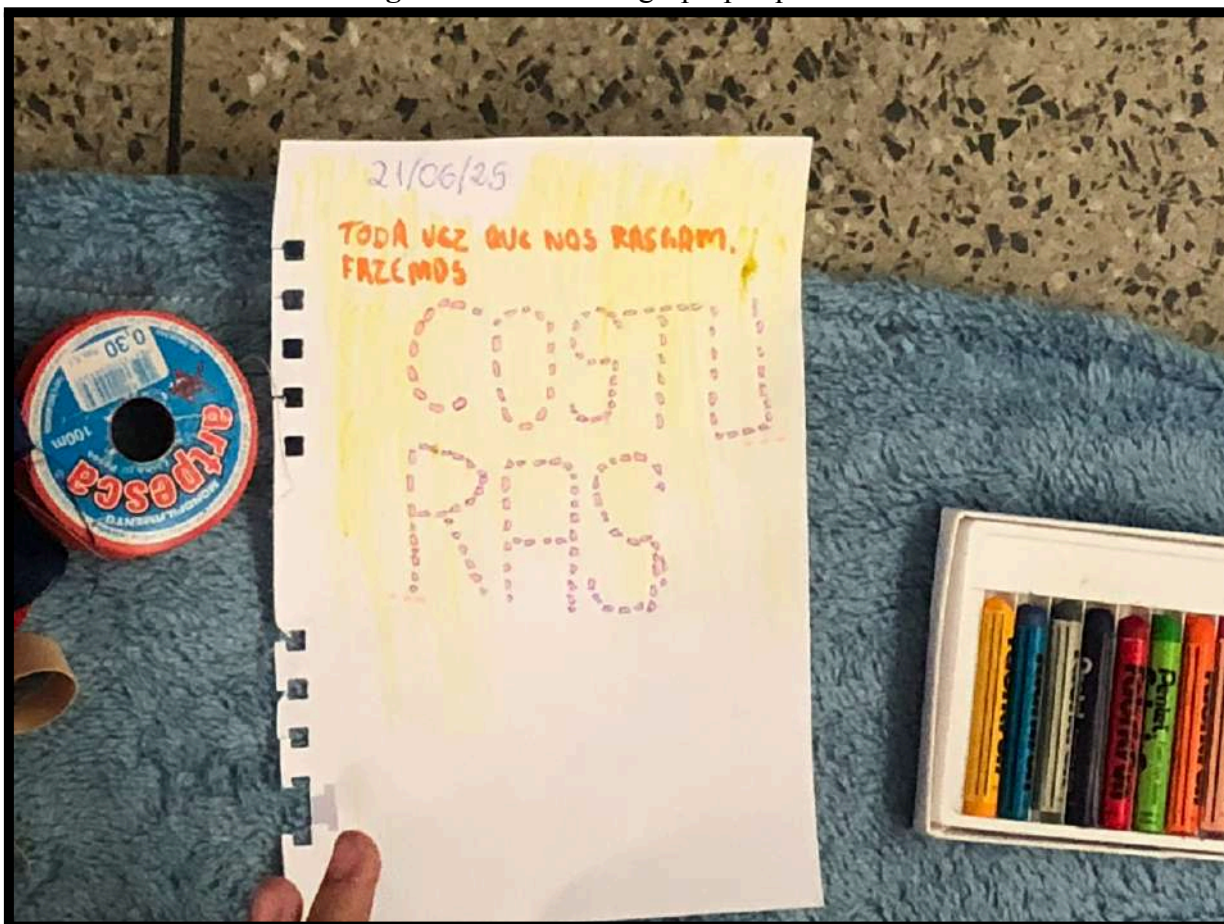
Depois do mapeamento das categorias, fizemos estudos na intenção de separar alguns enunciados que entendemos ser de determinada categoria. Como demonstrativo, apresentamos o estudo classificatório a partir da fala transcrita da copesquisadora-bicha Paulo (apêndice A). Isso nos permitiu conhecer como o pensamento do grupo se delineava em relação ao tema-gerador, ao identificar aquelas ideias que convergiam, que divergiam, que se opunham entre si e, até mesmo, aquela produção ambígua que se anunciava como paradoxo, trazendo a possibilidade de criação de um confeto problematizador do acolhimento.

Depois desses estudos, avançamos para os estudos transversais, o que nos possibilitou cartografar o pensamento do grupo e, em texto literário, apontar para os resultados. Os estudos foram se constituindo no texto literário que levei para a contra-análise.

TRANSGRAFIA 6

AS COPESQUISADORAS-BICHAS SE SENTAM PARA COSTURAR A CONTRA-ANÁLISE DO ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Imagem 47 - Diário do grupo-pesquisador



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Nesta última seção, apresento o momento da contra-análise, no qual pude apresentar às copesquisadoras-bichas o estudo realizado por mim do pensamento do grupo-pesquisador, através de um texto literário. Nesse momento da pesquisa, elas puderam se posicionar e tecer considerações que expandiram a reflexão sobre o acolhimento na educação superior.

6.1 Costuras que formam tecido-corpo-bicha na educação superior

A contra-análise aconteceu nos dias 30 e 31 de janeiro de 2026, de forma remota. Iniciei os encontros falando da importância do momento e, em seguida, realizei a leitura do texto elaborado para esse momento, o qual apresento a seguir:

Em uma tarde cálida de setembro, numa pequena casa no subúrbio de uma cidade situada no interior do Maranhão, Caracolina, que é corpo de jovens transvestigêneres que conta histórias espiralares em tecidos, com pedaços vindos de vários lugares da universidade, desde a Pedagogia, a Moda e as Artes Visuais, decide averiguar a caixa de correios. Saca a tampa que protege a caixa pelo lado de dentro da casa e enfia os olhos à procura de alguma correspondência, mas, vendo que não havia nada, aproveita para observar o movimento da rua pela fresta por onde as correspondências são colocadas pelo carteiro. Certificando-se de que não havia nenhum movimento de transeuntes, a não ser de um gato revirando o lixo no outro lado da rua, decidiu retornar para dentro de casa.

Ao chegar na sala de estar, Caracolina liga o ventilador e deita numa rede já estendida, cuja vista do céu é possibilitada por uma pequena janela. Pega o celular e se põe a balançar na rede. À medida em que se balança, impulsionando o movimento com os dedos do pé esquerdo, passa com as pontas dos dedos ágeis da mão direita os feeds no Instagram, criando um compasso quase perfeito. Ao chegar em um feed contando as conquistas de uma travesti de 35 anos que havia concluído o curso superior e se encontrava terminando o doutorado, demora-se. Com o dedo já parado sobre a tela, começa a vaguear o olhar na imensidão do céu azul e ensolarado daquele dia, pensando nos desafios que aquela pessoa havia enfrentado para ter conseguido tais conquistas.

Pensou: **“Como viveu na universidade? Que acolhimentos passou para chegar onde chegou?”**

De repente, entre um pensamento e outro, Caracolina começa a ter alucinações devido ao calor escaldante. O celular cai ao seu lado, mas dentro da rede, enquanto a sua perna desfalece fora dela. Momentaneamente, enxerga tudo cinza e, em seguida, se vê tragada por um grande túnel que a leva em direção a um banco de areia no meio de um rio de águas caudalosas.

Caracolina, ainda confusa e incrédula, chega ao banco de areia, que era o Programa de Pós-Graduação em Educação, onde a travesti do Instagram estava concluindo seu doutorado. Senta e observa a forma como a doutoranda se articula com colegas e professores, e continua a pensar, a princípio, sozinha, nas perguntas que envolviam a vida

acadêmica da travesti. E, como num processo de vidência, ela percebe que o acolhimento na universidade se torna problema para muitas pessoas transvestigêneres.

Caracolina, por ser um grupo que transita na universidade e vai transformando os locais em espirais, passa a entender que as jovens transvestigêneres na universidade vivem **Existência Trans-invisível-nas-espirais**, as quais convivem com vários processos e, por mais que estejam vivíssimas, com seus nomes, levando suas namoradas e amigas trans à sua casa para almoçar, continuam invisíveis, tanto para algumas pessoas da família, quanto para a sociedade em si. Além de que, na outra etapa, de conviver e viver com essas coisas, elas terão que enfrentar sorrindo, porque em qualquer lugar que vão, essas espirais estarão, no melhor ambiente que for, mesmo entre as nossas, ainda vai ter essas coisas.

Os **processos-espirais-que-afetam** são um aglomerado de experiências que as jovens transvestigêneres passam diariamente. São as transfobias todas, essas pequenas coisas que afetam todos os dias, que confluem e produzem as existências múltiplas de Caracolina, dando potência para o enfrentamento das **pessoas-chequeiras**¹³, aquelas transfóbicas que tanto são psicopatas como escrotas, uma vez que elas a violentam verbalmente com o discurso de que está em pecado e, por não entender a sua dor, ainda dizem para ela se policiar, e não percebem o impacto da transfobia-cheque que causam.

Nesse convívio, o acolhimento transfóbico se deve ao fato de que essas pessoas vivem o **Pacto-cisheterobrancocristão**, que as autoriza a usar do discurso do pecado para combater Caracolina pelo simples fato de ela ser quem é.

Que pacto é esse? **Pacto-cisheterobrancocristão** é um contrato não verbalizado que envolve práticas educativas transfóbicas, que contaminam tudo à sua volta, e chegam a todos os lugares, inclusive à universidade, onde as jovens transvestigêneres estudam.

Esse Pacto possui que outras práticas educativas?

Ainda na miragem da viagem, Caracolina, ao olhar para a margem do rio, isto é, aos arredores do programa de pós-graduação da travesti doutoranda, avista pessoas lavando roupas sujas, tomadas como pessoas sujas. Essas são as pessoas do mundo cisheterobrancocristão. Elas viram Caracolina e perceberam que ela não segue o pacto de tal mundo.

Práticas educativas transfóbicas são acolhimentos que produzem violência de toda ordem. Caracolina, por exemplo, observa que, nos espaços da educação, a **prática-educativa-cheque** ensina, de modo ambíguo, que jovens transvestigêneres estão em pecado, pois advém de **acolhimento-rejeição-aberta-fechada** praticado pelas **pessoas-chequeiras**, sendo que a transfobia acontece, ao mesmo tempo, de forma velada e por outras escancaradas.

Caracolina percebe que há etapas em que as jovens transvestigêneres conseguem passar de forma contínua, mas têm coisas e pessoas que vão tentar pará-las, vão fazê-las se sentir de outra forma e as impedir, de certa forma, de se entenderem, de serem quem realmente são. Por isso, existem transgrafias com paradas bruscas e grandes, para mostrar que sempre vai

¹³Cheque é uma metáfora para as violências transfóbicas que as jovens transvestigêneres passam. Pessoa-chequeira é a pessoa que pratica a violência transfóbica.

ter algo ou alguém que vai querer impedi-las, não necessariamente irão conseguir, mas que irão querer impedi-las de seguir em frente de alguma forma.

Ou seja, a rejeição é repleta de impedimentos e de falas não intencionais, e possui cores fortes próprias dessas **pessoas-chequeiras** que praticam a **prática-educativa-cheque**. Caracolina não aceita, e por isso permanece sozinha!

Isso também gera o **acolhimento-Sozinha-Sozinha!?**, que é um não acolhimento na universidade e os motivos pelos quais não se é socialmente acolhida pelo processo com a rejeição-vermelha-roxa, que é aquela **rejeição** em que se está sozinha, que se diz que não se é bem-vinda e tem cores fortes das **pessoas-chequeiras** do ambiente universitário.

As rejeições produzem **existência-coisa-peso-de-estar-sozinha**, por meio da qual as jovens sentem o peso de estarem sozinhas, por não terem ninguém e de serem sozinhas por terem muitas pessoas que não as compreendem. O cansaço de ensinar o respeito, de viver a solidão e a rejeição produz ainda o **acolhimento-estopim**, que seria o acolhimento que só acontece quando as jovens transvestigêneres explodem como um estopim, como um cordão ou pavio inflamável, próprio de explosões desencadeadas por gatilhos advindos de uma série de eventos, conflitos ou reações advindas das práticas educativas transfóbicas produzidas pelo **Pacto-cisheterobrancocristão**. Para completar, esse acolhimento-estopim ainda é usado contra elas, pois alegam que, no momento em que se estressaram, perderam a razão, por se posicionarem um pouquinho mais em alguma situação de distrato. Nesse tipo de situação, serão lidas como mal-educadas, grossas e soberbas, sendo que qualquer outra pessoa na posição delas cobraria o mesmo: respeito.

Apesar disso, elas **ressignificam-para-existir**, que é ressignificar tudo para ver se sustenta continuar viva, porque é um babado muito forte e as faz serem pacientes com tudo, até com o mais extremo. Têm que resistir para conseguirem se graduar, não acreditam que vão à universidade só para estudar, igual às outras pessoas que vão com todos os perrengues que a vida acadêmica traz. Não, as jovens transvestigêneres ainda são atravessadas por todas essas violências que acontecem com elas só por ser quem são. Seguem tentando fazer com que seja um impulso para continuar, destaca Caracolina, como num manifesto: nós vamos re-existir!

Ou seja, apesar de Caracolina ser atravessada por essas rejeições, ela é fruto dos feixes de tecidos que constituem as jovens transvestigêneres, que vêm de várias tessituras dentro da universidade, formando um **tecido-corpo-bicha**, composto por transgrafias, isto é, por marcas oriundas das vivências de cada jovem, que se aglutinam e se potencializam coletivamente.

Que marcas afirmativas de si e de mundo, Caracolina pode contar?

Afirmando-se, Caracolina - coletivo feito de jovens trans - entende-se como **Pessoas-Trans-que-ensinam-o-respeito**, que sempre estão precisando ensinar no ambiente acadêmico, um lugar que só tem gente adulta que estuda. Ainda assim, têm que chegar e ensinar para as pessoas que elas têm que respeitar as jovens transvestigêneres, porque elas também são pessoas, enquanto entre essas pessoas já há esse respeito, porque sabem que é o dever delas respeitar as pessoas, menos quando é com as jovens transvestigêneres.

Caracolina, então, dá voltas em espiral no espaço da educação, e de dentro de sua bolsa-amarela-estrela, que também é o corpo das jovens transvestigêneres, tira num só giro uma coleção de táticas que, além de potências da vida trans, são práticas educativas criadas pelas jovens para o enfrentamento na universidade ou fora dela das transfobias do **Pacto-cisheterobrancocristão**.

Retirou primeiro, de dentro da bolsa, a **tática-vida-que-segue**, que é aquela tática criada pelo corpo trans, que tem de ser radical, cuja saída é não se importar, pois se não a respeitam e acolhem, é deixar as **pessoas-chequeiras** para lá e, vida que segue!

Em seguida, a **tática-rolê-dos-processos-concluídos**, que as jovens transvestigêneres criam por acreditarem que é bom pôr um fim às coisas negativas. Então, elas passam por muitos rolês e tendem a mantê-los concluídos, para que pulem para outros, porque, querendo ou não, todo rolê de ressignificar é, também, vivenciar outras coisas.

Caracolina retirou, ainda, a **tática-manter-a-calma-sozinha**, que é a tática de lidar sozinha com as violências, sobretudo, manter a calma quando o nome morto - aquele nome que chamavam a pessoa transvestigênera antes de sua transição - é falado em algum espaço da universidade, para que as pessoas não usem isso como munição para machucar as jovens.

As táticas aliviaram a tensão de Caracolina, em meio ao peso das rejeições, e o corpo das jovens ganhou mais expansividade espiralar ao notar que, apesar da existência dessas **pessoas-chequeiras** que não acolhem, existem **pessoas-acolhedoras**, aquelas pessoas específicas a quem Caracolina pode se dirigir, caso aconteça alguma coisa na universidade.

E essas pessoas se fortalecem, e elas re-existem, sim! Afirmam-se quando há **acolhimento-bicha-com-bicha**, em que as jovens transvestigêneres vão para a universidade, passam pelas violências, mas chegam na sala de aula e encontram aquela bicha que gosta demais. A trans fala com aquela pessoa que a valoriza e que ela também valoriza, então vale a pena estar na universidade. Isso racha com a solidão causada pela rejeição.

Lembrando disso, ela dá outro giro pelo espaço à procura de pessoas que pudessem ajudá-la. Foi quando surgiram três **pessoas-aleatórias-com-cabelos-coloridos**, podendo ser trans e não trans. Essas três pessoas possuem dores diversas e acreditam que o visual descolado as deixa mais livres. Outro ponto, é que este visual também torna possível transformar as pessoas transfóbicas, pois os cabelos coloridos fazem com que, para elas, não as tranquem, não sejam violentas, isto é, não serão transfóbicas-chequeiras. Elas são pessoas que acolhem Caracolina e a quem ela também pode se dirigir, caso precise de ajuda.

Dito de outro modo, as três pessoas são formas de ser acolhidas. É a forma de expressão de uma pessoa que se sente mais livre para se expressar e tende a trancar outras pessoas que são transfóbicas. Eu me expesso visualmente, e eu consigo me entender e me expressar, assim, eu tendo a entender que outras pessoas também podem se expressar. Então, toda essa ideia do expressar-me visualmente me dá uma ideia mais de formas como eu posso ser acolhida.

Quem são pessoas-aleatórias-com-cabelos-coloridos que acolhem jovens transvestigêneres na universidade? Elas eram as três irmãs sem nome. E assim se caracterizam:

- A primeira, a mais velha, tinha, aproximadamente, 25 anos, e usava o cabelo longo na cor rosa, que era dividido e jogado para frente por cima dos ombros;
- a do meio tinha por volta de 20 anos, possuía o cabelo curto e volumoso na cor verde;
- e a mais nova tinha 19 anos, seu cabelo era crespo e roxo, usava um penteado afro-puff, cujo cabelo é preso no alto da cabeça com dois coques volumosos.

Caracolina ficou fascinada com as cores vibrantes dos cabelos das irmãs, mas o que mais chamou sua atenção foi o fato de que elas não possuíam rostos, mas sim, uma espiral no lugar dos olhos, nariz e boca. Apesar disso, não sentiu medo, pois as suas aparências não lhe transmitiam perigo.

Elas são **pessoas-acolhedoras-sem-rosto**, que desafiam a linearidade do **Pacto-cisheterobrancocristão**, ao se ancorarem em matrizes culturais diversas, a exemplo das africanas e afro-brasileiras, expressas no cabelos afro-puff e coloridos, e são identificadas pelas jovens como pessoas aliadas no enfrentamento do Pacto na universidade. Isso potencializa o corpo das jovens, impulsionando, ainda, a **ExistênciaTrans-nas-espirais-coisas**, que é aquela existência trans que convive com vários processos, independente do local que esteja, até mesmo entre outras existências trans.

Caracolina recebe, das irmãs sem nome, **acolhimento-abraço**, aquele que acolhe tudo e nele a pessoa só quer ser ouvida. Então, as jovens sentem a **ExistênciaTrans-na-dor-e-na-delícia-de-viver-colecionando-gente**, porque carregam na dor todas as coisas boas, gostam de viver em um corpo que não é nem de homem e nem de mulher, e são felizes por conhecer pessoas que marcam a vida e acolhem. Ao passo que também usam da **tática-costura-amizade**, que é aquela potência de costurar as amizades, e essa costura sempre tem que ser forte, porque se não costurar, se não segurar, ela solta e dissolve-se.

Como são feitas essas costuras das amizades? Quais são os critérios e/ou situações em que isso acontece?

Caracolina entendeu que tudo isso gera **ExistênciaTrans-nos-processinhos-menores-depois-do-X**, que é aquela existência na qual se vai lidando melhor com os processos, então, eles acabam ficando mais lidáveis, como lidar com as pessoas que querem e tentam entender a existência trans. Nisso, ela sentiu o tecido em simbiose espiralar com sua pele. Seu coração acelerou e as lágrimas rolaram pelo rosto de Caracolina, que também se derramaram pelo **tecido-corpo-bicha**, acordando-a.

Quando se deu conta, estava de volta na rede onde havia caído desfalecida de calor. Caracolina desperta molhada com as lágrimas misturadas ao suor e acaricia sua pele. Pega rapidamente o caderno que estava sobre uma mesinha no canto da sala para escrever um diário sobre o sonho, mas olha a hora e percebe que já estava atrasada para sua aula na universidade, localizada na cidade vizinha, apressa-se, pois ainda teria que atravessar uma ponte e, depois dela, iria transexperiviver mais histórias de vitórias e reExistências.

E, por fim, bradou um manifesto das jovens: “Toda vez que nos rasgarem, faremos costuras!”

O que podem as ExistênciasTrans na educação quando tecem epistemologias espiralares de acolhimento?

O que pode o corpo de ExistênciasTrans na educação quando tece epistemologias espiralares de acolhimento?

Iniciei a leitura ambientando o local em que Caracolina se encontrava, pensando sobre a trajetória universitária de uma travesti de 35 anos. Quando chegamos no segundo parágrafo, após a leitura das perguntas - **Como viveu na universidade? Que acolhimentos passou para chegar onde chegou?** - o grupo-pesquisador parou para comentar da seguinte forma:

Eu gostei muito desse começo da ambientação, porque dá para entender que pessoas trans são pessoas que vivem normalmente. Porque muita gente tem aquela ideia de que a pessoa trans vive na vida louca, na vida de festa, de coisa assim, mas, às vezes, as pessoas só vivem normal, vivem numa... Normal não, comum, de forma comum, numa casa, numa rede, enfim, vendo o tempo passar... Como viveu na universidade? Sim, muita gente trans tem medo até de entrar na universidade, por medo de como vai ser aceito, aceite. E a pessoa até fica no receio de entrar. Porém, também, ela pode ter um sentimento de inspiração. Por exemplo, a pessoa passou na universidade, fez a graduação, a pós, agora é doutor, doutora, e ela pode ser inspiração também. “Nossa, eu posso viver isso também? Como vai ser a minha vez vivendo na universidade? Como ela viveu, como ele viveu? Que acolhimento passou para chegar onde chegou?” Então, a pessoa pode pensar assim também: “Nossa, como foi? Será que foi ruim?” Mas também pode pensar: “Será que foi boa a experiência dela?” Então, eu acredito que, dependendo de como essa pessoa foi vista na vida, ela pode ter essas duas polaridades de pensamentos, mas eu acho legal como ela pode também se inspirar, não só se martirizar nas suas questões.

Prosseguindo a leitura, ao chegar ao quinto parágrafo, que abordava os processos vivenciados por Caracolina, grupo que transita na universidade, o grupo-pesquisador manifestou concordância e fez o seguinte comentário:

Por mais que a gente siga um caminho, que a gente encontre pessoas novas e ciclos novos, a gente sempre sente que está voltando a um ciclo de novo. Seja num novo relacionamento... E quando eu digo relacionamento amoroso ou amizade, uma nova relação, a gente sempre sente que tem que passar, às vezes, pelas mesmas etapas do início. Isso se dá muito no quesito relações com pessoas cis, porque é o que pega mais, pois é como se a gente tivesse que passar pelas etapas na conversação com pessoas cis de como você se descobriu uma pessoa trans, qual é o seu processo. Esse tipo de coisa que, às vezes, deixa pessoas cis instigadas e curiosas, e que a gente se permite abrir, dependendo da relação, e se permite adentrar nesse novo ciclo de eu quero que você me entenda e quero que você faça parte também desse processo.

No parágrafo seguinte, isto é, no sexto parágrafo, o grupo-pesquisador comentou o seguinte sobre as **pessoas-chequeiras**:

O cheque é como se fosse uma pessoa que está toda hora te analisando para saber qual o gênero, entre aspas, o gênero biológico, que isso não existe, que “tu nasceu”. A pessoa dá um cheque, uma checagem de cima para baixo e te policia como tu deves vestir, como tu deves falar, como tu deves agir, como tu deves, sei lá, comer. Então, coisas básicas, assim, as pessoas chequeiras ficam falando o que tu tens que fazer.

Adiante na leitura, o grupo-pesquisador para e se demora no parágrafo nono. Esse parágrafo remete às pessoas que estavam ao redor do programa de pós-graduação da travesti doutoranda, levando roupas sujas, tomadas como pessoas sujas. Então, comenta:

Isso me pegou muito, pois remete que essa sujeira é criada. Tem uma ideia de que elas estão lavando uma roupa suja, uma roupa que não necessariamente está suja, mas que é dita como suja. Como essas pessoas viram a Caracolina e perceberam que ela não segue o pacto de tal mundo, é como se ela não ligasse para essa, entre aspas, também sujidade, porque essa ideia de sujidade foi criada. Então, ela não tem a necessidade de impor isso sobre ela e de acreditar que ela está suja.

Ao seguir na leitura, começamos a ler sobre o **Pacto-cisheterobrancocristão** nos parágrafos sete e oito. Ao final do oitavo parágrafo, após a pergunta “**Esse Pacto possui que outras práticas educativas?**”, o grupo parou para comentar nos seguintes termos:

Esse pacto-cisheterobrancocristão, eu sinto que tem muito a ver com a questão do patriarcado. A questão do homem cishetero branco querer dizer, porque ele tem o poder de dizer como tu deves ser, ainda usando o alibi do cristianismo, justificando que lá na bíblia está dizendo que tu tens que ser de tal modo, sendo que esse contexto bíblico cristão não cabe para todo mundo. Então, essa pessoa cisheterabrancocristã acaba não entendendo isso, e cria essa opressão em cima das pessoas transvestigêneres. E é bizarro elas usarem a fé delas para atacar, o que é muito estranho.

Ao fazer críticas ao acolhimento e, principalmente, ao pacto cisheterobrancocristão, mostra a falácia do acolhimento na academia, onde muitas pessoas transvestigêneres nem têm esse acolhimento. Então, esse pacto, de alguma forma, é o arquiteto escancarado para a transfobia, porque ele nomeia essa forma evidente e essas interconexões de forças que legitimam a violência e o discurso do pecado pelas pessoas-chequeiras.

Ao prosseguir na leitura, o grupo-pesquisador parou no décimo terceiro parágrafo para comentar sobre o **acolhimento-Sozinha-Sozinha!?**, que é um não acolhimento na universidade:

Esse segmento de parágrafo diz muito sobre disforia. Eu senti que diz sobre disforia, no sentido de a gente não estar num padrão correto e a gente começar a duvidar de nós mesmas, nós mesmos. Eu estou sendo, eu estou errada de estar assim, mas, ao mesmo tempo, a gente pode se perguntar: ‘Eu estou sendo feminina o suficiente para passar, estou sendo masculino o suficiente para passar, para entrar naquele grupo, naquele pacto?’. Ao mesmo tempo que têm aquelas frases que nos machucam, por exemplo, falar sobre pelos no corpo, falar sobre não estar sendo feminina o suficiente, o mesmo vale para os transmasculinos não estarem sendo homem o suficiente, então, acaba sendo uma autossabotagem, que também é uma forma de violência, e a pessoa acaba se isolando porque está sendo desmotivada, está duvidando do que ela é, do que ela sabe que ela é, e acaba criando essa disforia.

Depois disso, continuei lendo o texto e, no parágrafo décimo quinto, o grupo reiterou a ideia apresentada no parágrafo antecedente ao que pararam, não expandindo a discussão sobre a ideia do mínimo que as pessoas transvestigêneres reivindicam: respeito. Apesar disso, ao chegarmos ao parágrafo dezenove, que fala sobre a primeira tática que Caracolina retirou da bolsa, a **tática-vida-que-segue**, o grupo se manifestou:

Às vezes, até não funciona essa tática, porque a gente acaba explodindo, acaba tendo estopim. Então, a gente, além de ser desrespeitada, a gente é saída como maluca pelas pessoas chequeiras. Por isso, às vezes não funciona, pois chega um momento em que a gente explode por ter falado, ensinado e educado várias vezes e, mesmo assim, não adianta.

É, às vezes, parece que eles só querem atenção. Então, a gente tem que dar tudo, menos isso.

É interessante notar que, na primeira dissertação do NEPEGECEI/OBIJUVE, que tratou sobre a relação entre educação e as vivências transvestigêneres, Lucivando Martins (2016, p. 161) apresenta como o grupo-pesquisador de sua pesquisa vive e pensa as táticas: “[...] práticas cotidianas, nos seus modos de existência, nos seus gestos, nas suas linguagens, as educadoras Trans operam táticas do educar na relação com o gênero que resistem aos poderes heteronormativos”.

As táticas também emergem com força nesta pesquisa, apresentando-se intrinsecamente ligadas às corporalidades transvestigêneres, que se constituem armas de guerra contra o pacto-cisheterobrancocristão, como destaca Letícia Nascimento (2023, p. 86): “Fazemos de nossas corporalidades máquinas de guerras (des)orgânicas para colapsar o cisheteropatriarco burguês e cristão”.

Prosseguindo na leitura, o grupo comentou, ainda, a última tática, **tática-manter-a-calma-sozinha**, que trata sobre lidar sozinha quando é pronunciado o nome morto, aquele pelo qual a pessoa trans era chamada antes da transição:

Ocorre muito quando o meu nome morto é falado e não é direcionado a mim. Eu ouço e dá uma sensação de estar acuada, por ouvir de longe o nome que fui a vida toda chamada, embora ainda dentro de casa eu seja chamada por esse nome. Mas ouvi-lo na universidade é um exemplo de um lugar que eu já cheguei com meu nome social. Então, não teria motivo para alguém entrar em contato com meus documentos e me chamar pelo meu nome morto. Na maioria das vezes, eu sinto medo de ter ouvido esse nome e ser de uma pessoa que me conheceu antes da transição. E, às vezes, não sei se é uma coisa negativa ou pode ser, mas não me sinto tanto no direito de ficar cobrando que eu seja respeitada e, por vezes, achando que sou culpada por ter mudado várias vezes de nome. E pode ser que eu seja a culpada por mudar a minha identidade depois de tantos anos, mas não pode ser que a outra pessoa seja a culpada de não ter entendido a minha identidade... é um sentimento de acuada! Eu não quero culpar o outro! Entretanto, querendo ou não, isso é negativo, pois é uma espécie de desrespeito com a gente mesmo, porque parece que tendemos

a colocar a culpa em nós mesmas. Isso é muito ruim, porque, assim como eu gosto de citar, que culpa eu tenho de ter nascido travesti, mas não ter sido entendida como travesti? Que culpa eu tenho de ter uma identidade para além do social?

Chegando ao vigésimo terceiro parágrafo, o grupo parou, a fim de comentar o **acolhimento-bicha-com-bicha**, que trata sobre o acolhimento que ocorre entre as bichas na sala de aula:

Querendo ou não, qualquer troca social, seja profissional ou acadêmica, é muito sobre relações também. Por mais introvertida e por mais cautelosa que a pessoa seja, relações são essenciais dentro de qualquer tipo de ciclo, porque pessoas precisam de pessoas, sejam elas cis ou trans.

O acolhimento-bicha-com-bicha, que diz do acolhimento e da união da comunidade, celebra, principalmente, a solidariedade interna que racha com a solidão.

No parágrafo seguinte, isto é, no vigésimo quarto, o grupo também parou para comentar sobre as **pessoas-aleatórias-com-cabelos-coloridos**, podendo ser trans e não trans, que são acolhedoras:

Quando eu lembrei de pessoas com cabelos coloridos, eu pensei em pessoas com estilos diferentes, com estéticas para além do básico. Então, se eu vejo em um ciclo, no curso de medicina, todo mundo usando tons neutros, calça, uma camisa social e um tênis básico, mas encontro, no meio de todo aquele minimalismo, uma pessoa com cabelo rosa, com piercing e com um lenço na cintura, mesmo que seja minimamente, eu tenho uma certa conexão com essa pessoa. Mesmo que seja 2%, a gente identifica que a nossa identidade é única e exclusivamente nossa, e a gente tem a necessidade de expressar isso, de expandir nosso eu. Gosto da ideia de me permitir, de me expressar a partir do meu visual, então, eu tenho a tendência a me conectar com outra pessoa que pensa da mesma forma. Por mais que me digam que, normalmente, no mercado de trabalho não aceitam pessoas com piercing, eu tenho absoluta certeza sobre mim e que eu combinaria com piercing, então, eu me permito ter um piercing. É esse tipo de apelo, e atrelo ao nosso eu sem pensar muito no outro, sem pensar muito no que o outro vai pensar, pois é mais sobre o que quero pensar e o que vou querer expressar.

Essas pessoas aleatórias remetem a um acolhimento aliado e à espiral da comunidade, o que resgata a esperança através dessas figuras que são aliadas.

A leitura do vigésimo oitavo parágrafo também suscitou comentários do grupo. Esse parágrafo fala sobre as **pessoas-acolhedoras-sem-rostro**, acolhedoras das jovens transvestigêneres. Pessoas que impulsionam a **ExistênciaTrans-nas-espirais-coisas**, que diz da existência trans que se defronta na sua vida com vários processos, não importando o local em que se encontre, até mesmo entre trans. A seguir, os comentários do grupo.

Acho importante essa questão da forma como podemos ser um grupo no sentido de a gente já saber que aquela pessoa é uma aliada pelo jeito que ela veste, como se produz, como ela se mostra para a sociedade. A gente sabe que ela é uma pessoa aliada e ela pode ser o nosso refúgio e a nossa forma de luta. Infelizmente, tem muita rixa na própria comunidade, o que é triste, porque só nos enfraquece e deixa o pacto-cisheterobranco mais forte, por isso que precisamos nos entender e nos ver

como irmãos e irmãs. Briga, como em toda comunidade, terá, mas não ao ponto de nos enfraquecer. Então, tem que existir essa força coletiva.

Talvez essas pessoas também não ligassem para a sujeira, para o ser sujo, para a pessoa suja, para a roupa suja, assim como Caracolina.

As pessoas-acolhedoras-sem-rostro sugerem que o verdadeiro acolhimento não precisa de uma identidade linear, mas que o acolhimento precisa de aliança e de uma expressão verdadeira. A singularidade expressiva dessas pessoas desafia, de forma direta, a rigidez do pacto-cisheterobrancocristão, e a espiral que substitui os rostos das pessoas reforça a ideia de que a existência trans também não é linear, de que ela está em constante movimento. Então, é importante a gente entender essas singularidades e essas complexidades que o movimento espiralar traz.

Ao final da leitura do vigésimo nono parágrafo, o grupo se pronunciou logo após as perguntas: **Como são feitas essas costuras das amizades? Quais são os critérios e/ou situações em que isso acontece?** Esse parágrafo aborda a **ExistênciaTrans-na-dor-e-na-delícia-de-viver-colecionando-gente**, que diz que as pessoas transvestigêneres, mesmo atravessadas pela dor, também carregam experiências positivas, por conhecerem pessoas que as potencializam. Além disso, utilizam a **tática-costura-amizade**, que é aquela potência de costurar as amizades. O grupo assim comentou:

Acredito que essas costuras das amizades se fortalecem e se criam a partir da vulnerabilidade, porque qualquer ser humano que veja a vulnerabilidade do outro se torna um amigo, se torna um abraço, um acolhimento. Então, acredito que se constrói dessa forma, da gente confiando nossa vulnerabilidade às pessoas que a gente encontra na universidade e em qualquer lugar: no trabalho, na rua, em casa. Mas, infelizmente, nós, pessoas trans, temos que ser bem seletas, porque dar um passo em falso nesse tipo de amizade, nesse tipo de falsa confiança, nos leva a ficar arrasadas, sem chão, e ficamos com o pé atrás (desconfiadas) em outras situações em que isso não exista. Então, temos que ser bem seletas. Portanto, a nossa vulnerabilidade cria esses laços, e esses critérios e situações que acontecem são na vulnerabilidade que a gente tem.

A reexistência e a celebração são formas de transformar a dor e a solidão em uma epistemologia espiralar, em que o sofrimento é apenas uma etapa para se alcançar a **ExistênciaTrans-na-dor-e-na-delícia-de-viver-colecionando-gente**.

Chegando ao final da leitura, depois das perguntas: **O que podem as ExistênciasTrans na educação quando tecem epistemologias espiralares de acolhimento? O que pode o corpo de ExistênciasTrans na educação quando tecem epistemologias espiralares de acolhimento?** O grupo disse:

O que podem as ExistênciasTrans na educação quando tecem epistemologias espiralares de acolhimento? Acredito que possa fazer a diferença no sentido de luta, no sentido de uma pessoa trans chegou lá, uma pessoa trans alavancou na vida, no sentido profissional, no sentido da vida mesmo... Elas podem tudo, podem fazer o que lhes faz sentir bem. Agora, o que pode o corpo de ExistênciasTrans na educação quando tecem epistemologias espiralares de acolhimento? O corpo pode ser livre, no sentido metafórico e literal também, pode ser livre no visual, pode ser uma alma livre, pode fazer o que sentir vontade. Ao mesmo tempo, na mesma resposta da

existência trans, o corpo pode ser livre fora dos pactos patriarcais, fora das regras ambíguas que tem na sociedade. Fora de tudo, ele pode fazer o que quiser, pode ressignificar e reexistir.

Podem tudo! A gente já faz isso para poder ser pouca coisa, porque nos permitem pouca coisa e a gente está sendo tanto. Desde os primórdios da nossa existência, somos obrigadas a nos acostumar com todos os nossos rasgos e com todas as nossas feridas que nos são postas socialmente e, ainda assim, a gente tem um certo instinto e é algo tão interno da gente. Eu lembro de algo que Lin da Quebrada fala, não sei se numa música, mas lembro que comenta algo sobre que ela é as outras passadas e que nós vamos poder ser ela. Então, é muito sobre o que passou para a gente estar aqui. O que outras vivências trans tiveram que passar para ter essa vontade de viver dentro da gente? Sinto que essa sensação parece realmente muito genuína, pois esse gosto por viver nos permite muita coisa e vai continuar nos permitindo. A gente quer viver, não queremos só existir! Nós vamos atrás disso, não desistimos tão fácil, pois não somos um pacto cis-heterobrancocristão que desiste facilmente de qualquer coisa. Então, a gente está aí, estivemos e estaremos. O que pode o corpo de existência-trans? A gente pode o inimaginável, porque nos permitimos ser o inimaginável, pois já passamos por um processo de ser diferente do que é dito pela sociedade. Então, se sou diferente nesse quesito, então posso ser diferente de várias outras formas. E se entendo que esse ser diferente não necessariamente é uma coisa negativa, então eu me permiti ser outras coisas. Além de que o corpo da existência trans pode estar em outros lugares, porque ele se permite estar em outros lugares, ele já se encontra em um local de menosprezo social, pois nos encontramos em um local de erro, de pecado, o que são outras experiências.

Esse texto não é apenas um relato de vitimização, mas acaba sendo um hino, uma carta diretamente à resiliência, principalmente a coletiva. Ele fala ainda da capacidade que temos de construir novas formas de vida, e também de conhecimento, tanto dentro como fora dos muros acadêmicos.

No final do encontro, perguntei ao grupo quanto ao modo como Caracolina chegou a ele. Assim respondeu:

Caracolina me fez sentir representada, pois ela é um grupo de pessoas, são várias pessoas singularmente nela mesma. Ela me tocou no sentido de que sim, vai haver essas travas, vai haver esse tipo de coisa o tempo todo, só que também a gente pode ter os acolhimentos, a gente pode usar costuras e que podemos usar as costuras para nós mesmas, para nos sentirmos bem. Ela me tocou, ainda, na forma como usa as táticas, pois as táticas, isso todo mundo vai ter que usar e todo mundo tem táticas.

Senti uma permissão, no sentido de que ela se permitiu genuína, de que ela se permitiu ver esses contextos e identificar quais foram as vivências dessa travesti de 35 anos numa graduação. Permitiu-se compreender e usar das táticas para burlar o sistema, onde primeiro adentrou, olhou, ouviu e identificou, depois ela trouxe e praticou as táticas de vivência trans.

Caracolina me chega como um compilado, um remendo, não de forma negativa, mas um remendo positivo de vivências e de pessoas. Ela me faz enxergar o mundo mais amplo, de que não estou sozinha e de que preciso segurar na mão da outra pessoa, principalmente, aquela que me é semelhante, pois se a gente não se unir, eles nos massacram. A gente precisa ter essa força, então a Caracolina me chega como essa força da união, da persistência e da resistência, porque eu sou travesti e não sou diferente das outras pessoas. Então, ela é essa potência complexa, cheia de histórias para compartilhar e que ainda vai vivenciar outras histórias.

TRANSGRAFIAS QUE SE COSTURAM INFINITAMENTE...

Imagem 49 - Pés que caminham junto a mãos que costuram o caminho da vida



Fonte: Arquivo pessoal do grupo-pesquisador (2025).

Chego até aqui cansada, em razão dos desafios do processo, que se intensificaram no penúltimo semestre do mestrado. No início, minha energia estava totalmente voltada ao desenvolvimento da pesquisa. No entanto, com a concretização de uma grande conquista, a minha convocação no concurso público para o cargo de professora na rede municipal de Teresina, precisei me reinventar para atender às demandas das duas atividades que realizo com prazer: a pesquisa e a docência.

Apesar de cansada, sinto-me feliz e aliviada por ter aprendido que cada pesquisa é singular, e o processo se dá de modo diferente para cada pesquisadora. Tenho certeza de que não sou mais a mesma, pois entrei nesse processo de uma forma e estou saindo de outro modo. Também sei que sou uma afronta, tanto para a comunidade acadêmica como para a sociedade cisheteropatriarcal, ao mostrar que nosso lugar também se constrói pela ponta da caneta e no ensinar-pesquisar, tendo nossos corpos como referência. Assim como apresentei no início deste texto, meu corpo é como uma agulha que perfura espaços para que as linhas matizadas das nossas transexistências possam compor diversas transgrafias, que são imbuídas de vida, de força e de axé.

O projeto encabeçado durante a pandemia, que visava inventariar as teses e dissertações produzidas junto ao NEPEGECI/OBIJUVE, não foi apenas um exercício de mapeamento. Ele se deu enquanto um movimento de aproximação, escuta e afetação. Ao acolher as trajetórias, inquietações e registros que atravessam o núcleo, esse projeto operou como um território de passagem, posto que, enquanto ele organizava o que havia sido produzido e escrito, dava passagem para novos caminhos chegarem e para outros que ainda virão, pois esse movimento é circular, e sua criação se dá de maneira ininterrupta.

O inventário não ocorreu de maneira neutra e nem distante, pois, ao tocar as pesquisas do NEPEGECI/OBIJUVE, também fui atravessada por elas. A cada trabalho estudado, senti o convite para aprofundar ainda mais o olhar, aqui um “transolhar”, para o que compreendo ser a pesquisa em educação. Diante disso, a pesquisa foi se apresentando para mim enquanto um caminho que se faz ao caminhar, isto é, no processo e nos fluxos dos acontecimentos.

Nesse sentido, a dimensão formativa do inventário foi ganhando contorno, ao me ajudar na minha constituição de educadora-pesquisadora, direcionando-me a ler, escutar sensivelmente e me implicar de forma consistente na pesquisa e na eticidade que se construiu coletivamente, especialmente, a partir de metodologias sensíveis, como a Sociopoética e a Cartografia, que tensionam as pesquisas cartesianas.

Ainda sinto na minha pele-concha os resquícios da rigidez dos espartilhos que a academia me vestiu, um *corset* apertado que tenta moldar o meu corpo e a minha mente a um

padrão, reduzindo-me a uma marginalização acadêmica, no sentido de que não somos produtoras de epistemologias. Despir-me desses espartilhos não é fácil, pois eles foram costurados com fios de uma colonialidade cisheteronormativa que, como Letícia Nascimento (2023, p. 46) nos lembra, “[...] as travestis continuam reduzidas a uma condição marginalizada imposta pela colonialidade cisheteronormativa”. No entanto, como mulher transtravesti e pesquisadora, busquei brechas e aventurei-me, dentro da pesquisa, por caminhos que abraçam o corpo como uma fonte legítima de saber, e isso foi um ato de rebeldia, que afirma meu corpo enquanto arma de guerra contra a norma.

Nesse sentido, ao eleger a Sociopoética como metodologia transpolifônica, por permitir que possamos falar de modo vívido e encarnado, penso-a enquanto transfeminista. Diante disso, ela se torna minha arma de guerra para existir e problematizar a realidade social na qual estou inserida. Nesse caso, a universidade, que ainda não transicionou e se apresenta pobre de acolhimento e cuidado direcionado a nós, pessoas transvestigêneres.

A minha intenção foi dialogar a partir de uma Sociopoética transfeminista, que me permitisse ser, sentir e pesquisar, da qual fui tomando consciência à medida que fui me percebendo e vivendo o CCE/UFPI. Ela me ajudou a romper os silêncios normativos no interior da universidade quando minhas vivências se juntaram às das copesquisadoras-bichas.

O NEPEGEI/OBIJUVE me ajudou a deixar para trás as armaduras, as quais, para mim, são esses espartilhos apertadíssimos, tanto no que diz respeito ao estar pesquisadora, quanto em relação à minha existência enquanto pessoa transtravesti. O grupo foi as mãos e os braços acolhedores na UFPI, que me ajudaram a retirar os espartilhos e, logo em seguida, me escutaram e me fizeram perceber que não estou sozinha. Logo, já não me vejo como uma folha que vagueia sozinha pela UFPI.

Ao chegar até aqui, e, principalmente, depois de sentir-ouvir-ler os relatos orais que delineiam o pensamento do grupo-pesquisador, identifiquei que ele não pensa de modo homogêneo o acolhimento. Percebi que o acolhimento é dual, pois ele existe e não existe, ao mesmo tempo, no CCE/UFPI. Então, pensei que cheiro e cor poderiam ter o acolhimento das jovens transvestigêneres. Isso me levou a uma experimentação durante o componente curricular Pesquisa Qualitativa em Educação I - Abordagem Sociopoética, Cartográfica e outras práticas instituintes, ministrada pela professora Shara, no primeiro semestre de 2025, durante o mestrado.

Durante a experimentação do invólucro, na qual tivemos que entrar e sair de camisetas, pois, ao final, tivemos que rasgá-las, algo me circundou toda a experiência: o cheiro inebriante de algumas goiabas que Marlia havia levado para o lanche daquele dia. Ao

pesquisar, tive o conhecimento de que, para o poeta Bráulio Bessa, o cheiro lhe traz o sentimento de estar vivo, de se sentir vivo. A seguir, um trecho do diário referente ao dia 14/04/2025, que escrevi cinco dias após a experimentação, num dia chuvoso na minha cidade natal.

Piracuruca, 19 de abril de 2025.

Depois dos relatos orais, terminamos a vivência com uma ciranda. Àquela altura, queria comer uma goiaba, mas não as encontrei mais. Então, fui para casa muito mexida com toda a experiência e, sobretudo, como aquilo tinha reverberado em meu corpo, principalmente, como o cheiro da goiaba havia me capturado em vários momentos. Na manhã seguinte, pesquisei sobre a goiaba e o seu aroma, então, encontrei um texto de Bráulio Bessa, que fala que goiaba tem cheiro de vida, pois ele recorda que a última vez que ouviu a voz de sua avó moribunda foi pedindo desejosa para comer goiaba. Então, entendi que a goiaba estava falando a mim que, apesar dos desafios e dores que tenho ao expandir minha pele e corpo na pesquisa, estou amparada pela minha ancestralidade e, nela, devo buscar fôlego para permanecer viva, pois ela cuida e ajuda a sarar minhas feridas.

Trago essa questão porque o grupo-pesquisador apresenta, em seu pensamento, o **Pacto-cisheterobrancocristão**, aquele por meio do qual as pessoas vivem o pacto da cisgeneridade e da branquidade, tendo a liberdade de usar do pecado para atacar as pessoas trans, pelo simples fato de elas serem quem são. Esse pacto deve ser pensado de forma interseccional, posto que nele se constrói uma unidade. Porém, o grupo-pesquisador nos mostra que ele é constituído por uma sobreposição de camadas, dentre as quais a transfobia surge e é acordada entre os pares da cisgeneridade, sobretudo, dentro do contexto da formação inicial na educação superior, o que nos demanda buscar maneiras para continuarmos existindo no espaço acadêmico.

Recorrendo ao pensamento do grupo-pesquisador que integra a pesquisa de Mayara Oliveira (2019), identifiquei que um dos problemas apontados por ele dentro da formação inicial em Pedagogia no CCE está presente no confeto **Formação em Pedagogia no quadrado**. Esse confeto aborda a dificuldade das pessoas que integram o Curso de sair do seu espaço de formação, sejam essas pessoas docentes ou discentes, o que gera um não entendimento das diversidades dentro do próprio curso e no contexto mais geral da UFPI. Nas palavras da autora:

Sem sair do quadrado, como entender a diferença, a diversidade em Pedagogia? O grupo argumenta que, por não sair do seu espaço, os discentes e docentes não conhecem toda diversidade da Formação – o aspecto humano e as afecções que acontecem com as pessoas nos lugares dessa Formação. Não há uma expansão, uma abertura, uma passagem na estrutura política e curricular: ‘a gente não se expande’ (Mayara Oliveira, 2019, p. 103).

Impulsiono essa reflexão a partir desse pensamento da autora, pois ele se constrói mediante as vivências de jovens estudantes do Curso de Pedagogia, isto é, em um dos microterritórios que compõem o território desta pesquisa, que é o CCE. Além disso, o quadrado pode ser entendido na perspectiva da cisgeneridade institucional, enquanto um dispositivo que tem por intenção preservar as normas cisheterobrancascristãs que perscrutam o espaço acadêmico, inclusive nos demais cursos do centro, incidindo sobre os modos de educar, pesquisar e acolher as estudantes transvestigêneres. Isso se constitui, portanto, um pacto cisheterobrancocristão institucional, o que salta com força do pensamento do grupo-pesquisador desta pesquisa.

Os sentidos de acolhimento apresentados pelo grupo são construídos desde a chegada na UFPI, momento marcado por um processo de desterritorialização. A isso, somam-se os cheques vivenciados diariamente, que intensificam sentimentos de solidão e de não pertencimento. Dentre os principais confetos sobre os sentidos de acolhimento, destaca-se o “**Acolhimento-Sozinha-Sozinha!?**”, que é um não acolhimento na universidade. Esse confeto explica, ainda, os motivos pelos quais não se é socialmente acolhida pelo processo, com a rejeição-vermelha-roxa, que é aquela rejeição que se está sozinha, que se diz que não se é bem-vinda e tem cores fortes das pessoas do ambiente universitário.

O peso das rejeições gera a **existência-coisa-peso-de-estar-sozinha**, por meio da qual as jovens sentem o peso de estarem sozinhas por não terem ninguém e de serem sozinhas por ter muitas pessoas que não as compreendem. Esse confeto dialoga com o **corpo-estranho-que-se-afeta-no-encontro**, que representa o quanto é estranho de ser respeitado e acolhido no CCE, mas que, apesar disso, se depara com outras formas de se expressar e de viver. Então, consegue vislumbrar outras maneiras de ver seu corpo, não só a de que o corpo trans é errado.

Apesar disso, existe o **acolhimento-bicha-com-bicha**, em que as jovens transvestigêneres vão para a universidade, passam pelas violências, mas chegam à sala de aula e encontram aquela bicha da qual gosta demais. Esse acolhimento produz **ExistênciaTrans-na-dor-e-na-delícia-de-viver-coleccionando-gente**, porque as jovens carregam na dor todas as coisas boas e gostam de viver em um corpo que não é nem de

homem e nem de mulher, e são felizes por conhecerem pessoas que marcam suas vidas e acolhem.

Na relação com o acolhimento, o grupo fala dos tipos de pessoas no CCE, quando trazem, no confeto **pessoas-aleatórias-com-cabelos-coloridos**, as pessoas que, por mais que possuam dores diversas, visualmente expressam o não trancamento e, portanto, acolhem as estudantes transvestigêneres. Diferentemente da **pessoa-chequeira**, aquela pessoa no CCE que usa da **prática-educativa-cheque**. Essa prática violenta verbalmente a trans, pois, ao usar o discurso do pecado e por não entender sua dor, diz para ela se policiar mais, sem perceber o impacto causado pelo cheque.

O grupo apresenta alguns confetos quando dá exemplos de cheques, que acontecem em casa ou na universidade. O confeto **cheque-trans-desprezada-no-lar** diz daquelas violências vivenciadas pela pessoa trans em casa ou em outros espaços, por não ser compreendida com seriedade. E a trans segue sem apoio.

O confeto **cheque-flecha-do-patriarcado-heteroterrorista-em-nome-de-Deus** fala das violências que atingem as pessoas trans, sobretudo mulheres trans e travestis, que são alvo do patriarcado e do heteroterrorismo, em que algumas pessoas usam da religião para combaterem as vidas das pessoas trans. Já o **cheque-aglomerado-de-pequenas-coisas** são aquelas violências pelas quais as pessoas trans passam todos os dias na sala de aula, ao chamarem seu nome morto ou ao errarem seus pronomes.

Quanto às táticas para enfrentamento das transfobias, o grupo-pesquisador destaca alguns confetos. A **tática-manter-a-calma-sozinha** diz sobre lidar sozinha com as violências, sobretudo manter a calma quando o nome morto é falado em algum espaço da universidade, para que as pessoas não usem isso como munição para machucar as pessoas trans. Além dessa, o grupo-pesquisador traz a **tática-rolê-dos-processos-concluídos**, em que a pessoa trans tende a pôr um fim nos acontecimentos negativos na universidade, como ressignificar quando seu nome morto for exposto, a fim de transpor a violência e conseguir permanecer e terminar sua graduação. Elas, portanto, **ressignificam-para-existir**.

Essas são táticas em que as pessoas trans têm de realizar sozinhas para conseguirem enfrentar os cheques e continuar no CCE. Há momentos, entretanto, em que a trans precisa segurar suas amizades, como no confeto **tática-que-costura-amizade**, no qual ela tem que costurar as amizades e essa costura sempre tem que ser forte, porque se ela não costurar, se ela não segurar, a amizade solta e dissolve-se. No entanto, na maioria das vezes, é preciso exercitar a **tática-vida-que-segue**, que é aquela em que a pessoa deve ser radical mesmo, cuja saída é não se importar e não tentar obrigar as pessoas a acolher. Se não querem, vida que

segue!

Diante disso, podemos enumerar as formas de acolhimento dentro de uma tensão paradoxal. Por um lado, manifesta-se a ausência de um acolhimento institucional efetivo. Em contrapartida, emergem práticas decoloniais que se expressam através do acolhimento entre pares e da identificação visual com estéticas não normativas. Esse movimento é essencialmente ativo e intencional, exigindo um esforço constante das jovens para tecer redes de apoio sólidas que combatam o silenciamento, culminando no acolhimento da própria trajetória, no qual a permanência na universidade se torna um ato político de resignificação da própria existência.

Aprendemos, com as formas de não acolhimento na universidade, que esse ambiente não é neutro, mas regido por uma lógica de produção do conhecimento atravessada pelos interesses patriarcais e cisheterobrancocristãos. Apesar disso, o acolhimento entre as jovens trans nos ensina que o conhecimento é inseparável do corpo e que a nossa permanência na universidade depende da criação de redes de apoio fortes para transcender as estruturas capitalistas e coloniais que tentam nos calar e invisibilizar.

Apesar do CISTema alegar que nossa existência não é possível, de que somos aberrações e que devemos permanecer às margens da sociedade, as imposições que a sociedade e a escola nos querem prescrever não nos cabem mais, pois essas imposições foram sendo rachadas à medida em que fomos criando nossas corporalidades, como nos lembra Letícia Nascimento (2023). O grupo-pesquisador, nesse sentido, mostra que, ao chegarmos na universidade, nossos corpos continuam sendo alvo de retaliações, desafiando-nos a lidar com a solidão. No entanto, constatarmos as múltiplas existências e reexistências que vamos tecendo naquele espaço, traz-nos a certeza de que podemos existir.

Essas são algumas das 45 estudantes do primeiro período letivo, 2019.1, do turno noite do Curso de Pedagogia da UFPI, no componente curricular de Fundamentos Antropológicos da Educação, em que eu e Marlia fomos estagiárias (Imagem 50). Ao consultá-las, tive conhecimento de que fui a única professora transtravesti delas até aquele momento. Diante disso, destaco a urgência em pensarmos-vivermos uma pedagogia do apagador, que deve ser mediada por mãos transgressoras. É preciso que mais pessoas transvestigêneres estudantes e/ou docentes, estejam e permaneçam na graduação, sobretudo nas licenciaturas, como também na pós-graduação, produzindo epistemologias espiralares, assim como o grupo-pesquisador, e ocupando esses espaços que, por muito tempo, foram negados a nós.

Imagem 50 - Última aula no estágio em docência na disciplina de Fundamentos Antropológicos da Educação



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

A pedagogia do apagador se dá no apagar das violências por nós sofridas com nossos próprios corpos. Mas, como isso seria possível? Existindo nesses espaços, enquanto educadoras, estudantes e pesquisadoras, para que nosso brilho transreferenciado possa reluzir, ofuscando e apagando as violências advindas da cisheterogeneridade. Um corpo trans já causa rebuliço, imagine uma multidão de nós fazendo epistemologia? Com a pedagogia do apagador, teremos e seremos referências para outras pessoas transvestigêneres. A Letícia Nascimento, por exemplo, é uma referência que muito me ensina e inspira.

Sugiro que na educação superior haja um acolhimento para o cuidado das juventudes transvestigêneres, considerando as relações transreferenciadas como aliadas nesse processo. Nesse sentido, deixamos como sugestão a prática de rodas de Terapia Comunitária Integrativa ou outras atividades que promovam a escuta e o cuidado transreferenciado. Ademais, é importante que o respeito também parta de pessoas não trans, o que demanda a prática do exercício de humanidade e de um genuíno acolhimento.

Finalizo momentaneamente esta pesquisa certa de que muito ainda precisa ser feito quanto ao acolhimento das juventudes transvestigêneres na educação superior, principalmente na UFPI, o que não cabe um ponto final, mas reticências. Fica aqui o convite e a provocação para que pessoas trans e não trans possam seguir compondo outras tantas transgrasfias espiralares. Que nossas peles sejam ubuntu!

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos adenauer XVI**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=55825619-323e-712f-2f0a-f7b2fb31b673&groupId=265553. Acesso em: 12 out. 2025.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios: a Filosofia dos Corpos Misturados na Pesquisa em Educação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014a.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Entre lembrar e esquecer: confetos sobre o corpo e violências, produzidos por jovens em pesquisas sociopoéticas. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva. **Entrelugares**: tecidos sociopoéticos em revista. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Juventudes e corpos na educação contemporânea. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Adriana Loiola do. **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: EDUFPI, 2014b.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Juventudes e diversidades. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Dialogando sobre Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, Rubem. Escutatória. In: ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1999.
- ANSELMO, Marilucia Ramos; SANTOS-DIAS, Dardielle; FEITOSA, Lúgia Rocha Cavalcante. Entrelugares para o acolhimento no ensino superior: Breve reflexão acerca do estado da arte. In: SILVA, Carla Andréa; FERNANDES, Ana Gabriela Nunes. **Psicologia escolar e educacional**: ensaios da dimensão prática e da pesquisa. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2022. p. 63-79. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/even3publicacoes-assets/book/568586-psicologia-escolar-e-educacional-ensaios-da-dimensao-pratica.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2024.
- ARAÚJO, Valdenia Pinto de Sampaio. **Um corpo potente fazendo das dores possibilidades de asas**: TRANSformando os modos de educar e de resistência na Universidade. Tese (Doutorado em Educação). 127 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Nota da Antra sobre cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas trans**, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 207-228, jan./abril 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/LZmX67CZRJScmfcdsy4LxzJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BARBIERI, Stela. **Territórios de invenção**: ateliê em movimento. São Paulo: Jujuba, 2021.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BARROS, Paulo Sérgio. Educação e espiritualidade: o uso de técnicas introspectivas na sala de aula. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em: 11 out. 2025.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/agost. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 mar. 2025.

BERTRAND, Yves. Teorias espiritualistas. In: BERTRAND, Yves. **Teorias Contemporâneas da Educação**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 15.069, de 23 de dezembro de 2024**. Brasília, DF: Senado Federal, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/115069.htm. Acesso em: 12 out. 2025.

BRASIL. **Lei Nº 9.394**. Brasília, DF: Senado Federal, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. **Resolução Nº 12, 16 de janeiro de 2015**. Brasília, DF: Senado Federal, 2015.

Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/old/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012>. Acesso em: 12 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. A linguagem autorizada: as condições da eficácia do discurso ritual. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do Gênero?**. São Paulo: Boitempo, 2024.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Miriam Maria Coelho; PIANA, Maria Cristina. O acesso de pessoas trans às universidades públicas brasileiras. **Revista SCIAS. Direitos Humanos e Educação**, Belo Horizonte/MG, v. 7, n. 2, p. 204-218, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/9138>. Acesso em: 31 dez. 2024.

CAPARELLI, Pedro David; TORRES, Luiz Rodrigues Santos; GIUSTI, Gabriel Morales; ROZA JÚNIOR, José Alberto. População Trans* e a universidade: Transições, permanência e pertencimento. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. v. 10, n. 01, p. 168-194, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/56525>. Acesso em: 31 dez. 2024.

CAPUTO, Ubirajara. **Brenda Lee**: memórias de uma guerreira da Aids, 2023. Disponível em: <https://museubajuba.org/brenda-lee-memorias-de-uma-guerreira-da-aids/>. Acesso em: 30 maio 2025.

CARNIELLI, Flávio. **Caixa de afecções**, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oTKR3FB9vTg>. Acesso em: 17 out. 2025.

CAVALCANTI, Céu; BARBOSA, Roberta Brasilino; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília-DF, v. 38, núm. esp. 2, p. 175-191, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>. Acesso em: 07 jul. 2025.

COACCI, Thiago. **Conhecimento precário e conhecimento contra-público**: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência Política). 290 f. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma Perspectiva global. São Paulo: Nversos, 2015.

CORAZZA, Sandra Mara. Didaticário de criação: aula cheia, antes da aula. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP. **Anais...** Campinas, 2012. Disponível em: <https://doceru.com/doc/15e5c55>. Acesso em: 10 out. 2023.

COSTA, Samara Layse da Rocha. **Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade: experiências juvenis em uma escola pública de Teresina**. Dissertação (Mestrado em Educação). 153 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2019.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y8zKhQs4W7NYgbCtzYRP4Tb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2025.

DJU, Antonio Oliveira; MURARO, Darcísio Natal. Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a democracia. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, p. 239-264, 2022, Edição Especial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/jpHyJCYDK3MwBDN3Qdk7YqH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DOWBOR, Fátima Freire. Sobre o aprender a escutar. In: DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). 163 f. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/9096/6270>. Acesso em: 28 jul. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rev. Roberto Machado, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Ensinar exige saber escutar. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GAMA, Marta Regina. **“Pensar é seguir a linha de fuga do voo da bruxa”**: pesquisa sociopoética com estudantes de direito sobre a arte na formação do jurista. Tese (Doutorado em Direito, Estado e Constituição). 374 f. Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição. Universidade de Brasília, 2013.

GAUTHIER, Jacques Moendy. **Sociopoética e contracolonialidade**: relatos de pesquisas com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos da tradição ocidental. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>. Acesso em: 28 jul. 2026.

GUEDES, Poliana Gomes de Oliveira; DUARTE, Júlia Lorrana Viana; VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. Escuta sensível: ouvir, sentir e compreender o eu e o outro. In: VIEIRA, Maria Dolores dos Santos; GUEDES, Poliana Gomes de Oliveira; BARROS, Tatiana Maria de Sousa. **Entre afetos da pandemia de Covid-19**. Fortaleza: Impreco, 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Hooks, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Conheça o perfil dos participantes do Enem 2023**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/conheca-o-perfil-dos-participantes-do-enem-2023#:~:text=A%20maior%20parte%20tem%2017,anos%20representa%208%2C4%25>. Acesso em: 12 out. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas Humanística**, Colômbia, n. 78, p. 241-258, jul./dici. 2014b. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/858236/mod_resource/content/2/genero%20sem%20essencialismo.pdf. Acesso em: 01 jan. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo**: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014a.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História Agora**, Vitória-ES, v. 16, p. 101-123, 2014c. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281321251_Transfobia_e_crimes_de_odio_Assassinatos_de_pessoas_transgenero_como_genocidio. Acesso em: 01 nov. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 11 out. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Ciberultura**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 250-260, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817>. Acesso em 07 jul. 2025.

KASTRUP, Virgínia. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Rev. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, genero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LEAL, Bernadina. Na memória da pele: Esboço de um estudo sobre a dor. **Entrelugares: revista sociopoética e abordagens afins**, Fortaleza, v. 3. n. 2, p. 01-18, fev./ago. 2011.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Alef de Oliveira. A ignorância cisheteronormativa. **Revista Bagoas**, Natal/RN, v. 14, n. 22, p. 155-174, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22354>. Acesso em: 21 mar. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. 2. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznzb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MARINHO, Silvana. Juventude(s) trans: subjetividades e corporalidades possíveis no mundo do trabalho? **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 38, p. 111-132, maio/ago. 2017. Disponível em: https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/osq_38_art_6_marinho.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de

Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Lucivando Ribeiro. **Entre ocós, truques e atraques**: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO. Dissertação (Mestrado em Educação). 218 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2016.

MELLO, Yasmin Teixeira Mello; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Pesquisadoras transexuais e travestis: interlocuções sobre reconhecimento e visibilidade na ciência em reportagens na internet. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 12., 2021, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2021, p. 01-12. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1610744145_ARQUIVO_3e07aa5e6c22aad6d38979ac3be6aed8.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. Não se nasce monstra, tampouco se torna. In: LESTER, Todd Lanier; SLUYS, Shawn Van. **Cidade queer, uma leitora**. Trad.: Daniel Lühmann. São Paulo: Edições Aurora / Publication Studio SP, 2017, p. 16-20.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n. 33, p. 9-33, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21099>. Acesso em: 04 jan. 2026.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para a pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NDIAYE, Marie. **A diaba e sua filha**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NASCIMENTO, Dário Gomes do; NASCIMENTO, Elizangela Lima do; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. Amorosidade, espiritualidade e educação: formação e (trans)formação humana a partir de uma ótica da inteireza. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Descolonizando sexualidades e currículo na escola**: confetos produzidos por jovens da ilha. Dissertação (Mestrado em Educação). 171 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2014.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Modos de educar entre jovens transvestigeneres na universidade**: cartografias desejantes. Tese (Doutorado em Educação). 96 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Trans*referenciando o currículo: cartografias desejan-tes de jovens transvestigêneres. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 33, n. 1, p. 1-21, e-rte331202407, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/view/68641>. Acesso em: 06 ago. 2024.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do; SANTOS, Vanessa Nunes dos; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Infâncias ingovernáveis: aprendizagens e proteção social. In: FRANÇA, Rosilene Marques Sobrinho de; COSTA, Teresa Cristina Moura. **Questão social, direitos e políticas públicas na realidade brasileira contemporânea**. Teresina: EDUFPI, 2022. p. 317-338.

NEDEL, Juno. O corpo como arquivo — tensionando questões sobre história e memória trans. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 16-41, jul. 2020. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/03.-Juno-Nedel.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a Educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. **O que se transcria na formação em pedagogia com alegria**: lugares, experiências e saberes de jovens da Universidade Federal do Piauí. Dissertação (Mestrado em Educação). 141 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese (Doutorado em Educação). 190 f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, 2017.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistências negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa. **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 69-88.

ORTEGA, Auro Fábio Bornia; CARVALHO, Clara Livia Salles de; BRAZ, Paula Valente; ZAMONER, Zuleika; MONTEIRO, Patrícia Ortiz. A presença e a permanência de pessoas trans em ambiente escolar no Brasil. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté-SP, v. 15, n. 1, p. 01-15, 2022. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/764/423>. Acesso em: 04 out. 2023.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogia das travestilidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

PEREIRA, Bruno Gomes; SARTORI, Thiago Luiz. Violência transfóbica na universidade: lacunas nas políticas públicas de acesso e permanência no ensino superior. **Interfaces Científicas - Humanas E Sociais**, Aracajú, v. 10, n. 2, p. 20-32, 2024. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/11791/5593>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: Potencializando a Dimensão Poiética da Pesquisa. In:

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Quem defende a criança queer? **Jangada: Crítica\Literatura\Artes**, Viçosa-MG, v. 1, n. 1, p. 96-99, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, jan./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>. Acesso em: 12 out.2025.

RODRIGUES, Wesley da Silva. **Sociopoética de jovens gays na performatividade do Corpo Giz da escola pública do Piauí/Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação). 144 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorrigíveis, afeminados e desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 145-182, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/NV95Yd5RzQHnLsWWKmQNh4g/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2026.

SANTOS, Maria da Conceição de Sousa; SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. Arte e literatura: pontes que levam os jovens ao conhecimento. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Adriana Loiola do. **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: EDUFPI, 2014.

SANTOS, Thaysa Tâmara Maciel dos. **Caixa de afecções Sankofa 2015-2017**: metodologias e dispositivos inventivos e aforreferenciados de jovens na formação inicial, desde a lei nº 10.639/2003. Dissertação (Mestrado em Educação). 186 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2021.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. **Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina - PI**. Dissertação (Mestrado em Educação). 213 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2014.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia tecnicista, concepção analítica e visão crítico-reprodutivista (1969-1980). In: SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Demerval. Uma pedagogia brasileira (1549-1599). In: SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO PIAUÍ. **2º Boletim de Dados de Violência Contra a Pessoa LGBTQIAPN+ / Protocolo Cidadão de Coleta de Dados de Violência Contra a Pessoa LGBTQIAPN+**. Teresina: Secretaria de Segurança Pública do Piauí, 2024. Disponível em: https://www.ssp.pi.gov.br/download/202408/SSP20_806cc30518.pdf. Acesso em: 06 dez. 2024.

SENA, Anne Karoline Cantalice; OLIVEIRA, Mariana Lins de. Universidade e condição discente: experiências de acolhimento e apoio estudantil. **Revista Educere Et Educare**, v. 19, v. 49, p. 150-167, 2024. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/32889>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SILVA, Josy Gomes da; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A potência do parangolé na pele do pensamento juvenil em pesquisas sociopoéticas na Educação. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 31, n. 1, p. 01-18, abr. 2026. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.18316/recc.v31i1.12634>. Acesso em: 28 jul. 2026.

SILVA FILHO, José Gomes da. **A potência do parangolé na pele do pensamento juvenil em pesquisas sociopoéticas na educação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). 40 f. Centro de Ciências da Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Piauí, 2023.

SILVA, Josy Gomes da; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Mapeamento sistemático da literatura sobre o ser jovem transvestigênera no ensino superior (2012-2024). **Revista Aracê**, São José dos Pinhais-PR, v. 7, n. 12, p. 01-21, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/arev7n12-016>. Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA, Priscila da. Dispositivo: um conceito, uma estratégia. **Revista profanações**, ano 1, n. 2, p. 144-158, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/681>. Acesso em: 12 dez 2024.

SILVA, Socorro Borges da. **Educar em Direitos Humanos de “Mãos Dadas”**: filosofia do chão, experiências e criações de professoras entre crianças e adolescentes. Tese (Doutorado em Educação). 318 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2017.

SILVA, Socorro Borges da. Vida nua, Direitos Humanos e Educação em tempos de tanatopolítica. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, e945986780, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6780>. Acesso em: 10 out. 2023.

SPERLING, David Moreno. Corpo + Arte = Arquitetura. Proposições de Hélio Oiticica e Lygia Clark. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 26, p. 18-35, jul. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/20096/14392>. Acesso em: 10 ago. 2025.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto para uma declaração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa**. Brasília, 2019. Disponível em:

<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>. Acesso em: 11 dez. 2024.

TONETTO, Élida Pasini. Tecnologia é gambiarra. In: OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de; GIORDANI, Ana; QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos; TONETTO, Élida Pasini. **Linguagens do desaprender**: gestos intensivos e política dos afetos. Porto Alegre: Evangraf, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/254771>. Acesso em: 10 ago. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Resolução N° 003/15**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2015. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Resolucao_03.15_CONSUN_Nome_Social.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

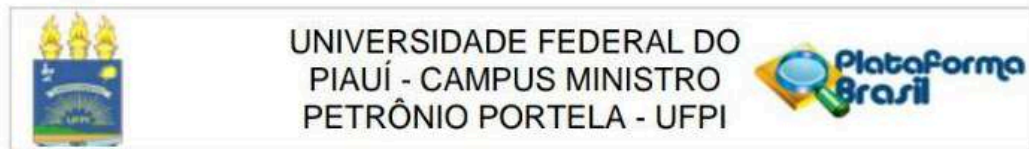
VERGUEIRO, Viviane. **Estes tempos de golpe são tempos para encararmos as pseudo-virilidades fascistas que acham mais legitimadas para atuar**, 2016. Disponível em: https://www.boitempoeditorial.com.br/blog/2016/10/27/viviane-vergueiro-estes-tempos-de-golpe-sao-tempos-para-encararmos-as-pseudo-virilidades-fascistas-que-se-acham-mais-legitimadas-pelo-poder-cispatriarcal-para-atuar/?srsltid=AfmBOoqNMeh-Nmso7dOPHSaGJd2lDk5QVlwGYFYI1ZkI6s_4BOqijf-Q. Acesso em: 12 out. 2025.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). 244 f. Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, 2015.

VIEIRA, Helena. Transfeminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista**. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2018.

ANEXOS

Anexo A - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO NA PERMANÊNCIA DE JOVENS TRANSVESTIGÊNERES NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UFPI

Pesquisador: JOSE GOMES DA SILVA FILHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85921225.0.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.459.369

Apresentação do Projeto:

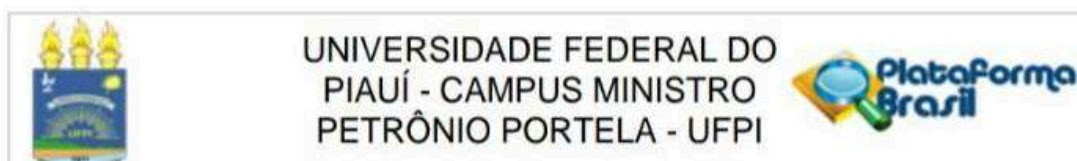
Trata-se de projeto de pesquisa intitulado A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO NA PERMANÊNCIA DE JOVENS TRANSVESTIGÊNERES NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UFPI, que tem como pesquisadora responsável JOSE GOMES DA SILVA FILHO e como pesquisadora assistente SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a pesquisadora apresenta como justificativa: "A pesquisa justifica-se por considerar que investigar as experiências face ao acolhimento de jovens transvestigêneres que estudam no CCE da UFPI, oferece uma oportunidade valiosa para enriquecer o debate e o enfrentamento das violências as quais enfrentam e que, possivelmente, impactam sua permanência na instituição".

No projeto, é indicada a utilização da seguinte metodologia: "Para a realização da pesquisa serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: narrativas de si para a construção do perfil das pessoas participantes da pesquisa, o diário dos laticios, oficinas sociopoéticas de produção de dados (relatos orais e imagens) a respeito do tema-gerador o que pode o corpo transvestigêner com o acolhimento? e oficina de contra-análise. Nas oficinas, teremos a captação de imagem e voz por meio de filmagem, fotos e/ou gravação".

Para o recrutamento das informantes, a pesquisadora informa: "Projeto aprovado, o próximo passo se dará com o recrutamento das jovens estudantes do CCE. Esse momento será marcado pela divulgação nos Centros Acadêmicos dos Cursos e afixação de um cartaz convite nas

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 7.459.369

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11:08:33	SILVA FILHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	15/01/2025 11:07:30	JOSE GOMES DA SILVA FILHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_pesquisadores.pdf	15/01/2025 11:05:53	JOSE GOMES DA SILVA FILHO	Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento.pdf	15/01/2025 11:05:30	JOSE GOMES DA SILVA FILHO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	15/01/2025 11:03:08	JOSE GOMES DA SILVA FILHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 24 de Março de 2025

Assinado por:
HILRIS ROCHA E SILVA
 (Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)2222-4824 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

APÊNDICES

Apêndice A - Demonstrativo de estudo classificatório a partir da fala transcrita da copesquisadora-bicha Paulo

Copesquisadora-bicha Paulo

Dei destaque para a dor e a delícia, porque a nossa vida é isso. Dentro da dor, a gente carrega todas as coisas boas, assim como a gente só é o que é por causa de todas as coisas ruins que nós passamos. Eu coloquei a delícia em cima desse lado mais escuro, sem vida, porque é literalmente o que acabei de falar, e a dor nesse lugar mais vivo, mais alegre, porque é o que une a gente. A gente está aqui por causa da nossa dor, estamos aqui falando sobre todas as nossas dores, tanto no CCE quanto na nossa vida, na nossa existência (3).

Sobre o acolhimento na UFPI, de modo geral, eu não vejo muito. Não, não vou mentir, o acolhimento só vem no estopim, que foi o que aconteceu comigo. Só fui acolhido no momento em que eu explodi (1), porque, até então, eram coisas cotidianas, coisas que a gente lida mesmo todo dia, os cheques diários.

E aí eu coloquei: Existir para quem? Para quê? Para quem? Porque a gente existe, isso é um fato, até o dia em que a gente deixar de existir. Mas a gente não existe. Eu passei a existir trans com 14 anos [de idade], e mal, porque nem todo mundo ainda me lia assim. Até hoje, meu pai, por exemplo, ainda não me lê assim, ainda não me enxerga como pessoa trans. Então, ainda não existo para ele. Ele tem uma filha, mas eu, Paulo, não existo para ele. Então, isso junto com as outras áreas que me agregam, me afeta muito, porque eu também não retifiquei meu nome. Então, logo eu também não existo para o civil (3) como Paulo. Existe lá uma fulana de tal.

Eu coloquei ressignificar, porque a nossa vida é isso, a gente tem que ressignificar tudo para ver se sustenta continuar vivo. É um babado muito forte, e isso que faz a gente ser, nós, trans, sermos tão pacientes com tudo, porque a gente literalmente ressignifica a nossa vida até o dia da nossa morte. Tudo, todos os momentos, todas as coisas ruins, todos os desrespeitos, todos os distratos, tudo a gente tenta ressignificar até o mais extremo (3).

Essa pessoa fez isso comigo, falou isso, porque ela é escrota mesmo, como se uma pessoa escrota tivesse a liberdade de me violentar pelo simples fato de eu ser quem eu sou. Ela pode não gostar de, sei lá, não gostar da roupa que eu visto, mas agora não gostar de quem eu sou, por eu ser trans, não faz sentido, não dá para eu entender e aceitar isso (2).

Coloquei também acolhimento: De quê? Por quê? Por que as pessoas trans têm que ter esse acolhimento? Por que as pessoas cis não precisam desse acolhimento que a gente está falando aqui? Porque elas já têm, da mesma forma que [existe], entre nós, pessoas brancas, essa união, esse pacto da branquitude. Entre as pessoas cis também há esse pacto de se ajudar entre si e nós que nos lasquemos, porque é literalmente isso: a gente está sempre indo atrás de coisas que elas já têm e de coisas que, para elas, são indiscutíveis, como uma violência que seja errada (2).

Uma semana depois do que aconteceu comigo aqui no CCE, daquela vivência que eu tive, o cheque, teve uma situação de violência com uma menina. Ela foi assediada e colocou no grupo da Atlético, e eu não consegui ler quantas mensagens ela recebeu de apoio. Isso é muito bom para ela, mas, ao mesmo tempo, eu lembro que, quando aconteceu comigo, eu lembro de não ter recebido apoio nem do centro acadêmico, nem das bichas do centro acadêmico. Elas nem vieram falar comigo (4), lamentar pelo que aconteceu, muito menos [recebi apoio] de outras tantas pessoas.

Então, por que a gente precisa desse acolhimento e por que a gente não tem, enquanto todo mundo tem? Então, também coloquei pecado, erro, invisível, erro ao contrário, porque a pessoa trans não é erro. O erro é quem diz que nós somos (3). Coloquei pecado porque as pessoas usam muito isso como escudo para poder justificar a violência delas contra a gente (2), de que a gente está vivendo no pecado por sermos trans. E, se for, por que é um problema para ti? Mesmo que eu esteja vivendo no pecado, mesmo que isso exista, mesmo que eu vá para o inferno, por que as pessoas se importam com a nossa vida? Se eu vou para o inferno ou não, sendo que quem vai sofrer no inferno sou eu? (4)

As pessoas usam disso tudo, de Deus, especialmente, para justificar os erros delas e para amparar, e, às vezes, criar coisas para combater as nossas vidas, tudo em nome de Deus, e eu achei isso injustíssimo. Eu tenho muitos problemas com Deus desde quando eu me entendo por gente, porque eu nunca achei justo eu passar por esses problemas enquanto meus irmãos não precisam disso. Eu preciso discutir com minha avó para ela me chamar pelo meu nome, enquanto meus irmãos não precisam disso, não precisam nem... Enfim, ainda mais que são homens, e eu, para minha avó, ainda sou uma mulher (4).

Coloquei o invisível, porque, por mais que eu esteja vivíssimo, com meu nome, levando minha namorada e minhas amigas trans para minha casa, para almoçar comigo e tudo, eu continuo invisível, tanto para algumas pessoas da minha família quanto para sociedade em si (3).

Coloquei ensinar o respeito, porque a gente sempre está precisando ensinar aqui dentro do CCE, especialmente em um ambiente acadêmico, um lugar que só tem gente adulta que estuda, que literalmente tem um acervo para ir atrás. E a gente, ainda assim, tem que chegar aqui e ensinar para as pessoas que elas têm que respeitar a gente, porque nós também somos pessoas, enquanto entre elas já há esse respeito. Elas sabem que é o dever delas respeitar as pessoas, menos quando é com a gente (3).

Então, aqui a gente não tem esse lugar de acolhimento, nós temos pessoas acolhedoras, tanto que todo mundo aqui sabe dizer às pessoas específicas a quem pode se dirigir caso aconteça alguma coisa. Mas, um lugar acolhedor no CCE, não consegui nem colocar (2). Na verdade, eu coloco, mas é exatamente o que eu digo.

Coloco na parte aqui dessa coisa mais viva, dessas formas mais alegres, coloridas, eu coloco as coisas, a delícia da gente de viver, de colecionar. Eu digo colecionar não só coisas, acumular coisas, bens, objetos, mas pessoas também. Eu acho que a melhor, eu digo que a melhor parte da minha vida é conhecer gente, é a melhor parte de viver. Na verdade, é conhecer gente, porque, enfim, tudo que seja material, que seja tátil assim, objetos, essas coisas, tudo se acaba, a gente não leva literalmente nada, mas as pessoas que passam pela nossa vida é o que mais deixa marca na gente, da forma que for (3).

Coloquei ballroom, porque foi uma coisa que me manteve muito vivo durante a pandemia. Eu me conectei muito com a cultura ballroom, acompanhei pela internet as cenas de fora, depois conheci as bichas da cena daqui e, aqui dentro da UFPI, eu já fui para algumas ballrooms. Então, isso é uma delícia da gente, que só a gente consegue apreciar, porque era contável os cis que tinham nessa ballroom, é uma delícia a gente viver esses momentos entre nós.

Coloquei São Luís, que é o meu lugar favorito de todos, pelas pessoas que a compõem. Coloquei resistir, porque a gente tem que resistir aqui para conseguir se graduar. Não acho que a gente venha aqui só para estudar, igual às outras pessoas vêm, com todos os perrengues que a vida acadêmica traz. Não, a gente ainda é atravessado por todas essas violências que estão acontecendo com a gente só por sermos quem nós somos, é um looping (5).

Coloquei aqui só coisas boas, minha mãe, todas as minhas mães, porque eu não tive só uma, fui criado por muita gente, morei em muitos lugares. Coloquei música trans, minhas irmãs, todas as bichas que eu considero minhas irmãs, cerveja gelada, sábado com as bichas, meus irmãos viados, que é uma coisa que eu já abracei pra mim, pois, embora eu namore uma bicha, uma mona, uma gata cis, eu sou viadíssimo. Queria poder ser mais, aí eu coloquei no título da transgrafia **a dor e a delícia do privilégio de viver trans**, que eu acredito. **Gosto demais de viver nesse corpo, de ser trans, de ser uma coisa, de não ser nem homem nem uma mulher (3)**, no inferno de um mundo cis, que essa é a parte da dor. Então, eu conecto tudo dessa forma, a dor e a delícia da gente viver do jeito que vive.

O corpo-coisa pode tudo e se sente ressignificando, tentando fazer com que seja um impulso para continuar. Mas é muito difícil ter que conectar essas duas coisas, embora tente sempre, porque eu me acho muito fraco, sofro por pouca coisa. Só que, ao mesmo tempo, eu não posso demonstrar essas fraquezas, porque, senão, vão pisar em cima. Aí, a gente tem que ressignificar até isso, ressignificar a dor, tentar transformá-la em uma coisa que não me afete (6).

São duas dores, de ter que fingir que não se afetou, mas afetou sim, mas a gente vai ter que lidar com isso, porque, embora nós tenhamos pessoas com quem a gente possa contar, às vezes, me sinto mal de ter que desabafar com algum irmão, com algum amigo meu trans, pelas coisas que eu estou passando, porque eu sei que ele também vai estar passando pelas mesmas coisas. E eu não vou ter coragem de desabafar com uma pessoa cis, porque vai ser inútil.

Um abraço, tudo bem, acolhe, mas, às vezes, a gente também só quer ser ouvido. E, quando a gente fala as nossas dores para uma pessoa cis, é visto como algo extremamente alheio, como se fosse outra coisa, uma experiência de outro mundo, só por eu ser trans. Isso é muito cansativo, então, prefiro ficar na minha e tentar ir até onde eu conseguir (1).

Não existe um tempo certo de vida. Se eu morresse hoje, teria vivido muito bem. Não teria morrido cedo, não acredito nisso, de morrer cedo ou viver muito. A pessoa pode viver 98 anos, 100 anos de uma vida medíocre e ter vivido muito menos do que eu, com 21. Então, eu ressignifico. Se acontecer alguma coisa comigo, estarei feliz, porque, até agora, as pessoas que estão na minha vida, eu gosto demais delas. Portanto, espero que fique as coisas boas, a delícia que foi de viver comigo e ter colecionado alguns momentos, algumas coisas.

1. SENTIDOS DE ACOLHIMENTO

1. **Acolhimento-Sozinha-Sozinha!?** É um não acolhimento na universidade, e expressa os motivos pelos quais não se é socialmente acolhida pelo processo, com a rejeição-vermelha-roxa, que é aquela **rejeição** que se está sozinha, que se diz que não se é bem-vinda e tem cores fortes das pessoas do ambiente universitário.
2. **Acolhimento-rejeição-aberta-fechada-com-falas-não-intencionais.** É um não acolhimento, que acontece por um mecanismo de rejeição na universidade, apresentando-se de uma forma mais aberta e mais velada. Tem o dito: “você está sozinha e não é aceita”, além das falas não intencionais que machucam.
3. **Acolhimento-do-claro-para-o-escuro.** É um não acolhimento, em que a pessoa chequeira pensa falar de modo não violento, mas a fala chega na trans de modo violento.

4. **Acolhimento-sozinha-ponto.** É aquele em que a pessoa trans não tem com quem conversar e não tem uma maneira de lidar com isso.
5. **Acolhimento-sentir-me-bem.** É aquele em que a pessoa trans acaba deixando um pouco de espaço para essa área do acolhimento, essa área do sentir-me bem, porque existem pessoas na universidade que podem acolher.
6. **Acolhimento-CCE.** É aquele que é mais voltado para as pessoas, para os grupos, para o social. É mais voltado para as pessoas na Praça de Alimentação/PA e no carretel.
7. **Acolhimento-sozinha-passagem-ponto-de-interrogação-para-ponto-de-exclamação.** É aquele em que a pessoa trans entende que na universidade algumas pessoas podem acolher uma trans, assim como a trans pode acolher outras pessoas também dentro desse espaço.
8. **Acolhimento-estopim.** É aquele acolhimento que só acontece quando a pessoa explode.
9. **Acolhimento-inútil.** É aquele acolhimento em que a pessoa não vai ter coragem de desabafar com uma pessoa cis. Vai ser **inútil** porque, quando a pessoa fala suas dores para uma **pessoa cis**, é visto como algo extremamente alheio, como se fosse outra coisa, uma experiência de outro mundo, só por ser trans. Este acolhimento é muito cansativo, e a pessoa prefere ficar na dela e tentar ir até onde conseguir.
10. **Acolhimento-abraço.** É aquele que acolhe tudo. Nele, a pessoa só quer ser ouvida.
11. **Acolhimento-bicha-com-bicha.** É aquele em que a trans vai para a UFPI, passa pelas violências, mas chega na sala de aula e encontra aquela bicha que gosta demais. Então, a trans fala com aquela pessoa que a valoriza e que ela trans também valoriza, e vale a pena está no CCE.
12. **Acolhimento-ciclo.** É aquele ciclo de amizade que se repete e sempre acontece quando a pessoa trans consegue formar uma amizade e a outra pessoa a acolhe. Junta uma ponta na outra da transgrafia, porém, quando entra outra pessoa, a trans é jogada de canto. Por isso, sempre vai amanhecer neste ciclo que ainda não foi quebrado (problema do abandono/ problema dentro da amizade).
13. **Etapas-pessoas-coisas-que-obstruem-a-passagem-do-acolhimento.** Não são transgrafias contínuas. São paradas bruscas e grandes, que vão fazer a pessoa trans sentir-se de outra forma, impedindo-a de se entender, de ser quem é, para mostrar que sempre vai ter algo ou alguém querendo impedir a pessoa trans de seguir em frente. Mas não significa, necessariamente, que vai conseguir.
14. **Acolhimento-tempestade-em-copo-de-água-com-o-professor.** É aquele não acolhimento no qual a pessoa trans sempre estará sozinha em sala de aula, em casos de erro de pronome, e terá que engolir sozinha comentários chequeiros, porque, se ela falar, estará fazendo tempestade em copo d'água com o professor. Além de que, não pode falar para as pessoas cis do lado, pois elas não irão entender.

CRUZAMENTO DE IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias 1, 2 e 13 são complementares. **Acolhimento-rejeição-aberta-fechada-com-falas-não-intencionais** é aquele não acolhimento que decorre de um processo de rejeição, que pode ser complementado com uma rejeição que acontece de forma aberta, velada e com falas intencionais. Nele, as transgrafias não são contínuas, são paradas bruscas e grandes, que vão fazer a pessoa trans sentir-se de outra forma e impedir de se entender, de ser quem é, para mostrar que sempre vai ter algo ou alguém querendo impedir a pessoa trans de seguir em frente de alguma forma. Mas não significa, necessariamente, que vai conseguir.

As ideias 3 e 13 são complementares. **Acolhimento-que-obstrue-a-passagem-do-acolhimento** é um não acolhimento em que a pessoa chequeira pensa falar de modo não violento, mas a fala chega à trans de modo violento. Nela, as transgrafias também não são contínuas, são paradas bruscas e grandes, que vão fazer a pessoa trans sentir-se de outra forma e impedir de se entender, de ser quem é, para mostrar que sempre vai ter algo ou alguém querendo impedir a pessoa trans de seguir em frente de alguma forma. Mas não significa, necessariamente, que vai conseguir.

As ideias 4 e 9 são complementares. **Acolhimento-inútil-sozinha-ponto** é um não acolhimento no qual é inútil a pessoa trans partilhar suas dores para uma pessoa cis, pois ela não irá compreender, o que é cansativo. Então, a trans prefere ficar na dela e sozinha, pois não tem com quem conversar e não tem uma maneira de lidar com isso.

As ideias 5, 6 e 7 são complementares. **Acolhimento-passagem-ponto-de-interrogação-para-ponto-de-exclamação** é aquele acolhimento em que a trans entende que, no CCE, algumas pessoas podem acolhê-la, assim como ela pode acolher outras pessoas. Na sala de aula, ela encontra aquela bicha que gosta demais, então, a trans fala com aquela pessoa que a valoriza e que ela também valoriza. Logo, vale a pena está na universidade e no CCE.

As ideias 10 e 11 são complementares. **Acolhimento-abraço-bicha-com-bicha** é aquele acolhimento abraço que acolhe tudo, em que a pessoa trans vem para a UFPI, passa pelos cheques, mas, na sala de aula, encontra aquela bicha que gosta demais, fala com aquela pessoa que a **valoriza** e que a pessoa trans também valoriza. Então, vale a pena está no CCE.

IDEIAS DIVERGENTES

1 e 9 são ideias diferentes para o estar sozinha no acolhimento. Na ideia 1, a pessoa trans fica sozinha porque há uma rejeição por parte das pessoas na universidade. Enquanto na ideia 9, a pessoa trans fica na dela, sozinha, porque desabafar com uma pessoa cis vai ser inútil.

8 e 11 são ideias diferentes para o acolhimento. Na ideia 8, o acolhimento só acontece quando a pessoa trans explode. Enquanto que, na ideia 11, o acolhimento se dá de forma leve, pois quando a pessoa trans vem para a UFPI, e chega na sala de aula, ela encontra

aquela bicha que gosta demais, então, a trans fala com aquela pessoa que a valoriza e que ela também valoriza. Logo, vale a pena está na universidade e no CCE.

IDEIAS OPOSTAS

1 e 11 são ideias opostas. A ideia 1 traz o **acolhimento-Sozinha-Sozinha!?** em que a pessoa trans fica sozinha, porque há uma rejeição por parte das pessoas no ambiente universitário. E, na ideia 11, o **acolhimento-bicha-com-bicha** é aquele que valoriza a pessoa trans, que vem para a UFPI, chega na sala de aula, encontra aquela bicha que gosta demais, então, a trans fala com aquela pessoa que a valoriza e que ela também valoriza. Logo, vale a pena está na universidade e no CCE.

A ideia 4 é oposta às ideias 5, 6, 7 e 11, porque a ideia 4 traz o **acolhimento-sozinha-ponto**, que é aquele em que a pessoa trans não tem com quem conversar e não tem uma maneira de lidar com isso. Enquanto que as ideias 5, 6, 7 e 11 falam das pessoas que podem acolher a trans e que ela também pode acolher, sendo que elas estão na praça de alimentação, carretel do CCE ou nas salas de aula e, nesse acolhimento, a pessoa trans se sente bem e potencializada.

A ideia 5 é oposta à ideia 8, pois a ideia 8 traz o **acolhimento-estopim**, que é o acolhimento que só acontece quando a pessoa explode. Enquanto que a ideia 5 traz o **acolhimento-sentir-me-bem**, que é aquele em que a pessoa trans acaba deixando um pouco de espaço para essa área do acolhimento, essa área do sentir-me bem, porque existem pessoas na universidade que podem acolher.

9 e 13 são opostas à ideia 11, porque o **acolhimento-abraço-bicha-com-bicha** abraça, acolhe e valoriza a pessoa trans, de modo que se quer permanecer na UFPI. Esse acolhimento é oposto às **Etapas-pessoas-coisas-que-obstruem-a-passagem-do-acolhimento**, que impedem a pessoa trans de seguir em frente, assim como é inútil a pessoa trans partilhar suas dores para uma pessoa cis, pois ela não irá compreender, o que é cansativo. Então, a trans prefere ficar na dela e sozinha.

11 e 12 são opostas. Na ideia 12, a pessoa trans vive o ciclo de ser “jogada de canto” quando faz uma amizade, porque aparece uma terceira pessoa e a sua amiga a troca pela nova amizade. Enquanto na 11, o **acolhimento-bicha-com-bicha** é aquele em que a trans vai para a UFPI, passa pelas violências, mas chega na sala de aula e encontra aquela bicha que gosta demais, então, a trans fala com aquela pessoa que a valoriza e que ela também valoriza. Assim, vale a pena está no CCE.